RR 843
aut.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Suzana Leite Cortez

A Construção textual-discursiva do ponto de vista : vozes, referenciação e formas nominais

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ingedore G. V. Koch

Campinas
2011

Unidade BCCL
T/UNICAMP C818c
Cutter
V. Ed.
Tombo BC 91744
Proc. 16.132.11
C D
Preço 11,00
Data 5/7/2011
Cód. tit. 796133

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C818c

Cortez, Suzana Leite, 1978-
A construção textual-discursiva do ponto de vista : vozes, referenciação e formas nominais / Suzana Leite Cortez. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Ingedore Grünfeld Villaça Koch.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ponto de vista (Literatura). 2. Expressões nominais. 3. Dialogismo. 4. Representação teatral. I. Koch, Ingedore Grünfeld Villaça, 1933-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The textual and discursive construction of point of view: voices, referentiation and nominal forms.
Palavras-chave em inglês:
Point of view
Nominal expressions
Dialogism
Theatre representation
Área de concentração: Linguística.
Titulação: Doutor em Linguística.
Banca examinadora:
Ingedore Grünfeld Villaça Koch [Orientador]
Mônica Magalhães Cavalcante
Dóris de Arruda Carneiro da Cunha
Anna Christina Bentes da Silva
Edwiges Maria Morato
Data da defesa: 01-03-2011.
Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Ingedore Grünfeld Villaça Koch

Mônica Magalhães Cavalcante

Dóris de Arruda Carneiro da Cunha

Anna Christina Bentes da Silva

Edwiges Maria Morato

Vanda Maria da Silva Elias

Sandra Helena Dias de Melo

Maria Luiza G. Aragão da Cunha Lima

IEL/UNICAMP
2011

Dedico esta tese ao querido amigo e professor Luiz Antônio Marcuschi

Agradecimentos

A minha querida orientadora, Profa. Dra. Ingedore Koch, pela amizade, incentivo e dedicação.

Ao professor e amigo Dr. Luiz Antônio Marcuschi, que primeiramente orientou o desenvolvimento desta pesquisa e a quem serei eternamente grata pelas valiosas contribuições e incentivo desde a graduação.

Ao Prof. Dr. Alain Rabatel, pelo convívio acadêmico frutuoso durante o estágio de doutorado sanduíche, realizado sob sua orientação na École Normale Supèrieure de Lyon.

Às professoras, Dra. Anna Christina Bentes e Dra. Edwiges Morato, pelas importantes contribuições na banca de qualificação e por fazerem parte desta banca.

À Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcanti, por fazer parte desta banca e pela disposição em ler o projeto de doutorado sanduíche, para que eu pudesse realizar o estágio doutoral na França.

À Profa. Dra. Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, por fazer parte desta banca e por ter grande importância no meu encontro com a linguística. Agradeço-lhe também pelo incentivo para que eu pudesse recomeçar o doutorado na Unicamp.

À Professora Maria da Piedade Moreira de Sá, pela amizade e por ter me apoiado na decisão de recomeçar o doutorado na Unicamp.

À Profa. Dra. Vanda Maria Elias, por fazer parte desta banca.

Às amigas, Maria Luiza Aragão da Cunha Lima e Sandra Helena de Melo Dias, minhas irmãs e madrinhas acadêmicas, agradeço pelo incentivo franco e fervoroso para que eu recomeçasse o doutorado na Unicamp. Agradeço-lhes também pelas contribuições, ao lerem o projeto de doutorado e pela sempre disposição em ouvir e aconselhar.

À minha família, agradeço com todo amor e carinho, especialmente a meus pais, Sonia e Artur, às minhas irmãs, Ana Paula e Ana Flávia, pelo incentivo, torcida e acolhimento em diferentes situações. Aos meus sobrinhos queridos,

À minha mãe campineira, a amiga Maria Elena Bernardes, pelo apoio, acolhimento e incentivo sempre lúcido. À minha mãe carioca, a amiga Ynah de Souza, por tanto carinho e por ser uma das minhas maiores incentivadoras no lema « você está só começando »!

Aos amigos de convivência campineira Paula Romano, Eliane Precoma, Renato Rezende, Marco Machado e Jorge Neves. A todos os amigos do *Núcleo Espírita Paulo de Tarso*, em Campinas, agradeço por tudo o que aprendi, assim como pelas vibrações com que me nutri para seguir com serenidade e equilíbrio na maior parte desse processo.

Aos amigos de convivência lyonense : Kis Zsuzsa, Mbaye Sène, Hélène Zennaro, Rita Khanfour-Armalé, Zeynab Babreddine e Tânia Afonso Chaves. Aos amigos, Jacques e Rosa Esnoult.

Aos amigos Graziela Zanin, Daniel do Nascimento, Roberta Santiago, Melissa Succi, Renata e Wagner Cardoso, que sempre me apoiaram, onde quer que eu estivesse, onde quer que eles estivessem.

Aos amigos Carolina de Paula Machado e Roberto Duarte do Nascimento, por tudo o que partilhamos em Campinas e em Lyon.

À FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa durante trinta e seis meses. À CAPES, pelo financiamento do doutorado sanduíche.

Ao Laboratório ICAR (Interaction, Corpus, Aprentissage et Représentation), que me acolheu para a realização do estágio doutoral na École Normale Supèrieure de Lyon. Agradeço a Profa. Dra. Lorenza Mondada e ao funcionário François Lupu.

Aos funcionários da Pós-Graduação do IEL : Claúdio, Miguel e Rose. Ao Claúdio, agradeço especialmente pela disposição em ajudar sempre, mesmo quando eu estava em Lyon.

À Creuza e à Teresa, por sempre ajudarem quanto aos procedimentos relativos à FAPESP.

Ao Pai Maior, por ter chegado até aqui com saúde e disposição, e por ter atraído tantas pessoas valiosas com quem muito aprendi durante esse processo.

Resumo

Esta tese analisa a construção textual-discursiva do ponto de vista através das formas nominais em contexto argumentativo – reportagens de revistas feminina e masculina. Uma hipótese motivadora desta tese é que a noção do ponto de vista, indo além da focalização narrativa no domínio literário, pode ser utilizada para analisar a complexidade das relações entre as instâncias que povoam o discurso, bem como a heterogeneidade enunciativa que caracteriza a constituição e o gerenciamento das posições. Por esta abordagem dialógica, o ponto de vista está não apenas intrinsecamente relacionado aos mecanismos de expressão da subjetividade, mas também pode ser definido em termos de posição enunciativa, ou como um conjunto de posições enunciativas que são postas em relação e podem ser investigadas à luz da referenciação, precisamente pela maneira como o sujeito apreende um objeto de discurso.

O modo de apreensão dos objetos de discurso revela o aspecto dialógico das formas nominais que, como estratégias de referenciação, atuam na representação do ponto de vista. Isso implica dizer que um objeto de discurso é sempre perspectivado, porque manifesta o ponto de vista de um ou mais enunciadores. Assim, investigar a construção do ponto de vista através das formas nominais, referenciais e predicativas, conduz-nos a seguinte indagação : como as formas nominais contribuem para « colocar » a perspectiva de si e do outro no discurso, orientando-o argumentativamente ?

Nesse processo, as relações locutor/enunciador são fundamentais e permitem analisar os dispositivos de *prise en charge*, *prise en compte* e imputação, assim como a hierarquização dos enunciadores. Na dimensão do dialogismo, esses dispositivos atuam por diferentes procedimentos para a manifestação da presença de si e do outro no discurso, configurando pontos de vista. O ponto de vista do outro é identificado não apenas pelo dizer assumido (prise en charge), mas também através do dizer e de percepções atribuídas pelo produtor do texto (prise en compte e imputação).

Assim, para a construção textual-discursiva do ponto de vista, o produtor mobiliza enunciadores e pontos de vista em função do « fazer ver » que configura a orientação argumentativa do texto. Nessa mobilização, o ponto de vista do produtor é apresentado nessa orquestração de "vozes" – percepções, dizeres e ações – que representam o ponto de vista de enunciadores segundos.

Palavras-Chave: ponto de vista – formas nominais – dialogismo –representação

Abstract

This thesis analyzes the textual and discursive construction of the point of view through nominal forms in argumentative context – articles in male and female magazines. A hypothesis entertained here is that the notion of point of view, beyond the narrative focalization in fiction, can be deployed in order to analyze the complexity of relations among the instances that embody discourse. It also helps understanding the enunciative heterogeneity that establishes and governs positions. In terms of this dialogic approach, the point of view is not only intimately related to the mechanisms of subjectivity expression, but can also be defined in terms of the enunciative position, or as a set of enunciative positions which are entwined and can be investigated as referentiation, precisely the manner the subject apprehends an object of discourse.

The mode of apprehension of objects of discourse reveals the dialogic aspect of nominal forms which, being themselves referentiation strategies, act directly on the representation of the point of view. This entails that an object of discourse will always unfold according to a certain perspective, since the object manifests the point of view of one or more enunciators. In this sense, investigating the construction of the point of view through referential and predicative nominal forms takes us to the following question: how do nominal forms contribute to "putting" a perspective of oneself and the other in discourse, so as to orient it argumentatively?

In this process, the locutor/enunciator relations are fundamental, and enable us to analyze the mechanisms of commitment (*prise en charge*), consideration (*prise en compte*), and imputation, as well as the hierarchization of enunciators. In dialogism, such mechanisms perform differently the manifestation of the presence of oneself and the other in discourse, thus configuring points of view. The other's point of view is identified not only by the assumed speech (*prise en charge*), but also through the speech and perceptions attributed to the text producer (*prise en compte* and imputation).

Therefore, in order to textually and discursively construct the point of view, the producer brings enunciators and points of view together in accordance

with the “to make see” that configures the argumentative orientation of a text. In this gathering together, the point of view of the producer is presented in this orchestration of “voices” – perceptions, speeches and actions – which represent the point of view of supporting enunciators.

Keywords: point of view – nominal forms – dialogism – representation

Lista de abreviaturas

AD – anáfora(s) direta(s)

AI – anáfora(s) indireta(s)

DR – discurso reportado

DD – discurso direto

DI – discurso indireto

DDL – discurso direto livre

DIL – discurso indireto livre

e2 – enunciador(es) segundo(s)

L1/E1 – locutor/enunciador primeiro

MH – Revista *Men's Health*

pdv – ponto de vista

pdvs – pontos de vista

PEC – *prise en charge*

WH - Revista *Women's Health*

Lista de Símbolos

Reportagens da Revista WH

WH1 – *A chama apagou.* Edição 10, agosto 2009.

WH2 – *Caia de boca*. Edição 12, outubro 2009.

WH3 – *P.S.Eu te amo*. Edição 1, novembro 2008.

WH4 – *O que os homens querem*. Edição 6, abril 2009.

WH5 – *Pênis : manual da usuária.* Edição 4, fevereiro 2009.

WH6 – *Bom dia mesmo!* Edição 21, julho 2011.

WH7 – *No topo do mundo*. Edição 3, janeiro 2009.

WH8 – *Spice girls (and boys)*. Edição 2, dezembro 2008.

WH9 – *Que garota confiada!* Edição 20, junho 2010.

WH10 – *Se eu fosse você...* Edição 14, dezembro 2009.

WH11 – *É dando que se recebe*. Edição 12, outubro 2009.

Reportagens da Revista MH

MH1 – *2010, o seu ano na cama*. Número 45, janeiro 2010.

MH2 – *Ela até quer, mas veja bem...* Número 14, junho 2007.

MH3 – *Chega de Coleira!* Número 46, fevereiro 2010.

MH4 – *Deixe-a doida de tesão*. Número 46, fevereiro 2010.

MH5 – *Macho alfa, ativar!* Número 43, novembro 2009.

MH6 – *Sedutores lendários*. Número 50, junho 2010.

MH7 – *Pronto para outra?* Número 39, julho 2009.

MH8 – *Faça o brinquedinho dela trabalhar para o seu!* Número 49, maio 2010.

MH9 – *Perigo: cerca elétrica*. Número 41, setembro 2009.

MH10 – *Como mandá-la embora*. Número 41, setembro 2009.

Sumário

Introdução.....19

Capítulo 1: Da focalização narrativa à representação de pontos de vista.....29
1.1 Críticas ao estudo da focalização narrativa.....31
1.2 Representação na relação sujeitos enunciadores e objeto de conhecimento.....40
1.3 Modalidades do ponto de vista.....54

Capítulo 2: A representação de pontos de vista no quadro do dialogismo.....61
2.1 As relações locutor/enunciador e o gerenciamento de posições.....67
2.1.1 Responsabilidade enunciativa, p*rise en charge* e imputação 71
2.1.2 Hierarquização dos enunciadores.....85
2.2 Articulação entre ponto de vista e discurso reportado.....94

Capítulo 3: Referenciação, objetos de discurso e formas nominais.....109
3.1 Referência e construção do sentido.....111
3.2 Referenciação dos objetos de discurso.....114
3.3 Formas nominais anafóricas.....117
3.3.1 Formas nominais autodialógicas.....124
3.3.2 Formas nominais heterodialógicas.....125

Capítulo 4: Representação de pontos de vista por formas nominais.....131
4.1 Dimensão do autodialogismo : reformulação do pdv de L1/E1.....132
4.2 Dimensão do heterodialogismo I: representação do pdv de e2.....133
4.3 Representação do pdv de e2 como locutor anterior.....134
4.3.1 Dizer representado em coenunciação.....134
4.3.2 Dizer representado em coenunciação por distanciamento.....136
4.3.3 Dizer/percepção representado em discurso representado : pdv do pdv.....139
4.3.4 Dizer afirmado em coenunciação.....140
4.4 Representação do pdv de e2 apenas como enunciador.....143
4.4.1 Percepção representada por distanciamento.....144
4.4.2 Percepção representada por empilhamento de pdvs.....145
4.4.3 Representação de pdv dóxico.....152
4.5 Dimensão do heterodialogismo II: representação do pdv de L1/E1 155
4.5.1 Pdv afirmado de L1/E1 sob influência de e2.....156
4.5.2 Pdv afirmado de L1/E1 sob influência do leitor.....158
4.6 Gerenciamento de pontos de vista.....165

Conclusão.....183

Referências bibliográfias.....191

Anexos.....197

Introdução

Esta tese resultou da necessidade de aprofundar o tema estudado na dissertação de mestrado. Concluída no ano de 2003, a dissertação de mestrado "Referenciação e construção do ponto de vista" dedicou-se a estudar o teor argumentativo das formas nominais referenciais na crônica literária. Como estratégia de referenciação, com expressiva força ilocutória, as formas nominais caracterizam-se por operar uma seleção dentre as diversas propriedades atribuíveis a um referente, que, em dada situação discursiva, interessa destacar (Koch, 2002). Embora essa função argumentativa das formas nominais já houvesse sido estudada por autores como Koch (1999, 2005), Francis (1994) e Conte (1996), interessava para a nossa investigação, naquela época, analisar o teor argumentativo das formas nominais em um *corpus* não prototipicamente reconhecido como argumentativo, o que justificou o interesse pela crônica de ficção.

A escolha desse *corpus* motivou o propósito de dialogar com estudos que contemplassem a argumentação no contexto narrativo-literário, indo além da nova retórica de Perelman e Tyteca e da semântica argumentativa de Ducrot. Entre outras descobertas, essa busca possibilitou-nos a leitura do artigo *Fondus enchaînés énonciatifs: scénographie énonciative et point de vue*[1], pela qual foi possível entrar em contato com a teoria do ponto de vista proposta por Alain Rabatel. Embora não seja uma teoria sobre "a argumentação", a teoria do ponto de vista articula narração e argumentação, encarando o pdv como um dispositivo argumentativo que atua na construção do sentido. Tradicionalmente associado ao estudo da prosa romanesca, particularmente em relação aos fenômenos de focalização narrativa, o ponto de vista passou a ser encarado por Rabatel (1997, 2001) como uma forma indireta de argumentação, detectada por variadas formas de manifestação da subjetividade. Essa compreensão do ponto de vista, como uma forma de argumentação, foi possível na medida em que sua problemática foi deslocada do *foco narrativo* para os *sujeitos focalizadores,* que representam pontos de

[1] *Poétique* 126, 2001, pp.151-173. Paris, Seuil.

vista no discurso. Essa mudança possibilitou estudar a construção dirigida das interpretações, assim como o estudo das relações narrador-personagem para a construção do sentido na narrativa.

Esse primeiro contato com o estudo do ponto de vista possibilitou-nos tratar as instâncias narrador e personagem como “centros de perspectiva”, a partir dos quais as informações são reguladas (perspectivadas), o sentido é orientado e os objetos de discurso construídos. Como um centro de perspectiva, o narrador destaca-se no papel de observador crítico que seleciona, interpreta, articula e apresenta os objetos de discurso para a construção do ponto de vista. E este observador, embora seja uma instância ficcional, faz valer a crítica do autor, arquitetando argumentos e orquestrando vozes em favor dessa crítica.

Como consequência, a problemática que conduziu o desenvolvimento da dissertação no mestrado ateve-se não apenas à progressão referencial, mas principalmente ao modo de apresentação dos referentes. A ênfase sobre o modo de apresentação dos referentes representou o ponto de contato no diálogo que propusemos entre a referenciação e a construção do ponto de vista. Isso contribuiu para reforçar a ideia de que os referentes não se apresentam em estado de dicionário, nem são entidades apriorísticas de espelhamento da realidade (Marcuschi, 2004; Marcuschi & Koch, 1998), porque como objetos de discurso, são apresentados em função de um ou mais pontos de vista. A partir disso, foi possível constatar que a seleção lexical das formas nominais é reveladora do modo de apreensão dos objetos de discurso, que por sua vez, assinala pontos de vista.

Ao analisar o teor argumentativo das formas nominais na crônica de ficção, constatamos que cada forma nominal aponta ao menos para uma instância narrativa e um ponto de vista, podendo uma só forma revelar o ponto de vista de duas instâncias. Assim, constatamos o hibridismo das formas nominais ou aquilo que designávamos “teor polifônico das formas nominais”. Essa constatação aguçou o interesse em estudar, no doutorado, *o processamento das formas nominais para a construção do ponto de vista em contexto argumentativo*. Tal objetivo implicaria aprofundar o conhecimento

sobre a teoria do ponto de vista, o que foi intensificado durante o estágio de doutorado, realizado na França, sob a orientação do Prof. Dr. Alain Rabatel. Assim, analisar a construção do ponto de vista em textos que não pertencem ao domínio literário, contribuiria para verificar a hipótese de que a construção do ponto de vista, pode ser interpretada no domínio mais amplo das relações locutor/enunciador, indo além das relações narrador/personagem.

Justificava-se, então, o título do projeto de tese: "Referenciação e polifonia: o gerenciamento de posições no discurso". Uma questão motivadora de nossa tese, portanto, é que *a noção do ponto de vista, indo além do contexto literário, pode ser utilizada para analisar a complexidade das relações entre as instâncias que povoam o discurso, bem como a heterogeneidade que caracteriza a constituição e a hierarquia das posições enunciativas*. Por esta ótica, o ponto de vista está não apenas intrinsecamente relacionado aos mecanismos de expressão da subjetividade, mas também pode ser definido em termos de posição enunciativa ou como um conjunto de posições enunciativas que são postas em relação e podem ser investigadas pela maneira como o sujeito *apreende* um objeto de discurso. Essa relação sujeito-objeto permitirá pôr em evidência o recorte dialógico com que um objeto é construído no cruzamento de posições ou, simplesmente, na relação entre sujeitos. Nesse sentido, o estudo do ponto de vista numa perspectiva enunciativo-interacional revela a heterogeneidade característica na constituição das perspectivas que atuam na tessitura do discurso.

Assim, *o objetivo desta tese é investigar de forma mais detalhada como as formas nominais, em conjunção com o jogo de vozes no discurso, atuam na construção do ponto de vista (pdv) em reportagens de revistas voltadas ao público feminino e masculino*.

A escolha desse *corpus* resulta de um longo percurso. Tal escolha pode ser justificada, primeiramente, pela necessidade de investigar a construção do ponto de vista em contexto argumentativo. Como essa investigação poderia ser feita através de um ou mais gêneros textuais, a primeira tentativa deu-se a partir de artigos de opinião e de reportagens publicadas em revistas de informação e em jornais de grande circulação. Como gêneros da imprensa,

esses textos constituem um rico material para a observação da espessura dialógica do discurso e seu caráter axiológico (Cunha, 2009).

Esse primeiro exercício de análise foi feito logo no início do doutorado, ao analisarmos reportagens e crônicas de opinião de diferentes revistas: *Veja*, *Cláudia*, *Nova* e *Men's Health*. Esse conjunto de textos abordava diferentes temas na revista Veja, e temas ligados à sexualidade nas demais. A análise continuou durante o estágio doutoral na França, porém em um *corpus* francês, constituído exclusivamente com o propósito de discutir com o Prof. Rabatel as questões que se apresentavam durante o estágio. Assim, reunimos trinta textos entre artigos de opinião e reportagens publicadas nos jornais *Le Monde*, *Le Figaro* e *Libération*, que versavam sobre o governo de Nicolas Sarkozy.

Ao comparar esses gêneros, nas duas línguas, verificamos que a recategorização lexical, a ocorrência de variados procedimentos de inserção do discurso outro e a alta incidência de pdv afirmado[2] do produtor do texto são características marcantes dos dois gêneros. Observando pouca diferenciação no que diz respeito à seleção lexical e ao gerenciamento das posições, decidimos deixar de lado a análise dos dois gêneros, já que, do ponto de vista argumentativo, as reportagens estão muito próximas do artigo de opinião. Ainda que na maior parte dos casos sejam assinadas, as reportagens são argumentativamente orientadas pela matriz ideológica da revista ou jornal em que são publicadas. Do mesmo modo, a crônica de opinião, na maior parte dos casos, segue a matriz ideológica da revista ou jornal, ainda que seja sempre assinada. Essa constatação levou-nos a optar pela análise das reportagens no retorno ao Brasil.

A experiência com o *corpus* francês durante o estágio doutoral legou-nos uma decisão metodológica: a necessidade de reunir as reportagens sob uma mesma temática. Isso foi metodologicamente proveitoso na análise do *corpus* francês, devido a certa regularidade em relação às instâncias que povoam o discurso. Nesse sentido, as vozes são recorrentes, porque reaparecem, assim

[2] Como veremos no capítulo I, o *pdv afirmado* constitui uma das modalidades de manifestação do pdv, juntamente com o *pdv narrado* e o *pdv representado*. Essas três modalidades participam da construção do pdv e funcionam como categorias que auxiliam na identificação dos pdvs.

como os objetos de discurso, que contribuem para perspectivar o tema. A impossibilidade de levar à frente a temática que ancorava o corpus francês conduziu-nos a escolha de um corpus diferente: reportagens sobre sexo e relacionamento de revistas feminina e masculina. Assim, retomamos a análise dos textos da revista masculina *Men's Health*, mas deixamos de lado as revistas *Claudia* e *Nova*, para analisar as reportagens de outra revista feminina: a *Women's Health*, espécie de contraponto da *Men's Health.* A publicação da *Women's Health* no Brasil, em setembro de 2009, coincidiu com o fim do estágio doutoral na França.

Embora essas revistas tratem de diferentes temas, tais como profissão, saúde, beleza e moda, é pelo tema da sexualidade que elas dialogam diretamente, recorrendo de uma revista a outra, de uma posição a outra. A ideia de ser bem sucedido numa conquista, numa transa, ou de entender os desejos do outro faz com que a alteridade seja marcada nesses textos pela recorrência constante a um pensar-agir masculino e a um pensar-agir feminino. Em cada uma das revistas, percebemos uma orientação argumentativa na direção do "oposto" com quem se dialoga. Isso equivale a dizer que, embora a orientação argumentativa seja semelhante nestas revistas que, num tom injuntivo, expõem dicas aos leitores/leitoras de como seduzir e tirar proveitos do sexo ou de um relacionamento, por exemplo, elas particularizam a configuração linguística de pontos de vista atribuídos à instância feminina e à instância masculina. Dito de outro modo, ainda que a orientação argumentativa seja semelhante, pela qual se destaca o sucesso prometido aos leitores/leitoras, a maneira como cada instância é identificada configura pontos de vista diferentes, sendo possível atestar posições indicadoras de cada voz ou enunciador.

Nesse contexto, há uma regularidade quanto aos enunciadores que povoam esses discursos: o produtor do texto – locutor/enunciador primeiro (L1/E1) – e os enunciadores segundos (e2) – enunciador feminino, enunciador masculino, enunciador dóxico (dizer social) e o enunciador especialista, aquele a quem se recorre por argumento de autoridade (dizer científico). Considerando que cada um desses enunciadores assinala um ponto de vista, este pode ser

afirmado pelo próprio enunciador (locutor em contexto anterior) ou imputado pelo locutor/enunciador primeiro. Como um gerenciador das posições, L1/E1 representa esses diferentes pontos de vista em função da orientação argumentativa que se quer dar ao texto, afirmando, assim, sua posição.

Embora sejam diversos os recursos que contribuem para a representação do pdv, ou conferir presença ao outro no discurso, tais como, verbos introdutores de opinião/percepção, citações, paráfrases, modalizações ou aspas que introduzem, relatam ou reportam um dizer ou um pensamento, interessamo-nos pelas formas nominais que manifestam a presença de si e do outro**,** e podem estar ou não acompanhadas de verbos de opinião ou marcas tipográficas de alteridade. Visto que as formas nominais são sempre perspectivadas e atuam na progressão referencial de um texto, compondo cadeias coesivas, verificamos a necessidade de um exame mais específico das formas nominais, como formas de manifestação da alteridade, em direção ao eu (autodialogismo) e ao outro (heterodialogismo).

Considerando que o objetivo desta tese é analisar a *representação do ponto de vista através das formas nominais em contexto argumentativo*, duas indagações se apresentam: como as formas nominais podem atuar nesse processo em que L1/E1 representa a perspectiva de si e do outro? Que procedimentos de representação do ponto de vista contribuem para perspectivar os objetos de discurso, orientando argumentativamente o texto?

Visando ao exame dessas questões, a tese está estruturada em quatro capítulos, sendo três capítulos teóricos e um capítulo de análise. Por decisão metodológica, são apresentados, desde o primeiro capítulo, fragmentos das reportagens para ilustrar os aspectos teóricos em discussão. As 21 reportagens que compõem o *corpus* são identificadas ao longo dos capítulos pelos símbolos WH e MH. Esses símbolos referem-se respectivamente à revista *Women's Health* e à revista *Men's Health*, que estão numeradas conforme a ordem em que aparecem na tese. Essa numeração identifica a edição, a data de publicação e o título da reportagem, descritos na lista de símbolos (p.IX), sendo 11 o número de reportagens analisadas na WH e 10 na MH. As reportagens

listadas encontram-se em anexo, com exceção da WH11 e da MH10, que aparecem integralmente no capítulo de análise.

O capítulo I inicia-se contextualizando o estudo do pdv em meio a noções que, no âmbito dos estudos narratológicos, antecederam a abordagem enunciativo-interacional proposta por Alain Rabatel. Baseando-se nos estudos de Rabatel (1997), essa breve revisão crítica aponta para a origem do interesse e da discussão em torno da noção de pdv no domínio francófono, em que se destacam autores como Pouillon (1946), Todorov (1973), Genette (1972) e Ricoeur (1983). A abordagem enunciativo-interacional do pdv, sendo herdeira dessa discussão, pode ser interpretada como uma proposta de reorientação nos estudos da focalização narrativa que tem suas consequências para o estudo das relações locutor-enunciador no discurso, o que contribui para lançar luzes sobre a constituição das posições enunciativas, sua hierarquia e natureza dialógica. Na abordagem enunciativo-interacional do pdv, encontram-se os pressupostos teóricos principais norteadores da compreensão do ponto de vista em nossa tese.

O desenvolvimento da noção de pdv a partir da abordagem enunciativo-interacional contribuiu para alargar seu campo conceitual, integrando a noção de *representação*. Como uma noção nuclear para a compreensão do pdv, e em virtude das diferentes interpretações que evoca, julgamos necessária sua elucidação. O esclarecimento da noção de representação encontra aporte em estudos do texto e do discurso de base enunciativo-discursiva (Moirand, 2007, 2001 ; Haillet, 2007, Gollut & Zufferey, 2000, Portine, 1981) e cognitiva (Grize, 1997, 1996). O capítulo finaliza com a apresentação das modalidades do ponto de vista : pdv afirmado, pdv narrado e pdv representado. Embora essas modalidades tenham sido apresentadas na dissertação de mestrado, tendo por base as postulações de Rabatel (2001), elas reaparecem na tese baseando-se em estudos mais recentes deste mesmo autor (Rabatel, 2008a, 2009a). Tais modalidades são exemplificadas à luz do nosso *corpus* e funcionam como suporte para a análise da representação do pdv.

O capítulo II é inteiramente dedicado à conceituação do pdv e dos aspectos específicos que participam do seu processamento, tais como: a

heterogeneidade enunciativa, através das relações locutor/enunciador (Ducrot, 1984, Vion, 1998, Brés & Verine, 2002, Rabatel, 2005, 2009b, 2008a), a responsabilidade enunciativa (Moirand, 2006, Rabatel & Chauvin-Vileno, 2006 e Rabatel, 2009) , os fenômenos de *prise en charge*, *prise en compte e imputação* (Rabatel, 2009a, Laurendeau, 2009 e Desclés, 2009) e a hierarquização dos enunciadores. A hierarquização dos enunciadores é definida por Rabatel (2006) como posturas de coenunciação, sobrenunciação e subenunciação que afetam o gerenciamento das posições no discurso. Esses aspectos revelam a dinâmica que envolve a representação dos pontos de vista no discurso, o que faz do pdv um mecanismo dialógico, mais do que polifônico. Em meio à complexa diferenciação polifonia/dialogismo, argumentaremos no início do capítulo em favor do dialogismo, o que nos leva obrigatoriamente a evocar o pensamento bakhtiniano.

Mesmo que o pdv não seja apenas uma questão de pensamentos e percepções representadas, porque também envolve a representação de falas, definir e problematizar o pdv, no quadro do dialogismo, implica esclarecer a relação que a abordagem enunciativo-interacional do pdv estabelece com o campo do discurso reportado (Authier-Revuz, 2004, Rosier, 2008, Cunha, 2008, 2009 e Vincent, 2004). Embora sejam noções distintas, o pdv e o discurso reportado podem ser articulados ao estudo do pdv, como será discutido no final do capítulo II.

O capítulo III é dedicado às formas nominais anafóricas. Nele, apresentamos o conceito de formas nominais, baseando-nos em Koch (2005, 2002) e Koch e Marcuschi (1998), assim como a noção de objetos de discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995). As formas nominais são contextualizadas à luz dos estudos da referenciação, para os quais também citamos Mondada (1995) e Mondada & Dubois (2001). Essa contextualização considera ainda as postulações de Vignaux (1981) acerca do sentido e dos referentes no âmbito da enunciação. Como formas anafóricas, as formas nominais atuam na construção da coerência e das posições que emergem nesse jogo dialógico de representação do pdv. Assim, o teor polifônico das formas nominais é reinterpretado a partir do dialogismo, o que nos faz encarar

a recategorização dos objetos de discurso como uma reformulação da própria posição (autodialogismo), por efeito de uma mudança de percepção na compreensão do referente, ou como um pdv construído pelo jogo de vozes, no diálogo com um ou mais pdvs (heterodialogismo).

O capítulo IV é dedicado à análise da representação do pdv nas reportagens. Considerando que o autodialogismo e o heterodialogismo atuam como dois níveis de análise do gerenciamento das posições, a representação do pdv será examinada com base nessas duas dimensões. São apresentados neste capítulo os procedimentos que atuam na construção do pdv. Esses procedimentos dizem respeito à representação do pdv de enunciadores segundos e à afirmação do pdv de L1/E1 por ele mesmo ou sob influência desses enunciadores. Os procedimentos envolvem, principalmente: as modalidades do pdv, a relação entre os enunciadores e os fenômenos de *prise en charge* e *imputação*.

Por fim, é necessário esclarecer que esta tese não é uma tese sobre o gênero reportagem, tampouco se dedica a analisar o discurso que caracteriza as revistas selecionadas. Do mesmo modo, esta tese não se caracteriza por promover uma discussão sobre gêneros (masculino e feminino). Essa questão é apenas tangencial, já que o foco é a *representação de pontos de vista através das formas nominais que se constroem dialogicamente*. Relevante, portanto, é a manifestação da heterogeneidade enunciativa e a afirmação do pdv do locutor do texto a partir das formas nominas. Neste sentido, esta pesquisa põe em evidência os procedimentos de representação do pdv, que constituem vetores fundamentais para a orientação argumentativa do texto.

I.

Da focalização narrativa à representação de pontos de vista

A preocupação com a gestão das informações narrativas ou com os modos de regular a informação na ficção tornaram-se componentes bastante reconhecidos no que diz respeito à problemática do ponto de vista, e por muito tempo, consagraram o estudo da focalização narrativa. Alvo de interesse e preocupação no campo da literatura, o ponto de vista foi, ainda no século XIX, reconhecido como técnica de escritores que visavam a romper com o dogma da onisciência do narrador ou que buscavam outros mecanismos para a expressão dos traços da vida psíquica. Não tardou, porém, o ponto de vista (doravante pdv) tornou-se, no século seguinte, na França[3], tema de discussão de críticos literários, como Pouillon, Genette e Todorov.

Entretanto, deve-se a Genette a difusão da noção de pdv rebatizada *focalização* na obra "Figures III[4]". De vertente estruturalista, a noção genettiana teve tanta repercussão e influência nos estudos narratológicos que nem mesmo a cisão objetivo/subjetivo, externo/interno, enfraqueceu a tripartição genettiana das focalizações, da qual é difícil escapar quando se trata de explicar os pressupostos que antecederam a problemática enunciativo-interacional do pdv.

A fim de evitar a confusão entre "voz" e "modo" no estudo da narrativa, ou seja, entre quem fala e quem vê, ou mais precisamente entre quem conta e quem sabe, Genette postula os conhecidos modos de focalização, que foram largamente inspirados na teoria das visões de Pouillon[5]. Ao diferenciar dois objetos de conhecimento, a realidade psíquica em si (o interior) e sua manifestação (o exterior), Pouillon distingue duas atitudes do autor, ou seja, duas visões: i) a visão "com" (*la vision avec*), aquela que privilegia um personagem, como o centro de perspectiva da obra, a partir do qual os fatos

[3] Particularizar a França implica marcar distanciamento em relação ao estudo do ponto de vista no contexto anglo-saxão, alemão, russo ou tcheco, que é influenciado pela publicação da obra "Essay de typologie narrative" de J. Lintvelt, publicada em 1981 pela J.Corti em Paris.
[4] GENETTE, Gerard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
[5] POUILLON, Jean. *Temps et roman*. Paris: Gallimard, 1946.

são apreendidos e os outros personagens são vistos e ii) a visão "por detrás" (*la vision par derrière*), quando não se privilegia nenhum dos personagens (como se eles estivessem por trás da obra), porque o romancista, como um espectador privilegiado que tudo vê e tudo sabe, está em posição superior. A terceira visão, a visão de fora (*la vision du dehors*) consiste na descrição da materialidade ou das características físicas, aquilo que é externo, contrário à vida psíquica dos personagens, estando subordinado às outras duas visões.

Interessante notar que a teoria das visões de Pouillon põe em questão as *atitudes do autor* a respeito do *objeto de conhecimento*, o que não constituiu um interesse específico de Genette, mais preocupado em distinguir "modo" e "voz". Movido por tal interesse, Genette postula os três modos de focalização narrativa, que são em grande parte orientados pela perspectiva de quem "vê" e quem "sabe". As focalizações podem ser resumidas do seguinte modo:

- Focalização interna – perspectiva organizada a partir de um ou mais personagens
- Focalização externa – relato objetivo, semelhante à visão de "fora" proposta por Pouillon. Impossibilidade de acessar a vida psíquica dos personagens, seus sentimentos e pensamentos. As intervenções do narrador não são integradas nesta noção.
- Focalização zero – perspectiva organizada a partir do narrador onisciente

A focalização zero, conforme Genette (1972), pode ser uma focalização de contorno variável com múltiplas focalizações ou como a soma de todas as focalizações ou mesmo a ausência de focalização. Essa falta de clareza na definição da focalização zero, sua distinção em relação à focalização interna e a superioridade do narrador em relação ao personagem postulada por Genette, levam Rabatel (1997) a abandonar a noção de foco ou focalização, privilegiando uma abordagem que ponha em destaque como objeto de análise o *sujeito focalizador* e o *objeto de conhecimento*.

1.1 Críticas ao estudo da focalização narrativa

Conforme aponta Rabatel (1997), o contorno realista que influenciou fortemente a abordagem crítica de Pouillon e a abordagem narratológica[6] de Genette, contribuiu *grosso modo* para que o pdv fosse analisado em termos de visão subjetiva e visão objetiva, no contraste entre subjetividade e objetividade. Para Rabatel (1997), essas abordagens realistas "ontologizaram" a forma de conceber as perspectivas narrativas e o volume de saber relativo às visões do narrador e do personagem. Como consequência disto, o estudo do pdv se limitou em grande parte a uma expressão *realista*, sendo a focalização encarada como um instrumento a serviço do Realismo, para o qual a mimese e o verossímil são questões cruciais. É óbvio que a focalização pode servir para naturalizar ou tornar verossímil uma perspectiva, produzindo determinado "efeito de real" que particulariza, por exemplo, uma obra literária. Contudo, a busca de *uma* "visão", de *um* "olhar verdadeiro" (*le voir-vrai*), traduzida por esse uso estético do pdv, não dá conta da diversidade do fazer literário.

Outra consequência dessas abordagens foi o exame da focalização externa como uma focalização autônoma, como se os fatos fossem narrados por si mesmos, e não como algo que deve ser necessariamente considerado como subordinado à visão de uma instância (narrador e/ou personagem). A ideia de que na focalização externa não se tem acesso à vida interior do personagem pode ser contestada na medida em que esse acesso pode ser indireto, pois há diversas formas de acesso, por exemplo: no nível do léxico (adjetivação) e das formas do discurso reportado, como o discurso indireto livre. Ora, uma narrativa de focalização externa pode mover formas compensatórias de manifestação da vida psíquica dos personagens por uma espécie de via indireta, pela qual se rompe o silêncio do narrador em relação à vida psíquica destes (RABATEL, 1997). Desse modo, há sempre uma visão, um modo de "fazer ver", de contar os fatos e de apreendê-los. Rabatel critica

[6] Ao considerar as abordagens semionarratológicas, Rabatel (1997) cita os estudos de Genette, Barthes e Todorov. Dentre estes autores, Rabatel assinala a preocupação de Todorov com a dimensão pragmática do ponto de vista, que passa despercebida em Genette, mais preocupado com a relação narrador-personagem.

também a tripartição das focalizações operada pelas abordagens narratológicas, assim como a ideia de onisciência do narrador.

A simplificação operada no estudo da focalização também não considerou a dificuldade em distinguir o que provém do narrador e o que provém do personagem, assim como a dificuldade de diagnosticar o tipo de focalização que caracteriza uma narrativa. Essas dificuldades se dão porque pode haver coexistência ou conjugação do pdv do narrador e o do personagem, não havendo, portanto, um único focalizador. Afora isso, a relação dos focalizadores (ditos internos e externos) com o que é focalizado nem sempre se dá de forma automática e direta. Ou seja, pode acontecer de o personagem, como focalizador interno, operar uma focalização externa, porque está descrevendo o entorno físico ou porque é a partir de sua perspectiva que o narrador descreve o ambiente. Nesse caso, o focalizado, que é externo, contamina-se pelo que é dito interno.

Assim, a descrição de um aspecto externo não implica necessariamente a presença de um "observador" externo, muito menos neutro ou objetivo, como se estivesse alheio ou fosse imparcial ao desenrolar dos fatos. Por essa razão, e contrariamente à dicotomia entre externo e interno, que inclui a tripartição genettiana das focalizações, o entendimento da focalização por uma ótica renovada postula a *dinâmica das focalizações* como uma espécie de "síntese do heterogêneo[7]", na medida em que os pdvs se imbricam, se autorreferem, se conjugam e assim se individualizam por graus diferenciados de manifestação da subjetividade. Por esta ótica, não cabem diferenciações do tipo "ponto de vista interno" e "ponto de vista externo"[8], que os diferencia pela maneira como se manifesta o saber sobre os personagens. Diferenciações como estas tendem a reforçar tais dicotomias, sustentando uma abordagem "metafórica"[9] do pdv, para a qual a noção de foco é crucial.

Nesse sentido, não há como sustentar a superioridade do narrador em relação aos personagens, ainda que ele organize e oriente a interpretação dos

[7] Rabatel toma emprestado de Ricoeur a expressão "síntese do heterogêneo". RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Tome 1. Paris : Le Seuil, 1983.
[8] Diferenciação sustentada por CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
[9] Termo utilizado por Rabatel (1997) para designar essa compreensão do ponto de vista.

conteúdos. Na verdade, é preciso *reinterpretar a interferência de sua posição e do seu saber frente aos demais personagens e a repercussão disso para a construção da coerência* na narrativa. Para Rabatel, o narrador, assim como os demais personagens, não se priva de manifestar seu ponto de vista e de intervir sobre o pdv alheio. Isso pode ser feito por modos e procedimentos muito diferenciados que levam em conta o estilo do autor, a técnica romanesca, e mesmo o gênero discursivo, se interpretamos esta questão fora do domínio narrativo-ficcional. Assim, existe um modo (mas não um canal específico) de *perspectivação* da voz do narrador que não se confunde com a dita "voz" narrativa ou focalização narrativa.

Com base nisso, podemos dizer que o ponto de vista configura-se a partir do olhar do narrador em direção às personagens e do olhar das personagens em direção a elas mesmas. Rabatel (1997, p. 68) defende a existência de um verdadeiro pdv do narrador apreendido a partir de pensamentos e percepções representados que são atribuídos à " subjetividade " de um narrador anônimo. Ainda que não seja uma entidade concretizada sob a forma de um personagem, o narrador anônimo não é desprovido de identidade, pois, ao revestir-se de traços perceptivos, cognitivos[10] e ideológicos, manifesta um modo de "fazer ver", "fazer saber" e "dizer". Para Todorov[11], essa questão deve ser tratada em termos de *graus na manifestação da interioridade*, muito mais do que em termos de uma oposição estanque entre interno e externo.

Assim, a ideia de um relato " neutro ", " objetivo " ou " não-focalizado ", e mesmo a noção de " focalização zero " não procede quanto à manifestação de subjetividades e de perspectivas que se constituem e se (re)apresentam no discurso. Sempre haverá na narrativa (e nos diferentes gêneros do discurso) uma perspectiva que guia a interpretação e a referenciação, ou simplesmente um modo de contar os fatos, de apreendê-los e orientá-los argumentativamente. Por isso, o saber do narrador e sua "intrusão" são mecanismos que permitem criar efeitos na narrativa.

[10] O termo *cogntivo* implica o volume de saber do narrador.
[11] TODOROV, Tzvetan. Poétique. In: DUCROT, O; SPERBER, D; SAFOUAN, M.; WAHL, F. (orgs.) *Qu'est-ce que le structuralisme?* Paris: Le Seuil, 1973. Primeira publicação em 1968.

Apesar de esses efeitos e da existência de uma orientação argumentativa, não consideramos que a análise do pdv restrinja-se à busca de "quem vê", ou num sentido mais geral, de quem percebe ou sabe, tal como postula Genette. Indo além, o estudo da focalização deve compreender *o questionamento de como a percepção se processa e se constitui nesse mosaico de perspectivas*, permitindo investigar os dispositivos enunciativos[12] envolvidos nesse processo. Assim, a problematização linguística do pdv desvencilha-se da distinção modo e voz, interessando-se por uma noção mais ampla, de modo que, no fim das contas integra a própria noção de voz. Em outras palavras, a " voz " - aquilo que é dito ou representado - é colocada a serviço de *um modo de perceber que identifica uma perspectiva*. Essa perspectiva nem sempre é assumida por quem diz, pois o locutor pode estar apenas atribuindo um pdv ao outro, de quem ele quer marcar distanciamento. Desse modo, aquele que fala não é necessariamente a fonte da percepção ou do saber enunciado, nem pode ser considerado a instância que tudo sabe, como uma espécie de dono dos fatos ou da verdade.

A onisciência do narrador, portanto, não é um aspecto relevante para o estudo do pdv, na medida em que se contesta a própria visão de onisciência : não há como medir o grau de conhecimento do narrador, tampouco atribuir-lhe um saber absoluto. Contudo, torna-se *relevante analisar o que ele mostra, como mostra e quer fazer saber em função da interpretação que atribui aos fatos, pessoas e objetos* na narrativa. Aquilo que é pensado em termos de onisciência, ganha muito se for interpretado como *marca do fazer ver e do fazer saber do narrador/encenador* (RABATEL, 1997) em direção ao leitor. É nesse sentido que interpretar a gestão das informações na narrativa apenas como um procedimento que contribui para enquadrá-la num determinado " foco ", pode limitar a compreensão do pdv a aspectos puramente linguísticos ou narratológicos.

O pdv não é apenas uma questão de foco ou de ângulo de visão na narrativa, ou seja, não se limita à posição interna ou externa que alguém ocupa

[12] Os dispositivos enunciativos apontam para as relações locutor/eunciador, a responsabilidade enunciativa e a hieraquização dos enunciadores. Esses dispostivos serão discutidos no capítulo II.

para contar uma história. Também não se limita a um procedimento realista de verossimilhança relativo ao olhar do personagem e/ou narrador. O pdv envolve representação, sendo resultado de uma elaboração conceitual (sociocognitiva e discursiva) que conecta o sujeito focalizador ao objeto de conhecimento, particularizando um recorte social, histórico e ideológico da realidade ou do conteúdo interpretado. Para Rabatel (2008b, p.197), a discretização do mundo pela língua remete às escolhas de nominação, qualificação e modalização que são na verdade escolhas de pontos de vista sobre o real em relação ao modo como este é apreendido em uma " sociocultura ", em um determinado campo (de conhecimento), num dado gênero, segundo uma intenção determinada, em função desta ou daquela maneira de ver.

Essa " maneira de ver " tem um memória discursiva que não apenas situa o pdv no entorno sócio-histórico do qual ele emerge, mas também o faz dialogar com outras perspectivas consoantes ou dissonantes. O pdv é por natureza dialógico, pois se constitui necessariamente no cruzamento de perspectivas. Essa " heterogeneidade constitutiva " engloba tanto a relação narrador-personagem (relação intradiscursiva), como a relação com o leitor/interlocutor.

Considerar a atuação do narrador em direção ao leitor, por meio dessa orientação para o outro, com quem se dialoga (ainda que silenciosamente) para construir o texto, implica compreender o pdv como um mecanismo dialógico estreitamente relacionado à construção da coerência. Nessa ótica, o pdv é também uma questão de *interpretação de uma realidade textual pelo leitor*, " sobre a base de múltiplas instruções fornecidas pelo texto " (RABATEL, 1997, p. 271). Baseando-se em Ricoeur[13] e em Iser[14], Rabatel postula que essa concepção de cunho mais hermenêutico, considera o pdv do leitor, isto é, o papel do "leitor implícito" (ISER, 1985) na construção da interpretação.

Em meio aos diferentes pdvs que um texto pode manifestar para construir o " seu " pdv, o leitor é orientado a construir sentido. Esse sentido não implica " o " sentido do texto nem uma adesão ao pdv do texto, mas uma reelaboração por parte do leitor. O leitor reinterpreta os pdvs apresentados pelo

[13] RICOUER, P. *Temps et récit. Tome 1*. Paris: Le Seuil, 1983.
[14] ISER, W. *L'acte de lecture*. Bruxelles: Mardaga, 1985.

texto à luz de seus conhecimentos e do seu próprio pdv. Esses diferentes pdvs reafirmam a ideia do pdv como uma das modalidades de " síntese do heterogêneo " (RICOEUR, 1983), assim como um mecanismo que exerce grande influência na construção de um " sentido autorizado " (pelas instruções do texto) e de uma " interpretação legítima " (pelos cálculos interpretativos do leitor) (RABATEL, 1997, p.199). Do mesmo modo, a instância que produz o texto e/ou que gerencia os pontos de vista também opera sínteses do heterogêneo para a construção do pdv que rege o texto e caracteriza a posição defendida.

Dessa articulação entre ponto de vista, interpretação e construção da coerência, emerge uma concepção renovada do pdv ou a abordagem enunciativo-interacional, que, indo além da focalização narrativa, permite analisar a construção textual-discursiva do pdv. Sendo o texto o " lugar de interação " (KOCH, 2002, p.17) entre interlocutores que mobilizam conhecimentos numa dada situação de interação com propósitos específicos, então podemos dizer que essa *inter-relação entre produção e compreensão atravessa a construção textual do pdv*. Assim, o pdv participa do processamento textual, tendo importante atuação na construção da coerência. É, portanto, fator que guia a compreensão do texto, na medida em que influi sobre a interpretação que o leitor faz de sequências do texto e do texto em sua globalidade. Evidentemente, são variados os recursos que contribuem para a construção do pdv, tais como, seleção lexical, tempos verbais, operadores argumentativos, negação, nominalizações, recursos modalizadores, marcas de modalização autonímica, formas do discurso reportado etc. Isso implica dizer que não existem marcas específicas do pdv, mas inúmeros recursos que no discurso atuam na sua construção. Desse rico universo que a língua proporciona, as formas nominais referenciais são o alvo principal de nossa pesquisa para a análise da representação do pdv[15].

[15] Tal como elucidado na introdução, o estudo das formas nominais particulariza o interesse em dar continuidade à investigação inciada na dissertação de mestrado. Essa investigação caracterizou-se como a primeira tentativa em articular a teoria do ponto de vista à referenciação dos objetos de discurso.

A influência do pdv sobre a interpretação, Rabatel (1997, 2008a) denomina “ efeito-pdv ”. A palavra *efeito* parece evidenciar essa orientação para o leitor ou a maneira como o leitor é convocado a reinterpretar os pontos de vista na progressão textual. O efeito-pdv depende, segundo Rabatel, do tipo e da quantidade de informações, do modo de expressá-las, assim como da credibilidade que o leitor atribui ao “informante”, isto é, o locutor/enunciador. Embora seja instigante pensar e analisar as questões que envolvem o “ efeito-pdv ”, tal empreendimento extrapola os limites de nossa tese. Ao mesmo tempo, o termo precisa ser melhor discutido para ser analisado a partir de atividades de compreensão textual. De qualquer modo, o que é interessante para o nosso trabalho é pensar que a expressão “ efeito-pdv ” contribui para diferenciar a abordagem enunciativo-interacional do pdv, dos procedimentos tradicionais de focalização narrativa.

Deixando de lado os tipos de focalização narrativa, a análise do pdv no nível textual-discursivo abre espaço para o estudo da heterogeneidade enunciativa, que caracteriza a construção do pdv. Dito de outro modo, a abordagem enunciativo-interacional alarga o escopo do pdv não restrito ao domínio literário, convocando a discussão sobre as “ vozes ” ou “ espaços enunciativos ” que interferem na construção do pdv. Nesse sentido, o pdv não se limita à expressão da vida psíquica dos personagens, já que não é apenas a expressão de uma percepção ou pensamento. O pdv engloba a representação de falas que podem se manifestar pelas formas convencionais do discurso reportado : o discurso direto ou o discurso indireto. Por essa ótica, as falas, os pensamentos e percepções assinalam pontos de vista, conferindo posição aos enunciadores no discurso.

Nesse contexto, a abordagem enunciativo-interacional do pdv reinterpreta a noção de foco, tão cara ao estudo da focalização, deslocando o problema para a relação sujeito “ focalizador ” e objeto “ focalizado ”, ou melhor, para a relação *sujeito enunciador* e *objeto de conhecimento*. Essa relação sujeito e objeto manifesta-se no texto/discurso por meio das falas, pensamentos ou percepções representadas. Essa representação pode ser assumida pelo locutor/enunciador primeiro, encarregado de gerenciar as

informações no discurso, ou ser atribuída por ele a outros enunciadores, que nem sempre são autorizados a falar. Essa concepção renovada da focalização, ou **definitivamente do pdv** considera que mesmo as " frases sem fala " (quando não há asserção ou fala explícita) permitem a expressão de um pdv, ou seja : ainda que as instâncias não falem, elas podem ter seu pdv representado por outro enunciador ou pelo locutor/enunciador primeiro.

Por essa razão, a construção do pdv põe à mostra enunciadores, sendo também um mecanismo de expressão da subjetividade. Essa subjetividade manifestada por diferentes graus não implica necessariamente o " eu " que assume a responsabilidade pelo dizer no discurso, porque ela pode ser alvo de uma atribuição. Por conta disso, a expressão do pdv é tributária da relação que um sujeito x estabelece com um objeto x. Essa relação pode ser estabelecida por ele mesmo, quando assume a responsabilidade pelo que diz, ou por aquele que gerencia as informações, o locutor/enunciador primeiro. Nesse caso, o sujeito locutor/enunciador tem " a relação sujeito x e objeto x " como um outro objeto de conhecimento. Em outras palavras, o estudo do pdv permite vislumbrar não apenas a relação sujeito-objeto, mas a relação sujeito-objeto-sujeito. Nesse sentido, os enunciadores segundos são postos em relação a partir da maneira como o locutor/enunciador primeiro interpreta a compreensão que esses enunciadores têm de um determinado objeto.

Esse feixe de perspectivas evidencia a construção dialógica do pdv que, de maneira explícita ou mascarada, não deixará de apontar para o sujeito do pdv. O sujeito do pdv pode ser identificado com:

i) o locutor/enunciador primeiro, produtor do texto e/ou gerenciador das informações (pode ser um narrador);
ii) os enunciadores com quem o locutor/enunciador dialoga (enunciadores segundos, que são nomeados no texto ; podem ser os personagens de uma narrativa) ;
iii) um enunciador dóxico (enunciador anônimo ou genérico, que assinala um dizer ou saber social).

Esses sujeitos assinalam diferentes perspectivas que atravessam a malha enunciativa do texto, sendo as perspectivas configuradas (conjugadas ou dissociadas) conforme sua matriz enunciativa. A matriz associa-se ao pdv principal, o " pdv do texto ", que, como resultado de uma coconstrução no contexto sociocultural, dialoga com outros pdv, necessariamente com outros enunciadores. Assim, o pdv do texto se configura em meio a diferentes perspectivas consoantes ou dissonantes, o que faz com que as falas, percepções e pensamentos representados possam indicar, pressupor e/ou enunciar a existência de ao menos dois enunciadores : aquele que representa um pdv e aquele que é alvo de uma representação.

Em síntese, podemos dizer que a abordagem enunciativo-interacional do pdv, indo além do contexto narrativo, contribuiu para alargar seu campo conceitual. Não restrito à noção estrutural de foco, o pdv passa a ser encarado como um mecanismo enunciativo que atua no processamento textual e como tal intervem na construção da coerência. O pdv, portanto, resulta do agenciamento de perspectivas que se manifestam no texto por procedimentos variados a depender do gênero, do estilo do autor, da visibilidade que se quer dar a um ou outro enunciador, a um ou outro ponto de vista, ou simplesmente : da orientação argumentativa do texto. Essa articulação entre pdv e orientação argumentativa[16] é mais um testemunho da ampliação do campo conceitual do pdv e de como a noção de foco pode limitar seu entendimento. Essa reorientação no estudo do pdv conferiu-lhe um recorte teórico de cunho mais pragmático e dialógico, que o deslocou das restrições estruturalistas, inclusive de uma abordagem polifônica no nível do enunciado ou da argumentação na língua (cf. DUCROT, 1984).

Por esse recorte pragmático-dialógico, o pdv não se limita à relação narrador-personagens e passa a ser analisado na relação entre locutores e enunciadores. Como explicaremos mais adiante no capítulo II, a relação locutor-enunciador está na base do conceito do pdv. Nessa relação intersubjetiva ou por esse dinamismo que caracteriza a forma como um locutor

[16] Rabatel (2004b) concebe o ponto de vista como uma forma indireta de argumentação na narrativa.

e/ou enunciador apreende um objeto de discurso[17], funda-se a representação dos pontos de vista. A noção de representação, portanto, é uma noção crucial ao entendimento do pdv e envolve também a maneira como o locutor se posiciona em relação aos objetos e enunciadores que ele mobiliza no discurso. Passemos, então, ao esclarecimento da noção de representação que fundamenta a abordagem do pdv em nossa tese.

1.2 A representação de pontos de vista na relação sujeito enunciador e objeto de conhecimento

Orientado pela concepção polifônica do discurso e pela teoria da argumentação na língua, Haillet (2007, p. 40) postula que todo enunciado constitui a " representação de ao menos um ponto de vista sobre um objeto ". Baseando-se em Ascombre[18] (1990), Haillet adota a concepção de que *os objetos do discurso são criados pelo e para o discurso*, sendo o discurso o agenciamento de representações daquilo de que se fala. Por essa ótica, o pdv é tomado como " ângulo de visão " ou como a maneira pela qual se representa aquilo de que se fala, em detrimento de interpretá-lo no sentido corrente de " opinião ". O termo opinião, ao mesmo tempo que parece vago, alimenta a imagem de um sujeito monológico, " todo poderoso " frente a um objeto, sem considerar a dialogismo que envolve a manifestação da posição do locutor no discurso.

Diferentes formas e estratégias de manifestação da posição do locutor constituem o foco de investigação de Haillet sob a ótica da *representação discursiva*. Por essa ótica, *o discurso põe em cena objetos e pontos de vista sobre esses objetos*, assim como eventuais posições do locutor sobre esses

[17] O objeto de discurso é todo objeto de conhecimento que se constrói na atividade discursiva. No âmbito da teoria da referenciação, essa noção particulariza os referentes construídos no discurso. Abordaremos essa noção no capítulo III.

[18] ASCOMBRE, Jean-Claude. Thème, espaces discursif et représentation événementielle. In: ASCOMBRE, J.-C. et ZACCARIA, G. (éds). *Fonctionnalisme et pragmatique*. Milan: Unicopli, 1990, p.43-150.

pontos de vista. Baseando-se em Ascombre[19] (1985), Haillet considera que o locutor pode colocar os enunciadores em cena "para realizar suas próprias orientações discursivas".

Nessa perspectiva, a análise do pdv passa pela *relação entre o enunciado anterior à enunciação e a atitude do locutor em relação a este*. Ou seja, como o locutor representa esse ponto de vista anterior, que já foi representado pelo enunciador segundo (locutor anterior). Disto resulta a diversidade de estratégias discursivas e de " agenciamentos " de pontos de vista pelo discurso. Haillet preocupa-se com a natureza da *representação no aqui e agora do discurso* (R1), interpretada em relação à *representação anterior* (R2). Com base nisso, Haillet elabora uma tipologia das estratégias discursivas que corresponde à diversidade de agenciamentos discursivos ou maneiras de representar pontos de vista, que podem ser ou não assumidos. Para a análise das estratégias, entra em jogo um conjunto de recursos linguísticos, dos quais fazem parte: operadores argumentativos[20], enunciados interrogativos, aspecto e temporalidade[21] das formas verbais. Nesta abordagem polifônica, as estratégias[22] discursivas implicam diferentes modos de relacionar ao menos dois pontos de vista. Assim, a *representação discursiva de um objeto* pode mobilizar estratégias diversas.

Embora essa abordagem do ponto de vista faça valer a noção de representação, ela apresenta um ponto de discordância em relação a nossa abordagem. O ponto de discordância é que, considerando a disjunção locutor/enunciador e considerando que a todo enunciador corresponde um pdv e vice-versa, tal como defende Ducrot (1984), Haillet propõe substituir a noção de enunciador[23] pela de ponto de vista. A nosso ver, esses termos estão intrinsecamente relacionados, mas *não podem ser tratados como equivalentes*, portanto não se confundem. Por essa abordagem, mais importantes do que os

[19] ASCOMBRE, Jean-Claude. Grammaire traditionnelle et grammaire argumentative de la concession. *Revue Internationale de Philosophie*, n.155, 1985.
[20] Destacam-se locuções conjuntivas e conjunções da língua francesa, tais como: *mais*, *d'ailleurs*, *décididement*, *finalement*, *grace à*, *or*, *de toute façon*, *en tout cas*, *par contre*, *en revanche*, *même si* etc.
[21] Diferentes formas do passado, do presente e do futuro anterior.
[22] Estas estratégias podem ser concessivas, de atenuação, de contestação etc.
[23] Haillet baseia-se no conceito de enunciador tal como definido por Ducrot.

enunciadores são as *representações* de objetos e de pontos de vista sobre esses objetos. A nosso ver, a noção de pdv não envolve apenas objetos representados, mas também o papel que os enunciadores desempenham na representação. Representar pontos de vista ou expressar falas, pensamentos e percepções implica referir-se a objetos apreendidos por um ou mais enunciadores. Portanto, referir-se a um objeto é apontar para um enunciador, para seu lugar no discurso, assim como para o papel que seu pdv desempenha no discurso. Disto resulta o aspecto referencial da representação.

Baseando-se em Pierre Vergès[24], que distingue graus de elaboração da representação, Grize (1997) postula que a representação é referencial, porque remete a diversas facetas do referente, bem como a um sistema de relações que permite falar em organização cognitiva. Acrescenta, ainda, apoiando-se em Vergès, três lugares de determinação das representações: i) a ideologia que situa os discursos numa dada época em oposição uns aos outros; ii) as matrizes culturais que representam a memória coletiva, a presença da história, as instituições sociais, em que as condições sócio-históricas dos discursos são apagadas e iii) a prática que remete à experiência do sujeito, incluindo seu corpo, seu espaço, seu tempo.

As representações, ao articularem saberes e campos de significação variados, são heterogêneas e portam traços dos lugares a partir dos quais são determinadas, o que engloba desde a experiência vivida pelo sujeito até a ideologia dominante, ou seja, engloba tanto a dimensão individual quanto a dimensão coletiva. Para Grize (1997), essa diversidade põe a mostra o fato de que os objetos de uma representação não são elaborados no mesmo nível conceitual. Isto nos permite dizer que a elaboração varia conforme o sujeito, ou seja, varia de acordo com suas crenças, convicções, objetivos e conhecimentos de várias ordens, o que determinará o lugar em que se coloca no discurso para interpretar um objeto na relação com outros enunciadores. Por isso, a extensão semântica de um objeto não depende dele mesmo, mas da relação com o autor do texto, que determina o campo conceitual em que o objeto se insere (GRIZE, 1997, p.84). Nesse sentido, o texto acaba por

[24] VERGES, Pierre. Une possible méthodologie pour l'approche des représentations économiques. In: *Les représentations*, Communication-Information, 1984, vol.VI, n.2-3.

determinar a rede conceitual do objeto de discurso que, embora seja de natureza cultural e histórica, não se define *a priori*.

Consequentemente, a representação é inescapável ao contexto sócio-histórico e ideológico, do qual emergem não só a memória coletiva, mas as instâncias que se apresentam no discurso. A representação se materializa no texto como resultado da experiência e da inserção sociocognitiva dos sujeitos. Por conta disso, concordamos com Grize sobre a relevância dos aspectos cognitivos da representação, uma vez que esta diz respeito a conhecimentos de natureza e organização própria, que se manifestam pelo discurso, mobilizando sentidos e construindo a argumentação.

Segundo Jean-Blaise Grize (1997, p.113), o caráter polimorfo do termo *representação* e sua difusão em diferentes áreas, como as ciências sociais, a psicologia cognitiva, e mesmo a inteligência artificial, contribuíram para que o termo se revestisse de múltiplos sentidos. Diante da afirmação de Marcuschi (2002, p.79) : " é difícil saber com clareza o que se entende com a expressão *representação* ", somos levados a crer que o termo parece ter sofrido uma espécie de banalização, fruto de dissensões e inúmeras interpretações. As expressões representação mental, representação social, representação teatral, representação do discurso outro e representacionismo, por exemplo, são evidências dessa difusão e da necessidade de esclarecer a compreensão que o termo recebe em nossa tese.

Partindo de uma formulação generalista, Grize (1997) assinala que existe algo em comum entre representar uma imagem mental, representar uma comédia ou qualquer outro tipo de representação: torná-la presente e colocar uma representação " no lugar de " outra, que a evidencie, sinalize, indique, refira. Por esse ato de "representificar " conteúdos, a representação não consiste em uma *mímesis* ou reprodução fiel daquilo que se quer (re)dizer, fazer ver ou fazer crer no discurso. Tampouco constitui um simples efeito do real ou a reprodução fiel de um real previamente discretizado e acabado. Longe de tal imediatismo, a representação caracteriza-se como uma encenação discursiva, que " representifica " os dizeres e conteúdos perceptivos, sendo resultado de uma atividade sociocognitiva. Essa ideia de

representação como uma *mise en scène* no discurso ou encenação para o outro é também a posição de Haillet e de Grize, ainda que por procedimentos diferentes. Haillet concebe a representação a partir da maneira como um objeto é considerado para a expressão de pontos de vista, os quais equivalem a enunciadores; enquanto que para Grize interessam os objetos-classe ou referentes que fundam uma esquematização.

A esquematização tem sempre certa dimensão descritiva, em que o autor deve escolher os aspectos daquilo que representará, selecionando traços pertinentes do referente. Como uma elaboração conceitual por parte de quem produz o texto, a esquematização ancora referências pessoais, espaciais e temporais no discurso, posicionando o sujeito em relação aos objetos. Este viés cognitivo fundamenta a interpretação de Grize sobre os objetos-classe (espécie de referentes) fundados por uma lógica do discurso. É por essa lógica[25] que Grize põe em evidência a noção de representação. Como uma lógica no e pelo discurso, " a lógica natural não é apenas uma lógica de objetos, mas antes de tudo uma lógica dos sujeitos enunciadores que se engajam, tomando para si uma determinação e interpretando-a " (GRIZE, 1996, p.97).

Por essa abordagem discursivo-cognitiva, entram em jogo formas de representação que envolvem: os interlocutores, A e B por exemplo, e o tema (T). Assim sendo, A representa B a partir de T, podendo fazer uma representação de si mesmo. " Falar das representações que A faz de B não é senão uma comodidade de expressão. Não se representa jamais uma pessoa, mas alguns de seus aspectos: seus saberes, suas ideias, seus valores " (GRIZE, 1997, p. 34). O mesmo acontece para as representações do tema, que não se esgotam num único contexto. Há, portanto, relações entre A, B e T, representadas principalmente por A que toma a palavra e dirige a interpretação.

A relação entre A e B, conforme Grize, é essencial na medida em que reflete as relações de " força " que se estabelecem entre os interlocutores num dado contexto. Tais relações, a nosso ver, são bem mais complexas do que

[25] A lógica natural norteia a compreensão de argumentação proposta por Grize em contraposição a uma abordagem formal da argumentação.

parecem, podendo ser encaradas como posturas enunciativas em dissimetria ou em coenunciação. Para assumir essa compreensão, é necessário considerar que a relação entre os interlocutores A e B pode ser interpretada à luz dos enunciadores que têm seus pontos de vista representados na tessitura do texto. Ou seja, *a reflexão de Grize sobre a representação pode ser estendida às relações que se processam no nível intradiscursivo : locutor e enunciadores que representam pontos de vista*. Em se tratando do nosso *corpus*, o enunciador feminino, por exemplo, é também interlocutor, público-alvo a quem preferencialmente se destina a revista *Women's Health* (WH). Nesse contexto, A, como locutor/enunciador primeiro (L1/E1), representa percepções, conhecimentos e possíveis atitudes de B, enunciador feminino. O fragmento 1 abaixo extraído da reportagem WH1, ilustra a representação de A sobre B, quer dizer, de L1/E1 sobre o comportamento e possíveis atitudes do enunciador feminino em relação ao sexo. Ao pôr em evidência tal relação, a reportagem *representa* o pdv de uma personagem feminina casada, de classe média em meio à rotina estressante, cheia de cobranças e obrigações, que a faz deixar o sexo de lado.

1. Você merece dormir (sem sonhar com relatórios), ir ao cabeleireiro (sem ficar pendurada ao celular ligando para clientes), assistir à novela (sem sentir-se uma alienada), programar um final de semana romântico com seu marido, longe das crianças (sem deixar de ser uma boa mãe). Mas nada disso adianta se não fizer o básico: você precisa pensar mais em sexo, buscando sua própria maneira de lidar com o assunto. "Com tanta coisa que a mídia prega, **muita mulher se sente** pressionada a ser malabarista sexual. **Acha que** só vai agradar se usar uma lingerie sexy ou fizer striptease para o parceiro. Mas, se isso não estiver em sua personalidade, se você não se sentir à vontade, em vez de turbinar a libido, a situação pode apagá-la ainda mais", diz a psicóloga Ana Cláudia. WH1

Nesse trecho, o sexo é " o assunto ", tema T e objeto de discurso a partir do qual os enunciadores marcam presença e interagem. Nesta reportagem, L1/E1 enuncia conjuntamente com a especialista, enunciadora segunda (e2). O trecho que antecede o discurso da psicóloga (marcado por aspas e acompanhado do verbo *dizer*: "diz a psicóloga...") é uma antecipação do seu pdv. Isto evidencia como o pdv de L1/E1 é construído em função do pdv desse outro enunciador, no qual L1/E1 ancora seu posicionamento. Nesse jogo, ambas operam no mesmo nível enunciativo, ao defender a importância de se fazer sexo e a necessidade de a mulher buscar um modo próprio de lidar com isso. Nesse caso, a representação de B é duplamente enunciada, pois são dois enunciadores em coenunciação que representam o pdv feminino de forma muito semelhante. O discurso da psicóloga é mais um exemplo de *percepção feminina representada*. Os verbos *sentir* e *achar* atestam a representação.

Embora as mulheres não falem, representa-se a sua maneira de lidar com o sexo em meio à rotina atribulada. Disso resulta a construção de uma posição atribuída ao outro. A ideia de atribuição[26] não implica que A saiba tudo sobre o que B pensa ou possa ter acesso aos seus pensamentos (tal como um narrador " onisciente "). Ao contrário, é o caráter dialógico da linguagem que permite esse jogo de referência ao outro : representação de seu discurso, falas, pensamentos e percepções. Por essa espécie de diálogo, o enunciador feminino não " fala ", mas tem sua percepção representada por L1/E1 e e2.

Analisando a circulação de discursos em textos da mídia escrita de divulgação científica, Moirand (2007, p.66) explica que as instâncias se manifestam menos pelo que dizem e mais " pela forma como seus dizeres e modos de dizer são representados ". Conforme esclarece Moirand, as representações podem ser inferidas pela forma como se designam e se caracterizam os atores, pelo que fazem, pelo que dizem e acrescentamos : pela forma como percebem ou podem perceber um conteúdo, isto é, como o interpreta(ria)m. Daí os cálculos interpretativos que caracterizam a representação como uma *mise en scène* enunciativa, a partir da qual L1/E1

[26] No capítulo II, a atribuição será interpretada a partir da noção de imputação.

põe a mostra algo que possa identificar o outro: uma referência, por exemplo, a sua forma de falar, agir ou pensar.

Atribui-se, assim, um papel ou espaço enunciativo ao outro, na medida em que se gerencia a forma como ele contribui para a construção do pdv que orienta argumentativamente o texto. Ao mesmo tempo, determina-se o papel de L1/E1. Nesse sentido, a representação dos pontos de vista, ao jogar com objetos de conhecimentos e sujeitos enunciadores, tem um caráter reflexivo : apontar para o outro é voltar-se de algum modo ao " eu " como uma construção do discurso. Por conta disso, a representação não deixa de apontar para a subjetividade de quem representa, vez que falar do outro é uma forma de apresentar a si próprio (mesmo que de forma velada), mobilizar os conhecimentos do " eu " e de outros que respondem por sua posição, através da qual o " outro " é percebido e interpretado. Para Moirand, as representações propostas na materialidade textual constituem " traços das operações de um *pensamento verbalizado* " (*mise en mot*), que apontam para a atitude (*démarche*) cognitiva do mediador, o locutor-enunciador primeiro.

Outro aspecto que contribui para a representação é a " memória coletiva ", daí o aspecto cognitivo da representação. A memória coletiva, sendo determinada por aspectos sociais, culturais, cognitivos e históricos, funciona como ancoragem sociocognitiva a partir da qual as representações se estabelecem no discurso e possibilitam a construção dos pontos de vista. Por mais que o pdv aponte para a posição de um enunciador, particularizando seus conhecimentos acerca do objeto referido, essa posição, como tributária do entorno sócio-histórico, constrói-se dialogicamemte. Isso faz com que L1/E1 mobilize no discurso, conhecimentos e questões que identifiquem o público alvo.

Desse modo, a representação de pontos de vista se dá pela recorrência à memória coletiva, particularizada no contexto sócio-histórico no qual o texto emerge. Em se tratando do nosso *corpus*, a memória coletiva liga-se estreitamente ao público alvo, homens ou mulheres, que nos textos se veem identificados, porque têm seus pdvs representados. No fragmento 2 abaixo, extraído da revista WH, as representações fundam-se a partir da memória

coletiva, em que se identifica uma mulher insegura quanto à prática do sexo oral, sendo atravessada por tabus, medos e preconceitos em meio à liberação sexual feminina.

2. Medos, vergonhas, inseguranças... Não são poucas as mulheres que, mesmo tendo a cabeça feitíssima para vários temas relacionados à vida a dois, não ficam completamente à vontade para receber sexo oral. O problema é que, ao deixar que grilos vençam nessa hora, acabam abrindo mão de **uma prática para lá de deliciosa**, em que você tem que se preocupar apenas e tão somente com o seu prazer. Afinal, trata-se de **um dos pratos mais saborosos do cardápio — preliminares — e uma boa maneira de apimentar o arroz com feijão diário**. Tanto é verdade que o lesco-lesco em questão é bem-visto pela maioria da população brasileira: de acordo com pesquisa coordenada em 2008 por Carmita Abdo, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e diretora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, 76,6% dos homens e 64,3% das mulheres admitem praticar sexo oral. Ainda bem! Se, no entanto, você acumula neuras a respeito e não consegue aproveitar **esse presente que seu parceiro insiste — bom menino! — em lhe dar**, é hora de mudar. “Algumas mulheres não se soltam. Isso acontece por questões morais, de higiene e de inseguranças com o próprio corpo”, ressalta Alexandre Saadeh, psiquiatra e psicoterapeuta especialista em sexualidade humana, professor da PUC de São Paulo. “O tabu tem origem cultural. Ao longo da história, a mulher não podia sentir prazer — sexo era destinado para reprodução”, afirma Laura Müller, psicóloga especializada em sexualidade. Segundo ela, a penetração não tinha outro objetivo que não fosse gerar filhos. Práticas orais e anais não faziam parte do repertório. “Embora os tempos sejam outros, em

muitos indivíduos ainda permanecem resquícios dessa mentalidade." WH2

Esse fragmento contém três tipos de representação que atuam na construção-textual discursiva do pdv. Seguindo a orientação de Moirand (2007, p.121), essas representações dizem respeito a :

i) representações que se tem do outro, seus conhecimentos, crenças e opiniões;
ii) representações que se quer dar de si mesmo ;
iii) representações que se tem daquilo que se explica.

Esses três tipos de representação correspondem respectivamente a B, A e T, sendo T, o tema, objeto de discurso principal e B e A, os enunciadores. O enunciador B são os enunciadores segundos, instâncias discursivas que têm seu pdv representado. Esses enunciadores correspondem tanto às mulheres, público leitor, como aos especialistas a quem L1/E1 recorre para construir os argumentos, que fundamentam o pdv do texto. Porém, o pdv dessas instâncas é representado de forma diferente. Os enunciadores especialistas, diferentemente das mulheres, são locutores, por isso " falam ", tendo seus pdvs representados em asserções, por formas híbridas do discurso reportado através de aspas e verbos introdures de opinião[27]: " ....afirma Laura Müller, psicóloga especializada em sexualidade"; " ...ressalta Alexandre Saadeh, psiquiatra e psicoterapeuta especialista em sexualidade humana ".

Embora o foco não seja representar esses profissionais, mas seu saber a respeito do tema, o lugar que ocupam na sociedade lhes confere uma posição de destaque no discurso, daí a importância de ressaltar a posição profissional que os identifica. A representação desses profissionais assume valor secundário, já que o corpo social os reconhece e valoriza, o que contribui

[27] Verbos sublinhados no fragmento.

para dar um certo tipo de credibilidade científica à reportagem e à própria revista. Como explica Moirand (2001), as citações, nominalmente atribuídas (geralmentente entre aspas ou itálico) dão um valor de autenticidade ao que é dito, ao mesmo tempo que o próprio mediador (L1/E1) confere credibilidade ao seu dizer. Como possuem conhecimento especializado sobre o tema, esses profissionais são autorizados a " falar ", contribuindo de modo muito específico para enriquecer a orientação argumentativa do texto. Além disso, seus depoimentos funcionam como justificativa para o comportamento que algumas mulheres apresentam atualmente, daí a ancoragem na memória coletiva.

As mulheres, por sua vez, têm seu pdv representado na forma de pensamentos e atitudes que lhes são atribuídos, por isso não falam. Sendo alvo principal da representação juntamente com o " sexo oral ", o seu pdv reflete a imagem dessa enunciadora anônima com a qual algumas leitoras se identificam. As expressões " medos, vergonhas, inseguranças ", " grilos " e " neuras " são atribuídas a esse enunciador feminino, particularizando seu pdv, assim como algumas sequências verbais que assinalam percepções e atitudes atribuídas às leitoras, como nos enunciados abaixo :

a) ***não ficam*** *completamente à vontade para receber sexo oral*
b) ***acabam abrindo mão*** *de uma prática para lá de deliciosa*
c) *<u>você</u>* ***acumula neuras*** *a respeito e* ***não consegue aproveitar*** *esse presente*
d) *" Algumas mulheres* ***não se soltam*** *"*

O pronome " você " na frase c) testemunha esse diálogo com as leitoras, sendo mais uma pista de que as leitoras constituem alvo principal de representação, que se orienta em direção a elas. Esses enunciados evidenciam o contraste entre o pdv de L1/E1, respaldado por enunciadores especialistas, e o pdv atribuído às mulheres. L1/E 1 ainda se utiliza de estatísticas (outra fonte enunciadora) para mostrar como " o lesco-lesco em questão " é bem visto pela maioria da população brasileira, reforçando o pdv assumido no texto. Disso resulta " o problema " do qual trata a reportagem na

tentativa de convencer as mulheres (que se veem identificadas) a mudar de atitude em relação ao sexo oral. Há, portanto, uma dissimetria enunciativa entre aqueles que argumentam (sendo responsáveis pelo pdv que defendem), e aqueles que não falam, tendo seu pdv representado, através de atitudes e percepções atribuídas.

Os enunciados b) e c) assinalam o pdv da revista acerca do sexo oral, como atestam as formas nominais anafóricas: " uma prática para lá de deliciosa " e " esse presente que seu parceiro – bom menino – insiste em lhe dar ". Somam-se ainda as formas nominais predicativas: " um dos pratos mais saborosos do cardápio — preliminares " e " uma boa maneira de apimentar o arroz com feijão diário ". Ao representar um pdv sobre o tema, a jornalista Rosana Farias de Freitas, como produtora do texto e porta-voz da revista, assume uma posição discursiva que responde pela revista. A imagem da revista está em jogo no texto, constituindo-se como um enunciador midiático na voz de L1/E1. Esse enunciador midiático mostra-se bem resolvido em relação ao tema, o sexo oral, como evidencia a expressão " ainda bem ! ". Em contraste com a representação do pdv do enunciador feminino, o enunciador midiático funciona como um exemplo a ser seguido pelas leitoras, o que é reforçado nessa publicidade de divulgação da revista que encontramos no site da editora Abril em 30/11/2010 :

Chegou a revista para você que faz da saúde e beleza um estilo de vida. Encontre em **Women's Health** a orientação precisa sobre o que fazer, como fazer e por onde começar para se sentir bem. Receba informações valiosas - e com base científica - sobre hábitos saudáveis, nutrição, fitness, beleza, comportamento... Não perca a revista feita para você viver do jeito que gosta: cada vez melhor e mais feliz consigo mesma.

Fonte: http://www.assineabril.com.br/assinar/revista-womens-health/origem=sr/ba/womens

Essa representação do enunciador midiático aponta para o papel aconselhador que a revista assume enquanto veículo de informação, abordando os temas a partir de informações de " base científica ". Em se tratando da representação "que se quer dar a si mesmo" na reportagem (como um dos três tipos de representação apontado por Moirand), podemos dizer que L1/E1, no papel de jornalista da WH, representa a revista quase que como uma amiga íntima das leitoras, crítica e bem informada. O texto atende aos seus anseios, expressando aquilo que elas buscam e que para isso precisam "ouvir" para saber como agir e em que precisam mudar. Mesmo que seja assinada, a reportagem tem esse vínculo direto com a matriz ideológica da revista, que não deixa de ser alimentada pelo perfil das leituras-consumidoras que aí se veem e são representadas.

Esse jogo de representações evidencia a " estrutura actancial " da reportagem, que atua na construção do pdv. De acordo com Moirand (2007), essa estrutura atualiza-se por dois modos: pelos discursos e questões imaginadas em função do público leitor e pela recorrência aos discursos anteriores, proferidos em outra situação e por diferentes comunidades (especializadas ou não). Os discursos e as questões " mostrados " ao público determinam as " configurações explicativas " das informações e saberes que precisam ser reelaborados a título de esclarecimento. Sequências explicativas, mobilizando tais representações, visam ao esclarecimento e a uma melhor compreensão do objeto de discurso referido que compõe o conjunto de dicas ou conselhos que as revistas de nosso *corpus* apresentam.

Pela abordagem aqui descrita, *a noção de representação põe em evidência a relação entre os sujeitos e permite considerar os objetos de discurso*, na medida em que se interessa pelo aspecto referencial da representação. Ao corresponder às facetas do referente, o aspecto referencial possibilita tratar a construção dos pontos de vista em conexão aos objetos de discurso. Em consequência, o modo de apresentação dos referentes assinala enunciadores e pontos de vista.

Ao situar o papel da referência na construção da narrativa de ficção, Gollut & Zufferey (2000) interpretam a referência como atividade discursiva, que equivale à *elaboração dinâmica de uma representação, pela qual um objeto é dado a conhecer*. Para esses autores, a *representação é necessariamente tributária de uma situação de interlocução e consiste em produzir a imagem do universo em causa, o que implica a escolha de objetos e atribuição de propriedades*. Para Portine (1981), construir uma representação é constituir os *instrumentos que nos permitem elaborar um saber e um saber fazer acerca do mundo e comunicar este saber a outro sujeito*. De acordo com Portine, a construção da representação, ligada à coerência, contribui para *instaurar uma visão de mundo e para pôr em cena a complexidade de pontos de vista sobre o mundo*.

Para Marcuschi (2004, p.269), " a depender do ponto de vista dos interlocutores, vamos construir os seres e objetos de mundo de uma ou outra forma ". Assim, um objeto não é algo construído no vácuo, por uma ontologia previamente determinada, tampouco pode atuar permanentemente em estado de dicionário. *Os objetos construídos e recategorizados no discurso resultam da representação de pontos de vista*. Nesse sentido, os objetos de discurso são sempre *perspectivados* e indicadores de uma (ou mais) fonte(s) enunciativa(s) que os determina(m) e os interpreta(m), ainda que seja um enunciador dóxico. Nesse entrecruzamento de perspectivas, as fontes emergem e são corporificadas conforme a representação de L1/E1, que os apresenta com alguma finalidade argumentativa. L1/E1 pode apagar em maior ou menor grau a presença do outro enunciador, apropriar-se do seu pdv, marcar distanciamento ou subordinar o pdv do outro ao seu pdv. A noção de representação, portanto, inclui a interpretação de L1/E1 sobre o dizer de outros enunciadores e a possibilidade dele representar falas, atitudes, pensamentos e/ou percepções.

Mais do que vozes reportadas, a noção de representação põe em evidência certos mecanismos de apreensão da subjetividade, mesmo que os enunciadores não falem nem assumam determinada percepção que lhes foi atribuída no discurso. Dito de outro modo, *a noção de representação permite*

considerar que o pdv consiste não apenas no diálogo entre vozes reportadas de um discurso a outro, mas no diálogo que se estabelece a partir de saberes, pensamentos e percepções[28].

A noção de representação, ao englobar a representação que se faz do outro, é inescapável à representação do objeto. Como jamais se representa uma pessoa, mas alguns aspectos dessa pessoa, por certa forma de agir, pensar ou dizer, é pelo objeto que se representa o sujeito, ou seja, interpreta-se o outro a partir de um conteúdo, de um tema frente ao qual os enunciadores se posicionam e posicionam o outro, marcando relação no discurso. Pela ótica que aqui defendemos, o pdv não se manifesta como uma propriedade DO enunciado, mas como *um mecanismo textual-discursivo que agencia sujeitos enunciadores e objetos de conhecimento*. Assim, a relação sujeitos enunciadores e objetos de conhecimento está na base da representação de pontos de vista. Em outros termos, a representação dos pontos de vista é alicerçada na relação sujeito-objeto-sujeito. Assim, o pdv pensado como representação de falas, pensamentos e percepções é também um mecanismo de manifestação da subjetividade por variados graus, que podem ser identificados pelas modalidades do pdv.

1.3 Modalidades do ponto de vista

Conforme elucidamos, o estudo do pdv não se resume ao problema da visão ou foco em uma narrativa. O problema do " ver " e do " saber ", indo além da focalização narrativa, preocupa-se com a manifestação da perspectiva de si e do outro no discurso. Isso implica dedicar atenção à " verbalização dos processos perceptivos " (RABATEL, 2009a, p.45), que correspondem globalmente às três modalidades do pdv: pdv representado (*représenté*), pdv narrado (*raconté*) e pdv afirmado (*asserté*). Em outras palavras, o pdv encontra

[28] Em função dos processos perceptivos envolvidos na representação do pdv, Rabatel (2008a) trata essa mescla como "imbricação de espaços mentais". Como nossa tese não possui um enfoque cognitivo, mas predominantememte textual-discursivo, deixamos de lado essa interpretação.

nessas modalidades um modo de verbalização. Essas modalidades evidenciam, portanto, três possibilidades de colocação da perspectiva de si e do outro, contribuindo para a manifestação da subjetividade.

Essa manifestação é inescapável à atitude do locutor/enunciador para fazer valer sua posição. Nesse jogo dialógico, os enunciadores e pontos de vista são postos em relação sob a gerência do locutor/enunciador primeiro, que pode fazer uso de uma ou outra modalidade, ou das três ao mesmo tempo. Optamos por denominar modalidades de expressão linguística do pdv, e não formas, como fizemos na dissertação de mestrado, porque entendemos que o termo " formas " pode ser interpretado como recursos linguísticos. Mais do que formas, as três modalidades funcionam como categorias que auxiliam na identificação dos pontos de vista.

Ao particularizar a colocação de conteúdos na relação sujeito-objeto, a problemática do pdv, indo além da *transmissão* de discursos, envolve conteúdos perceptivos que podem ser : afirmados pelo locutor (dizer assumido) ou representados pelo locutor na direção de um enunciador (dizer atribuído). Como o enunciador não fala, o dizer atribuído engloba duas modalidades do pdv : o narrado e o representado. Façamos uma breve explanação das modalidades do pdv, baseando-nos em Rabatel (2008a).

O PDV *representado* evidencia-se pela interferência de percepção e pensamentos associados, com debreagem enunciativa mínima nas "frases sem falas", podendo ser equivalente a um monólogo interior embrionário. Neste caso, a referência dêitica e espácio-temporal, proveniente do verbo de percepção ou do sintagma nominal, é testemunha de um enunciador que nem sempre é nomeado, embora seja *possível determinar sua presença*. Já o pdv *narrado* corresponde aos casos em que um fragmento do texto enfatiza o comportamento (forma de agir) ou ação verbal de um dos enunciadores, sendo os fatos narrados conforme tal perspectiva, que se pode distanciar da perspectiva do locutor. Esse processo expõe economicamente a subjetividade do enunciador, embora haja maior debreagem enunciativa se comparado ao pdv representado. Como não implicam asserções, tanto o pdv representado

como o narrado encontram-se no terreno da atribuição, caracterizando normalmente um pdv imputado, já que os enunciadores não falam por si.

Os pdvs narrado e representado não constituem um discurso direto típico ou um discurso representado diretamente através dos sinais de aspas, dois pontos ou travessão, como acontece com o pdv *afirmado*. O pdv afirmado é processado por debreagem enunciativa máxima, vez que exprime explicitamente falas, sendo percebido cada vez que um locutor fala, emite sua opinião ou julgamento sobre determinado fato. Neste caso, enunciador e locutor coincidem e segundo Rabatel, esse pdv é dominante nos textos argumentativos[29]. Os fragmentos abaixo são exemplos de pdv afirmado, pois o locutor/enunciador opina sobre cada assunto através de asserções explícitas pelas quais assume o pdv:

3. Mais: é depois do sexo que você *se sente* mais próxima do seu parceiro e encontra as condições para se confessar. WH3

4. " Nossas expectativas sobre o que é suficientemente bom são diferentes das deles. " WH3

Embora sejam exemplos de pdv afirmado sobre como a mulher se sente depois do sexo (3) e sobre o que é bom em termos de sexo (4), esses pdv não se constroem isoladamente, sendo solidários ou coconstruídos, porque também revelam pdv representado. Esses pdvs representados correspondem à atribuição de percepção aos enunciadores segundos. Assim, em 3 o pdv representado feminino é marcado pelo verbo " sentir "; em 4, o trecho em aspas é assumido por um locutor/enunciador segundo (l2/e2), uma professora de sociologia em referência ao enunciador masculino, que tem sua percepção representada (cf. anexo, p.184). Ainda que o termo " expectativas " seja duplamente utilizado, tanto para o pdv feminino quanto para o masculino, ele marca um pdv em contraste.

[29] Referência a gêneros prototipicamente reconhecidos como argumentativos, tais como, um artigo de opinião, um editorial, uma resenha crítica, uma tese, um ensaio filosófico etc.

No trecho 5 abaixo, a porção destacada em negrito marca o pdv afirmado de L1/E1, que também é conconstruído com o pdv representado de enunciadores segundos. O pdv representado desses enunciadores destaca-se em itálico :

5. *Pesquisas recentes têm dado nova perspectiva às velhas regras de atração, de relação sexual, de satisfação*. **Tire proveito dessas mudanças para incrementar sua vida em 2010. Vai ser um ano daqueles!** MH1

Esses exemplos são mais uma evidência da liberdade formal na expressão do pdv. Não existem, assim, formas fixas de representação das percepções. Independentemente da modalidade, o pdv será sempre um modo de perceber, que se manifesta de forma variável no discurso: o pdv pode ser expresso a partir de uma palavra, um grupo de palavras, expressões predicativas e mesmo através de falas representadas e/ou afirmadas.

Para encerrar a exemplificação das modalidades do pdv, falta ilustrar o pdv narrado. Passemos ao trecho 6 abaixo :

6. **Mulheres não esperam mais, passivamente, o prazer - vão buscá-lo, com energia e imaginação**. **Uma boa parcela, de fato, ousa nas estratégias**. "Faço show de striptease e preparo surpresas. Uma vez, fiquei esperando meu marido nua dentro da sala do seu consultório! Em outra, preparei um ambiente aromatizado, com velas e acessórios, e levei-o lá de olhos vendados", revela a fisioterapeuta paulistana Fernanda, 28 anos. (Sexo com pimenta no casamento. Revista *Claudia* on line, http://claudia.abril.com.br/materias/, consulta em 10/02/2010)

A ideia de que as mulheres ousam e, portanto, não esperam mais, indo em busca do prazer assinala a interpretação de L1/E1 sobre o comportamento feminino em matéria de realização sexual. Desse modo, o pdv afirmado por

L1/E1 é também a representação do pdv narrado atribuído às mulheres. Ou seja, mesmo que seja uma asserção, pela qual L1/E1 manifesta seu pdv sobre o comportamento das mulheres, o fato é narrado enfocando certa atitude feminino. As expressões verbais em negrito: “ não esperam mais ”, “ vão buscá-lo ” e “ ousa na estratégia ” apresentam ações que particularizam a atitude de certas mulheres em relação ao prazer. Ao evidenciar pdv afirmado de L1/E1 e pdv narrado do enunciador feminino, essa porção do texto funciona como um argumento para o que será atestado pelo trecho em aspas, que é o depoimento de uma leitora sobre o tópico em desenvolvimento. O depoimento da leitora (enunciadora segunda) funciona como mais um argumento, que se manifesta por pdv afirmado. Neste caso, o pdv afirmado parece dar mais credibilidade ao pdv dominante: a defesa da criatividade e ousadia para “ apimentar ”, “ com energia e imaginação ”, a vida sexual no casamento.

Comparando, o pdv narrado com o pdv representado, podemos dizer que os verbos de percepção/pensamento (sentir, ver, gostar, querer, achar etc) auxiliam na captação do pdv representado; enquanto que verbos de ação, inclusive verbal (destacar, declarar, dizer), identificam o pdv narrado. Em alguns casos, as fronteiras entre esses pdvs são escorregadias. Isso se deve à dificuldade em diferenciar *ação verbal* de *percepção*, já que certos enquadres contextuais tornam os verbos oscilantes quanto a uma categorização precisa (metalinguística, metacognitiva, por exemplo). Em todo caso, o pdv narrado e o representado são testemunhos do que é atribuído por L1/E1 aos enunciadores segundos.

Essa atitude de L1 /E1 na representação de discursos é inescapável à construção dirigida das interpretações. Alargando a problemática do pdv aos diversos gêneros do discurso, a interpretação dirigida parece ainda mais coerente, se se interpreta o narrador como aquele locutor/enunciador que, ao gerir as informações e posições, apresenta os objetos de discurso e sujeitos enunciadores por procedimentos diferentes. Disso resulta o interesse pela maneira como um objeto de discurso é representado, precisamente como se constitui a representação na trama dialógica do discurso, em que enunciadores marcam pontos de vista. Dando continuidade a essa questão, passemos ao

capítulo seguinte, no qual abordaremos o aspecto dialógico do pdv, através de dispositivos enunciativos que particularizam as relações locutor/enunciador e contribuem ainda para problematizar e definir o pdv.

II.

A representação de pontos de vista no quadro do dialogismo

O alargamento da noção de ponto de vista e sua reformulação no campo dos estudos narratológicos, tal como empreendido inicialmente por Rabatel, pôs à mostra sua complexidade, sendo uma evidência de que o ponto de vista (pdv) é uma noção no intercâmbio entre estudos linguísticos e literários, dialogando com temas, tais como a focalização narrativa, a manifestação da subjetividade e as formas de transmissão do discurso outro.

Os estudos semionarratológicos e a crítica literária constituíram um ponto de partida para a discussão da noção de pdv no campo da literatura, em que se destaca o interesse pela manifestação das instâncias narratoriais. Como visão de dentro ou de fora, o estudo do pdv orientava-se principalmente pela distinção subjetividade/objetividade, interno/externo. Porém, ao redimensionar essas questões mais estruturais, assim como a análise no nível do enunciado (Cf. DUCROT, 1984) e a própria noção de foco narrativo (Cf. GENETTE, 1983), a problemática do pdv estendeu-se aos fenômenos de heterogeneidade enunciativa, inserindo-se no campo mais amplo do dialogismo. Esse deslocamento possibilitou a análise textual-discursiva do pdv, orientada fundamentalmente pela compreensão de que o pdv consiste na maneira como um sujeito apreende um objeto de discurso na relação com outros enunciadores.

Assim, o pdv não é uma questão de quem sabe ou de quem fala nos moldes da focalização narrativa, mas uma questão de fazer ver e fazer saber por parte da instância que conduz a orientação argumentativa do texto. Nesse sentido, o pdv não pode ser encarado apenas como manifestação de percepções e pensamentos, ou como manifestação da vida psíquica das personagens ou de um discurso interior não verbalizado, porque também implica a representação do discurso outro, aquilo que foi verbalizado em outro contexto. Por consequência, o locutor representa pontos de vista, ou seja, apresenta objetos de discurso de maneira tal que identifiquem outros modos de

conhecer, perceber, falar ou agir. Ao assinalar outros enunciadores, esse modos podem ou não associar-se ao pdv do locutor. Isso se torna mais complexo quando há mais de um locutor no discurso.

Por essa ótica, a construção do pdv é uma construção dialógica, na medida em figuram no discurso outros pdvs com os quais o locutor dialoga e que por sua vez interferem na construção do seu pdv. Essa manifestação pode incidir sobre falas representadas, pensamentos e percepções, indo além dos limites estrututais do enunciado, de vez que o estudo discursivo do pdv solicita um exame do contexto na relação com o gênero do discurso em que as falas e percepções são representadas. Por essa ótica, mais do que a distinção de vozes, interessa como os pdv se configuram na materialidade textual.

A dinâmica que envolve a configuração dos pontos de vista no discurso, bem como a estrutura actancial que o engendra faz do estudo do pdv uma abordagem dialógica, mais do que polifônica. Em meio à complexa diferenciação polifonia/dialogismo, argumentaremos em favor do termo dialogismo, que como herdeiro do Círculo de Bakhtin, leva-nos obrigatoriamente a evocar o pensamento bakhtiniano.

Não é novidade que Bakhtin/Volochinov lança bases para a compreensão da língua como interação verbal, inaugurando uma reflexão bastante frutífera sobre a dimensão dialógica da linguagem, ao enunciar que " compreender é opor a palavra do locutor a uma *contrapalavra* " (2002, p.132). Esse enquadre permite analisar a orientação sociológica do fenômeno da transmissão/integração da palavra de outrem. Bakhtin assinala que, para se entender o processo de transmissão, há que se considerar o " discurso citado " e o " contexto de transmissão ", pois ambos estabelecem uma interação dinâmica, que por sua vez reflete a inter-relação dinâmica dos indivíduos na comunicação ideológica socioverbal. Tal dinamicidade se desenvolve por meio de uma reação ativa que segue duas orientações opostas: i) a conservação da integridade e autenticidade do discurso de outrem e a ii) infiltração, por um modelo misto de transmissão (" estilo pictórico "), em que se desfaz a estrutura compacta do discurso citado para " colori-lo " com as entoações de quem transmite.

Essa dinâmica da relação entre os discursos encontra expressão linguística nos " esquemas de transmissão " e suas variantes, sobre as quais o autor discorre, considerando formas semelhantes àquelas que constituem o campo do discurso reportado (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre). Por esse prisma, o dialogismo, como um fenômeno bem mais amplo do que as réplicas do diálogo, penetra toda a linguagem humana e pode se dar na interferência silenciosa (" atitude responsiva " do outro), no discurso refletido do outro que mira o interlocutor " ausente ". Daí essa orientação para o outro, mesmo que o segundo interlocutor seja invisível. Desse modo, para Bakhtin/Volochinov (2002, p.203), a palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica, que nunca basta a uma consciência ou voz, já que sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra.

Resumidamente, podemos dizer que o dialogismo na visão bakhtiniana refere-se às relações que todo enunciado mantém com enunciados produzidos anteriormente ou que estão por vir (enunciados futuros). Largamente discutida e bastante frutífera, a noção de dialogismo em Bakhtin deu origem ao campo da heterogeneidade enunciativa juntamente com o estudo da polifonia discutida na própria tradição bakhtiniana.

Como sabemos, é na reflexão sobre a poética de Dostoiévski que Bakhtin cunha o termo polifonia, particularizando a constituição e a relação entre as " consciências " ou vozes equipolentes (narrador, herói, autor, o "diz-se"), que caracterizam determinada estética romanesca. Disso resultou a importância e a difusão da noção de polifonia na linguística, que associada à ideia de "plurivocalidade", ou seja, às diversas vozes que coexistem sem haver preponderância, encontrou farto material na análise de textos literários. Como explicam Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 388), a polifonia literária que permanece na tradição bakhtiniana " diz respeito às múltiplas relações que mantêm autor, personagens, vozes anônimas (" o diz-se "), diferentes níveis estilísticos etc : falaremos de polifonia se no texto se estabelece um jogo de várias vozes ".

É claro que, como bem salienta Rosier (2005), a polifonia, como prática estética, é anterior à conceituação de Bakhtin. Em diferentes artes (pintura, música, cinema, teatro), assim como na literatura, a prática da polifonia é antiga e implica a superposição de elementos diferentes que provocam um efeito estético. Ao pesquisar a circulação do termo polifonia por cronistas literários na imprensa, na internet e em domínios artísticos, como o teatro e o cinema, Rosier (2005) chega à conclusão de que o termo tem um valor positivo a partir da noção de *diversidade* na construção da narrativa. A diversidade designa tanto a fala dada a diferentes personagens no romance, como a disparidade de opiniões dos personagens sobre um mesmo tema. De sua origem musical aos usos teóricos, o termo polifonia parece estar mais arraigado à narrativa, em que as vozes, mesmo sendo diversas, caracterizam-se como equipolentes.

O emprego do termo polifonia nos estudos linguísticos também sofreu influência dos trabalhos de Ducrot. Sua teoria polifônica da enunciação, ancorada na distinção locutor/enunciador, preocupa-se em mostrar como o enunciado assinala a *superposição* de diversas vozes, ou seja, a presença de mais de um enunciador. Essa presença é detectada na própria materialidade do enunciado, através do fenômeno da negação, por exemplo, o que permite tratar o sentido como resultado de um agenciamento polifônico. Por esse viés, Ducrot critica a unicidade do sujeito falante, o que também é empreendido por Bakhtin no estudo das vozes romanescas e do próprio dialogismo. Essa recusa à unicidade do sujeito permite interpretar a polifonia e o dialogismo como "duas facetas complementares para abordar os fenômenos de heterogeneidade enunciativa de um ponto de vista translinguístico (dialogismo) ou estético-antropológico (polifônico)" (RABATEL, 2008b, p.361).

Diante disso, torna-se difícil considerar que essas noções sejam opostas. Como facetas complementares, as duas noções integram o contexto mais amplo da dialogização. Assim, é possível dizer que a polifonia das vozes romanescas (não restrita ao estudo da obra de Dostoiévski) é alvo de reflexão no âmbito dos fenômenos dialógicos ou da dialogização. De acordo com Rabatel (2008b), é a dialogização em sua dimensão pragmática e interacional,

como o diálogo do locutor que engloba falas e pontos de vista dos outros, que permite a relação entre polifonia e dialogismo. Assim, a dialogização atravessa tanto o dialogismo quanto a polifonia, excluindo qualquer postura dicotômica.

A partir dessa articulação, Rabatel (2008b, p.363) propõe a seguinte diferenciação entre os termos: o dialogismo pode ser definido como um fenômeno linguageiro fundamental de todo enunciado, atravessado pelo diálogo interno ou externo[30] que o enunciador trava com outros enunciadores, passados ou que estão por vir, em presença ou em ausência. A polifonia, por sua vez, compreende um fenômeno linguístico que, determinado pela orientação estética, particulariza certos discursos romanescos em que o narrador dá a fala ("faz falar") a pontos de vista diferentes sem subordiná-los ao seu. Por visão semelhante, Bres e Verine (2004, p. 168) assinalam que *o interesse pela hierarquização das instâncias discursivas os faz recusar o termo polifonia*, assim como a definição no campo musical, para o qual o termo polifonia designa a combinação de vozes iguais e melodicamente independentes. Segundo estes autores, isto não se aplica ao estudo das "vozes" do enunciado dialógico não literário. Bres e Verine preferem reservar o termo polifonia para determinadas obras literárias, em que se entendem várias vozes iguais, sem hierarquização enunciativa, como é o caso de Dostoiévski.

Embora seja simples afirmar que o dialogismo constitui-se de discursos anteriores e de discursos que antecipamos (projetamos), as formas de inscrição do dialogismo, como ressalta Moirand (2001, 2007), são variadas e podem ser mais ou menos "mostradas", o que dependerá daquele que explica, a quem se explica, o que se explica, em que situação, bem como das convenções do suporte e das características do gênero discursivo convocado. Para Moirand (2007, p. 68), o interesse pelo discurso dos "outros" e pela maneira como são representados justifica a *recorrência à noção de dialogismo e suas diferentes formas de inscrição na materialidade textual dos gêneros do discurso*. Ao se interessar pela forma como os discursos-fonte são utilizados,

[30] Esse diálogo interno e externo é interpretado por Moirand (2001) como um "dialogismo de duas faces". Por esse desdobramento, o dialogismo pode se manifestar como dialogismo intratextual e dialogismo interacional.

representados e *assumidos*[31] pela mídia, Moirand expõe que a noção de dialogismo se mostra operatória, se se consideram os procedimentos linguístico-discursivos que atualizam diferentes formas de dialogismo. A isto a autora chama de "dialogismo intertextual de várias vozes" (p.95).

Para Rabatel (2008b, p. 356), a recorrência ao termo dialogismo no estudo do pdv permite abordá-lo no nível da autodialogização e da heterodialogização. Desse modo, a representação das percepções compreende uma atitude responsiva, um diálogo potencial entre L1/E1 e outros enunciadores (heterodialogização), ou entre L1/E1 e outras representações assumidas e reformuladas por ele (autodialogização) no mesmo contexto ou em contextos diferentes. Sob essa ótica, é possível analisar processos discursivos que dão a impressão de objetividade ou que parecem isentos de dialogização interna. São processos mais sutis de dialogização que, como um "dialogismo discreto" (RABATEL, 2006), podem compreender tanto a heterodialogismo (manifestação da alteridade) quanto o autodialogismo. Se um locutor representa opiniões, como enunciador que assume toda a responsabilidade pelos dizeres, pode ser que nada indique a preexistência de opiniões por um efeito de objetividade. Desse modo, mesmo o apagamento não inviabiliza a ideia de que a fala seja atravessada por outras vozes ainda que veladas (VION, 1998, p.195).

Como consequência da natureza dialógica do pdv, a representação dos pdvs não constitui o reflexo de uma realidade pré-estabelecida, mas um processo constantemente atualizado no discurso que favorece não só a construção de objetos, mas a manifestação de identidades pessoais e/ou coletivas. A dimensão dialógica do pdv possibilita, então, analisar a manifestação das instâncias no discurso como manifestação de subjetividades, o que se dá por diferentes procedimentos. Assim, L1/E1 põe em cena diferentes enunciadores que assinalam pontos de vista. Esses pdvs contribuem para marcar o pdv de L1/E1 na relação com os outros pdvs, assim como a relação de L1/E1 com esses outros enunciadores. Em outras palavras**,** o

[31] Como explica Moirand (2007), é comum o jornal marcar distanciamento em relação ao termo, utilizando as aspas, mas à medida que o termo se torna corriqueiro as aspas desaparecem, evidenciando uma espécie de apropriação do termo.

dialogismo na expressão do pdv consiste em dialogar sob o olhar do outro e sob seu próprio olhar, fazendo com que a manifestação da subjetividade se realize nesse diálogo de L1/E1 com ele mesmo e com os outros enunciadores.

2.1 As relações locutor/enunciador e o gerenciamento de posições

A representação linguística de falas, pensamentos e percepções torna-se complexa na medida em que locutor e enunciador nem sempre coincidem, havendo mais enunciadores e conteúdos a representar do que locutores. Nesse contexto, o sujeito que representa um pdv nem sempre é a fonte enunciativa do dizer, porque não é necessariamente a instância que assume o conteúdo da fala ou percepção representada.

Focalizar as não coincidências entre o locutor e o que é dito, ou entre o locutor e um outro constitui uma maneira de pensar o sujeito em sua heterogeneidade (VION, 1998), o que resulta no interesse pelas *marcas de heterogeneidade enunciativa que a representação de pontos de vista evoca*. Para Vion (1998, p.201), o sujeito não se define por si ou por alguma coisa que lhe seja próprio, pois essa definição implica uma "ordem discursiva", aquela da interação e do social num sentindo mais amplo. Não é novidade, portanto, que a questão do sujeito é não apenas complexa, mas inescapável quando o assunto é subjetividade e as instâncias que povoam o discurso. No entanto, não constitui objetivo dessa tese discutir a questão DO sujeito, mas pensar a subjetividade que se manifesta na representação de pontos de vista, na relação entre locutor e enunciadores.

No quadro da polifonia e da concepção "teatral" dos atos de linguagem, Ducrot (1984) critica a unicidade do sujeito da enunciação, contrapondo-se à ideia de que cada enunciado corresponde a um só sujeito. Para Ducrot, isso resultou na mitificação em torno de "O sujeito", que é ao mesmo tempo autor do enunciado e responsável pelo que é dito. Contrário a este pensamento, Ducrot (1984, p. 198) postula que: "Do ponto de vista empírico, a enunciação é

obra de um único sujeito falante, mas a imagem dada ao enunciado é aquela de uma troca, de um diálogo ou ainda de uma hierarquia de falas."

Nesse contexto de hierarquias, Ducrot propõe a distinção, no interior do conceito de locutor, diferenciando *o locutor empírico* (sujeito falante, ser do mundo, da experiência) do *locutor propriamente dito*, *o locutor do enunciado* (ser do discurso, responsável pela enunciação). Embora a distinção em torno do locutor não seja uma questão de relevância na nossa tese, julgamos importante associar o conceito de " locutor do enunciado " ao conceito de "enunciador", definido por Ducrot na obra de 1984:

> O **locutor**[32], responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores dos quais ele organiza os pontos de vista e as atitudes. E sua posição própria pode se manifestar seja porque ele se identifica com este ou aquele enunciador, tomando-o como representante (o enunciador é, então, atualizado), seja simplesmente porque ele escolheu torná-los presentes e que sua aparição resta significativa, mesmo que ele não se identifique com eles[33]. (DUCROT, 1984, p.205)
>
> Chamo "**enunciadores"**[34] esses seres que podem ser considerados com se expressando através da enunciação sem, no entanto, lhe serem atribuídas palavras específicas; se eles "falam" é apenas no sentido de que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas falas. [35] (Ibidem, p.204)

A distinção proposta por Ducrot entre o " espaço " enunciativo do locutor e o do enunciador permite dizer que todo locutor é enunciador, mas nem todo enunciador é locutor no aqui e agora do discurso, mesmo que já tenha sido

[32] Ênfase adicionada.
[33] *Le locuteur, responsable de l'énoncé, donne existence, au moyen de celui-ci, à ces énonciateurs dont il organise les points de vue et les attitudes. Et sa position propre peut se manifester soit parce qu'il s'assimile à tel ou tel des énonciateurs, en le prenant pour représentant (l'énonciateur est alors actualisé), soit simplement parce qu'il a choisi de les faire apparaître et que leur apparition reste significative, même s'il ne s'assimile pas à eux*.
[34] Ênfase adicionada
[35] *J'appelle "énonciateurs" ces êtres qui sont censés s'exprimer à travers l'énonciation, sans que pour autant on leur attribue des mots précis; s'ils "parlent", c'est seulement en ce sens que l'énonciation est vue comme exprimant leur point de vue, leur position, leur attitude, mais pas au sens matériel du terme, leurs paroles.*

locutor em contexto anterior. Se encaramos um sujeito como locutor, podemos dizer, conforme Vion (1998, p. 201), que em suas atividades de produção discursiva, ele integra tanto o interlocutor, quanto os outros, fazendo com que de certo modo seja "mais falado do que falante". No entanto, essa visão do locutor como UM encenador que divide a fala com outros enunciadores na ótica " teatral " ducrotiana deve ser vista com ponderação, segundo Rabatel (2005, p. 125 ; 2004, p. 18). Corre-se o risco de esvaziar a figura do locutor, reavivando a ideia de um sujeito uno, na medida em que os enunciadores apenas atravessam a sua fala e não o constituem. Outra consequência é que todos os enunciadores podem ser vistos como figuras minoritárias em relação ao locutor.

Essa possibilidade de o locutor se dar como enunciador põe em jogo a relação de enunciadores no discurso, o que é bastante complexo se se considera que enunciador e locutor não estão numa relação de igualdade, mas necessariamente de hierarquia e dependência. Como consequência desse desequilíbrio ou dessa construção desigual, *a parte dos enunciadores não é proporcional à quantidade de falas proferidas*. É por essa razão que a disjunção e mesmo a hierarquização apresenta-se em todos os enunciados dialógicos, onde locutor e enunciador não estão em sincretismo, podendo haver mais enunciadores que locutores, consequentemente mais conteúdos a representar. *O pdv, portanto, não se limita à análise do dito*[36]*, do conteúdo proposicional ou objeto percebido, porque considera a relação com o enunciador ou instância a quem se atribui à responsabilidade sobre o que é dito*. Isso significa que a expressão do pdv não se manifesta apenas pela asserção, pois não há necessidade de falar aqui e agora para exprimir um pdv e tornar-se enunciador. Como resultante da interpretação de um conteúdo na direção do " eu " (autodialogismo) e do " outro " (heterodialogismo), a representação do pdv implica necessariamente a relação entre locutores e enunciadores.

Por essa razão, a disjunção locutor/enunciador é um instrumento importante para compreender a reformulação da percepção do " eu " sobre um

[36] Referência a Ducrot, *Le Dire et le dit* (1984).

objeto de discurso no mesmo contexto ou em relação a outro contexto, assim como para compreender a relação do " eu " com outros enunciadores. A disjunção é, portanto, um instrumento fundamental para a análise e o entendimento do pdv, conforme postula Rabatel (2009b, p.9) :

> A disjunção locutor/enunciador leva em conta as possibilidades de o locutor se dar, como enunciador, para focalizar objetos de discurso, considerar os fatos, as palavras e os discursos, as noções, as situações, os eventos, os fenômenos desse ou daquele PDV, no presente, no passado ou no futuro, em relação a si ou em relação ao PDV de outros[37].

Por ótica semelhante, Jacques Bres e Bertrand Verine também postulam a distinção locutor/enunciador. Ao proporem a distinção na análise do desdobramento[38] enunciativo, Bres e Verine (2002, p.163) chamam atenção para o fato de que os termos locutor e enunciador não correspondem às mesmas realidades de uma teoria a outra. Por isso, entendemos a necessidade de explicitar a distinção aqui adotada.

Tal distinção alimenta-se primeiramente das postulações ducrotianas e se atualiza no quadro enunciativo-interacional do pdv. Por essa ótica, o locutor é responsável pelo gerenciamento das posições, o que envolve : a escolha das nominalizações, a seleção das informações e a hierarquização dos pontos de vista. Como locutor/enunciador, ele é também responsável pela representação discursiva e desempenha um papel crucial no gerenciamento de posições ou, simplesmente, na organização de saberes, pensamentos/ percepções e falas que participam da expressão linguística do pdv. A disjunção locutor/enunciador é, então, um instrumento de grande utilidade para a análise das situações dialógicas em que o locutor se empenha em fazer eco à subjetividade de outro, sem que aquele seja autorizado a falar (RABATEL, 2008b, p. 402). Se um

[37] *La disjunction locuteur/énunciateur rend compte des possibilités que le locuteur se donne, en tant qu'énonciateur, pour tourner autour des objets du discours, pour envisager les faits, les mots et les discours, les notions, les situations, les événements, les phénomènes de tel ou tel PDV, dans le présent, le passé ou le futur, par rapport à soi ou par rapport aux PDV d'autrui.*

[38] Tradução do termo francês "dédoublement".

locutor/enunciador sinaliza uma posição, essa posição é facilmente identificada quando o sujeito marca explicitamente a relação com outros enunciadores que compõem seu discurso. Contudo, em contextos mais opacos, sob a forma de consonância ou de dissonância, essas relações são implícitas e não são facilmente identificáveis. Essas relações não devem ser subestimadas, consequentemente, *a análise do pdv põe em foco a natureza das relações que o locutor nutre com diferentes enunciadores e como elas se configuram* no discurso. Essas relações situam-se no contexto mais amplo da responsabilidade enunciativa, em que pesam os dispositivos enunciativos de *prise en charge* e imputação.

2.1.1 Responsabilidade enunciativa, *prise en charge* e imputação

As diferentes maneiras de representar um pdv estão diretamente ligadas às relações locutor/enunciador, precisamente à maneira como o locutor-enunciador, enquanto produtor do texto, se posiciona em relação ao pdv de outros enunciadores, que ele representa em seu texto. A representação é, então, tributária da relação entre os enunciadores e envolve dois dispositivos: a operação de *prise en charge* e a de *imputação*, que aqui serão relacionadas. Antes disso, passemos a uma discussão mais detalhada do termo "prise en charge"[39].

Conforme Rabatel & Chauvin-Vileno (2006), a julgar pela relação com noções afins como responsabilidade enunciativa, engajamento, acordo, distanciamento, levar em conta (*prise en compte*), o termo *prise en charge* é bastante complexo. Apesar do uso corrente dos termos *prise en charge/ prendre*[40] *en charge*, são raros os estudos consagrados especificamente a esses termos, comumente utilizados com um sentido próximo a "assumir", "levar em conta", "endossar", "comprometer-se", ou aos termos "responsabilidade", "adesão", "engajamento", além do termo inglês

[39] Por não encontrar um termo equivalente na Língua Portuguesa, optamos por não traduzir esta expressão, que terá seu sentido esclarecido a partir de sua definição.
[40] Em francês, a forma nominal "prise" está associada ao verbo "prendre" (pegar/tomar/levar).

commitement [41]. Segundo Coltier et al (2009), os termos *prise en charge/prend en charge* são utilizados em quadros teóricos diversos[42], tais como teorias vericondicionais, polifônicas, dialógicas, dos atos de fala, dos blocos semânticos etc. Desse modo, fenômenos como atos de linguagem, modalização, pressuposição, evidencialidade, polifonia, discurso reportado e argumentação articulam-se à noção de *prise en charge*, embora sejam raras definições teóricas sobre essa noção (COLTIER et al, 2009, p. 6).

Em meio à diversidade de perspectivas e à falta de consenso no que diz respeito à sua teorização, optamos por seguir a orientação de Rabatel & Chauvin-Vileno (2006), Moirand (2006) e Rabatel (2009a). Os três primeiros estabelecem uma relação entre o conceito de *prise en charge* e o de responsabilidade enunciativa, enquanto Rabatel (2009a) propõe uma redefinição do conceito de prise en charge, associando-o à noção de imputação. Comecemos evidenciando a relação entre *prise en charge* e *responsabilidade enunciativa.*

Ao questionar a unicidade do sujeito falante, as discussões sobre os fenômenos de heterogeneidade abriram espaço para discutir a noção de responsabilidade enunciativa. Porém, estando ausente nas entradas de dicionários no campo da linguística, Moirand (2006) assinala que a noção de *responsabilidade* aparece em artigos sobre " enunciador " e funciona como um equivalente de *prise en charge* em artigos sobre " enunciação ". Embora estejam relacionados, esses termos não devem ser confundidos. A responsabilidade é um conceito ligado à ética, à moral de determinado grupo, sendo, de certo modo, mais amplo do que o conceito de *prise en charge*. Como uma noção filosófica, a responsabilidade relaciona-se à " ética das práticas linguageiras ", ao que se espera dos profissionais da linguagem, como, por

[41] Os autores afirmam que desconhecem até o momento qualquer bibliografia especializada, monografia ou conjunto de artigos dedicados ao estudo desta noção. Citam o termo inglês *commitement*, que poderia ser proposto como um "equivalente aproximativo". Quanto a isso, referem-se a duas obras: WALTON, D. & KRABBE, E. *Commitement in dialogue: basic concepts of interpersonal reasoning.* Albany, State University of N.Y. Press, 1995. ; DE BRABANTER, Ph. & DENDALE, P. (éds). Commitement. *Belgian Journal of Linguistics*, 22, 2008.

[42] Antoine Culioli foi um dos primeros autores a utilizar o termo *prise en charge*, no artigo "modalidade", da *Encyclopédie Alpha*, v.10, Paris, Grange Batelière et Novare, Istituto Geografico de Agostini, 1971.

exemplo, dos jornalistas (MOIRAND, 2006). Para Moirand, a responsabilidade relaciona-se às escolhas (conscientes ou inconscientes) do autor na sua forma de " nomear " os atores e ações, e na forma de " representar " o discurso dos outros, sem excluir a representação do leitor na interpretação:

> É, então, na forma de convocar fatos, dizeres, discursos outros, e na forma de organizá-los textualmente, que se exerceria a responsabilidade do escritor, tendo a consciência de que uma parte da retórica lhe escapa, pois ela está implicada nisto que as palavras, os dizeres, as lembranças evocam em cada leitor, e diferentemente de um a outro[43]. (MOIRAND, 2006, p.10)

Considerando que nos gêneros da mídia, muitas vezes, não são os falantes que agem/interferem diretamente, porque a mídia lhes serve como porta-voz, sendo mediadora de suas palavras, de seus textos, ideias, opiniões, saberes e percepções, a responsabilidade dos " escritores ", segundo Rabatel & Chauvin-Vileno (2006), está diretamente compromissada com *o modo de gerir a diversidade de* " fontes enunciativas " no discurso. Dessa maneira, a responsabilidade atravessa de ponta a ponta o " processo escritural (locutor/enunciador) desde a seleção, a combinação das informações, a escolha das palavras até a colocação na página " (RABATEL & CHAUVIN-VILENO, 2006, p. 9)[44]. Embora a escolha das formas linguísticas e recursos visuais seja motivada por um " querer-dizer " (RABATEL & CHAUVIN-VILENO, 2006) ou um " projeto de dizer" (cf. KOCH, 2002), não existem na língua marcas exclusivas que possam ser automaticamente identificadas como marcas de responsabilidade.

Por essa razão, a responsabilidade não é propriedade da língua, mas pode ser identificada por marcas linguísticas que variam conforme o gênero e

---

[43] *C'est donc dans les rappels des faits, des dires, des discours autres, et dans la façon de les organiser textuellement, que s'exercerait la responsabilité du scripteur, tout en sachant qu'une part de la rhétorique lui échappe, puisqu'elle réside dans ce que les mots, les dires, les rappels évoquent pour chacun des lecteurs, et donc différemment de l'un à l'autre.*

[44] No caso de textos da imprensa, o "colocar na página" envolve outros recursos, além do texto do jornalista, solicitando uma responsabilidade conjunta entre as diferentes instâncias que atuam no processo de edição.

as situações de interação, testemunhando as escolhas dos locutores/enunciadores. Ademais, a responsabilidade não é um fato específico da relação sujeito-enunciado ou sujeito-objeto apenas, mas da relação entre sujeitos e discursos que se posicionam sobre um determinado objeto. Sobre isto, Moirand (2006, p.4) assinala que não é precisamente a estrutura do enunciado que importa ou os sujeitos enunciadores que se omitem e se mostram, nem mesmo as relações interpessoais entre os coenunciadores[45], mas as *relações interacionais entre os discursos que se enunciam e se reencontram e que enunciam a relação com os discursos outros*. Desse modo, a responsabilidade relaciona-se ao pdv, na medida em que ela intervém na representação disso que se mostra ou " dá-se a ver " nas interações discursivas. E esse " fazer ver " não se dá apenas através de falas em que locutor e enunciador coincidem, ou quando o locutor fala " por si ", o que não é comum nas reportagens de nosso *corpus*. Baseando-se em Vion (1998), Rabatel & Chauvin-Vileno (2006, p.9) assinalam que existem várias formas de " mise en scène " enunciativa, entre as quais, o locutor pode :

i) falar por si ;
ii) recorrer a um ou vários enunciadores abstratos ;
iii) recorrer a enunciadores diferentes não hierarquizados através dos quais ele se oculta ;
iv) pôr em cena diferentes enunciadores em que apenas um corresponde ao seu pdv ;
v) recorrer a diferentes enunciadores que estão de acordo com seu pdv.

Sob o ângulo da responsabilidade, é possível analisar " essas flutuações " que dizem respeito à *forma como L1/E1 se posiciona em relação ao discurso outro*. Considerando que a operação de " prise en charge " pode ser, grosso modo, entendida como essa *atitude do locutor em relação ao discurso outro*, então podemos dizer que aí reside uma espécie de fio tênue

[45] O termo coenunciador é usado no sentido de interlocutor (leitor/ouvinte), aquele que interage com o autor, elaborando conjuntamente os sentidos e a referência nos discursos.

entre responsabilidade e *prise en charge*. Contudo, entendemos que elas podem se diferenciar quanto à extensão ou nível enunciativo: a *prise en charge* estaria num nível mais local do enunciado ou da sequência enunciativa, enquanto que a *responsabilidade*[46] seria mais globalizante, porque envolve não apenas a prise en charge, mas outras operações enunciativas como o engajamento, o apagamento enunciativo e a imputação. Consequentemente, a prise en charge (PEC) pode ser situada como uma *operação textual-discursiva pontualizada*, que obviamente tem suas consequências no âmbito mais amplo da responsabilidade enunciativa – esse comportamento discursivo ligado à ética e à moral.

Como postula Desclés (2009, p.30), para todo enunciado, há sempre um enunciador, designado por "EU", que enuncia numa relação dialógica com seu(s) coenunciador(es), por meio de uma operação de "prise en charge" em relação a um conteúdo predicativo. Baseando-se na proposição culioliana de que toda asserção (afirmativa ou negativa) é uma *prise en charge* efetuada pelo enunciador, Desclés analisa[47] a manifestação da prise en charge do nível mais simples, que é o da crença, até o nível máximo da asserção, que é o do engajamento. Uma simples "prise en charge" é expressa por "EU-DIGO", enquanto que o *engajamento* é "resultado de uma composição funcional com a prise en charge : *eu digo que é verdade*". Dessa maneira, a asserção "prend en charge" ou afirma a verdade de uma proposição por meio de predicações.

Essa noção de verdade não corresponde a uma ontologia dada ou uma adequação entre "o que é dito" e o estado de coisas no mundo. A verdade afirmada faz parte de um ato discursivo que exprime um julgamento seja sobre um acontecimento passado ou presente, um processo ou estado situado referencialmente, seja sobre a atualização de conhecimentos externos relativos ao contexto ou domínio em que se insere a troca verbal (DESCLÉS, 2009,

[46] Mesmo que a noção de *responsabilidade* esteja ausente dos dicionários especializados, ela aparece relacionada, ainda que tangencialmente, a propósito do enunciador, definido como aquele que assume a responsabilidade (*prend en charge*) sobre os enunciados (RABATEL & CHAUVIN-VILENO, 2006, p. 8), ou seja, que assume um conteúdo. No dicionário de Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 198), por exemplo, é possível encontrar essa noção tangencial de responsabilidade, associada à noção de ponto de vista na perspectiva de Ducrot.
[47] Desclés propõe ainda a prise en charge no nível da enunciação modal, do ato performativo e da enunciação mediatizada.

p.38). Para Rabatel (2009a), o conceito de verdade não é o único critério fundador da prise en charge (PEC), o que faz o autor relativizá-lo na medida em que este não pode estar exclusivamente centrado em critérios de verdade referencial ou verdades universais. Rabatel sustenta que o critério de verdade passa pela PEC, mas não como algo exclusivo. A PEC pode ser pensada não só a partir do critério lógico de verdade, mas também em relação a um critério epistêmico que comporta traços da história e das relações intersubjetivas.

Desse modo, a PEC pode ser definida como uma operação enunciativa em que o enunciador assume como "verdadeiro" a proposição de um enunciado ou aquilo sobre o qual toma posição. Para Haillet (2004, p.10): "um ponto de vista representado como emanado pelo locutor ou como proveniente dele[48] é necessariamente assumido por ele". Haillet (2007, p.42) afirma ainda que o pdv que é representado como assumido pelo locutor, é também representado como *integrado à realidade do locutor*. Ou, como mostram Maingueneau & Charaudeau (2008, p.176) : " A forma pela qual uma fala é atribuída a outra fonte enunciativa é solidária das características do conjunto do discurso que cita ". Nesse sentido, a realidade do locutor corresponde àquilo que ele assume como "verdadeiro", que assevera e, portanto, defende e diante do qual se posiciona[49].

Mesmo com a possibilidade de o enunciador assumir o conteúdo como "seu", isso não implica necessariamente engajamento, como defende Paul Laurendeau (2009), para quem falar de prise en charge é pensar na implicação ou no verdadeiro engajamento por parte do sujeito enunciador. Para Rabatel & Chauvin-Vileno (2006), PEC e engajamento não se confundem se consideramos o engajamento como equivalente à força ilocutória. Quanto mais explícita a PEC, maior a força ilocutória, mas não se pode considerar que um baixo grau de força ilocutória implicaria a ausência de PEC. Pode haver PEC, com ou sem engajamento.

[48] Haillet assume a ideia de que um enunciado emanado pelo locutor é o mesmo que proveniente dele.
[49] Evidencia-se, assim, uma posição contrária a qualquer abordagem vericondicional ou representacionalista na relação língua-mundo.

Assim, a manifestação da PEC não é apenas uma questão de asserção e engajamento, através do "eu digo que é verdade", porque engloba atribuição de posições a outros enunciadores que não precisam afirmar, tampouco engajar-se. Por essa razão, as proposições de Desclés sobre os fenômenos da PEC são apreciáveis até certo ponto. A distinção entre asserção e crença não satisfaz nossa tese, nem esclarece os dispositivos enunciativos que atravessam a construção do pdv. Além disso, Desclés enfatiza a relação entre interlocutores em detrimento da relação entre as instâncias intradiscursivas[50]. *Uma análise que focaliza a relação entre as instâncias*, como a do pdv, *permite observar a maneira como o locutor/enunciador se posiciona em relação ao pdv dos demais enunciadores.* A distinção locutor/enunciador, portanto, não é um componente central no estudo da prise en charge levado a cabo por Jean-Pierre Desclés. Embora defenda uma abordagem dialógica, Desclés não considera em sua análise a alteridade que caracteriza a constituição das posições.

Desse modo, entendemos que é no contexto das interações verbais, sob a ótica do dialogismo, que a questão da PEC se torna muito mais complexa e pode ser melhor delineada. Representar o dizer, a ideia, a atitude ou a percepção de alguém e se posicionar sobre isso é extremamente recorrente nas situações de interação. Em consequência disso, Rabatel (2009a, p. 72) defende a ideia de *estender a noção de PEC para outros enunciadores, indo além do locutor/enunciador primeiro (L1/E1)*. A tese defendida por Rabatel é que esses outros enunciadores (enunciadores segundos) podem ser considerados sob determinada forma de PEC, na verdade uma "quase PEC", uma "PEC pressuposta" ou com "responsabilidade limitada". A esse tipo de PEC *com responsabilidade limitada*, o autor chama *imputação*. "PEC e imputação são duas operações diferentes efetuadas por L1/E1" (p.82), respectivamente: por sua própria conta ou em função do outro. Podemos dizer, então, que a PEC corresponde à responsabilidade "integral" de L1/E1 na expressão de seu pdv, mas ela é " limitada " ou apenas " pressuposta " quando remete ao pdv alheio.

[50] A relação entre as instâncias discursivas pode ser interpretada como dialogismo intratextual, como propõe Moirand (2001).

PEC difere de *imputação*, na medida em que os pdvs imputados são atribuídos por L1/E1 a enunciadores segundos, não sendo assumidos integralmente por L1/E1. Em outros termos, ele assume a imputação (o ato de atribuir), mas não o conteúdo da imputação, porque esse conteúdo perceptual é atribuído a outro enunciador (pertence ao outro). Daí a disjunção ou distanciamento entre locutor e enunciador. Nos dois trechos abaixo, L1/E1 afirma a atribuição, sendo responsável pela atitude de representar um conteúdo perceptual atribuído a e2. Há, portanto, um distanciamento, pois L1/E1 não assume a percepção ou o pdv representado do enunciador feminino:

1. A sua vontade de transar sumiu e você não sabe nem onde começar a procurar. Aprenda a lidar com os fatores que congelam a sua libido e volte a ter tesão. WH1

2. Hora de perder a vergonha na cara e deixar que ele explore seu corpo sem medo de ser feliz. Fizemos um dossiê para que você se livre das neuras e receba e usufrua ao máximo esse prazer.

   Se o grilo com a anatomia for difícil de vencer, Saadeh aconselha conversar primeiro com um ginecologista de confiança e depois com seu parceiro. "Homens experientes reconhecem as diferenças femininas." WH2

Esses trechos conjugam dois pdvs: pdv afirmado de L1/E1 acerca de e2, e pdv representado de e2. Assim, L1/E1 afirma seu pdv a respeito do outro: sua atitude, maneira de agir e pensar, ao mesmo tempo que imputa a e2 percepções. Essas percepções configuram pdv representado de e2, como evidenciam as formas nominais "os fatores que congelam a sua libido[51]", "o grilo com a anatomia" e os enunciados: "sua vontade de transar sumiu", "você

[51] A forma nominal *os fatores que congelam a sua libido* é formada por oração adjetiva "que congelam a sua libido". Como veremos mais adiante, no capítulo III, as orações adjetivas assim como os adjetivos funcionam como modificadores do nome-núcleo na forma nominal.

não sabe onde começar a procurar", "perder a vergonha na cara", "deixar que ele explore seu corpo", "se livre das neuras". Essas evidências textuais pressupõem, acerca das leitoras, um saber que se quer fazer ver. Por isso, ao expor seu pdv, L1/E1 acaba construindo uma imagem das mulheres às quais esse pdv se refere. Essa enunciadora feminina é " grilada " com a própria anatomia, está cheia de " neuras ", perdeu a libido e por isso precisa urgentemente movimentar a cama e deixar que o parceiro explore seu corpo, para que possa usufruir do sexo oral: "esse prazer", segundo L1/E1.

A imputação, ao atuar na representação do pdv, é também um modo de L1/E1 se posicionar em relação ao enunciador segundo (e2). No trecho 2, a imputação de pdv ao enunciador feminino divide espaço com o masculino. Há um pdv imputado aos homens que "reconhecem as diferenças femininas", segundo Alexandre Saadeh, psicoterapeuta e psiquiatra. Esse enunciador especialista atribui aos experientes a qualidade de saber reconhecer as diferenças entre as mulheres.

Para Rabatel (2009a, p.73), há uma grande diferença entre a PEC de L1/E1 no e pelo discurso, aquilo que é assumido integralmente por ele, e o fato de ele imputar um ponto de vista a uma instância, sobretudo quando esta não fala, o que faz com que se pressuponha que tenha sido proferida anteriormente. Por essa razão, Rabatel admite que a imputação é uma PEC indireta com "responsabilidade limitada", já que L1/E1 atribui um pdv a e2, como acontece no trecho 2 da página anterior em que um pdv é atribuído ao especialista ("Saadeh aconselha..."), que por sua vez atribui outro aos homens experientes (" Homens experientes reconhecem... "). Esses *enunciadores segundos* podem não assumir o pdv, alegando que não são responsáveis por algo que não disseram e/ou com o qual não concordam. Não podem, assim, assumir integralmente o que lhes é atribuído pelo locutor imputador, já que não falam, tendo apenas sua fala ou percepção representada. Dessa forma, a imputação funciona como uma espécie de reacentuação do discurso outro, já que esse discurso é " colorido " com as entoações do outro.

"Por mais que seja limitada, essa quase-PEC é indispensável no caso em que L1/E1 está de acordo com e2, e também no caso de desacordo, pois

esse último é sempre posto em relação a outro PDV[52]" (RABATEL, 2009a, p.74). Assim, é apenas em relação às noções de *acordo, desacordo e neutralidade* que a imputação faz sentido. Mesmo que L1/E1 não esteja de acordo, ele configura a posição de e2 (trecho 2 – " perder a vergonha na cara... "), marcando distanciamento em relação a essa posição. Em caso de acordo, L1/E1 pode se apropriar desse pdv, assumindo-o, mesmo que assinale a fonte do dizer, para assim fortalecer a posição que defende : " se o grilo com a anatomia for difícil de vencer, Saadeh aconselha... " (pdv do especialista no trecho 2).

No trecho 3 abaixo, L1/E1 marca distanciamento em relação aos enunciadores feminino e masculino, como mostram as expressões em negrito. Porém, a diferença é que L1/E1 se mostra em *desacordo ao que imputa a* e2 (enunciador feminino) e *em acordo ao que imputa a* e3 (enunciador masculino) :

3. Tudo bem que você, às vezes, não entra na piscina para não desmanchar a escova. Mas, quando o assunto for sexo, deixe **essa princesinha que existe dentro de você** em casa. Na cama, os homens **não toleram a chatinha cheia de frescurites mil**. A maioria **não tem a menor paciência** para **inibições exacerbadas**. "Entendo que a confiança vem aos poucos. Mas há um limite do que é ou não razoável. Existem **mulheres travadas** e, já na primeira vez, você percebe que não vai conseguir uma evolução. Isso é broxante", diz Carlos Faria, 46 anos, administrador de empresas. WH4

As ocorrências desse trecho evidenciam a imbricação de perspectivas na construção do pdv, precisamente no jogo entre assumir a responsabilidade pelo que se afirma (" eu digo que... ", " eu assumo o que digo, o que defendo ") e marcar distanciamento em relação ao que é dito : " eu não penso assim, não concordo com essa percepção, nem sou o alvo da percepção imputada, mas o

[52] *Pour limitée qu'elle soit, cette quasi PEC est indispensable dans les cas où L1/E1 est d'accord avec e2, elle l'est aussi dans les cas de désaccord, puisque ce dernier n'est posé que par rapport à un autre PDV.*

agente da imputação ". Na segunda linha do trecho 3, a forma nominal " essa princesinha que existe dentro de você " assinala *pdv afirmado* de L1/E1 a respeito das leitoras que se identificam com o que é dito, como indica o pronome " você ". L1/E1 assume o que diz. Essa é a sua posição a respeito de uma certa interlocutora feminina com quem ele dialoga. Nesse caso, a interlocutora feminina é não só um referente ou " objeto de discurso " rotulado por L1/E1, mas também uma enunciadora. Como enunciadoras, esse grupo de interlocutoras têm seu pdv representado. Ou seja, L1/E1 parte do pressusposto de que as leitoras sentem-se " princesas ", agindo muitas vezes dessa forma. É esse tipo de atitude que L1/E1 critica, o que justifica o verbo " deixar " no imperativo, como um alerta impositivo a essas mulheres. Portanto, L1/E1 assume aquilo que diz ou o ato de atribuir, mas não é o responsável pela percepção, não é a fonte enunciativa da percepção, discordando das mulheres. Daí a " responsabilidade limitada " ou quase- PEC.

Esse saber social em que se ancora a memória discursiva a respeito das interlocutoras permite a representação de seu pdv. Ao referir-se às mulheres (objetos de discurso), L1/E1 retoma e reapresenta essa percepção socialmente atribuída (a chatinha, a princesinha), a qual permite imputar um pdv. Tem-se, assim, *pdv representado/narrado* de uma enunciadora feminina (e2). Na verdade, esse pdv funda um espaço enunciativo no discurso, assinalando implicitamente a existência de uma perspectiva diferente ou que diverge do pdv principal. A posição de enunciadoras conferida às mulheres (leitoras que se veem representadas) funciona como um reflexo do pdv afirmado de L1/E1, na medida em que essa enunciadora emerge e seu pdv é refratado no discurso a partir da perspectiva de L1/E1. Por isso, elas são objetos de discurso e alvo de representação, se se considera que há uma percepção atribuída, mesmo que implicitamente.

Assim, a forma nominal " essa princesinha que existe dentro de <u>você</u> " é uma forma híbrida, assinalando o dialogismo na construção do pdv, porque evidencia *pdv afirmado de L1/E1* e *pdv representado de e2*, que estão em dissonância. Do mesmo modo, a forma nominal " a chatinha cheia de frescuristes mil " assinala *pdv afirmado* de L1/E1 e *pdv representado* do

enunciador masculino (e3) a respeito dessas mulheres. O verbo " tolerar " é uma evidência da percepção atribuída. Embora seja um caso de imputação de pdv a e3 e PEC com responsabilidade limitada em relação à L1/E1 (que não é a fonte da percepção), podemos dizer que L1/E1 está de acordo com e3. Há, portanto, uma simetria enunciativa, pois são coenunciadores[53]. O enunciado " a maioria não tem a menor paciência " evidencia pdv afirmado de L1/E1 em relação aos homens. Nesse caso, os homens são objetos de discurso e alvo de representação, pois tem seu pdv representado : são impacientes e não têm paciência com mulheres inibidas. A designação *mulheres travadas*, no trecho em aspas, reforça a ideia de inibição, ao mesmo tempo que evidencia pdv afirmado do enunciador masculino (Carlos Faria) a respeito das mulheres.

Outro dispositivo que atua na representação do pdv, juntamente com a PEC e a imputação, é a noção de "prise en compte". É a partir da noção de imputação que Rabatel distingue PEC de " prise en compte[54] ".

O fato de assumir um conteúdo ou de tomar posição não equivale à operação de "prise en compte". Diferentemente da PEC, a prise en compte não indica tomar para si o conteúdo, nem assumi-lo como seu, pois seria apenas uma forma de integrá-lo no discurso. Por isso, a *prise en compte* implica os pdv que são imputados por L1/E1 aos enunciadores segundos. O pdv do enunciador feminino nos trechos 1, 2 e 3, por exemplo, evidencia que L1/E1 integra as percepções do outro em seu discurso, daí ser um caso de *prise en compte*, mas não de PEC, porque L1/E1 não assume esse pdv como seu.

Laurendeau (2009) compreende, assim como Rabatel (2009a), que a *prise en compte* é um fenômeno mais amplo que engloba a PEC. Assim, todo caso de PEC é prise en compte, porque existe acordo, mas nem toda prise en compte é uma PEC, porque não precisa ser assumida por L1/E1. Isso é o que acontece no trecho 3, analisado há pouco. L1/E1 assume posição (o que diz, o

[53] Como será explicado mais adiante, o termo coenunciador é usado num sentido mais específico, não sendo necessariamente o interlocutor. O coenunciador, no exemplo em questão, partilha o pdv de L1/E1, apesar de desempenhar outro papel enunciativo. Isso se dá porque os pdvs estão em consonância ou em simetria enunciativa, já que nenhum dos pdvs se sobrepõem.

[54] O termo francês "prise en compte" pode ser interpretado como *levar em conta*, *levar em consideração, tomado em consideração, considerado*. Entretanto, optamos por não traduzi-lo e manter a expressão francesa, pois a tradução em Português não tem a mesma força ilocutória nem manteria a equivalência sintática.

que defende), mas não toma para si o conteúdo imputado ao enunciador feminino, porque não concorda com sua atitude. Não há uma valorização desse pdv ou desse modo de agir, o que resulta na crítica por parte de L1/E1, que convoca a enunciadora feminina a mudar de atitude. Desse modo, L1/E1 *imputa* o pdv, mas não assume a percepção, sendo um caso de *prise en compte no desacordo*.

Baseando-nos em Laurendeau, podemos dizer que esse tipo de imputação (*prise en compte* no desacordo) indica a não asserção ou *dessasserção* por parte de L1/E1, que não assume a responsabilidade integral sobre o que é dito, marcando distância em relação ao enunciador segundo. Como um caso de "desasserção", a imputação pode ser uma espécie de objeção ao pdv alheio, como é o caso do pdv imputado ao enunciador feminino no trecho 3.

Nesse dinamismo, a "prise en compte" é instável, oscilando entre imputação e PEC. A imputação é uma forma de *prise en compte* ou de " considerar " o outro numa relação de acordo, neutralidade ou desacordo. Quando há prise en compte no acordo, a imputação pode se tornar um caso de PEC. Isso é o que acontece no trecho 2 (p.58) em relação ao pdv imputado ao enunciador especialista, assim como no trecho 3 (p.60), em que L1/E1 concorda com o pdv do enunciador masculino. Esse tipo de PEC, como forma de prise en compte, indica um grau máximo de "asserção" em relação a um conteúdo, ou melhor, de assumi-lo e de tomá-lo como "verdadeiro". Essa PEC (integral) seria um caso de prise en compte em maior grau, enquanto que a PEC com responsabilidade limitada evidenciaria um grau mínimo.

Em se tratando da PEC integral, a percepção assumida pode ser cunhada no horizonte do outro, de quem L1/E1 se apropria da posição (caso de acordo), ou pode ser cunhado no horizonte do "eu", que pode reformular ou atualizar sua própria posição. Para Bres e Verine (2004, p. 166), esse tipo de disjunção ou desdobramento enunciativo pode se realizar como *autodialogismo.* Neste caso, o enunciador "inserido" (*enchâssé*) correfere ao enunciador "que insere " (*enchâsseur*) : " *eu dialogo*, então, com um enunciado que *eu* proferi anteriormente (ou proferirei posteriormente) ".

Ainda que, na maior parte dos casos, a disjunção seja entre enunciadores diferentes, o que caracteriza o heterodialogismo, não podemos descartar o autodialogismo. O autodialogismo, tema muito pouco estudado no contexto do dialogismo (cf. RABATEL, 2008b), não implica necessariamente uma autorreferência. Corresponde aos casos em que o objeto de discurso é cunhado no domínio perceptual do locutor/enunciador, que acaba reformulando sua posição ou ajustando a forma de perceber o objeto, numa espécie de diálogo consigo próprio (p.356). É o que acontece no trecho 4 abaixo, em que a forma nominal " a juiza " indica uma reformulação do pdv a respeito do referente principal, isto é, um ajuste perceptual na compreensão acerca da personagem femimnina:

4. ...**a garota dos seus sonhos** finalmente aceite seu convite para sair. Você a leva para jantar em um lugar romântico, escolhe um cantinho discreto para terem privacidade, e consequentemente, compartilharem momentos de pura intimidade. Beijos suaves evoluem para carinhos mais excitantes atrás da orelha – inclusive acompanhados de risinhos de aprovação. Depois seu braço escorrega pelos ombros dela, massageando aquela pele magnífica – e ela geme baixinho. Sem qualquer resistência, suas mãos avançam. Parece até que você está ouvindo o grito da torcida incentivando-o a fazer o passe derradeiro para o gol. Aí você vê os dois centroavantes livres e avança. Mas eis que **a juíza** marca impedimento: "Pare aí mesmo". MH2

Tanto o autodialogismo quanto o heterodialogismo atuam como dois níveis de dialogização na construção do pdv (RABATEL, 2008b), sendo que, no autodialogismo, o pdv é integralmente assumido e reconfigurado a partir da percepção de L1/E1. Em resumo, a PEC é marcada na dimensão do heterodialogismo e autodialogismo, sendo a imputação um dispositivo característico do heterodialogismo.

Essa tensão característica da relação entre os enunciadores evidencia que os fenômenos de PEC, ligando-se diretamente à construção do pdv, constituem, a nosso ver, estratégias discursivas que permitem gerenciar posições no discurso. Dito de outro modo: L1/E1 representa o seu pdv e o pdv de outros enunciadores da maneira que lhe for conveniente, o que está estreitamente relacionado à orientação argumentativa do texto.

Enquanto representação de falas, pensamentos e percepções, o pdv é atravessado por uma tensão dialógica, a partir da qual emerge o pdv de L1/E1. Esse enunciador, ao gerenciar as posições, marca o seu lugar no discurso, por uma postura enunciativa em simetria ou dissimetria em relação aos demais enunciadores. A simetria e a dissimetria enunciativa caracterizam a hierarquização dos enunciadores no discurso.

2.1.2 Hierarquização dos enunciadores

Se os dispositivos de PEC e imputação implicam outros enunciadores além de L1/E1 e se a relação entre eles nem sempre é simétrica, isso significa dizer que as relações locutor/enunciador são hierarquizadas no discurso. Como resultado das relações dissimétricas entre locutores e enunciadores, a hierarquia enunciativa pode ser pensada em termos de *posturas enunciativas*.

As *posturas enunciativas* assumem aqui um sentido muito específico e por isso não devem ser confundidas com a *posição* ou o pdv de L1/E1. As *posturas enunciativas*, tal como definidas por Rabatel (2005b, 2006 e 2008b), envolvem necessariamemte a consonância e a dissonância entre os pdvs, o que resulta da maneira como L1/E1 se posiciona ou assume lugar na interação em relação aos enunciadores intradiscursivos e/ou interlocutor(es). Rabatel (2005b, p.125-126) postula que, entre as posições discursivas, sempre emerge a “voz” de um “principal”[55], que constitui uma espécie de ponto de

[55] Rabatel (2005) se baseia na hierarquização proposta por Goffman (1981) em relação aos papéis enunciativos e aos fenômenos de heterogeneidade polifônica no interior da fala, a partir da noção de “footing”. *Footing* pode ser interpretado como a postura, a posição, a projeção do « eu » de um enunciador na relação com outro, consigo próprio e com o discurso. GOFFMAN, Erving. *Forms of talk.* Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1981.

ancoragem à hierarquização dos enunciadores. O *principal* exerce certa autoridade no discurso e pode corresponder à imagem de si. Em outras palavras, é através do *principal* que as informações e os enunciadores são selecionados, e os fatos interpretados e organizados no discurso. Para Rabatel (2005), o *principal* corresponde à " simbiose do locutor e do enunciador ", e é em relação a este principal que o locutor se define e pode determinar a postura dos outros enunciadores.

A hierarquização das posturas conduz Rabatel (2005b) a reinterpretar a noção de coenunciação. A coenunciação não implica necessariamente a enunciação conjunta, em que os participantes (produtor e leitor/ouvinte) atuam de maneira ativa. Embora não neguemos essa coconstrução, o que está em jogo nessa redefinição é a relação entre enunciadores ou o dialogismo intratextual, que caracteriza o jogo dos pdvs, ainda que o enunciador seja um interlocutor (leitor/ouvinte). A coenunciação adquire, então, um sentido específico, indicando a simetria de pontos de vista no discurso. Ao considerar a hierarquização dos enunciadores, Rabatel reinterpreta o termo coenunciação, especializando-o junto às noções de sobrenunciação e subenunciação. Dito de outro modo, a coenunciação, como uma postura enunciativa em que os pdvs estão em simetria, tem seu sentido especializado a partir de duas posturas dissimétricas, que evidenciam a desigualdade no enquadramento das posições e enunciadores: a sobrenunciação(*surénonciation)* e a subenunciação (*sousénonciation*). Se as instâncias nem sempre estão em consonância, porque não partilham do mesmo pdv, enunciando em lugares/papéis diferentes, o enunciador pode manifestar um pdv dominado, caso da *subenunciação*, ou dominante, caso da *sobrenunciação*. Essas duas posturas indicam que a *coconstrução* do pdv nem sempre assinala equivalência enunciativa, como acontece com a coenunciação.

Introduzido inicialmente por Culioli (2002)[56], o conceito de coenunciação foi abordado apenas em relação ao locutor, sendo definido como as antecipações que o locutor faz de possíveis objeções do interlocutor, para melhor conduzir seu pdv (RABATEL, 2006, p. 223). Em outras palavras, essa

[56] CULIOLI, Antoine. *Variations sur la linguistique*. Paris : Klincksieck, 2002.

perspectiva não considera que os pdvs podem constituir uma coconstrução pelas negociações entre enunciadores/interlocutores. A *coenunciação* foi interpretada de forma semelhante por Danon-Boileau & Morel (2003)[57] como a " representação do outro no discurso do falante para melhor prevenir suas reações a fim de favorecer o consenso " (RABATEL, 2005b, p.99). Diferentemente desses últimos, Rabatel (2005b, p.102) concebe a *coenunciação* como "a coconstrução pelos locutores de um pdv comum e partilhado, que os engaja enquanto enunciadores". Em determinadas situações, como acontece com certos gêneros orais, por exemplo, a coenunciação pode ser "marcada pela atividade de dois locutores cujos cálculos coenunciativos recíprocos levam a coconstruir um pdv comum".

A enunciação, assim interpretada, é instável no plano da hierarquização, sendo também pensada a partir das outras duas posturas, a de subenunciação e a de sobrenunciação. Essas duas posturas *entram em jogo tanto no desequilíbrio entre locutores quanto na contribuição desigual entre enunciadores*. Isso significa dizer que, se a coenunciação implica simetria, consenso e equilíbrio enunciativo, as outras duas posturas fundam-se a partir de relações dissimétricas que interferem na representação dos pdvs.

A reinterpretação da coenunciação ilumina a própria noção de PEC. Quando há acordo explícito com o pdv do enunciador segundo, podem ocorrer duas situações: L1/E1 deixa claro seu acordo com o outro ou o acordo emerge como uma coconstrução, um *nós*. Neste caso, L1/E1 assume como verdadeiro o conteúdo do outro, e em certos casos pode se apropriar desse pdv, tomando-o para si (prise em compte no acordo, PEC em grau máximo). Esse tipo de PEC corresponde a uma coenunciação, enquanto coprodução de um pdv partilhado, como se os locutores formassem um só enunciador, em que o outro é integrado à esfera do "eu" (RABATEL, 2009a, p.85), conforme ilustra o trecho 5 abaixo. Nesse trecho, L1/E1 interage com dois enunciadores especialistas. São eles o psicanalista Scott Haltzman e o psicólogo Roberto Banaco.

[57] DANON-BOILEAU, L. & MOREL M.-A. Le locuteur vicariant. In: MERLE, J.-M. (éd) *Le sujet.* Gap / Paris : Ophrys, 2003.

5. Durante seus primeiros anos juntos, 68% dos casais conversam e se tocam depois do sexo. Depois de cinco anos, cerca de metade ainda cultiva o hábito. Mas, depois da marca dos dez anos, apenas um terço faz algo além de virar para o lado e dormir.

   Por que isso acontece?

   No início, temos necessidade de abraçar e de sentir o corpo do outro depois do sexo. "**Isso** acontece porque não conhecemos direito o parceiro", diz o psicanalista Scott Haltzman, co-autor do livro The Secrets of Happily Married Women (Os segredos das mulheres casadas felizes), ainda inédito no Brasil. **Mais**: é depois do sexo que você se sente mais próxima do seu parceiro e encontra as condições para se confessar. Só que, conforme os casais se conhecem melhor, deixam de se preocupar com o outro para se voltar a si mesmos. Com mil compromissos, acaba a vontade de passar a noite conversando. **Além disso**, segundo Banaco, há uma diferença comportamental: "O homem acha que a companhia física é suficiente, enquanto a mulher sente necessidade de falar". **Moral da história**: nos primórdios do namoro, quando ele batia altos papos na cama, só estava se esforçando para agradar. WH3

No trecho acima, o pdv é construído conjuntamente com os dois enunciadores especialistas, que atuam como coenunciadores. No primeiro enunciado em aspas, que assinala o pdv afirmado do psicanalista, o pronome " isso " retoma imediatamente o que foi dito por L1/E1, ao responder a indagação " por que isso acontece ? ". Através do conectivo " mais ", L1/E1 acrescenta uma informação por sua própria conta, sendo mais um argumento para o que é defendido no texto. No final do trecho, o conectivo " além disso " acrescenta outra informação, porém na voz de mais um especialista, o psicólogo Roberto Banaco.

Os três recursos citados são evidências de que esses enunciadores encontram-se em postura de coenunciação. Nesse caso, a prise en compte

atinge um grau máximo porque se estabelece na base do acordo, já que L1/E1 partilha do ponto de vista dos outros dois enunciadores. Essa prise en compte não constitui uma imputação, pois as falas dos outros dois enunciadores (locutores em contexto anterior) são reportadas pelo uso das aspas. Essa prise en compte configura-se como uma caso de PEC, indicando um grau máximo de asserção, em que o conteúdo é assumido e tomado como " verdadeiro " pelos enunciadores especialistas. Nesse trecho, a PEC tem um papel específico, porque contribui para reforçar a orientação argumentativa do texto, na medida em que, para fazer valer a posição defendida, L1/E1 ancora seu pdv no pdv desses dois enunciadores especialistas. Ou ainda, podemos dizer que o pdv dos especialistas tem um papel fundamental na construção do pdv da reportagem, quer dizer, esse pdv principal que guia a orientação argumentativa do texto.

A prise en compte em grau máximo, efetivada por enunciadores em coenunciação ou simetria enunciativa, evidencia que L1/E1 está de acordo com os outros enunciadores. A simetria enunciativa evidencia que L1/E1 dá credibilidade ao que é dito e interpretado pelos enunciadores segundos, mas isso não o impede de manifestar seu pdv, como evidencia o conteúdo relativo à expressão " moral da história ". Essa expressão revela a interpretação de L1/E1 a respeito das informações veiculadas, funcionando como uma espécie de conclusão. Essa interpretação não necessariamente coaduna com o pdv dos especialistas, sendo interpretada mais como uma inferência de L1/E1 a partir do que é dito pelos especialistas do que como algo que estes defendam ou tenham dito.

No estudo das posturas enunciativas, torna-se relevante verificar a disposição das posturas: se estão dispostas em partes do texto ou se o atravessam como um todo. Mesmo que uma postura seja predominante, atravessando o texto de ponta a ponta, isto não impede que as outras duas posturas se manifestem localmente. Segundo Rabatel (2006, p. 225), isso se dá em função da instabilidade dos lugares enunciativos ou em função dos gêneros. Assim, um enunciador pode se contentar com uma das posturas, o que é característico de gêneros em que mais de um locutor interage, ou pode

alternar a postura por razões argumentativas. Nos trechos 6 e 7 abaixo, extraídos da mesma reportagem, as posturas são alternadas. Estão em negrito, as passagens que denotam **simetria**, e em itálico as passagens em *dissimetria enunciativa*. Os termos sublinhados marcam a mudança de postura.

6. **É maravilhoso que entre as suas amigas você seja das mais avançadas em termos de sexo, do tipo aberta para novas e inovadoras experiências**. O que precisa entender é que *nem todos os homens da face da Terra estão preparados para essa modernidade toda. Não dá para mostrar que você conhece todas as variações sobre o tema logo na primeira vez. Muitos podem confundir sua falta de barreiras com vulgaridade. Chato, não? "Além disso, é preciso tomar cuidado para não forçar a barra e tentar aparentar algo que não é autêntico", diz Alexandre Saadeh. "As chances de sucesso são mínimas."* WH4

7. Talvez você seja do tipo que, quando alguém pergunta "E aí, está boa?", quase responde "Boa eu sempre fui, estou passando bem". **Ótimo, afinal sentir-se bonita e gostosa dá aquele poder na cama porque a mulher não tem vergonha do próprio corpo. E nessa pode fazer caras e bocas, vestir roupinhas sexy, bolar poses provocadoras**... *Mas um corpo bem-feito não garante uma transa nota 10. "Tem mulher que acredita que sua beleza é suficiente para enlouquecer o homem e faz muito pouco. Decepcionante", diz Ricardo Fonseca, 33 anos, biólogo.* **Claro que vale caprichar na estreia. "É interessante ser uma presença marcante.** *Porém, só isso não sustenta um relacionamento. Se você não for agradável, simpática, instigante e não apreciar de verdade o contato físico, a chance de o entusiasmo inicial dele esfriar é grande", garante Carmita Abdo.* WH4

Nessa reportagem, escrevem-se dicas do que a mulher não deve fazer no primeiro encontro para evitar que o cara escape. Isso é respaldado pela construção de um pdv masculino que aponta para " o que os homens querem[58] " e esperam da mulher. Esse pdv masculino é, então, representado pela reportagem que mobiliza não apenas o dizer dos especialistas, coenunciadores (a quem a reportagem consulta para justificar a opinião e o comportamento masculinos), mas também o dos próprios homens que, no trecho 7, é assumido por Ricardo Fonseca[59]. Assim, é o pdv masculino que guia a orientação argumentativa do texto, ainda que este seja escrito por uma locutora feminina (cf. anexo, p.186), afinal a reportagem trata de expor, para as mulheres, o que os homens " pensam ", como se posicionam a respeito do assunto. E é isso que interessa às leitoras que visam aperfeiçoar as estratégias no jogo da conquista.

Nessa tensão entre os enunciadores, as posturas se alternam. Ora L1/E1 dialoga de uma maneira mais cúmplice com a interlocutora, com quem está de acordo (prise en compte no acordo), ora critica o seu comportamento (prise en compte no desacordo). No início do trecho 6, a expressão " é maravilho que... " assinala a coenunciação, já que L1/E1 concorda com esse modo de agir. Há aqui uma prise en compte no acordo e caso de PEC por parte de L1/E1, que assume o conteúdo, rotulando-o como " maravilhoso ". Entretanto, na sequência do texto, o enunciado " o que precisa entender é que.... " marca a mudança de postura, porque introduz uma crítica ao comportamento feminino, que pode ser interpretado como "vulgaridade". E essa crítica é influenciada pelo pdv masculino, já que a maioria dos homens não estão preparados para lidar com isso. Há certa ironia na forma nominal "essa modernidade toda", que assinala pdv afirmado de L1/E1 sob influência do enunciador masculino. Esse pdv é reforçado pelo pdv do especialista, discurso em aspas que finaliza o trecho 6. Nessa porção do texto, o especialista atua como coenunciador em relação a L1/E1 que juntos encontram-se em postura de sobrenuniação em relação ao subenunciador feminino.

[58] Esse é o título da reportagem.
[59] Se esse enunciador masculino é real ou fictício, essa não é uma questão da nossa tese. O que importa é a existência do enunciador no discurso.

No trecho 7, o adjetivo “ ótimo ” marca a avaliação positiva do comportamento feminino, tendo a mesma função da expressão “ é maravilhoso que ”. O mesmo acontece com o enunciado introduzido por “ claro que... ”. Nesses raros momentos, os pdvs se equilibram. Esse equilíbrio pode ser encarado como estratégia de L1/E1 para mostrar uma espécie de cumplicidade com as leitoras, porque compreende e aceita (até certo ponto) alguns comportamentos femininos, tais como: ser moderninha em termos de sexo (trecho 6) e se sentir bonita e gostosa (trecho 7). Contudo, o equilíbrio é fugaz, porque as posturas logo se alteram, já que o pdv de L1/E1, em consonância com o pdv masculino e o pdv do enunciador especialista, se sobrepõe. A mudança de postura é marcada pelos operadores “ mas ” e “ porém ”, que põem esses três enunciadores em postura de sobrenuniação em relação ao pdv feminino.

No jogo das posturas enunciativas, mesmo que um locutor seja dominante, porque fala mais, isso não impede que haja coenunciação. Além disso, o tipo de postura não se deve à quantidade de falas proferidas por cada locutor/enunciador, mas à relação entre os enunciadores e a maneira como os pdvs são representados. Mesmo o status do locutor, na sua relação com o outro, não pode ser definido pela quantidade de falas. Por isso, um locutor não será subenunciador se falar menos, nem sobrenunciador se falar mais.

Afora isso, assumir a postura de sobrenunciação não implica superioridade enunciativa (saber mais, ser melhor), mas apresentar o enunciador como uma “ garantia de verdade ” (RABATEL, 2006, p.228), sendo o seu pdv digno de crença e convencimento. O sobrenunciador afirma-se por um pdv que é constantemente mantido no centro da interação e impõe sua referência de tal modo que seu pdv pode desempenhar a função de tópico no discurso. Assim, o sobrenunciador intervém nas interações dissonantes, reacentuando em seu proveito a posição e o dizer do subenunciador.

O desequilíbrio que caracteriza as posturas de sobrenunciação e de subenunciação revela uma espécie de “ competição ” que se estabelece no discurso: uma disputa de faces ou de lugares, a partir dos quais os sobrenunciador busca se afirmar. Dessa forma, a dissimetria põe em evidência

a manifestação da subjetividade na representação de pontos de vista. Essa subjetividade não se reduz a um "eu", nem o pdv se expressa necessariamente por um "eu acho que..." explícito para fazer entender um julgamento de valor do locutor-enunciador e dos demais enunciadores. Essa subjetividade, desconectada do " eu " também é reveladora da possibilidade de o sujeito colocar-se no lugar de outro e representá-lo, expressando seu pdv através dos dispositivos de PEC e imputação. Ao assinalar a hierarquização dos enunciadores, esses dispositivos contribuem para reacentuar o discurso do outro, de vez que não cessamos de falar a partir do pdv dos outros, nem de nos posicionar em relação a esses pdv.

A identificação das posturas enunciativas é, então, indissóciável à análise da construção textual-discursiva do pdv, que é uma construção desigual. Diagnosticar as posturas também implica analisar relações de força que se estabelecem entre os enunciadores, em meio aos quais destaca-se um pdv principal que orienta argumentativamente o texto.

Como uma evidência da disjunção locutor/enunciador, as posturas enunciativas de coenunciação, sobrenunciação e subenunciação, juntamente com os dispositivos enunciativos de PEC e imputação, atuam na construção textual-discursiva do pdv. Essa interferência remete ao dialogismo que caracteriza a construção do pdv, ou seja, essa tensão entre o eu e o outro, que acaba por estruturar os continentes de "si" e do "outro". Uma parte de mim se distancia de mim mesmo – "eu mesmo como um outro"[60] - , ao mesmo tempo em que uma parte do outro me orienta em direção a mim mesmo.

Essa heterogeneidade do sujeito falante, como resultante das práticas simbólicas de interação pela linguagem, põe o estudo do pdv em articulação com o campo do discurso reportado. A análise das formas linguísticas e procedimentos discursivos que caracterizam a heterogeneidade enunciativa, a representação do discurso outro e o discurso interior não verbalizado constituem uma problemática comum ao estudo do pdv e ao campo do discurso reportado. Em decorrência disso, definir e problematizar o pdv também implica explicitar a relação que a abordagem enunciativo-interacional

[60] Referência a Paul Ricoeur: "Soi-même comme un autre". Paris: Seuil, 1990.

do pdv estabelece com o campo do discurso reportado. Nesse sentido, nos interrogamos em que medida essas duas perspectivas são distintas e podem ser articuladas no quadro mais amplo do dialogismo.

2.2 Articulação entre ponto de vista e discurso reportado

Considerado como um tema nodal nas discussões contemporâneas sobre o discurso (ROSIER, 2008), o discurso reportado é marcado por especializações, distinções e oscilações terminológicas que ampliaram o escopo de sua problemática. Temas[61] como identidade, argumentação, responsabilidade enunciativa, prise en charge e ponto de vista, todos em maior ou menor grau, alargaram o espectro dos desafios que compõem o campo do discurso reportado (DR), indo além das formas sintáticas convencionais de "transmissão do discurso outrem".

Para Authier-Revuz (2004), o campo do discurso reportado é marcado por uma diversidade de perspectivas que o tornam heterogêneo. Isto inclui não só a oscilação atual entre discurso reportado e discurso representado, mas também as denominações[62]: discurso outro, discurso citado, representação do discurso outro, discurso deportado, discurso importado, e num sentido mais amplo a *circulação de discursos*. Em meio à variedade terminológica, Authier-Revuz (2004) prefere falar em "representação do discurso outro" para designar o campo como um todo. Escolher tal denominação para a autora é posicionar explicitamente o discurso reportado no campo da *metadiscursividade*, com ênfase na alteridade. Com base nesse referencial, Authier-Revuz (2004, p. 40) entende que "esta prática metadiscursiva de produção da imagem do discurso outro" realiza-se por operações que não se consagram como constitutivas do campo do DR, tampouco podem ser apreendidas a partir de uma gramática no

[61] Merecem destaque duas publicações : LOPEZ-MUNÕZ, Juan Manoel; Marnette, Sophie & ROSIER, Laurence. (eds) *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, 2004 e Revista *Faits de langues* n.19. Le discours rapporté. Paris: Ophrys, 2002. Muitos são os autores que assinam os artigos dessas obras, que são uma evidência da diversidade de temas que povoam os interesses do campo no contexto francófono.

[62] De acordo com Lopez-Munõz et al (2002), essas inovações terminológicas não destronaram até o momento a expressão corrente "discurso reportado".

sentido convencional. Rosier (2008) explica que existem formas não reconhecidas como DR pelas gramáticas, mas que, do ponto de vista do sentido, caracterizam-se como tais, pois testemunham a *reflexão metadiscursiva sobre a maneira como se transmitem e circulam os enunciados*. Citamos um exemplo, extraído da reportagem " Mulheres também são infiéis ", publicada na revista Cláudia.

8. *Para* a psicanalista e terapeuta de casais Léa Michaan, pós-graduada em psicoterapia psicanalítica pela USP, além de excitante, a paquera funciona como válvula de escape para aliviar tensões. "Devido à carga moral presente em nossa cultura, é comum *as mulheres se culparem ao sentir atração por outro* que não seja o companheiro oficial, mas trocar olhares não faz mal a ninguém. Pode até consistir numa fonte de energia extra", *afirma*. (Revista *Claudia* on line, http://claudia.abril.com.br/materias/, consulta em 10/02/2010)

Esse fragmento assinala a " representação do discurso outro ", neste caso o da psicanalista e terapeuta de casais. Há aqui outro enunciador, além L1/E1. Embora não haja verbo introdutor de opinião ou de dizer, seguido do sinal de dois pontos ou da conjunção " que ", é possível assinalar a presença do outro através da preposição *para*, que introduz a representação do discurso outro. Apenas na última linha do texto, aparece a forma verbal *afirma* que é antecedida de trecho em aspas, diferentemente das formas convencionais do DR. Exemplos como estes são evidências de que reportar um discurso não é incumbência apenas das formas tradicionais do DR (discurso direto e discurso indireto), o que torna possível alargar o espectro das formas de reportar, conservando obrigatoriamente a relação entre pelo menos dois espaços enunciativos (ROSIER, 2008).

Por essa razão, "o estudo do discurso citado não é exclusivamente a abordagem das formas de citação", pois estas seriam alguns dos mecanismos utilizados (CASTRO, 2009, p. 120). Da mesma forma, Cunha (2008) ressalta

que, graças às traduções da obra de Bakhtin e Bakhtin/Volochinov, muitos estudos sobre o discurso reportado na perspectiva enunciativa privilegiaram a interação entre os discursos e não mais as formas de citação. Desse modo, o discurso citado, sendo considerado não apenas discurso no discurso, mas *discurso sobre o discurso*, em que se reconhece a metadiscursividade preconizada por Authier-Revuz, passa a ser tratado, segundo Cunha, por uma proposta de *abordagem global* da qual não se pode escapar que falamos com a palavra de outros em graus e formas as mais diversas, que vão da repetição à alusão. Diante disso, "novas questões de pesquisa se colocam: como se apreende o discurso de outrem? Como se dá o processo de recepção vivido pelo discurso interior?" (CUNHA, 2008, p.136).

Com esse novo olhar sobre o discurso reportado, o problema é reformulado a partir de questões de caráter processual, que *privilegiam muito mais o conteúdo e mecanismos envolvidos do que a forma em si*. Nesse sentido, Authier-Revuz (2004) distingue quatro procedimentos de apreensão da alteridade ou da "inclusão do outro no "um" do dizer", que resumimos do seguinte modo:

i) o "um" fala do outro levando-o a "um" (zona do discurso indireto);
ii) o "um" fala do outro marcando-o como outro (zona do discurso direto);
iii) o "um" fala através do outro (zona da modalização por paráfrase ou por reprodução literal);
iv) o "um" fala com o outro (zona da bivocalidade).

Nota-se que esses quatro procedimentos não priorizam formas gramaticais, tampouco formas catalogadas do DR, mas a relação discurso citado e discurso citante, que determina a maneira como o discurso outro é aprendido. A apreensão sempre será pautada por *infiltrações*, ainda que se trate de uma reprodução literal. Marcuschi (1997) contesta a sugestão comum de que a citação de fala é uma reprodução decorada da fala de outrem e a de que o discurso direto é uma reprodução de discursos prévios. Um argumento

utilizado por Marcuschi é a baixíssima incidência, na fala citada, de hesitações, truncamentos sintáticos, correções e outras marcas de descontinuidade que normalmente caracterizam a fala natural. Como uma espécie de “fala editada”, a citação falada é muito mais uma fala suposta do que uma reprodução do dizer, que não precisa ter necessariamente ocorrido.

Para Authier-Revuz (1984, p. 105), essa referência ao outro, um exterior que pode ser explicitamente especificado ou possível de especificação, determina automaticamente, por diferença, um interior, que é o próprio discurso. Isto equivale a dizer que a referência a um exterior específico é também uma operação de *constituição de identidade para o discurso*. Do mesmo modo, a zona de “contato” entre exterior(es) e interior é profundamente reveladora do discurso, seja pelos pontos onde as fronteiras do outro são explicitamente marcadas (o outro de quem é preciso se defender, a partir de quem o discurso se constitui), seja pelo tipo de relação que se estabelece com o outro, que pode ser explícita através de glosas ou inferida pelo contexto. Esse procedimento revela a recorrência e orientação por e para o outro, ainda que este seja adversário e de quem é necessário marcar distância. As formas de distanciamento, por sua vez, contribuem para reforçar, confirmar e assegurar esse “ eu ” por uma especificação de identidade. Elas corporificam o enunciador, através de sua posição e da atividade metadiscutrsiva que põem em cena.

A análise de Authier (1982) sobre o processo de “ transmissão ” do discurso científico ao público leigo, em revistas de divulgação científica, é um exemplo de que “ discursos mostrados ”, mesmo “ estranhos ” um ao outro, são postos em contato, por sua heterogeneidade, num só discurso, como um lugar de encontro, e não como um simples instrumento de transmissão. Esse discurso “ único ” que separa e reúne dois discursos, esse “ eu ” que fala pelos outros é marcado por uma espécie de mediação ou “ dupla determinação ”: falar no lugar de um (discurso científico) para um outro (público-leitor).

Essa dupla determinação que põe o outro em cena, público-leitor e outros enunciadores, assim como a preocupação com a interação entre os discursos, contribuíram para inscrever o campo do DR no quadro mais amplo

de uma linguística da enunciação[63] que, centrada no sujeito falante, muito questionou a concepção do sujeito "genérico" ou "universal" do estruturalismo. Isso se acentua com a concepção de sujeito heterogêneo preconizada por Authier-Revuz, para quem a heterogeneidade constitutiva da linguagem desdobra-se em uma heterogeneidade mostrada através das não-coincidências do dizer. Não é novidade, portanto, que à modalização autonímica foi integrado o estudo das formas do DR.

Assim, é a partir do estudo de Authier que a dimensão interacional não privilegiada nas abordagens anteriores (o círculo de Bakhtin, por exemplo) mais centradas na relação locutor/enunciador (Cf. DUCROT, 1984), passa a integrar, às preocupações do campo, aquele que interage com o sujeito falante (colocutor, coenunciador, interlocutor). Nessa dimensão interacional, questões de identidade e argumentação também passam a integrar a problemática do DR. Os estudos de Diane Vincent, dedicados à análise das interações orais, constituem uma importante referência.

Para Vincent (2004), o DR é utilizado para mostrar direta ou indiretamente uma tomada de posição, sendo uma construção discursiva útil para se situar em relação ao outro, ou seja, para a construção de representações identitárias. Nessa mesma direção, Doury (2004) analisa interações orais cotidianas, postulando, com maior ênfase que Vincent, a função argumentativa do discurso reportado. Doury interessa-se pelas diferentes manifestações de heterogeneidade enunciativa do discurso argumentativo, particularmente o discurso reportado que, na visão da autora, serve para introduzir a contradição, conferindo presença ao contradiscurso. Por semelhante viés, Benaïssa (2004) trata o DR como estratégia argumentativa que participa da estruturação de discursos identitários (entrevista orais com algerianos), interessando-se pelas formas de DR mais recorrentes nesses discursos. Por enfoque semelhante, essas pesquisas dedicam-se tanto ao estudo das formas, como dos procedimentos discursivos envolvidos no processamento do DR.

[63] O termo "linguística da enunciação" é recorrente na França, sendo uma referência às discussões inauguradas principalmente por Bally, Bakhtin, Ducrot, Benveniste e Authier-Revuz.

A existência de pesquisas como estas, que privilegiam o valor argumentativo e identitário do DR, pode ser justificada pela renovação que o campo enfrentou quando incorporou o tema maior da circulação dos discursos. O estudo do DR em contextos específicos (situações orais, gêneros da impressa e do discurso político) contribuiu para que o discurso literário não fosse o único alvo de investigação do DR. No contexto brasileiro, a investigação do discurso citado "ainda é um tema pouco explorado, o que nos deixa longe de valorizar o estudo desse tema", tal como aponta Castro (2009, p.119). Para este autor, fora dos estudos bakhtinianos, são raras as vezes em que se encontra menção aos temas da citação nos estudos que tratam do texto ou do discurso. As referências a esse tema são pouco frequentes, ainda que se fale em polifonia, gêneros do discurso e dialogismo (CASTRO, 2009). O estudo do DR parece, assim, relegado às formas tradicionais e ao contexto literário.

Entretanto, destacamos no contexto brasileiro dos estudos bakhtinianos, a pesquisa de Cunha, que tem estudado a circulação dos discursos, com interesse pela relação entre retomada e reacentuação nos gêneros da mídia escrita. As retomadas que Dóris Cunha estuda em carta de leitores, por exemplo, derivam de alusões a um discurso anterior ("circulação dos discursos", "guerra dos discursos"). Essas retomadas, que não correspondem aos tradicionais esquemas sintáticos de transmissão, apagam as fontes dos fragmentos retomados, introduzindo-os por meio de nominalizações ou de construções em que a enunciação de outrem é mostrada. Cunha (2009, p.37) ressalta que " cada evento midiático são *representações construídas* a partir da apreensão dos discursos e dos posicionamentos axiológicos " de diferentes atores (jornalistas, comentaristas, chargistas, leitores etc). Assim, as palavras são retomadas e reacentuadas na passagem de um locutor para outro, de um momento para outro, transportando novos sentidos e outros discursos, " por meio de procedimentos que vão desde a literalidade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e a sua deturpação " (p.37). Desse modo, os discursos são " inevitavelmente reacentuados " em novos contextos e a representação do discurso outro envolve transposições,

reformulações, reorientações que entram na rede argumentativa do texto, pondo em evidência a relação entre pelo menos dois espaços enunciativos.

Assim, a problemática do DR, antes estudada para se propor um método de análise, foi renovada com os estudos sobre o dialogismo, dando origem a novas direções no campo do discurso citado. Como explica Cunha (2009, 26), esta reorientação consagrou o interesse:

i) pela interação entre dois discursos de sujeitos concretos, historicamente situados, considerando a tensão, a dinâmica da inter-relação entre o discurso citante e o discurso citado;
ii) pela relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior;
iii) pelas formas de representação do dialogismo não marcado – discurso indireto livre, construções híbridas, discurso bivocal.

Essa reorientação no campo do DR assinala o interesse pela dinâmica das relações que constituem o DR, bem como pelo dialogismo não marcado. Essa preocupação com o dialogismo não marcado evidencia o quanto é insuficiente interpretar o DR apenas pelas formas convencionais de reportar. O fragmento abaixo, analisado por Rosier (2008, p.86) é um exemplo dessa insuficiência:

9. Dessa vez, os advogados de Donavan Jackson afirmaram que ele tinha sido maltratado antes como mostra o video e que um dos policiais lhe havia chamado de "Preto sujo"[64]. (Corpus Imprensa [*Libération*], ci-dit.com)

Para Rosier, esse fragmento começa por um DI clássico, embora a segunda parte do DI seja recursivo (afirmar que + chamar de), fechando-se por um DD livre semanticamente subordinado ao verbo "chamar". Nesse caso, há, segundo a autora, uma atualização do discurso citado.

[64] *Cette fois, les avocats de Donavan Jackson ont affirmé qu'il avait été maltraité avant ce que montre la vidéo et que l'un des policiers l'avait traité de* "*sale Nègre*" .

Considerando que a heterogeneidade enunciativa é um tema comum ao estudo do pdv e ao estudo do DR, na medida em que ambos se interessam : pelas formas implícitas de dialogismo, pela relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior e pela interação entre os discursos de sujeitos concretos, propomos analisar esse fragmento sem as formas do DR, dedicando atenção à representação de pontos de vista.

Pela ótica do pdv, destacam-se dois enunciadores, além de L1/E1 : os advogados de Donavan Jackson e os policiais. Há no fragmento uma tensão enunciativa que marca a dissimetria entre os enunciadores. Nesse jogo de hierarquias, L1/E1 põe em cena o pdv desses enunciadores, de modo que um deles se sobrepõe: o dos advogados de defesa (e2). O pdv dos policiais (e3), pdv dominado, é manejado em benefício dos advogados e do acusado que, na verdade, assume o papel de vítima : foi maltrado e é alvo de preconceito como revela a expressão " Preto sujo ". Essa expressão escrita entre aspas no texto, da qual L1/E1 marca distanciamento (modalização autonímica), constitui uma *forma nominal* que, como elemento coesivo, refere-se ao acusado Donavan Jackson. A expressão, que aponta para o horizonte perceptual dos policiais, é reveladora de sua posição, ao mesmo tempo em que lhe confere um caráter discriminador e preconceituoso.

Embora não haja pistas textuais nem contextualização suficientes que indiquem mais claramente o posicionamento de L1/E1 a respeito do que é narrado, isso não impede de interpretar o fazer ver e o fazer saber que se configuram no trecho em relação ao objeto de discurso principal : Donavan Jackson. Conforme assinala o trecho, os advogados acusam a polícia e é esse pdv que orienta a interpretação em defesa de Jackson. O fato narrado é contado na tensão entre as duas perspectivas : pdv narrado de e2 e pdv narrado de e3, ambos em dissonância, sem qualquer tipo de imbricação, favorecendo a sobreporição de e2. Os verbos " afirmar " e " chamar " contribuem para " instalar " as perspectivas, diferenciando enunciadores e pontos de vista. O pdv narrado de e2 é atestado pela expressão "afirmaram que...", indicando a atribuição de um dizer aos advogados que tem como conteúdo uma ação realizada pelos policiais em outro contexto; já o pdv

narrado de e3 é assinalado pelo verbo *chamar* no pretérito, indicando a realização de uma ação *ofensiva*.

Pela ótica do pdv, as relações locutor/enunciador em consonância, dissonância ou por efeito de neutralidade revelam a interpretação e coconstrução[65] de um objeto de discurso. Fundamental na análise do pdv é compreender não apenas que existem ao menos dois espaços enunciativos, mas a disposição dos enunciadores, isto é, sua hierarquização, o que afetará a ancoragem do objeto de discurso construído. Desse modo, em se tratando do trecho analisado, a interpretação do acusado como vítima de preconceito põe os enunciadores em dissimetria. É essa compreensão que orienta a interpretação do objeto, e parece guiar o pdv do texto. Mais do que uma atualização do discurso citado, essa forma de hierarquizar os enunciadores e representar pontos de vista revela-se como uma estratégia argumentativa que gerencia pdvs, selecionando informações que põem em foco determinada compreensão (ou recorte enunciativo) sobre o objeto de discurso.

Assim, a análise (reconstituição) do discurso citado não é um aspecto fundamental no estudo do pdv, mas as formas linguísticas que " instalam " o outro na materialidade do texto, atestando a maneira como as informações e perspectivas são gerenciadas. Diferentemente do estudo do pdv, uma das preocupações no campo do DR, segundo Rosier (2008), é atribuir uma função sintática ao discurso citado, embora isso constitua um problema, como neste outro exemplo analisado pela autora (p.86):

> 10. Sob o choque, alguns Americanos acusavam, então, "a França propalestiniana de ser uma aliada objetiva dos terroristas"[66]. (Corpus Imprensa [*Le Figaro*], ci-dit.com)

Conforme analisa Rosier, o discurso citado entre aspas não possui função sintática precisa, não sendo possível enquadrá-lo em nenhuma das formas convencionais do DR, nem mesmo o DDL, pois há o verbo introdutor

[65] Conforme discutido anteriormente, o termo *construção* não implica necessariamente acordo.
[66] *Sous le choc, certains Américains accusaient alors "la France propalestinienne d'être un allié objectif des terroristes".*

“acusar”. Na ótica do pdv, o problema seria formulado de outro modo : o objeto de discurso França, juntamente com o verbo “ acusar ” aponta para a existência de outro espaço enunciativo, além daquele conferido ao locutor-enunciador jornalista. Esse outro espaço enunciativo indica que o objeto é interpretado por uma fonte enunciativa distinta do locutor. A forma nominal predicativa “um aliado dos terroristas” revela pdv narrado do enunciador americano em relação à França. L1/E1, por sua vez, representa esse dizer, já que é ele quem “ fala ”, acentuando o dizer conforme sua percepção, como revela a expressão “ sob o choque ”. Entretanto, não podemos afirmar qual é a sua posição em relação ao pdv dos americanos por falta de indícios contextuais e da ancoragem no texto como um todo.

Nesse processo de referência ao discurso outro, as *atribuições* ou formas nominais são pouco mencionadas no estudo do DR, segundo Rosier (2008, p.63). Como ilustramos no trecho anterior, elas podem assinalar um discurso citado. Além disso, servem para introduzir uma citação, como nesse trecho analisado por Rosier: “ batidas a portas e depois **sua voz**: sou eu, é Yann[67] ”. Outro exemplo em que aparece um verbo de fala seguido do demonstrativo: “ Senhora Benoît se fez de forte, interrogando-se habilmente sobre seu tio: como estava *esse bom parente* ?[68] ”. A ocorrência do demonstrativo impede a reconstituição do discurso citado, não havendo, por isso, consenso sobre seu reconhecimento como discurso indireto livre (DIL). Apesar da falta de consenso, essa construção anafórica que se utiliza do demonstrativo[69] é estudada no campo do DR como elemento discordancial distinto das marcas convencionais e tipográficas de integração do dizer. Os elementos discordanciais, tal como analisa Rosier (2008, p.78), marcam outro espaço enunciativo, atualizando o discurso citado no discurso citante, daí o efeito de distanciamento.

---

[67] *Les coups à la porte et puis votre voix : c’est moi, c’est Yann.* Marguerite Duras, *Yann André Steiner*. Citado por Rosier (2008, p.63).

[68] Ênfase adicionada. *Madame Benoît s’y prit fort adroitement en s’informant de son oncle : comment allait ce bon parent ?* Esse fragmento citado por Rosier (2008, p. 61) é um exemplo de Danon-Boileau citado por De Mattia (2006), *Le discours indirect libre au risque de la grammaire. Le cas de l’Anglais*, Aix, Publication de l’Université de Provence.

[69] Trata-se de formas nominais anafóricas, que podem referir tanto a um item presente no cotexto, como na memória discursiva. Contudo, estes exemplos não são analisados exaustivamente pela autora, o que só aguça nosso interesse pelas formas nominais.

Como marca de dialogismo implícito, a forma nominal “ esse bom parente ” pode ser estudada pela ótica renovada do DR (forma não convencional do DR), tal como mencionamos acima, bem como pela abordagem enunciativo-interacional do pdv. Pela ótica do pdv, essa expressão retoma um objeto de discurso (“seu tio”) que aponta ao menos para dois pdvs. Esses pdvs, o do narrador e o da senhora Benoît, podem estar em consonância ou em dissonância. A extensão do fragmento não possibilita maiores explanações ou uma interpretação precisa quanto à posição de L1/E1 e a relação entre os enunciadores, porém não deixa dúvida de que representa o pdv da senhora Benoît . O narrador pode estar ironizando a relação da Senhora Benoît com o tio: ela se esforça para perguntar sobre ele e se faz “de forte”, interrogando-se “habilmente” sobre seu “bom parente”. Também pode ser um caso de pdv imputado à Senhora Benoît (pdv narrado) sobre seu tio, que ela considera “bom parente”.

O que deve ficar claro nessa comparação entre o estudo do pdv e o do DR é que o enquadramento dessas atribuições nominais como componentes do DIL não é um problema para o estudo do pdv. Do mesmo modo, a reconstituição do discurso citado não é um problema para o estudo do pdv. Para esse estudo, interessa notar a existência de uma perspectiva, de um enunciador que pode ou não assumir a percepção. Ou melhor, de um objeto de discurso que é perspectivado, indicando um ou mais enunciadores. Em detrimento da reconstituição do discurso citado, abre-se espaço para associar o conteúdo perceptual a uma instância discursiva que pode assumir o conteúdo por uma PEC integral ou ser alvo de imputação.

Assim, uma questão que vem à tona é não só a indagação sobre quem diz, mas quem *toma para si* determinado dizer, conteúdo de julgamento ou de percepção. É neste sentido que a “ relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior ” põe em evidência os dispositivos enunciativos de PEC, imputação e a própria hierarquização dos enunciadores. Isto vai além das questões centrais do DR, interessando particularmente à problemática do pdv. Neste ponto, tanto o discurso reportado como o ponto de vista podem ser

considerados " subconjuntos " (ROSIER, 2002, p.99) dessa questão maior, que consiste em *tomar para si* um discurso/conteúdo ou *assumi-lo*.

Contudo, as fronteiras que distinguem e hierarquizam os pontos de vista são por vezes sutis, sobretudo nos casos de imbricação ou empilhamento[70] de pontos de vista. Por isso, a análise do pdv não implica distinguir ou identificar discursos, mas enunciadores. No entanto, a dificuldade de distinguir as "vozes" afeta a problemática do DR que, na concepção de Rosier e Cunha, passa pela análise da relação entre discurso citado e discurso citante, ou seja, pela reconstituição e identificação desses espaços. Isso se torna mais difícil, segundo Rosier (2008, p.60), quanto mais o discurso se destina à *expressão de um ponto de vista ou de uma percepção*, como é o caso do DIL, do DDL e do discurso narrativisado (DN). A liberdade formal do DIL, por exemplo, pela ausência de fronteiras morfossintáticas nítidas e sua ambiguidade referencial, impossibilita a reconstituição do discurso citado.

Nesse sentido, quanto mais o discurso de destina à expressão de uma percepção, maior é a dificuldade de reconstituição dos discursos. Como a percepção não é exclusiva da narrativa, nem o pdv é apenas uma questão de percepção como normalmente se interpreta, embora muitos casos de pdv se efetivem como tal, entendemos que a reconstituição dos discursos não é um problema no estudo do pdv.

Como consequência, questões centrais, que caracterizam o campo do DR, tais como : a reconstituição do discurso citado, a relação discurso citado e discurso citante e suas marcas convencionais, tornam-se secundárias para a abordagem enunciativo-interacional do pdv. O interesse por questões que envolvem assumir a responsabilidade, integral ou limitada, sobre um conteúdo ou imputar um conteúdo a outros enunciadores conduz a problemática do pdv no quadro do dialogismo.

Os fragmentos analisados evidenciam distinções entre a análise do pdv e o estudo do DR, ao mesmo tempo que sinalizam a possibilidade dessas perspectivas dialogarem. Embora possam dialogar sobre questões comuns em

[70] Rabatel (2008a) utiliza o termo "empilement" para se referir ao encaixamento de pontos de vista. Isso acontece quando um mesmo objeto de discurso aponta para mais de um ponto de vista.

se tratando da representação do discurso outro, pdv e DR não são a mesma coisa. E, dependendo da abordagem teórica, pode-se: i) incorporar o pdv ao estudo do DR, como uma forma específica de fala interior não verbalizada, semelhante ao DIL ou ii) pensar o pdv como um mecanismo dialógico que pode abrigar diferentes formas do DR.

Para Rosier, o termo discurso reportado abarca diferentes ações no ato de reportar, que vão da repetição à alusão, incluindo o aspecto teatral da *representação*. Ainda que o estudo do DR seja estendido a fenômenos dialógicos que ultrapassam as formas convencionais deste campo, tal procedimento, no dizer de Rabatel (2005, p. 124), não considera a variedade de fenômenos que dizem respeito à *representação* de falas, pensamentos e percepções. Ou seja, ainda que os estudos do DR assinalem a existência do pdv, pela expressão de percepções no DIL, por exemplo, o campo do DR não se dedica ao estudo do pdv[71]. Há ainda críticas quanto à inclusão do pdv no campo do DR[72].

Em outros termos, por mais que o pdv seja mencionado como uma forma de percepção no campo do DR, seu estudo não constitui uma problemática para este campo[73]. Entretanto, a articulação entre pdv e DR proposta por Rabatel dá-se por uma proposta metodológica de considerar as formas do DR no estudo do pdv. Assim, o pdv não é só uma questão de vozes reportadas, mas de vozes representadas. Essas vozes indicam não apenas falas que foram verbalizadas em outro contexto, mas percepções, atitudes, formas de saber e conhecer que implicam o outro no discurso e não necessariamente o " seu discurso " como aquilo que foi dito anteriormente. Em decorrência disso, Rabatel postula que o pdv, mais do que uma forma de discurso reportado, implica um discurso representado. Essa denominação envolve não apenas as formas reportadas gramaticalizadas, as quais se

[71] Não conhecemos até o momento perspectivas de estudo do DR que discutam a questão do pdv.
[72] Essas críticas podem ser vistas em: Balfield A. (1995) *Phrases sans parole. Théorie du récit et style indirect libre*, Paris: Seuil e Stolz C. (2005) Le discours rapporté dans le discours néoromanesque: Le cas de Nathalie Sarroute dans *Le Planétarium* et *Le Fruits d'or*, in: Lopez-Munõz J-M., Marnette S. e Rosier L. (éds) *Dans la jungle du discours*, Cadix: Universidad de Cadiz – Servicio de Publicaciones, 55-64.
[73] Essa questão precisa ser discutida, solicitando um diálogo com autores que estudam o DR.

associam às formas de reportar/representar menos gramaticalizadas – modalizações autonímicas (cf. Authier-Revuz) e as formas mistas(cf. Rosier) – , mas também as modalidades do pdv. Por isso, o discurso representado nem sempre relata proposições já formuladas (RABATEL, 2004, p. 93), sendo principalmente uma " encenação " em novo contexto, que passa pela representação de posições enunciativas distintas e hierarquizadas. Cada novo contexto é não só afetado e constituído pela relação locutor/ enunciador, mas encarrega-se de atualizar essa relação. A relação entre os enunciadores, em dissimetria ou em coenunciação, e a relação desses sujeitos com o objeto de discurso é sempre recontextualizada, sendo alvo constante de reformulação.

Essa articulação entre pdv e DR faz Rabatel (2008b, p.355) optar pelo termo *discurso representando*. Para Rabatel, o discurso representado, como uma aproximação entre pdv e DR, compreende um conjunto de formas e procedimentos cognitivos, argumentativos e pragmáticos, inscrito no vasto campo do dialogismo. Essa articulação também não pode desconsiderar o alargamento dos dispositivos teórico-metodológicos no campo do DR (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004, ROSIER, 2008 e CUNHA, 2009), que passou a considerar mais a relação entre os discursos do que as formas. Como esclarece Torck (2004, p. 246), mesmo a distinção das fronteiras formais entre DD e DI tendem a se apagar, tanto no oral, como no escrito, particularmente na escrita jornalística, onde as formas mistas são abundantes. Para essa autora, torna-se difícil e certamente improdutivo fixar as diferentes formas de discurso reportado em seus valores canônicos.

Para Rosier (2008, p.4), a distinção entre discurso reportado e discurso representado deve-se à oposição entre real e ficcional, quer dizer, entre a existência efetiva de uma fala original reportada e a encenação ficcional de uma fala suposta. Rosier não adere ao termo " representado ", e alerta que a distinção entre *reportar* e *representar* pode ser útil em função do *corpus* de análise e dos usos particulares dos discursos de outrem. Assim, compreendemos que o termo *discurso representado* defendido por Rabatel, no âmbito da abordagem enunciativo-interacional do pdv, interessa muito mais ao estudo do pdv do que ao DR, assinalando a tentativa de não apenas articular

DR e pdv, mas de *refinar e esclarecer o próprio conceito de pdv*. Desse modo, compreendemos que " articular " também implica marcar distinções. Além disso, a compreensão que o termo *representação* engendra, tal como discutimos na seção 1.2 do capítulo anterior, revela-se profícua para o estudo do pdv.

Sem a pretensão de sustentar pólos opostos, em que um seja preponderante ou subconjunto do outro, adotamos a seguinte posição: o pdv pode integrar o campo do DR, não como forma, mas como mecanismo, ao mesmo tempo que não se limita ao campo do DR, na medida em que existem questões particulares ao estudo do pdv que não se consagraram, até o momento, como uma problemática do DR. Por fim, nossa posição é a de que, apesar das distinções, ambos são passíveis de articulação, porque dialogam sobre questões comuns no quadro do dialogismo: a representação do discurso outro e a manifestação da fala interior não verbalizada.

Em relação a esse diálogo, cabe ainda uma consideração. O tema da metadiscursividade é outra questão que interessa às duas perspectivas, embora seja mais consagrada no campo do DR. Contudo, no que diz respeito ao estudo do pdv em nossa tese, precisamente à maneira como a referenciação dos objetos de discurso assinala pontos de vista, a ênfase não recai sobre a metadiscursividade, mas sobre a orientação argumentativa do pdv através das formas nominais referenciais. Ou, mais precisamente, como a construção dos objetos de discurso, através dos dispositivos enunciativos de PEC e imputação, revela na cadeia referencial: a representação de pontos de vista, a emergência de enunciadores e sua hierarquização. Passemos à discussão dos presupostos teóricos que conduzem o entendimento da referenciação e das formas nominais no capítulo seguinte.

III.

Referenciação, objetos de discurso e formas nominais

Estudar a construção do pdv a partir das formas nominais referenciais leva-nos a articular a abordagem enunciativo-interacional do pdv à teoria da referenciação, representada principalmente pelos trabalhos de Koch e Marcuschi, no âmbito da linguística textual brasileira. Embora esse diálogo tenha sido inciado na dissertação de mestrado, é na tese de doutorado que ele assume uma configuração mais precisa, porque o amadurecimento da noção de pdv convocou a discussão de questões não trabalhadas anteriormente, tais como : a disjunção locutor/enunciador, a responsabilidade enunciativa, a PEC, a imputação e a hierarquização dos enunciadores. A discussão dessas questões no capítulo anterior é uma evidência de que as relações locutor/enunciador estão no centro da problemática do pdv e como tal são inescapáveis à construção dialógica dos objetos de discurso. Em outros termos, o modo de apresentação dos objetos de discurso é um componente fundamental na construção textual-discursiva do pdv, porque testemunha a maneira como um conteúdo é apreendido dialogicamente no discurso.

Partilhando da mesma compreensão, Rabatel (2008a, p.53) assinala explicitamente que: " a referenciação dos objetos de discurso é articulada com a maneira como o locutor/enunciador se posiciona no seu discurso[74] " em meio a outros pontos de vista. O mesmo se dá com as escolhas lexicais que determinam o modo de apresentação dos referentes. Segundo Rabatel (2005a, p.121), essas escolhas são " altamente reveladoras do ponto de vista do enunciador ", sendo mais uma evidência de que o modo de apresentação dos referentes comporta saberes e marcas de um modo de falar, perceber e/ou pensar que aponta para determinado enunciador. Por essa razão, o pdv integra *julgamentos e conhecimentos que o enunciador projeta sobre o referente*, sendo o referente um meio de identificar um enunciador no discurso :

[74] *La référenciation des objets du discours est articulée avec la manière dont le locuteur/énonciateur se positionne dans son discours.*

> Identificar um enunciador no discurso implica procurar sua presença por meio da referenciação dos objetos de discurso (...), depois precisar se o enunciador é aquele que está em sincretismo com o locutor/enunciador primeiro, ou, na falta disso, definir a posição de L1/E1 em relação a ele (acordo, desacordo, neutralidade). A referenciação não é jamais neutra, mesmo quando os enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o menos possível (RABATEL, 2008a, p.70)[75].

Sendo tributária da relação entre objeto referido e sujeitos enunciadores, a representação do pdv liga-se estreitamente à referenciação dos objetos de discurso. Assim, torna-se imprescindível mostrar *em que medida a referenciação permite construir um enunciador diferente do locutor, e consequentemente o "fazer ver" e o "fazer saber" que orienta argumentativamente o discurso*. Para Rabatel (2008a), a referenciação se liga à construção dos objetos de discurso, identificando escolhas que apontam para um ou mais enunciadores. Contudo, é preciso salientar que, embora essa consideração seja pertinente e o autor defenda o papel da referenciação na construção do pdv, seus trabalhos não se dedicam a estudar o tema da referência nem a questão da interpretação referencial e da progressão dos referentes no texto. Isso talvez justifique a hipótese levantada por Rabatel (1997, p.177) de que alguns conteúdos da linguística textual, como as cadeias anafóricas e a progressão temática, poderiam contribuir como critérios sérios para o estudo do pdv.

Na visão do autor, isso mereceria um exame, o que só reforça a importância do diálogo entre a abordagem do pdv e o estudo da referenciação. Particularizando uma das abordagens de construção do sentido, os trabalhos de Koch e Marcuschi são os mais representativos no âmbito dos estudos do texto e do discurso no Brasil quando o assunto é referenciação. Seus trabalhos sobre a progressão referencial e as cadeias anafóricas fundamentam

[75] *Repérer un énonciateur dans le discours implique de rechercher sa présence à travers la référenciation des objets du discours (...), puis de préciser si l'énonciateur est celui qui est en syncrétisme avec le locuteur/ énonciateur primaire, ou, à defaut, de préciser la position de L1/E1envers lui (accord, désaccord, neutralité). La référenciation n'est jamais neutre, même lorsque les énonciateurs évaluent, modalisent ou commentent le moins possible*.

o estudo referenciação e das formas nominais referenciais em nossa tese. Antes que nos dediquemos especificamente às *formas nominais anafóricas*, passemos a uma discussão dos pressupostos teóricos sobre referência e construção do sentido, os quais servem de base para a compreensão das formas nominais.

3.1 Referência e construção do sentido

Enquadrando o estudo da referência numa perspectiva sociocognitiva, Marcuschi (2002, p.69) postula que " os processos de referenciação ocupam um lugar central na construção do mundo de nossas vivências ". O problema central não é saber se o mundo está pronto ou se ele tem uma ordem dependente de nossas mentes, mas saber como essa ordem, histórica e sociocognitiva, é percebida, construída, comunicada e utilizada (MARCUSCHI, 2005b). Por essa ótica, o *mundo comunicado* é sempre fruto de um agir intersubjetivo, que decorre da nossa inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos.

Em se tratando do tema da referência numa perspectiva construtivista (cf. APOTHÉLOZ & REICHER-BÉGUELIN, 1995; BONOLI, 2000; GOLLUT & ZUFFEREY, 2000) e sociocognitiva (KOCH, 2005, 2002; MARCUSCHI, 2005b, 2004), o mais importante não é a apreensão exata do real e sua verificação, mas a forma como o real é problematizado, conceituado, discursivizado ou textualizado na e para a defesa de posições. E ainda: como esse ato de " retrabalhar " versões públicas do mundo configura pontos de vista, discretiza a realidade, recorta experiências e orienta a interpretação do discurso e de seus referentes.

A discursivização/textualização do mundo pela linguagem é tão complexa que, como defendem Koch e Marcuschi (1998), não implica um simples processo de representação da realidade física ou mental, mas uma " (re)construção " do próprio real pela reelaboração de conhecimentos e organização da experiência. Em consequência, os *objetos de discurso* não constituem uma adequação à realidade " extralinguística ", porque são

(re)construídos e (re)interpretados no próprio processo de interação para o qual convergem conhecimentos de várias ordens.

Dito de outro modo, "não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente" (MARCUSCHI, 2004, p. 268). Koch (2005, p. 33) acrescenta que "a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele", interpretando e construindo nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural. Nessa relação com o entorno físico, social e cultural, " *nomear* não é apenas situar-se em relação ao objeto, mas é também assumir posição em relação a outras designações do mesmo objeto, através das quais os locutores também assumem posição" (SIBLOT, 1997, p. 55)[76]. Baseando-nos em Siblot (1997), podemos dizer que a relação do nome com o objeto põe em evidência as relações do locutor com o que é designado. Em decorrência disso, o nome não responde integralmente pelo objeto, mas indica a maneira como nós o interpretamos e interagimos com ele. Por isso, para Siblot, a referenciação estabelece uma relação específica com o real nomeado e a prática linguageira que contribui para enriquecer, modificar e restringir os sentidos.

Essa maneira de compreender a referência pode ser relacionada a uma abordagem do discurso que põe em evidência aspectos argumentativos e pragmáticos envolvidos na construção do sentido. Para Vignaux (1981), há algo em comum a todas as produções linguageiras que está na base do próprio funcionamento e da definição de linguagem: escolher o que dizer e avançar sobre determinados sentidos, mais do que outros. Em meio a tantas possibilidades de sentido, temos sempre necessidade, segundo Vignaux, de " fazer sentido " (um sentido " bem nosso ") para autenticar nossos propósitos e argumentos. Nessa ótica, " o discurso produz sentido e responde a um projeto

[76] *Nommer ce n'est pas seulement se situer à l'égard de l'objet, c'est aussi prendre position à l'égard d'autres dénominations du même objet, à travers lesquels des locuteurs prennent également position.*

de sentido " (p.95). Por isso, o sujeito *age*[77] com o objetivo de interferir simbolicamente sobre o mundo, ou ao menos sobre um " certo " mundo, para que "seu fazer sentido " seja aceito, tenha mais valor que outros. É por isso que todo discurso, conforme assinala, Vignaux comporta " outras " maneiras de designar, mostrar e imaginar.

Com base nessa perpectiva, todo discurso é constituído de processos que operam recortes (*découpage*), arranjos (*placement*) e confrontações. Por esse dinamismo, a linguagem revela sua " operacionalidade ", sendo um sistema que permite agir simbolicamente sobre o mundo, precisamente sobre sua organização simbólica, nomeando, classificando o mundo, seus objetos, seus signos. Assim, designar, referir é atribuir especificidades a coisas, elementos, situações. Isso se dá porque os sujeitos argumentam em favor das noções e sentidos que constroem em seus discursos, visando estabeler certas representações, a partir das seguintes operações, segundo Vignaux (1981, p.102) :

- *Identificação* – marcar a existência do objeto no discurso, tematizar esse objeto e especificar suas propriedades.
- *Apropriação* – marcar a relação do sujeito com o objeto: distanciamento, convicção, adesão etc. Implicam-se aqui as apropriações ou desapropriações em relação ao meu próprio discurso, a outros discursos, outros sentidos.
- *Estabilização* – delimitar os sentidos construídos e os campos de significação atribuídos aos objetos de discurso. Isto inclui particularizar as representações para forçar imagens, convicções e, em contrapartida, desestabilizar outras representações, induzindo a sua não-pertinência.

Essas operações contribuem para fundar o " raciocínio " ou " universo perceptual " do discurso. Por meio delas, são efetuadas " integrações " e " exclusões " no agenciamento dos sentidos que o discurso mobiliza. Assim

[77] Essa ação realiza-se tanto no nível do sistema, do que é previsto, reconhecido e aceitável como pertencente a uma língua, quanto no nível das escolhas que o sujeito efetua em cada contexto quanto aos termos e a forma de relacioná-los.

sendo, cada discurso (cada argumentação) pode ser assimilado à " estabilização ativa " de um " micro-mundo " de sentido que atua sobre um domínio ou campo de ações possíveis. Nessa dinâmica, o discurso define as fronteiras de existência de um objeto, quer dizer, suas características e inter-relações (VIGNAUX, 1981, p.105).

Essa dinamicidade que envolve a construção do sentido afeta o processamento da referência, estando estreitamente relacionada à referenciação dos objetos de discurso.

3.2 Referenciação dos objetos de discurso

No campo da Linguística textual brasileira, especialmente, a teoria da referenciação, à luz de perspectivas sociocognitivas e interacionistas, vem há mais de uma década lançando reflexões sobre o processamento textual e a construção do sentido, para os quais a redefinição da noção de referência é crucial. A renovação teórica no estudo da referência é uma prova de que sua investigação, ao estender-se sobre a dimensão do discurso, resultou num novo olhar sobre as operações de designação, identificação e interpretação referencial. Tenta-se, assim, superar a " noção meramente referencialista e representacionalista da língua, para privilegiar as relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante recursos lingüísticos " (MARCUSCHI, 2004, p. 273).

Para Apothéloz & Reichler-Béguelin[78] (1995), não faz mais sentido falar em referentes mundanos ou objetos de mundo, se se entende que os sujeitos estão no centro da atividade de designação, manipulando o desenvolvimento no discurso daquilo que denominam de *objetos-de-discurso*. Para Mondada & Dubois (1995) e Mondada (2001), embora a questão da referência tenha sido historicamente concebida como um problema de representação do mundo, em termos de verdade e correspondência, essa questão deve ser deslocada para um tratamento que privilegie a relação intersubjetiva e social, na qual versões

[78] Apothéloz e Reichler-Béguelin recusam um tratamento puramente lógico das operações de designação por não considerarem uma relação rígida entre língua e mundo.

do mundo são publicamente elaboradas e avaliadas pelos sujeitos enunciadores. Por essa razão, as autoras passam a utilizar o termo *referenciação* para tratar da referência como um *processo realizado no discurso*, resultante não de uma ontologia dada, mas de práticas simbólicas complexas.

De acordo com Mondada & Dubois (1995), essas práticas estão associadas à construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade de negociações e modificações de concepções públicas do mundo. Por isso, as verdades constituem " produções discursivas ", que têm como ponto de intersecção o mundo empírico e mentes que podem agir intersubjetivamente. Isso faz com que a própria objetividade tenha sua fonte na intersubjetividade, já que o conhecimento dito objetivo, assim como as verdades e categorizações, são frutos de uma " triangulação entre dois indivíduos e o mundo " (MARCUSCHI, 2005b, p.132). Assim, os objetos de conhecimento são objetos de discurso.

Por essa forma de compreender os referentes, o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso. Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) entendem que o emprego do léxico para a referência está submetido a um conjunto de dispositivos extremamente maleáveis e contextualmente trabalhados no e pelo discurso, que não pode ser feito independentemente da instância que a *toma sob sua responsabilidade*.

Por isso, como esclarecem Mondada & Dubois, a instabilidade dos objetos de discurso, possível pela *recategorização*, depende muito mais da *multiplicidade de pontos de vista* que os sujeitos exercem sobre o mundo, do que de um contrato imposto pela sua materialidade. Aquilo que é dito estável sobre um objeto pode ser descategorizado, recategorizado sob efeito de uma mudança de contexto ou de *ponto de vista*. De acordo com essa abordagem, as categorias são tratadas como criação, transformação (daí o caráter flexível e dinâmico dos objetos), ou ainda, como *posições enunciativas*, que intervém na estruturação do discurso e construção de sua coerência. Assim é possível

observar a maneira pela qual os sujeitos as tratam e as estabelecem no curso de ações específicas.

Isso implica considerar o texto como " o próprio *lugar* da interação " e os interlocutores como sujeitos ativos que dialogicamente " nele se constroem e são construídos " (KOCH, 2002, p. 17). Por essa razão, defende Koch (2008, p. 30) que o processamento do discurso, realizado por sujeitos sociais, é " um processamento estratégico ", em que vários saberes são mobilizados. Esses saberes referem-se não só a conhecimentos textuais, linguísticos e metadiscursivos, mas também a " características dos usuários da língua ": " seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo ". E a mobilização desse conhecimento, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, do saber disponível a partir do texto e do contexto, de suas crenças, opiniões e atitudes.

Considerar o discurso como um meio de construção dos referentes e de sentidos possibilita um olhar atento para a progressão dos referentes no texto, como fazem Marcuschi & Koch (1998) e Koch & Marcuschi (1998). É nessa *progressão referencial*, que diz respeito à introdução, identificação, preservação, continuidade e à retomada dos referentes, que estes se encadeiam para o desenvolvimento do tópico e a construção da coesão e da coerência.

Ao admitir a dinamicidade dos objetos de discurso na progressão referencial, Koch (2002) explica que, uma vez introduzidos, eles podem ser modificados, desativados, reativados, recategorizados, contribuindo para (re)construir o sentido no curso da progressão textual. Esta, por sua vez, não se dá numa continuidade linear, como se o texto fosse processado numa soma cumulativa de partes, mas, segundo Koch, numa oscilação entre dois movimentos: um para frente e outro para trás, que em parte são representados pela anáfora e catáfora. Esses dois movimentos, especialmente a anáfora, indicam que o processamento textual é feito por diferentes estratégias de referenciação, nominais e pronominais (MARCUSCHI & KOCH, 1998; KOCH & MARCUSCHI,1998; KOCH, 2002).

Entre essas estratégias destacamos as expressões ou **formas nominais referenciais anafóricas**. Como destaca Koch (2004b, p.244), " são formas nominais anafóricas os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no cotexto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes ". Koch (2002) situa as formas nominais como as principais estratégias de referenciação, ao lado dos pronomes, sendo um dos recursos coesivos mais produtivos da textualidade. Do mesmo modo, Francis (1994) as analisa como um recurso coesivo extremamente comum nos discursos de natureza argumentativa, vez que, através do encapsulamento anafórico, elas rotulam, predicam, avaliam e orientam a interpretação de uma porção antecedente do discurso ou uma quantidade variável de informações precedentes.

3.3 Formas nominais anafóricas

Para o esclarecimento de alguns aspectos que envolvem o processamento da *formas nominais anafóricas*, seguiremos a orientação de Koch (2002) e Marcuschi (2005a) que distinguem as anáforas em: anáforas diretas (AD) e anáforas indiretas (AI). Em termos gerais, é possível dizer que a correferência é um fator importante, embora não suficiente para entender essa distinção. Em geral, as AD são correferenciais na medida em que solicitam um antecedente explícito, um referente pontual na superfície do texto (aqui se incluem as anáforas em sentido estrito). Porém, existem as AD que, mesmo solicitando um antecedente no cotexto, não operam correferencialmente, mas apenas por recategorização lexical. Já as AI são sempre não correferenciais, pois, ao invés de solicitarem um antecedente no cotexto, apoiam-se em gatilhos ou " âncoras "[79] textuais, que funcionam como elementos ou informações suporte para a interpretação referencial.

A interpretação referencial, portanto, não consiste na simples localização de " um segmento linguístico no texto (um antecedente) ou um objeto

[79] Termo utilizado por SCHWARZ, M. *Indirekte anaphern in texten.* Studien zur domängebundenen referenz un kohärenz im deutschen. Tübingen : Niemeyer, 2000.

específico no mundo, mas sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva " (KOCH, 2005, p.35). Desse modo, as formas nominais têm uma função avaliativa que, segundo Koch (2004b, p.252) traz ao leitor informações sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido. Em virtude do seu valor persuasivo, as formas nominais podem dar a conhecer ao interlocutor, propriedades ou fatos relativos ao referente que o locutor julga desconhecidos ao outro.

Como recursos coesivos dos mais produtivos da textualidade (KOCH, 1999), as formas nominais se caracterizam por operar uma seleção dentre as diversas propriedades do referente, que, em dada situação discursiva, interessa ao locutor destacar, sendo relevantes para a realização de seus propósitos comunicativos (KOCH, 1999, 2002, 2004b, 2005). É nessa seleção de propriedades que as formas nominais admitem não apenas determinantes (det.) – artigos definidos, indefinidos[80] e pronomes demonstrativos – , mas também modificadores, que podem ser adjetivos e orações adjetivas, escolhidos de acordo com a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto. Seguindo o esquema de Koch (2002, p. 87), as formas nominais podem assumir a seguinte configuração:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Segundo Koch (2004b, p.245), o núcleo dessas formas pode consistir na repetição (total ou parcial) do antecedente ou pode efetuar-se por meio de sinônimos ou parassinônimos, hipônimos/hiperônimos e nomes genéricos. Nesses casos, há uma relação explícita entre a anáfora e o antecedente textual, sendo a AD uma espécie de " substituto " do termo retomado, como acontece no trecho 1 abaixo, em que a forma nominal "o sistema" retoma "equipamento":

[80] Apesar de as formas nominais serem tradicionalmente rotuladas como "definidas" (descrições definidas, expressões nominais definidas), elas podem ser determinadas pelo artigo indefinido. O indefinido não inviabiliza a remissão, nem compromete a coerência (cf. Koch, 2002, p. 88).

1. (...). A [ereção] do tipo noturna acontece durante o sono. Essa última, segundo Fernando Korkes, tem uma função fisiológica. Sabe quando piscamos porque o olho está seco? Mesma coisa, é involuntário. No caso do pênis, é para manter **o equipamento** bem oxigenado e garantir o bom funcionamento d **o sistema**. Significa que pode acontecer ao lado da maior gostosa do mundo ou da minha avó. WH5

Nesse exemplo, as formas nominais destacadas podem ser interpretadas como casos de hiperônimo em relação ao "pênis", porque outros componentes do aparelho sexual masculino estão em jogo nessa referência. No que diz respeito à coerência textual e à orientação argumentativa do trecho, a forma de apresentação do referente pênis, como " equipamento " e " sistema " põe em evidência o quanto as leitoras precisam aprender sobre o que entra em jogo na excitação sexual masculina. Vale salientar que essa reportagem foi escrita por locutor masculino, visando instruir às leitoras para usufruírem melhor do *equipamento*. A forma nominal " o dito-cujo ", que aparece logo no início da reportagem (trecho 2 abaixo), é uma evidência metalinguística[81] de que o pênis, sendo " o assunto ", é o principal referente ao qual são atribuídas diversas determinações que apontam para um saber social a respeito do orgão ; daí o tom irônico da expressão. Assim é exposto logo no início da reportagem:

2. Antes de entrar em ação, você precisa aprender os mecanismos d **o equipamento** que vai operar: bem-vinda ao manual de uso d **o pênis**! Escalamos para **essa missão** quem mais entende d **o assunto**: um homem. Ele mapeou **o dito-cujo** tintim por tintim e, de

[81] As formas nominais podem funcionar como rotulações no nível metalinguístico/metadiscursivo. Essa função discursivo-cognitiva das formas nominais não constitui objeto de análise em nossa tese.

quebra, ensinou técnicas para você enlouquecer seu parceiro na cama (no chuveiro, no sofá, no carro...) hoje mesmo. WH5

Nesse exemplo, há uma relação de parassinonímia, caso de AD não correferencial que se processa na relação co(n)textual entre " pênis " e " equipamento ", uma rotulação muito comum nas reportagens das revistas WH e MH. É visível a conotação pragmática e instrumental atribuída ao órgão masculino pelas revistas. Desse modo, saber operar o " equipamento " para enlouquecer o parceiro é, mais do que um aprendizado, uma " missão ", de acordo com a orientação argumentativa da reportagem. Ao evidenciar a importância desse empreendimento, a forma nominal " essa missão " é indicativa do pdv que guia a interpretação da reportagem e dita seu fazer persuasivo (um manual com explicações de como proceder). A forma nominal " essa missão " constitui uma AI com função " encapsuladora " ou de " sumarização ", que evidencia escolha e seleção das propriedades do referente que interessam ser destacadas pelo locutor. Como destaca Koch (2004b), as formas nominais encapsuladoras (cf. CONTE, 1996), ao recategorizarem segmentos precedentes do cotexto (e não referentes específicos), constituem rótulos avaliativos que nomeiam referentes textuais abstratos. Os rótulos também podem atuar como núcleo-genérico ou inespecífico, como é o caso da anáfora nominal " o assunto " no trecho 2.

Afora isso, as expressões rotuladoras, segundo Koch (2004b, p.255), desempenham duas funções textuais importantes: i) rotulam uma parte do cotexto precedente e ii) estabelecem um novo referente, que poderá constituir tema específico para enunciados subsequentes. Ao refocalizarem e (re)ativarem o referente, as formas nominais rotuladoras têm função predicativa, pois introduzem novas informações sobre o referente. É o caso da expressão metafórica " seu elixir " e da descrição definida " esses grilos ", que aparecem no trecho 3 abaixo:

3. Educação repressora, desinformação, preconceito: junte tudo isso e está formado o bloqueio. Mas você sabe onde devem ficar **esses grilos**, não? Isso, lá longe, no passado. Em pleno século 21, não

> existe mais **essa bobagem de práticas não permitidas a moças de família**. “ **As variações orais e anais** são bem-vindas, desde que a segurança e o prazer estejam garantidos ”, diz Carmita Abdo. Se **sua encanação** é com a higiene, saiba que a maioria dos homens *curte*, e muito, **o “ cheiro de mulher ”**. Então a dica é cuidar da assepsia local sem exageros. Afinal, como diz Laura, “ vagina tem cheiro de vagina ”. Vale lavar com um sabonetinho cheiroso e só. De resto, deixe a natureza falar por si e verá que **seu elixir** funciona como **um afrodisíaco** para ele. WH1

Nesse trecho, a forma nominal “esses grilos”, ao rotular *educação repressora, desinformação, preconceito e bloqueio*, imprime um tom subjetivo a essa atribuição que particulariza a forma como a revista representa a percepção das leitoras, particularmente o modo como elas encaram o tema. Mais adiante, a forma nominal “ sua encanação ” recategoriza e encapsula as informações do primeiro enunciado do trecho, estabelecendo relação de parassinonímia com o nome-núcleo “ grilos ”. Essas duas expressões particularizam, na compreensão do locutor, a percepção do enunciador feminino, precisamente sua forma de lidar com o sexo oral. Daí ser um caso de PEC limitada ou imputação. Nesse trecho, ocorre ainda denominação reportada explícita por meio de aspas (conotação autonímica), como acontece com a expressão *o “ cheiro de mulher ”* que introduz de forma não convencional “ a voz ” do locutor masculino. Não há aqui verbo de introdução de opinião, mas um verbo de percepção *curtir*, seguido do nome-núcleo entre aspas. Essa expressão é retomada através de uma comparação (“ funciona como.... ”) no fim do trecho pela descrição indefinida “ um afrodisíaco ”. Essa expressão imputa um pdv ao enunciador masculino, assim como introdução de nova informação com intenção persuasiva para convencer a mulher de que não se deve abusar da assepsia local, tornando coerente a expressão “ seu elixir ” que recategoriza o objeto de discurso, especializando o sentido atribuído ao “ cheiro de mulher ”.

Outro exemplo de denominação reportada é o rótulo “ essa bobagem de práticas não permitidas a moças de família ”. Como uma forma nominal *híbrida* (referencial e predicativa) essa expressão é marcada pelo “ empilhamento ” de pontos de vista. Ela retoma implicitamemte um saber social conservador que condena o sexo oral, aquilo que não é permitido para “ moças de bem ”, ao mesmo tempo que imprime a crítica a esse pensamento, “ essa bobagem ”, segundo L1/E1. Tal fato exprime o pdv do locutor não só a respeito da posição alheia, mas também sua posição sobre o enunciador. O pronome demonstrativo “ essa ” aponta para uma informação saliente na memória discursiva, sendo, portanto, conhecida e partilhada pelo interlocutor.

A expressão “ essa bobagem ” marca diferenciação em relação ao discurso especializado, no qual esse objeto de discurso é recortado de maneira mais científica (nocional), através da forma nominal “ as variações orais e anais ”. Essa expressão, no trecho em aspas, marca o pdv de Carmita Abdo, professora da Faculdade de Medicina da USP e diretora do Programa de Estudos em Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Como “ multifuncionais ”, a função das formas nominais não é apenas referir, pois, como atesta Koch (2002, p. 106), elas *contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando orientações argumentativas e recategorizando objetos* presentes na memória discursiva. A recategorização ocorre em muitos casos de retomadas correferenciais, como acontece com as expressões em negrito “ a garota de seus sonhos ” e “ a juíza ” no trecho 4 abaixo :

4. Para entender como a coisa funciona, imagine que **a garota dos seus sonhos** finalmente aceite seu convite para sair. Você a leva para jantar em um lugar romântico, escolhe um cantinho discreto para terem privacidade, e consequentemente, compartilharem momentos de pura intimidade. Beijos suaves evoluem para carinhos mais excitantes atrás da orelha – inclusive acompanhados de risinhos de aprovação. Depois seu braço escorrega pelos ombros

dela, massageando *aquela pele magnífica* – e ela geme baixinho. Sem qualquer resistência, suas mãos avançam.

Parece até que você está ouvindo o grito da torcida incentivando-o a fazer o passe derradeiro para o gol. Aí você vê *os dois centroavantes* livres e avança. Mas eis que **a juíza** marca impedimento: “Pare aí mesmo”. MH2

Expressões como “ a juíza ” homologam a recategorização do objeto de discurso ao longo da progressão textual (cf. KOCH & MARCUSCHI, 1998). Nesse sentido, o referente em questão não é apenas “ a garota dos sonhos ”, mas uma mulher que dá as regras e freia a investida masculina. Nesse clima sedutor, mesclam-se dois tipos de jogos : a sedução e o futebol. Esse último atua como frame ou esquema cognitivo para a construção e a interpretação dos objetos de discursos apresentados aos leitores. Destacam-se, ainda, dois casos de referência sem identidade material: as expressões (em itálico) “aquela pele magnífica” e “os dois centroavantes”. Como anáforas indiretas, esses referentes encontram-se salientes na memória discursiva, sendo interpretados a partir das pistas semânticas apresentadas no texto. O jogo da sedução estabelece o esquema cognitivo que envolve corpos, orelha, braço, mão, ombro, “ aquela pele magnífica ”, e os seios que são reinterpretados sob a ótica da arena de futebol: “ os dois centroavantes ”. O sucesso da sedução associa-se à conquista do gol. A metáfora dos “ centroavantes ” e a associação ao gol funcionam como uma espécie de “ design de audiência ” (cf. BELL) da reportagem que se inclina para as preferências masculinas na construção do sentido e da referência.

Esse conjunto de exemplos evidencia que a atividade de referir não é necessariamente correferencial, e para seu entendimento é preciso levar em conta algum tipo de relação - semântica, cognitiva, pragmática. Assim, as formas nominais anafóricas não podem ser tratadas como um fator de “ clonagem referencial ”, como bem critica Marcuschi (2005), ou como um mero

processo de identificação de referentes salientes, por uma abordagem localista (*approche localisante*), contestada por Kleiber (1994)[82].

Essa reorientação no estudo da referência e consequente ampliação do conceito de anáfora possibilitaram um olhar mais atento sobre o funcionamento das formas nominais, que foi aqui descrito conforme Koch. Ao guiarem o interlocutor na construção do sentido, as formas nominais (ou expressões nominais remissivas):

> funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite ao leitor/ouvinte construir, com base na maneira como se encadeiam e remetem umas às outras, um "roteiro" que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto e, consequentemente, para as leituras possíveis que, a partir dele, se projetam. (KOCH, 2005, p.46)

O encadeamento das formas nominais exerce um papel fundamental na construção textual do sentido. Elas atuam na construção desse " roteiro " de leitura para o qual convergem aspectos cognitivos, semânticos, pragmáticos, axiológicos etc. Dessa maneira, existe uma relação intrínseca entre as formas nominais e a " construção dirigida das interpretações ", o que permite considerá-las como recursos linguísticos que atuam expressivamente na representação do pdv.

Considerando que a representação do pdv é um fenômeno dialógico, então podemos dizer que as formas nominais, ao atuarem na construção do pdv, tem uma constituição dialógica. Desse modo, postulamos que as formas nominais podem apresentar-se como autodialógicas e heterodialógicas.

3.3.1 Formas nominais autodialógicas

As formas nominais autodialógicas atuam na reformulação do pdv de L1/E1. Por consequência, aparecem na cadeia referencial com sentido

[82] KLEIBER, Georges. *Anaphores et pronoms*. Louvain-la-Neuves : Duculot, 1994.

diferente daquele que lhes vinha sendo atribuído. Essas formas nominais atuam homologando transformações sofridas pelo referente na cadeia anafórica. Um exemplo disso é o modo como o locutor refere-se à personagem feminina no trecho 4 analisado anteriormente. A forma nominal " a juíza " retoma " a garota dos seus sonhos ", homologando transformações sofridas pelo referente na cadeia anafórica:

> "...imagine que **a garota dos seus sonhos** finalmente aceite seu convite para sair. Você a leva para jantar em um lugar romântico, escolhe um cantinho discreto para terem privacidade, e consequentemente, compartilharem momentos de pura intimidade. (...). Mas eis que **a juíza** marca impedimento".

As formas nominais autodialógicas são uma evidência da reformulação ou de uma reacentuação no discurso de L1/E1, que se justifica pela mudança de percepção do locutor/enunciador acerca do objeto de discurso, sem a interferência (explícita ou direta) do pdv de outros enunciadores. Como um caso de PEC integral, a reformulação implica um reajuste na percepção do locutor, que atua intensamente na orientação argumentativa do texto. Ademais, as formas nominais autodialógicas não implicam necessariamente uma autorreferência.

3.3.2 Formas nominais heterodialógicas

As formas nominais heterodialógicas atuam na representação do pdv de enunciadores segundos e na representação do pdv de L1/E1 sob influência desses enunciadores. As formas nominais heterodialógicas apresentam-se por diferentes procedimentos de representação do pdv, dentre os quais citamos o empilhamento de pdvs.

O empilhamento de pdvs é atestado quando uma forma nominal aponta para o pdv de mais de um enunciador, sendo marcada pelo entrecruzamento de dois pontos de vista em uma só forma. No trecho 3 analisado anteriormente

(p. 100), encontramos uma forma nominal heterodialógica que permite a L1/E1 não apenas retomar, mas também avaliar o saber comum relativo ao sexo oral: “ essa bobagem de práticas não permitidas a moças de família ”. A forma verbal no particípio “permitidas” juntamante com o termo “ moças de família ” é indicativo de um pdv dóxico[83] que opera como fonte enunciativa. Daí o empilhameno de pdvs, pois essa forma nonimal indica pdv afirmado de L1/E1 e a representação de um pdv dóxico que não vê com bons olhos a prática do sexo oral por moças de família.

A forma nominal “ possível parceiro ”, no trecho 5 abaixo, é também marcada pelo empilhamento de pontos de vista :

5. Registro feito - homem alto, forte e atraente - , a amídala lobo temporal se acendeu como fogos de artifício. O hipotálamo dela, é óbvio, ordenou a abertura das válvulas de testosterona (no corpo da mulher, o hormônio masculino funciona como uma gasolina aditivada, acelerando as reações orgânicas), que, por sua vez, provocou a excitação sexual, aquele frio na barriga. Seu medo é que o cérebro feminino o rejeite como **possível parceiro**? MH2

A indagação feita ao leitor nesse trecho dá suporte ao caráter híbrido da forma nominal, juntamente com o verbo “ rejeitar ”. Isso implica dizer que a condição de “ parceiro ” é desejada tanto pelos homens, indicando pdv masculino, quanto pelas mulheres, ainda que possam recusar o parceiro. Assim, a possibilidade de ser “ parceiro ” afeta os anseios e expectativas masculinos e femininos, embora essa condição não seja definida *a priori* para as mulheres. O empilhamento de pdv por uma única forma nominal evidencia que a referência é cunhada na intersecção de dois horizontes perceptuais. Esses horizontes são, na verdade, representados por L1/E1 que mescla os pdvs, feminino e masculino, imputando-os a estes enunciadores sem que estes possam assumir a responsabilidade sobre o dito ou, simplesmente, falar. É

[83] O pdv dóxico pode ser associado à dêixis de memória.

preciso dizer ainda que o empilhamento não implica necessariamente consonância, muito menos coenunciação.

Além do empilhamento de pdvs, as formas nominais heterodialógicas podem ser vislumbradas na representação do pdv de L1/E1 sob influência de outros enunciadores. Isso pode ser observado nos dois trechos abaixo, em que as formas nominais em destaque indicam pdv afirmado de L1/E1 sob influência de enunciadores especialistas:

6. “Da mesma maneira que existem pênis maiores e menores, com curvatura para esquerda ou direita, há as particularidades de cada vagina. A preocupação é feminina, eles não se ligam nisso”, *diz* Jussania. Se o grilo com a anatomia for difícil de vencer, Saadeh *aconselha* conversar primeiro com um ginecologista de confiança e depois com seu parceiro. “Homens experientes reconhecem as diferenças femininas.” Quer dizer, os inseguros é que exigem formato-padrão. Acredite: quanto mais segura e à vontade com seu corpo, mais sexy e atraente você parecerá aos olhos dele. Então, considere a sua vagina *como* **um elemento a mais que deve e merece ser explorado**. WH2

7. Uma semana vira um mês, que vira seis, que se transformam em um ano. Soa familiar? Então é melhor ficar alerta — a situação pode ser mais preocupante do que você imagina. “Dar vazão à libido e consequentemente fazer sexo é tão básico quanto comer, matar a sede e dormir. O desejo está diretamente ligado ao equilíbrio emocional”, *diz* a psicóloga e terapeuta sexual Ana Claudia Alvim Simão, de São Paulo. Mas calma, vamos ajudá-la a entender **esse complexo mecanismo da libido** e a reavivar a brasa que ainda existe em você. WH1

O heterodialogismo nos trechos acima se dá pela apropriação do pdv dos especialistas. Tal apropriação dá-se como uma reformulação do pdv do

especialista que, ao orientar argumentativamente o texto, atua na defesa das seguintes posições:

> i) a mulher não tem que ter vergonha do próprio corpo, particularmente do formato da vagina no ato sexual (trecho 6)
>
> ii) a mulher precisa pensar mais em sexo e fazer mais sexo (trecho 7).

Nos dois trechos, as formas nominais em negrito indicam que as informações precedentes são reacentuadas por L1/E1 que delas se apropria atribuindo-lhe predicações. Tal como representado no trecho 6, se os homens não ligam para o formato da vagina, logo as mulheres *devem considerá-la* como " um elemento a mais que deve e merece ser explorado ". Essa forma nominal indefinida predica novos atributos sob a forma do já conhecido, uma vez que a orientação argumentativa do trecho dirige a interpretação na direção dessa conclusão. Interessa notar que alguns recursos linguísticos[84] podem auxiliar na captação da reformulação do pdv como acontece com a expressão " quer dizer ": " *Homens experientes reconhecem as diferenças femininas. " Quer dizer, os inseguros é que exigem formato-padrão*. Essa expressão é imediatamente reforçada pelo verbo " acreditar " que, na sequência persuasiva, culmina com o operador de conclusão, seguido do verbo no imperativo: " então, considere ". Evidencia-se, claramente, um trabalho sobre o conteúdo do discurso, particularmente a interpretação em simetria ou prise en compte em grau máximo, na base do acordo por parte de L1/E1 sobre o que é apresentado como sendo do outro. Daí ser um caso de PEC.

Embora no trecho 7, a reformulação seja menos explícita, em decorrência da falta de recursos linguísticos desse tipo que lhe dêem suporte, isto não impede de considerar a forma nominal " esse complexo mecanismo da libido " como uma evidência de heterodialogismo. Aqui a reformulação também se processa como acréscimo de informação nova sob a base do dado, em função das pistas semânticas que o trecho oferece previamente. Assim,

[84] Esses recursos estão sublinhados nos dois trechos.

embora fazer sexo seja tão básico como comer e dormir, o desejo sexual provém do equilíbrio emocional. Nesse sentido, o desafio do " equilíbrio emocional " funciona como uma espécie de gatilho cognitivo para compreender a libido como " um mecanismo complexo ". A seleção desses itens lexicais na interpretação do objeto de discurso e para a representação do pdv também contribui para valorizar o papel aconselhador da revista quanto às instruções que pode fornecer às leitoras para " ajudá-la(s) a entender " esse mecanismo. Reforçar-se o pdv de L1/E1 e sua credibilidade enunciativa, bem como seu papel de coenunciador em relação aos especialistas. Essa postura de coenunciação faz com que L1/E1 tome sob sua responsabilidade o pdv dos enunciadores segundos. E ainda que a fala dos especialistas seja marcada pelo uso de aspas e dos verbos " dizer " e " aconselhar ", configurando o distanciamento entre os enunciadores, é no final dos trechos que as fronteiras se apagam, assinalando a coenunciação e consagrando o acordo. Dessa forma, o pdv dos enunciadores segundos influencia a " colocação das informações " no discurso, bem como a forma de perspectivá-las.

Esses exemplos são apenas uma amostra da representação do pdv através das formas nominais heterodialógicas, pois existem outros procedimentos de representação do pdv, que se manifesta por meio dessas formas. Essas manifestações heterodialógicas serão largamente discutidas no capítulo seguinte.

Para finalizar essa seção, podemos dizer que a representação de pontos de vista e consequente orientação argumentativa dos trechos analisados não podem ser feitas sem a presença de L1/E1 que, como um narrador ou regente, põe à mostra diferentes objetos tecidos tanto no encontro/confronto de discursos, por formas nominais heterodialógicas[85], como na reformulação do seu pdv, por formas autodialógicas.

Por tudo o que foi discutido nesse capítulo, consideramos que a construção dos objetos de discurso e consequentemente o modo de apresentação dos referentes estão diretamente relacionados à construção do

[85] Em se tratando do gerenciamento de posições no discurso, as formas nominais heterodialógicas destacam-se na análise da construção do pdv em nosso *corpus*.

pdv. Dito de outro modo, o pdv atua na seleção lexical e na escolha das propriedades que interessam ao locutor destacar em relação a um objeto de discurso. Ao articular a abordagem do ponto de vista ao estudo da referenciação, nossa preocupação reside em examinar a progressão das formas nominais e seu modo de apresentação, que necessariamente assinalam enunciadores. Se o modo de apresentação dos referentes assinala enunciadores no discurso, então analisar a progressão das formas nominais é um modo de examinar a construção do pdv. Em termos mais específicos, podemos dizer que a análise das formas nominais possibilita investigar as relações locutor/enunciador e os fenômenos de PEC e imputação, que caracterizam a representação de pontos de vista. Na dimensão do autodialogismo e principalmente do heterodialogismo, essas questões podem ser observadas, assim como a representação de saberes, percepções ou dizeres de um enunciador no discurso, por essa constante referência a si e ao outro. Essas questões serão atentamente analisadas no capítulo seguinte.

IV.

A representação de pontos de vista por formas nominais

Este capítulo analisa a construção textual-discursiva do ponto de vista por meio das formas nominais nas reportagens sobre sexo e relacionamento das revistas *Women's Health* e *Men's Health*. Embora alguns trechos das reportagens tenham sido analisados nos capítulos anteriores, como um procedimento explicativo para as questões teóricas em discussão, a ênfase neste momento recai especificamente sobre o *processamento das formas nominais na representação do pdv*. Como discutido nos demais capítulos, a representação do pdv é inescapável às relações locutor/enunciador no quadro do dialogismo. E, a depender da maneira como essas relações se processam, elas podem ser consideradas como heterodialógicas ou autodialógicas.

Considerando que o autodialogismo e o heterodialogismo atuam como dois macro níveis de análise do gerenciamento das posições no discurso, a representação do pdv, como um fenômeno dialógico, será examinada com base nessas duas dimensões. Assim, a relação de L1/E1 com enunciadores segundos e a relação de L1/E1 com " ele mesmo ", pela reformulação de seu pdv, atuam como dois níveis de investigação do pdv. A partir das nossas análises, será possível observar que, em nosso *corpus,* o heterodialogismo abriga procedimentos variáveis de manifestação do pdv através das formas nominais, sendo o autodialogismo muito discreto, atuando em menor incidência. Uma questão maior que se coloca a partir do momento em que se consideram esses dois níveis de análise é: *como se coloca a perspectiva de si e do outro*? E ainda : como as formas nominais podem atuar nesse processo ? Que procedimentos de representação contribuem para perspectivar os objetos de discurso, orientando argumentativamente o texto?

Enquanto instrumentos linguísticos para a análise da construção do pdv em nossa tese, as formas nominais constituem o *locus* para analisar a "colocação das perspectivas" e essa forma de marcar o eu, o outro ou o nós pelo modo como se gerencia as posições no discurso. Sendo assim, é na

dimensão do autodialogismo e, principalmente, do heretodialogismo que analisaremos como os objetos de discurso são perspectivados e em que medida a forma nominal pode apontar para um ou mais enunciadores na construção do pdv. Além disso, as relações locutor/enunciador que atuam na construção do pdv serão consideradas através dos fenômenos de PEC e imputação, assim como da hierarquização dos enunciadores.

4.1 Dimensão do autodialogismo : reformulação do pdv de L1/E1

Na dimensão do autodialogismo, o objeto de discurso progride a partir da reformulação do pdv de L1/E1 "por ele mesmo", sem marcas cotextuais de que a forma nominal seja resultado direto da percepção ou do dizer de outros enunciadores. Assim sendo, a forma nominal, resulta do ajuste conceitual ou da mudança de percepção de L1/E1 a respeito do referente. Esse ajuste é reflexo da orientação argumentativa do texto que avança mais sobre determinado sentido, para fazer valer determinada compreensão acerca do objeto de discurso. A forma nominal autodialógica testemunha a reformulação, predicando novos atributos ao referente e homologando traços de sua transformação, previstos no contexto. No trecho abaixo, as formas nominais "a neurótica" e "a fera" evidenciam a reformulação do pdv e a recategorização do referente "a namorada".

1. Ela vê suas amigas como inimigas

   Como ela age. Aquela amiga superdescolada, moderna e independente começa a receber adjetivos não menos lisonjeiros. No começo, você a defende, mas quando percebe que é uma briga inútil, você sai de cena. Ou seja, para evitar conflitos com **a namorada**, você se afasta da amiga, não vai à festa de aniversário de outra colega e, aos poucos, não convive mais com a turma. O resto da história tende a seguir o mesmo roteiro: você opta pel **a namorada** e a amizade nunca mais é a mesma.

> Como se libertar. Comece civilizadamente explicando que essa amizade não tem benefícios, ou seja, você não transa com a amiga. Embora o mundo não acredite que homens e mulheres possam ser amigos, você precisa convencê-la de que isso é possível sim. Num segundo momento, inclua **a namorada** nos programas com a amiga e peça que ela dê uma paparicada n**a neurótica**, para que **a fera** pare de mostrar os dentes. Se não adiantar, use outra tática: não fale da amiga, mas também não se afaste dela. "É um jogo sujo da sua namorada, então jogue com a mesma moeda", sugere Valeria Meirelles. MH3.

Embora o autodialogismo possa atuar na representação do pdv de L1/E1, as formas nominais autodialógicas não constituem uma ocorrência expressiva em nosso *corpus* se comparadas às formas nominais heterodialógicas. É raro ocorrer a reformulação do pdv de L1/E1 "por ele mesmo", sem a influência de enunciadores segundos, e mesmo a manifestação do pdv de L1E1 por ele mesmo, já que há uma tensão enunciativa entre as perspectivas, feminina e masculina, que configura a construção do ponto de vista nas reportagens. A representação do pdv de L1/E1 sob a influência de enunciadores segundos será tratada, mais adiante, na seção 4.5 que trata das ocorrências de heterodialogismo II. A distinção entre heterodialogismo I e II é apenas um procedimento explicativo pelo qual diferenciamos: I) representação do pdv de enunciadores segundos e II) representação do pdv de L1/E1.

4.2 Dimensão do heterodialogismo I : representação do pdv de e2

Na dimensão do heterodialogismo I, precisamente no que se refere às relações locutor/enunciador, postulamos que a representação do pdv de enunciadores segundos (e2) pode ser feita de dois modos:

i) Representação do pdv de e2 como locutor anterior

ii) Representação do pdv de e2 apenas como enunciador.

Esse dois modos comportam particularidades no que diz respeito aos dispositivos de PEC, prise en compte e imputação, assim como às modalidades do pdv. As modalidades do pdv sinalizam se o pdv representado aponta para: i) o dizer assumido pelo locutor anterior (pdv afirmado) e ii) o dizer, pensamento/percepção, atitudes ou comportamentos atribuídos ao outro (pdv representado e/ou pdv narrado). Assim, a representação do pdv de enunciadores segundos como *locutor anterior recai principalmente sobre o dizer*, enquanto que a representação do pdv do outro *apenas como enunciador recai sobre percepções e ações*, já que não há pistas cotextuais de que o outro foi locutor em contexto anterior.

4.3 Representação do pdv de e2 como locutor anterior

Esse procedimento de representação marca as relações entre L1/E1 e enunciadores segundos. Isso implica considerar a forma como L1/E1 representa o que foi dito por e2 em contexto anterior : se dará "fala" ao outro (dizer afirmado) ou se dirá por si, representando o que foi dito pelo outro (dizer representado). Além disso, é necessário considerar o modo como L1/E1 considera (prise en compte) esse dizer: se na base do acordo, desacordo ou "neutralidade". Na maior parte das ocorrências de nosso *corpus*, o dizer representado ou afirmado aponta para o enunciador especialista que coenuncia com L1/E1. Assinalamos, nas subseções seguintes, os aspectos que caracterizam esse tipo de representação em que e2 é apresentado como locutor anterior.

4.3.1 Dizer representado em coenunciação

O dizer representado por coenunciação implica *pdv representado de e2 e prise en compte no acordo por parte de L1/E1*. Considerando que e2 foi

locutor em contexto anterior, sua presença é marcada por locuções conjuntivas conformativas (“de acordo com”, “segundo x...”, “para x...”) ou verbo de dizer ou ação metalinguística (“destaca que...”). O *dizer representado por coenunciação* pode realizar-se por meio do discurso indireto.

Nos exemplos abaixo, a presença de e2, enunciador especialista, identifica-se pela porção sublinhada através da estrutura: e2 + verbo, ou expressão conformativa + e2. As formas nominais anafóricas e predicativas estão marcadas em negrito. Assinalamos (1) para as formas anafóricas e (2) para as formas predicativas.

2. Cientistas dizem que as pessoas que começam o dia fazendo sexo são mais saudáveis e mais felizes em todos os aspectos, comparadas àquelas que não se entregam à luxúria. (...). Segundo um estudo da Universidade Queen’s, no Reino Unido, **o prazer matutino(1)** é capaz de melhorar o funcionamento de diferentes órgãos, reforçar suas defesas, melhorar a circulação e diminuir a pressão. Além disso, reduz o risco de diabetes, fortalece ossos e músculos e ajuda a aliviar dores de cabeça. O trabalho, publicado na revista britânica *New Scientist*, destaca ainda que se trata de **uma atividade que detona até 300 calorias por hora(2)** Quer mais? WH6

3. Se seu parceiro estiver deitado de costas, com uma de suas mãos vá abrindo espaço entre as coxas masculinas, com seu polegar apontando para os genitais dele, sugere Alexis Arvidson, mestre em ciência da acupuntura pela Faculdade de Acupuntura Tri-State, de Nova York, nos EUA. (...) De acordo com antigas técnicas, ao estimular **essa área sensível do corpo do homem (1)**, o sangue flui mais rapidamente, o que o levará a começar o dia com uma explosão nas regiões íntimas. WH6

4. Assim que acordar, chegue próximo ao seu namorado e dê uma fungadinha nele. Como ele ainda não tomou banho, você sentirá mais intensamente seu cheiro natural. De acordo com cientistas da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, nos EUA, o odor almiscarado da axila masculina é comprovadamente **um estimulante da libido(2)**. Na boa, você não pode perder essa! WH6

5. Para a professora e coordenadora do Projeto de Sexualidade da Universidade de São Paulo, Carmita Abdo, que concluiu em novembro o estudo Mosaico Brasil, sobre o comportamento afetivo-sexual do brasileiro, em parceria com a Pfizer, somos **um povo ativo na cama(2)**, com uma fantástica capacidade de fantasiar. WH7

4.3.2 Dizer representado em coenunciação por distanciamento

O dizer representado em coenunciação por distanciamento implica *pdv representado de e2 e prise en compte no acordo ou neutralidade por parte de L1/E1*. Considerando que e2 foi locutor em contexto anterior, sua presença é marcada por aspas de conotação autonímica e verbos de asserção, tais como " declarar ", " chamar " etc. Através desses recursos, L1/E1 marca distanciamento, sinalizando o pdv do outro, por uma espécie de "delimitação explícita", já que diferencia a forma como o outro designa o objeto de discurso. Isso se dá de forma diferente em relação ao dizer representado sem distanciamento. A não delimitação explícita ou ausência de aspas, tal como exemplificado na seção anterior, implica uma espécie de mesclagem entre o que e2 enunciou em outro contexto e a interpretação de L1/E1, que acaba por reacentuar o discurso outro.

Nos exemplos abaixo, a presença de e2 identifica-se em sublinhado, juntamente com o verbo de asserção (e2 + verbo). As formas nominais destacam-se em negrito e podem não estar acompanhadas de determinante:

6. Você era o rei da noite. Manobristas, garçons e hostesses o conheciam pelo primeiro nome. Mas agora os amigos o chamam de "**camisolão**". E você nem sabe a diferença entre house e psy. Certamente essa desatualização não ocorre do dia para a noite. MH3

7. Uma pesquisa da empresa de preservativos Trojan (EUA) revelou que 71% dos americanos querem que o sexo seja mais que satisfatório. Só que 53% dos entrevistados definem sua vida sexual como deprimente, sem sal e previsível. Os autores do levantamento chamam isso de "**recessão do prazer**". "Não é algo necessariamente ligado à economia", brinca James Daniels, vice-presidente de marketing da Trojan. "Mas é algo que nós percebemos claramente . Não espere o governo agir. Resolva sozinho", aconselha. MH1

8. Um estudo da Universidade de Kentucky (EUA) revela que as mulheres que se definem como espiritualizadas transam mais. Segundo 353 estudantes (61% do sexo feminino), a espiritualidade tem uma associação maior com a vida sexual dos jovens do que a religião, a impulsividade e o álcool. Além de transar mais frequentemente, as mulheres que declaram ter "**uma conexão espiritual**" tinham mais parceiros. MH1

Como acontece nos exemplos 6 e 7, a ausência do determinante não compromete a progressão do referente. Ao contrário, homologa propriedades do referente (exemplo 7) ou transformações (de " rei da noite " à " camisolão ", exemplo 6), que se efetivam no discurso através de outra "voz", marcando o pdv do enunciador segundo. Em 6, tem-se uma anáfora direta " camisolão", enquanto que em 7, a forma nominal " recessão do prazer " encapsula as informações precedentes, sendo um caso de AI. No exemplo 8, a forma nominal em destaque refere-se à "espiritualidade".

Quanto à questão da prise en compte, não encontramos em nosso *corpus* ocorrências de *dizer representado em coenunciação por distanciamento* que evidenciasse desacordo. O mais comum, no caso das reportagens analisadas, é o acordo, como ocorre nos exemplos 6 e 7. Em 6, o acordo pode ser justificado pela expressão "essa desatualização" que retoma e avalia as informações anteriores. Por isso, o homem precisa agir para se livrar de certas armadilhas femininas que visam isolar o parceiro (o título da reportagem é "Chega de coleira!"). O exemplo 7 também é marcado por essa tentativa de convencer o leitor a mudar de atitude para fugir da "recessão do prazer". Convoca, assim, outro discurso – o do vice-presidente de marketing da Trojan – que define a questão, justificando a mudança de atitude.

No que se refere ao exemplo 8, consideramos ser mais um caso de "neutralidade" do que acordo. A neutralidade pode ser interpretada como essa informação a mais, geralmente secundária, proveniente de outro discurso, que é utilizada para consolidar argumentos que giram em torno do pdv principal. Isso é o que acontece no exemplo 8, cujo propósito da reportagem "2010, o seu ano na cama!" é orientar o leitor a fim de que ele movimente sua cama em 2010. Para isso, ele deve entender os desejos femininos. Assim, no trecho 8, representa-se um pdv feminino acerca do sexo, o qual o homem deve entender, saber, informar-se, mas não necessariamente praticar ou estar de acordo.

Em resumo, o distanciamento na representação do dizer em coenunciação não implica necessariamente o desacordo em relação ao pdv de e2, mas uma forma de discriminar a percepção e identificar a designação assumida anteriormente por outra fonte enunciativa. As formas nominais que assinalam esse procedimento de representação identificam-se como formas de " denominação reportada ", tal como designado por Koch (2002).

4.3.3 Dizer/percepção representado em discurso representado: pdv do pdv

O dizer/percepção representado em discurso representado implica a *relação entre L1/E1 e e2, que por sua vez representa o pdv de um terceiro enuniador: e3*. Tem-se, assim, *pdv de e3 representado por e2 no dizer de L1/E1*, o que caracteriza um encaixamento de pontos de vista: *pdv do pdv*. Considerando que há prise en compte no acordo por parte de L1/E1, esse encaixamento funciona como um argumento-informação a partir do qual L1/E1 reforça o pdv que guia a orientação argumentativa do texto.

O pdv representado de e2 é captado através de verbos de asserção ou de ação metalinguística ("revelou que...", "descobriu que...", "mostrou que...", "dizem que..."), ou de expressões conformativas ("segundo", "de acordo com" etc). O pdv de e2 pode ser marcado por discurso indireto. Já o pdv representado de e3 é marcado por verbos de dizer/ação metalinguística ou percepção/pensamento, tais como: *julgar, falar, gostar, sentir, sonhar, ver* e *preferir*. Os verbos de percepção/pensamento indicam que a representação do pdv de e3 não implica necessariamente que ele tenha sido locutor em contexto anterior.

Nos exemplos abaixo, a presença de e2 está assinalada em itálico; para isso destacamos : *e2 + verbo*, e *expressão conformativa + e2*. Já o par <u>e3 + verbo</u> está sublinhado. Em negrito, estão identificadas as formas nominais.

9. Um estudo da Universidade de Saskatchewan, no Canadá, revelou que as moças agora estão ousando mais na cama, enquanto os rapazes estão sujeitos a maiores limitações. (...) *Segundo Debby Herbenick*, diretora do Centro de Promoção da Saúde Sexual da Universidade de Indiana (EUA), <u>muitos homens gostariam de experimentar</u> **uma variedade maior de práticas sexuais**, mas <u>acabam hesitando diante d</u> **o medo de se sentirem menos "machos"**. MH1

10. Havendo um clima sexual, 36% das *mulheres dizem que* se entregam quando o cara fala que transar com ela é (ou deve ser, no caso de uma primeira vez) **a melhor coisa do mundo**. MH4

Trechos da reportagem MH5:

11. Seu superpoder: o coração aberto. Elas preferem os caras sensíveis. *Um estudo* publicado no *British Journal of Psychology* (Inglaterra) *descobriu que* as garotas julgam **o altruísmo tão atraente quanto a beleza, a riqueza ou a fidelidade**.

12. *Uma pesquisa da Universidade de Bradley (EUA) mostrou que*, por mais que sonhem com "**cafajestes domados**", elas casam mesmo com os confiáveis bons moços.

13. É que elas preferem **os convencidos à la James Bond**, *segundo estudo da Universidade de Peoria (EUA)*.

14. *Um estudo da Universidade da Califórnia (EUA) mostrou que* elas preferem **os espertos**, porque os veem, no subconsciente, como **portadores de bons genes.**

15. *Um levantamento da Universidade de Laurentin (Canadá) descobriu que* as mulheres se sentem atraídas por **homens que praticam esportes**.

4.3.4 Dizer afirmado em coenunciação

O dizer afirmado em coenunciação implica *pdv afirmado de e2 e PEC de e2*. Como e2 foi locutor em contexto anterior, retoma-se diretamente a sua fala através do discurso direto ou trecho em aspas, que pode ou não estar

acompanhado de verbo de dizer/ introdutor de opinião ou de ação metalinguística. Por este procedimento de representação do pdv, L1/E1 dá "voz" a e2 por "suas próprias palavras", já que ele é "autorizado a falar". Neste caso, a forma nominal é cunhada no horizonte perceptual de e2, assinalando seu pdv sobre o objeto de discurso em questão

Nos trechos abaixo[86], está sublinhada a presença de e2, juntamente com o verbo de dizer. Destacamos em negrito as formas nominais que indicam pdv afirmado de e2. Todas essas formas aparecem em trecho entre aspas acompanhadas de verbos de dizer ou ação metalinguistica, tais como: *afirmar, atestar, dizer* e *definir*. O uso das aspas evidencia o distanciamento, assinalando explicitamente a presença desse outro enunciador que foi locutor em contexto anterior. Como não implica desacordo, o distanciamento é um procedimento pelo qual são apresentados mais argumentos que possam enriquecer o pdv principal.

16. Sedutores lendários

    [o enigmático] Chega à balada e não diz muito. Discreto, propositalmente se coloca meio de lado. Parece um tanto desinteressado e mal-humorado. Mas, sempre observando tudo, é ele que intriga o olhar, e o desejo da garota mais bela da festa. "**O homem do canto** que sabe se postar em segundo plano deixa as mulheres curiosas. Ele pode ser **uma atração irresistível**", diz Susan Marchant-Haycox, psicóloga juramentada. MH3

17. Pronto para outra?

    Chegamos ao ponto: tudo o que você precisa para ter várias relações seguidas é... a parceira. Sim, "a" e não simplesmente "uma". "**Aquela que desperta realmente seu desejo**", afirma Sidney Glina. Ela nem precisa ter os atributos de uma Scarlett, Angelina, Gisele, Luana... Basta que você sinta por ela muito, muito tesão. MH6

[86] Nesses exemplos, cada fragmento é acompanhado do título da reportagem, para facilitar a compreensão do referente ou tema em questão.

18. Macho alfa, ativar!

Nenhuma mulher curte um machão, mas isso não significa que um príncipe tenha mais chances. “**O bonzinho** é passivo, sem personalidade”, define Jussania. Você precisa de um pouco de charme: seja gentil, mas solte ironias que mostrem seu lado metido. MH8

19. Faça o brinquedinho dela trabalhar para o seu

De acordo com sexólogos, as garotas que entrevistamos em grandes sex shops e as 363 leitoras da revista Nova que responderam à pesquisa da MH sobre os brinquedos eróticos que elas usam sozinhas, a grande maioria das mulheres compra *esses artigos* para poder satisfazer seu desejo por sexo de forma imediata quando seu homem não está por perto para atendê-la – e não porque está insatisfeita com ele! “Uso **meu vibrador** quando estou sozinha em casa, com tesão, e não posso encontrar meu namorado”, atesta Camila Dourado, jornalista, 30 anos. MH9

20. Spice gilrs (and boys)

Aquele monte de membros intrusos atrapalha o encaixe entre os corpos. “Para se livrar deles, experimente ficar de conchinha”, afirma a americana Patti Britton, terapeuta sexual e autora do livro The Art of Sex Coaching (As lições da arte do sexo), sem tradução para o português. Vocês dois se deitam de lado, com você de costas, sendo penetrada por trás. Já que você não está olhando para ele, seus braços não atrapalham. “N **essa variação**, será mais fácil ele tocar seus seios e seu clitóris. É **uma posição bastante intimista**.” WH4

Como anáfora direta (itens 16 a 19) ou indireta (item 20), a forma nominal retoma o objeto de discurso em questão já mencionado por L1/E1. Na maior parte dos casos, o pronome demonstrativo atua como determinante da

forma nominal, tendo um papel muito importante na retomada, precisamente na construção heterodialógica do objeto de discurso que na cadeia anafórica assinala mais de um enunciador. Chamamos atenção para a construção destacada em 17: forma nominal entre aspas, seguida de verbo de asserção. É um procedimento muito livre de transmissão do discurso outro se comparado às formas convencionais do DR.

Além disso, a forma nominal pode predicar atributos ao referente, atuando como forma predicativa. Neste caso, é comum o artigo indefinido atuar como determinante, como acontece nos exemplos 16 e 20.

Notamos ainda que entre os exemplos citados, a maior parte evidencia pdv afirmado do especialista, sendo um só indicativo do pdv de uma leitora entrevistada (item 19). Desse modo, quando se trata de "dar voz" a um enunciador segundo, autorizando-o a "falar", isto se faz, na maior parte dos casos, através do locutor especialista. Claro está que a recorrência a essas fontes "externas" tem um propósito argumentativo específico. Argumentar não só por autoridade, credibilidade, conforme estudos ou teoria, quando se recorre ao especialista, mas também argumentar pela força experiência, através da voz das próprias leitoras que exercem a prática sugerida, principalmente quando essa prática se apresenta diferente em relação aos hábitos já conhecidos pelas leitoras.

4.4 Representação do pdv de e2 apenas como enunciador

A representação do pdv de e2 apenas como enunciador dá-se nos casos em que o *pdv assinala a representação de percepções e pensamentos*. Ou seja, não há pistas textuais que indiquem a asserção do conteúdo em contexto anterior, sua afirmação ou dizer por parte do enunciador segundo. A representação do pdv neste caso realiza-se de dois modos: como *distanciamento* entre os enunciadores ou como *empilhamento* de pontos de vista.

4.4.1 Percepção representada por distanciamento

A percepção representada por distanciamento dá-se por *imputação*. Esta se efetiva através de um verbo de percepção/pensamento, marcando o outro como enunciador. Como um caso de imputação, a prise en compte nesse procedimento de representação pode se dar como acordo, desacordo ou neutralidade.

Nos exemplos abaixo, o verbo de percepção/pensamento encontra-se sublinhado, e o enunciador segundo está marcado em itálico. As formas nominais estão destacadas em negrito.

21. (...) seu namorado ou marido ficará excitado ao vê-la nua com uma sandália de salto alto. Afinal, por algum motivo indecifrável, *eles* parecem achar **esse figurino sexy**. WH8

22. Apesar de *70% das brasileiras* afirmarem alcançar o orgasmo frequentemente, *elas* ainda se colocam na posição de dar prazer ao homem e de imaginar que ele é **o mestre da sedução**. WH7

23. Havendo um clima sexual, 36% das mulheres dizem que se entregam quando o cara fala que transar com ela é (ou deve ser, no caso de uma primeira vez) é a melhor coisa do mundo. Ou seja, *elas* querem se sentir **"a gostosa".** Mas isso não significa apenas elogios ao corpo – *elas* querem ser **as melhores no desempenho, na atividade sexual.** MH4

24. Eles ainda se consideram **eternos caçadores sexuais**. MH1

25. *A mulher* quer cuidado, variedade e, claro, se sentir **a protagonista do seu mundo**. (...) Conquistar uma mulher no estilo Warren é fazê-la se achar **o centro do seu universo emocional, intelectual e, claro, físico**, agindo com romantismo à moda antiga – outra arma de

conquista do americano. (...). Lance seus galanteios mais explícitos, picantes numa hora imprevisível. Ela ficará virada na sua... “Mulher quer surpresa e variedade, ama **o homem que demonstra imaginação**”, diz Marchant-Haycox. MH6

26. *Elas* preferem **caras sensíveis**. (...) A máxima “Dinheiro não é tudo” procede: a mulher tem tesão mesmo n**os dignos de confiança**. (...) *Muitas mulheres* não querem saber de **um cara que passa muito tempo na farra com os amigos.** MH5

Embora menos recorrente, citamos abaixo outro modo de marcar a percepção representada por distanciamento:

27. O que parecia uma transa rápida vira **uma obsessão** - por parte dela. MH9

Diferentemente das demais ocorrências, no exemplo acima, não há verbo de percepção/pensamento, mas um verbo de ligação que acompanha a forma nominal predicativa, homologando transformações ao referente. Nesse caso, não é o verbo que desempenha papel preponderante na atribuição da percepção, mas o termo sublinhado. Esse termo, que atua como expressão conformativa, é encarregado de perspectivar a “transa”, objeto de discurso em questão. Sua ausência implicaria a mudança de perspectiva, ou seja, o pdv afirmado de L1/E1, já que ele é quem veria a transa como um obsessão.

4.4.2 Percepção representada por empilhamento de pdvs

Comparando com a percepção representada por distanciamento, a percepção por empilhamento revela *um maior grau de debreagem de L1/E1 em relação ao conteúdo imputado a e2*. Nesse sentido, a prise en compte no acordo se torna um caso de PEC por parte de L1/E1. Isso se dá devido à

imbricação dos pontos de vista. No caso anterior, a estrutura *sujeito + verbo* (SV) que caracteriza a imputação, quando se diz que alguém "acha", "sente", "considera-se" ou "imagina", dispensa L1/E1 de assumir o conteúdo como fruto de sua percepção, já que esta é atribuída ao outro. Isso não acontece quando há empilhamento, já que o distanciamento é minimizado, e os pontos de vista se mesclam, como em: "Não perca tempo: pule para cima dele e ponha em ação o estilo *girl on top*, **uma das posições sexuais <u>preferidas dos homens</u>**" (WH6).

Com base nesse exemplo, podemos dizer que, na representação da percepção por empilhamento de pdvs, identifica-se:

- pdv afirmado de L1/E1 + pdv representado/narrado de e2.
- PEC de L1/E1: pdv afirmado de L1/E1 sobre um determinado objeto de discurso, o qual aponta para a compreensão que e2 tem desse objeto.

Quando há percepção representada por empilhamento, o pdv indica pensamentos/percepções ou ações, podendo haver dissimetria enunciativa. Desse modo, não há pistas textuais de que o e2 foi locutor em outro contexto, mas indícios de que uma percepção está sendo imputada a e2. Isso justifica o fato de a forma nominal vir acompanhada de oração adjetiva (desenvolvida ou reduzida) ou do pronome possessivo, o qual evidencia a imputação.

Dando continuidade à exemplificação do pdv que se constrói como *percepção representada por empilhamento*, citamos primeiramente as formas nominais modificadas por oração adjetiva e em seguida as formas nominais determinadas por pronome possessivo:

a) Forma nominal modificada por oração adjetiva

As formas nominais destacam-se em negrito, estando sublinhadas as orações adjetivas.

28. Elas valorizam ligeiramente mais a lingerie (17%) do que o jantar (16%). Moral da história: entre ser ousado e revelar seus dotes culinários ou o poder de seu cartão de crédito, prefira a ousadia. Só tome cuidado para que **essa "pegada" que elas tanto valorizam** não se transforme em uma desagradável resistência se a garota não estiver gostando. MH2

29. Os brinquedos eróticos ajudam a mulher a ficar, na cama com você, mais segura de si e relaxada, aberta a novas experiências, mais criativa e ousada – Yes! (...) Entendendo tudo isso, você pode agir ali com mais propriedade e precisão. O mapa dessa mina está aqui entre **os brinquedinhos que ela mais gosta de usar consigo mesma...** MH8

30. Por que mesmo temos de nos contorcer feito acrobatas do Cirque du Soleil se, primeiro, fazemos sexo de um jeito mais satisfatório do que a maioria das pessoas? Segundo, se a clássica posição mulher por cima dá conta do recado tão bem? Eis um bom motivo: com o tempo, a gente deixa de apreciar o feijão-com-arroz devidamente e corre o risco de cair na monotonia. (...) De vez em quando (sério, nem que seja uma vez por mês), coloque uma pitadinha de pimenta no pê-efe. Recorremos a especialistas para saber quais são as estratégias comprovadamente bem-sucedidas que adicionam uma malagueta à **receita caseira que toda mulher conhece e adora**. WH8

31. "Meu corpo inteiro chacoalha e não me sinto nada sexy." (...) "Se você não consegue se soltar na cama, fazer sexo no escuro vai ajudá-la a esquecer **os defeitos que acha ter**", diz Ian Kerner, terapeuta sexual de Nova York e autor de She Comes First (Ela chega primeiro), sem tradução em português. WH8

Este último exemplo assinala que a forma nominal pode assinalar o empilhamento do pdv de outros dois enunciadores: pdv (afirmado) do enunciador especialista (e2) e pdv do enunciador feminino (e3). Mesmo com essa permuta de enunciadores, os procedimentos enunciativos que contribuem para colocar a perspectiva, através da forma nominal, não se modificam. Há, portanto, PEC de e2 pela imputação de um pdv a e3.

b) Forma nominal determinada por pronome possessivo

O pronome possessivo é outro recurso que sinaliza um pdv imputado. Ao compor a forma nominal, o pronome evidencia o empilhamento. Tem-se, assim, a imbricação de duas perspectivas: pdv afirmado de L1/E1 e pdv representado de e2. Os exemplos abaixo assinalam e2 como um enunciador masculino, interlocutor/leitor da MH. As formas nominais destacam-se em negrito, e os pronomes possessivos estão sublinhados.

32. (...) comemore muito o despudor feminino que já diferencia o século XXI na história socioconjugal do país. (...) Está aí parte do segundo motivo de **sua comemoração**: os brinquedos eróticos ajudam a mulher a ficar, na cama com você, mais segura de si e relaxada, aberta a novas experiências, mais criativa e ousada – Yes! MH9

33. Pode vir quente que ela está fervendo. Você só precisa ficar atento para que **sua empolgação** não derreta as chances de fazer mais sexo[87]. MH, *Não marque bobeira*. Número 45, janeiro 2010.

34. Identifique os obstáculos que travam suas conquistas, anule-os e desvende **seus superpoderes sexuais**! MH8

Nesses exemplos, não há verbo de percepção/pensamento ou ação que evidencie a imputação. A imputação fica a cargo do pronome possessivo que

[87] Dessa reportagem, extraímos apenas este pequeno trecho, por isso ela não está numerada nem se encontra em anexo.

por sua vez deixa subentendida a maneira como esse enunciador masculino age (diante do interesse feminino) e/ou vê a si próprio (o conquistador, sedutor). Embora o objeto de discurso não seja o homem, mas o sexo, ao discorrer sobre o sexo, L1/E1 acaba por representar o pdv desse enunciador na medida em que há a atribuição de uma percepção. Formas nominais deste tipo constituem anáforas indiretas que podem rotular informações precedentes e apontar para um referente construído a partir da memória discursiva que se delineia no texto. Este é o caso de "sua empolgação" (exemplo 33) e de "seus superpoderes" (exemplo 34). Tanto uma como a outra são possíveis devido às informações-suporte. O fato de a mulher estar "fervendo" para o sexo, como mostra a frase "pode vir quente que ela está fervendo", atua como informação-suporte para interpretar a "empolgação" e atribuí-la ao enunciador, interlocutor masculino. Essa frase pode também ser interpretada como um pensamento masculino que L1/E1 põe em evidência. Já os "superpoderes" atribuídos ao interlocutor estão em contraposição aos obstáculos de conquista que o homem precisa anular. A anulação desses obstáculos, tal como a revista aconselha e ensina a agir, faz vir à tona seus superpoderes no jogo da sedução. Por fim, a forma nominal "sua comemoração" (exemplo 32) encontra suporte no verbo "comemorar", que a antecede. Mesmo sendo uma nominalização, essa forma não deixa de evidenciar a percepção de um homem satisfeito e entusiasmado com os avanços do desempenho feminino em relação ao sexo.

Por esse tipo de representação do pdv, a forma nominal expõe a subjetividade do outro de modo mais implícito. Ou seja, há uma menor debreagem enunciativa de e2 do que com o uso de oração adjetiva. Estabelecendo um contínuo, podemos dizer que o uso do pronome possessivo tem menor debreagem do que com a oração adjetiva, estando ambos em menor grau em relação à percepção por distanciamento (seção 4.3.2), quando há verbo de percepção acoplado ao sujeito enunciador, alvo de imputação. Em outras palavras, quando há distanciamento, a subjetividade de e2 é mais explícita do que quando os pontos de vistas estão imbricados, caso do empilhamento.

c) Forma nominal por comparação, projeção e determinação

As formas nominais que indicam *percepção representada por empilhamento de pdv* podem aparecer em passagens narrativas que simulam e estabelecem situações, nas quais o enunciador e/ou interlocutor feminino ou masculino (como um personagem) se vê representado. Desse modo, a imputação pode se dar através de formas nominais referenciais e predicativas, que evidenciam: i) comparação (uso do comparativo), ii) projeção (aquilo que e2 pode vir a ser; uso do verbo ser ou de ligação) e iii) determinações (a forma como e2 deve agir ou pensar; uso do verbo no imperativo):

i) Comparação

35. "se você fica como **uma princesinha deitada na cama esperando o moço terminar o serviço**..." WH9

36. "Por mais que você funcione como **um míssil teleguiado pela beleza feminina na balada**, sua aparência não ocupa um lugar tão importante para as mulheres." MH5

ii) Projeção

37. "Você será **aquele tipo de garota com a cabeça fresca para o sexo, que pensa nisso várias vezes por dia e alimenta o próprio tesão e o dele**" WH9

iii) Determinação

38. "você não precisa comprar uma edição ilustrada do Kama Sutra e se sentir constrangida copiando **posições esquisitas**" WH8

39. "mostre **o gênio que mora em você**" MH5

Quando se trata de determinação, é comum verbo no infinitivo indicando ação ou comportamento futuro (forma de agir ou pensar), assim como verbo no imperativo.

d) Forma nominal por desasserção

Outro modo de perspectivar o objeto de discurso *por empilhamento de pdvs* dá-se através de formas nominais que apontam para uma possível interpretação do leitor. Essa interpretação realiza-se por desasserção, ou seja, a forma nominal é utilizada para negar aquilo que o leitor pode inferir acerca do objeto de discurso ou tópico em discussão. Neste caso, há imputação de uma percepção com debreagem mínima em relação ao leitor, sendo mais uma evidência do diálogo que se estabelece com este enunciador-interlocutor. Nos trechos abaixo, as formas nominais aparecem em negrito e estão acompanhadas de termos sublinhados que viabilizam a desasserção:

40. "As mentiras de bar estimulam a comparação, a disputa. Mas isso <u>não é</u> **privilégio masculino**, porque as mulheres também sentem a cobrança", diz a psicóloga. MH6

41. Ok, sabemos que é muita coisa nas suas costas e até assimilamos bem a parte de dividir a conta no restaurante. Agora, para aliviar mais o seu lado, por que não nos deixar assumir a rédea na hora da cama de vez em quando? (...). <u>Não se trata de virar</u> **um cordeirinho** <u>ou fazer de sua garota</u> **uma dominatrix**. O que queremos é simplesmente ter prazer do nosso jeito[88]. MH, *Ela é quem manda*. Número 42, outubro de 2009.

42. Alguns especialistas defendem que próstata é o ponto G do homem. A regra é uma só: a vontade de chegar até ali tem que ser do casal.

[88] Dessa reportagem, extraímos apenas este trecho, por isso ela não está numerada nem se encontra em anexo.

E sem essa de que experimentar tudo deve ser **uma obrigação**. WH5

43. Responda rápido: quando foi a última vez que você transou? Ontem? Na semana passada? No mês passado? No Carnaval? Você não lembra? Ninguém está aqui para fazer **nenhuma cobrança**, afinal sabemos que você já tem tarefas suficientes para dar conta no seu dia, que tem "apenas" 24 horas. WH7

Com exceção do trecho 43, todos os demais comportam formas nominais predicativas acompanhadas de verbo de ligação e palavras de negação ("não é...", "não se trata de virar/fazer de...", "sem essa de..."). A presença de palavras de negação é fundamental para viabilizar a desasserção, que funciona da seguinte forma: "você acha que é assim, mas não é assim". O mesmo acontece no trecho 43, porém a negação não se realiza através do "não", mas por meio dos pronomes indefinidos "ninguém" e "nenhum". Como não há verbo de ligação, a forma nominal "nenhuma cobrança" constitui uma anáfora que retoma as informações precedentes, sendo determinada pelo pronome indefinido. É por meio dessa palavra de negação que L1/E1 tenta desautorizar qualquer compreensão do leitor, que venha na contramão do sentido pretendido pelo locutor.

4.4.3 Representação de pdv dóxico

A representação de pdv dóxico acontece quando L1/E1 retoma um saber comum, uma percepção ou um dizer socialmente reconhecido ou interpretado em relação a um determinado objeto. A forma nominal heterodialógica configurada por pdv dóxico atua na construção do sentido, apontando para o recorte sociocultural que identifica o objeto de discurso. Como esse enunciador é genérico, anônimo, o pdv não é afirmado, mas apenas representado, porque já foi "assumido" pelo corpo social ou memória

discursiva. Em cada um dos exemplos abaixo, há uma forma nominal em negrito que assinala um pdv dóxico :

44. Dizem que certos fetiches do homem, como o de transar com a mulher de quatro, se devem **à nossa necessidade de subjugá-la e de mostrar que ainda somos os reis do pedaço**. Seja lá como for, os fetiches entre os homens são muito parecidos. WH11

45. De todos **os privilégios atribuídos aos homens**, os de natureza sexual são os mais injustos. O tom geral das acusações é que, quando se trata de sexo, nós podemos tudo e as mulheres não podem nada. WH10

46. "**A ideia de ser tradicional no sexo** já não é vista com bons olhos, porque grande parte das mulheres quer experimentar novas sensações", diz a sexóloga Carla Cecarello. MH1

47. **A visão de que o corpo da mulher é um parque de diversões** não deixa de ser verdadeira só porque é machista. WH10

Em cada um dos fragmentos, o pdv dóxico é assinalado em proveito do pdv defendido pelo locutor (L1/E1 ou e2). Nesse caso, o locutor utiliza-o para apresentar a sua perspectiva, que pode estar em relação de acordo, desacordo ou "neutralidade" com o pdv dóxico. Os exemplos 45 e 46 evidenciam desacordo ("já não é mais bem vista..." e "são os mais injustos"), enquanto que 44 realiza-se por uma aparente neutralidade ("seja lá como for...") e 47 por acordo ("não deixa de ser verdade só porque é machista").

Essa prise en compte no acordo, desacordo ou neutralidade evidencia que há um distanciamento entre o pdv do locutor e o pdv dóxico. Isso implica dizer que o distanciamento marca duas vozes distintas no texto, que podem ou não ser consoantes. No exemplo 44, a forma nominal é proferida por L1/E1

atribuindo, ao outro, o enunciador dóxico, a compreensão sobre a relação estabelecida entre “fetiches masculinos” e a “necessidade de subjugar a mulher e mostrar que os homens são os reis do pedaço”. A interferência de L1/E1 na representação do pdv dóxico, como assinalam o pronome possessivo e o verbo ser na primeira pessoa do plural: “*nossa* necessidade de...” e “*somos* os reis do pedaço” , como marcas de subjetividade que enquadram o discurso do “outro” no “eu”, reacentua-o, marcando o distanciamento. Isso se dá pela forma verbal assertiva “dizem que...” que marca o distanciamento por discurso indireto. O distanciamento contribui para pôr em cena esse outro enunciador, tornando-o visível. Interessante notar que o conteúdo do pdv dóxico não é integralmente assumido por L1/E1, como atesta a expressão “seja lá como for...” Evidencia-se, assim, um caso de prise en compte por certa forma de neutralização[89] (aparente neutralidade), já que o locutor não discute a questão mencionada, optando por retomar o objeto de discurso “fetiches do homem”, introduzindo nova informação: “são muito parecidos”. Esse pdv parece funcionar como uma espécie de provocação, característica da tensão enunciativa entre as perspectivas, não sendo um caso de PEC.

Já os exemplos 46 e 47 evidenciam uma estrutura semelhante na representação do pdv dóxico. As formas nominais nesses fragmentos retomam um saber comum a respeito da sexualidade, através dos termos genéricos “ideia” e “visão”. Por esse pdv dóxico, que funciona como uma espécie de *dado*, o locutor introduz seu pdv (o novo), homologando ao objeto de discurso transformações (“ já não é vista com bons olhos ”, exemplo 46) ou predicações (“ não deixa de ser verdadeira ”, exemplo 47). Nesses dois trechos, o locutor (L1/E1 ou e2) assume o conteúdo predicado, sendo casos de PEC. No exemplo 46, evidencia-se PEC e prise en compte em desacordo com o pdv dóxico. O mesmo acontece no exemplo 45, no qual “os privilégios atribuídos” são considerados injustos por L1/E1. A oração adjetiva reduzida “atribuídos aos homens” compõe a forma nominal, evidenciado pdv dóxico.

[89] Tentativa de tornar neutro, o que acaba por mascarar a responsabilidade de assumir o dizer.

Por último, no exemplo 47, evidencia-se PEC e prise en compte no acordo por parte de L1/E1 que assume o conteúdo como verdadeiro: “não deixa de ser verdadeira só porque é machista”.

4.5 Dimensão do heterodialogismo II: representação do pdv de L1/E1

A representação do pdv de L1/E1 é um procedimento bastante recorrente na construção do pdv das reportagens analisadas. Na dimensão do heterodialogismo, este tipo de representação consiste na manifestação do pdv afirmado de L1/E1, quando este assume integralmente o conteúdo do dizer sem haver empilhamento de pontos de vista. Ou seja, por mais que esse pdv sofra a influência do pdv de outros enunciadores, ele é enunciado como sendo de L1/E1, resultando em uma PEC integral. A PEC integral se realiza pelo fato de L1/E1 ser o produtor do texto, instância principal, que ao dirigir-se aos leitores, assume a responsabilidade sobre o pdv principal e conteúdo veiculado na reportagem. Assim, as formas nominais revelam a maneira como L1/E1 apreende um conteúdo perceptual não apenas em relação aos enunciadores “internos” que direta ou indiretamente influenciam na construção do pdv (intradialogismo), mas também em relação aos leitores e às leitoras (interdialogismo).

Como pudemos analisar nas seções anteriores (heterodialogismo I), o pdv de e2 é enquadrado por procedimentos variáveis de transmissão e/ou representação. Isso não acontece em se tratando da representação do pdv de L1/E1. Os procedimentos utilizados para a representação do pdv de L1/E1 são mais regulares, apresentando menos variação do que a representação do pdv de e2, já que os enunciadores segundos não falam por si, mas “se mostram” através de L1/E1.

Para uma melhor compreensão de como essa representação se evidencia, optamos por distinguir a representação do pdv de L1/E1 sob influência explícita ou direta de enunciadores segundos, da representação do pdv de L1/E1 sob influência dos leitores.

4.5.1 Pdv afirmado de L1/E1 sob influência de e2

A influência do pdv de enunciadores segundos na construção do pdv afirmado de L1/E1 pode ser observada através de *formas nominais que definem, sintetizam, rotulam, identificam e reinterpretam aquilo que é atribuído a e2 ou dito por ele*. Neste caso, a forma nominal evidencia o modo como L1/E1 interpreta e avalia o conteúdo referido, que tem "origem" no discurso de e2. Nos fragmentos abaixo, destacamos em itálico as informações que assinalam o discurso outro e dão suporte ao pdv afirmado de L1/E1. Essas informações funcionam como gatilho para a interpretação da forma nominal. As formas nominais estão em negrito e o enunciador segundo destaca-se em sublinhado juntamente com o verbo.

48. *O que as mulheres desejam – num encontro, na cama, num relacionamento – passou por uma transformação profunda*, dizem os sociólogos. Dominar **essa nova linguagem** pode tornar sua vida sexual espetacular. MH1

49. Um estudo publicado no British Journal of Psychology (Inglaterra) descobriu que as garotas julgam o altruísmo tão atraente quanto a beleza, a riqueza ou a fidelidade. "É algo que permanece; ao contrário da beleza, que passa com o tempo", atesta a sexóloga Jussania Oliveira, consultora da MH. "E *encontrar um altruísta é como achar agulha no palheiro*." Seja **essa espécie em extinção**: diga que sempre quis fazer um trabalho voluntário e dê a ideia de se engajarem. MH5

50. *Mulheres que se colocam como espectadoras, e não participantes*, não aproveitam os benefícios saudáveis da relação. Sem surpresas, estudos têm demonstrado que, *quanto mais alheia a pessoa for ao sexo, menos satisfeita ela é*. **Esse posto coadjuvante** é o grande

responsável pelos orgasmos bissextos — assim como por seus fingimentos — e até mesmo dores. WH7

Nos três exemplos acima, as formas nominais comportam marcas sintáticas da influência do pdv de e2 na construção do pdv afirmado de L1/E1. O termo *nova* na forma nominal "essa nova linguagem", no exemplo 48, refere-se à transformação profunda assinalada pelos sociólogos. No exemplo 49, a ideia de que encontrar um homem altruísta é como achar agulha no palheiro, defendida pela sexóloga Jussania Oliveira, funciona como informação suporte para a reinterpretação e recategorização do objeto de discurso "um altruísta" através da forma nominal "essa espécie em extinção". Por último, a forma nominal "esse posto coadjuvante" retoma e avalia a posição da mulher que não participa de forma ativa do ato sexual.

Como anáforas, essas formas nominais podem retomar um referente mencionado anteriormente, caso da anáfora direta, ou encapsular informações precedentes, como é o caso das anáforas não correferenciais. Nos exemplos 48 e 50, as formas nominais são anáforas indiretas, enquanto que no exemplo 49 a forma nominal "essa espécie em extinção", como um caso de AD, retoma um referente pontual.

O uso do pronome demonstrativo *esse/essa* nas formas nominais destacadas é mais um evidência da simetria enunciativa entre os pontos de vistas, assim como da construção heterodialógica do pdv afirmado de L1/E1, que é influenciado pelo pdv de enunciadores segundos. Essa influência indica que o pdv é coenunciado, já que os enunciadores estão em postura de coenunciação. Contudo, essa influência não se atesta apenas pelo pronome demonstrativo. A forma nominal "seus subordinados machos", no exemplo 51 abaixo, revela a interpretação de L1/E1 a respeito dos "homens americanos". Esse objeto de discurso é recategorizado e retomado por L1/E1, caso de AD, sob influência do que é constatado pela enunciadora especialista:

51. Isso nos leva à psicóloga americana Jennifer Leigh que observou um *aumento significativo de "ataques de hienas" sobre os homens*

americanos. A razão da metáfora: as hienas fêmeas são mais agressivas que sua contraparte masculina. Empenham-se em provocações sexuais explícitas e forçam **seus subordinados machos** a fazer sexo oral. MH1

Os exemplos mencionados nessa seção indicam que os enunciadores segundos, esses enunciadores intratextuais que influenciam explicitamente a construção do pdv afirmado de L1/E1, são, em grande parte das ocorrências, enunciadores especialistas. Ademais, no que se refere ao processamento das formas nominais anafóricas, estas podem atuar como anáforas diretas ou indiretas, não tendo sido constatada a ocorrência de formas nominais predicativas.

4.5.2 Pdv afirmado de L1/E1 sob influência do leitor

A representação do pdv afirmado de L1/E1 sob a influência do leitor é um procedimento mais discreto de heterodialogismo, na medida em que não existem marcas explícitas da influência do discurso outro, como acontece quando há a representação do pdv de L1/E1 sob a influência de e2. Assim, a influência do leitor não se caracteriza como um discurso que ele tenha proferido neste ou em outro contexto, como acontece quando L1/E1 retoma e reinterpreta aquilo que foi dito por e2. A influência do leitor caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de o discurso ser orientado para o outro, o que também pode ser captado pelas formas nominais.

Essa orientação para o interlocutor nas reportagens analisadas particulariza-se pelo grau de proximidade e informalidade com que a linguagem se reveste no tratamento dos temas e perspectivação dos objetos de discurso. Por essa forma de diálogo, os leitores se veem representados, identificando-se com a linguagem direta e despojada com que os assuntos são tratados. É assim, como um "design de audiência" (BELL, 2001), uma forma de adaptar-se ao leitor, captar sua atenção e adesão através da variação estilística. Bell (2001, p.143) postula que o estilo é definido primeiramente para e em resposta

à audiência, sendo esta "geralmente manifestada por um falante mudando seu estilo para ficar mais parecido com o estilo da pessoa com quem se fala - isto é *convergência* nos termos da Teoria da acomodação de Fala"[90].

A resposta à audiência é, então, a estratégia pela qual L1/E1 faz uso dos recursos linguísticos disponíveis na *comunidade de fala* para responder à audiência. Isto se torna uma condição necessária para agir sobre os interlocutores e captar sua atenção, daí o teor argumentativo das formas nominais. Ademais, essa influência do leitor pode ser captada não apenas pelo "estilo", mas pela força ilocutória das formas nominais que, mesmo apontando para o pdv de L1/E1, acabam por representar os anseios e a percepção dos leitores em relação ao tema em discussão. Nesse sentido, L1/E1 coenuncia com o interlocutor. As formas nominais em destaque nos trechos abaixo são uma evidência desse procedimento de representação do pdv de L1/E1:

52. Ela controla seus passos? Interfere nas amizades? Atrapalha a carreira? Saiba escapar d**essa tortura com vida (útil) sem destruir o relacionamento**. MH3

53. Esqueça tudo que você já ouviu falar sobre a espontaneidade de transar com as luzes acesas e desligue **o maldito interruptor** – mesmo o do abajur. Se você não consegue se soltar na cama, fazer sexo no escuro vai ajudá-la a esquecer os defeitos que acha ter", diz Ian Kerner, terapeuta sexual de Nova York e autor de She Comes First (Ela chega primeiro), sem tradução em português. WH8

54. Que garota confiada! Se é isso que os moços andam dizendo de você por aí, ótimo sinal: significa que acredita em si mesma, tem autoestima e, dessa forma, está a um passo do paraíso no quesito sexo. Mas quem não emplacou **essa bola toda** pode virar o jogo para se sentir sexualmente confiante... (...). A diferença entre a

[90] Bell retoma a teoria de acomodação de fala ("speech accommodation theory") de GILES, H & POWERLAND, P.F. *Speech style and social evaluations*. London: Academic Press, 1975.

garota que fica cheia de encanações na hora de partir para o corpo a corpo e a que está mais interessada em ir para o abraço é que a segunda tem de sobra uma coisa chamada confiança sexual. É **aquela velha história de confiar no próprio taco**. E, se você tem isso, nunca terá do que reclamar quando o assunto for cama. Quem não tem **esse borogodó todo** — ainda — pode chegar lá. Nós ensinamos os segredos! WH9

55. Você não procurou, mas foi achado por uma beldade. Estude o cenário antes de cair em tentação.

    Você estava na sua. Até que **a bonitona da academia** quis você, mesmo vendo a argola no seu dedo. Antes que você se ache o Brad Pitt do pedaço, saiba que as razões que fazem uma mulher procurar um homem comprometido nem sempre levam você totalmente em conta. Antes de sucumbir ou resistir, conheça os tipos que existem por aí e avalie os riscos d **essa aventura**. MH9

Nos fragmentos acima, as formas nominais evidenciam que o pdv afirmado de L1/E1 orienta-se para o leitor. Tanto o nome-núcleo das formas nominais quanto os adjetivos que funcionam como determinantes dão ao pdv de L1/E1 um caráter não apenas avaliativo, mas também explicativo, que põe em foco uma determinada compreensão do tema ou objeto de discurso em questão. Nos trechos 52 e 53, os termos “tortura” e “maldito” apontam para a percepção de L1/E1 sobre o objeto de discurso que parece em sintonia com aquilo que o leitor pensa e enfrenta. Em 53, a forma nominal “essa tortura”, como um caso de AI, refere-se às inquietações que fundamentam o tema da reportagem “Chega de coleira!”. A forma nominal “o maldito interruptor” também é um caso de AI, sendo um referente presente na memória discursiva. Embora não se refira ao tema da reportagem, a forma nominal aponta para um objeto de discurso enunciado conforme a orientação argumentativa do texto, que visa dar conselhos às leitoras de como vencer certas inibições (inclusive com o corpo) para saírem da mesmice em relação ao sexo. Essas duas formas

nominais têm uma força ilocutória bastante expressiva, assim como “essa bola toda”, “esse borogodó todo” (exemplo 54, caso de AI) e “a bonitona da academia” (exemplo 55, caso de AD), sendo expressões bastante coloquiais, que compõem o universo vocabular dos leitores: comunidade de fala a que se destina à reportagem. Por essa coloquialidade, os leitores se identificam, sendo os temas e objetos perspectivados para satisfazer e representar seus anseios, assim como dirigir a interpretação e persuadi-los.

Ainda que a forma nominal “essa aventura” no exemplo 55, não tenha uma força ilocutória tão expressiva quanto às demais, porque não se compõe de um item lexical no “estilo” da comunidade de fala dos leitores, ela não deixa de assinalar a influência do leitor. O conteúdo designado como “aventura” (caso de AI) revela os riscos que os leitores reconhecem diante da situação de se envolver com outra mulher quando já são comprometidos. Esse pdv é mencionado já no título da reportagem: “Perigo: cerca elétrica!”. De modo semelhante, a forma nominal “esse prazeroso segmento da economia”, no fragmento 56 abaixo, revela essa simetria enunciativa com o leitor, ainda que a forma nominal tenha um caráter definicional mais formal (diferente de “esse borogodó todo”):

> 56. Um levantamento feito pela Abeme (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico) constata: em 1997, só 5% dos consumidores de Sex Shop eram garotas; hoje, são 70%! Não à toa, **esse prazeroso segmento da economia** movimentou cerca de 1 bilhão de reais no ano passado. MH10

Como pudemos observar, as formas nominais destacadas nos exemplos podem constituir casos de AD ou de AI, determinadas por pronome demonstrativo ou artigo definido. Nesse contexto em que se quer “ fazer ver ” o pdv de L1/E1, é preciso considerar as formas nominais predicativas. Ainda que se tenham em menor incidência, elas auxiliam na construção do pdv principal que guia a orientação argumentativa do texto. A forma nominal predicativa contribui para a atribuição de propriedades ao referente, sendo normalmente determinada pelo artigo indefinido. No fragmento abaixo, destacamos em

negrito duas formas nominais: uma anafórica e outra predicativa. As duas se compõem de artigo indefinido. Marcamos (1) para a forma nominal anafórica (caso de AI) e (2) para a forma nominal predicativa:

> 57. (...) programe o "ataque" quando ele menos esperar: na hora em que ele estiver no banho, se vestindo ou preparando o café da manhã. Tenha em mente que você também vai ter que abrir mão das preliminares. Mas não se preocupe: estudos publicados no periódico *The Journal of Sexual Medicine* provaram que quando as mulheres ignoram as distrações podem se excitar em 30 segundos. Ou seja, foco "nele". **Uma sessão quente e intensa (1)**, ainda que de curta duração, vai deixá-lo alucinado antes de ir para o escritório e louco para voltar para casa depois do trabalho. É **um ótimo jeito para manter a paixão acesa (2)**. WH6

A ocorrência do pronome indefinido na forma nominal predicativa não é regra, embora seja mais frequente. No trecho 54, citado anteriormente, destaca-se uma forma nominal predicativa, constituída de pronome demonstrativo: "aquela velha história de confiar no próprio taco". Para a perspectivação e interpretação do objeto de discurso referido, L1/E1 solicita ao leitor uma busca na memória discursiva quando utiliza o pronome demonstrativo "aquela". Recorre-se, assim, a um conhecimento partilhado, ao qual o leitor tem acesso porque sabe do que se trata[91].

Esse diálogo travado com os leitores e as leitoras é recorrente nas reportagens. Dá-se não apenas por referências explícitas ao que o leitor ou a leitora diz ou pode dizer (projeções e simulações), mas também ao que eles pensam, como agem, percebem ou podem se posicionar diante de um fato ou situação. É muito comum nas reportagens L1/E1 demonstrar saber disso, como podemos perceber no trecho 58 abaixo, em que L1/E se dirige às leitoras :

[91] A forma nominal em questão pode ser interpretada como uma dêixis de memória.

58. Não interessa se é a primeira, a segunda ou a terceira vez que você está com aquele cara. *O que você pensa no exato momento em que a sua cabeça dá o sinal verde para seu corpinho se divertir? Lembra-se de que faz um mês que não aparece na academia, da depilação dois dias vencida, de que não está usando nenhuma de todas as suas melhores calcinhas. Fica pensando que ele está só se aproveitando e vai desaparecer assim que as luzes se acenderem. Resultado? Trava. Ou está tão à vontade e relaxada que suas dúvidas são: será que o sexo vai ser tão bom quanto o beijo? Levo para o quarto ou deixo rolar aqui na cozinha? Você pode pensar que no final qualquer uma das atitudes dá no mesmo: vai transar e depois só Deus sabe o que vai acontecer, certo?* Errado. WH9

De maneira muito semelhante ao que se processa em uma narrativa de ficção[92], esse trecho é representativo do diálogo que L1/E1, como uma espécie de narrador, estabelece com as leitoras/personagens. Há um número significativo de verbos de percepção/pensamento, estado e ação (pensar, lembrar, travar, levar etc) que assinalam, no trecho em itálico, o pdv das leitoras. Mesmo que essas atribuições sejam verbalizadas por L1/E1 – esse "narrador intruso" – , elas representam as inquietações e dúvidas das leitoras. Além dos verbos, há no trecho uma forma nominal catafórica "suas dúvidas", que representa a atitude indecisa das leitoras. Nesse diálogo monológico, L1/E1 interfere diretamente ("Não interessa se é a primeira, a segunda ou a terceira vez que..."), apresentando respostas às interrogações feitas sob influência do pdv das leitoras: *Resultado? Trava; ...só Deus sabe o que vai acontecer, certo? Errado*. Ao longo da reportagem, essas respostas são aperfeiçoadas em conformidade com a orientação argumentativa do texto que ganha credibilidade, enriquecendo sua força persuasiva ao recorrer ao pdv de enunciadores especialistas (cf. anexo p.196).

Embora o trecho acima seja da WH, esse procedimento também caracteriza a orientação argumentativa e construção do pdv nas reportagens

[92] Pela ótica do DR, o trecho 58 seria analisado como um caso de discurso indireto livre.

da revista MH. Isso é mais uma evidência de como o pdv afirmado de L1/E1 pode se dar em função do que os interlocutores querem ou "precisam" ler, seja para se atualizar/ mudar de atitude, seja para estar de acordo com a linguagem ou forma de agir do momento, que identifica um modo de agir feminino ou masculino. Daí a responsabilidade enunciativa das revistas na representação desses comportamentos.

O trecho da reportagem 59 abaixo evidencia esse diálogo com o leitor na representação do pdv afirmado de L1/E1. Destacamos, nesse trecho, as formas nominais que apontam para o pdv afirmado de L1/E1. Esse pdv assumido por L1/E1 através das formas nominais também é indicativo do pdv representado de e2. Ou seja, como analisado na seção 4.4.2, há um empilhamento de pdv, porque as perspectivas se imbricam:

59. "Qualquer homem tem potencial para transar quantas vezes quiser na sequência. Não há nenhuma limitação orgânica para o número de ereções. Se existe, geralmente é psicológica", explica Sidney Glina, urologista do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Querer se tornar **esse super-homem** para ter prazer e satisfazer ainda mais sua parceira é lícito e bem-vindo. Faz bem à autoestima se sentir viril, ardente e ouvir as palavras mágicas: "você acabou comigo!" Entretanto, querer atingir **esse desempenho** só por autoafirmação para contar vantagem para os amigos na mesa do bar é babaquice. (...) Faça um scanner na sua cabeça e avalie o motivo por trás d **essa vontade de dar várias vezes**. Porque existem várias nuances do estado psicológico que levam você a buscar querer ser **esse novo homem**, sem que você se dê conta. Você quer desfrutar mais a relação sexual e curtir o corpo da sua parceira? Provar para ela que é **um garanhão**? Quer mostra que é bom de cama para você mesmo? Você pode estar se cobrando por se satisfazer com **uminha bem dada**. "Então ótimo. Para que mais?", pergunta Jussania Oliveira. MH7

Dentre as formas nominais citadas acima, apenas uma, “esse desempenho”, não se destaca por sua força ilocutória, sendo uma expressão de cunho mais neutro, porque designa o objeto de discurso por um termo padrão (definicional). Isso, contudo, não enfraquece nem anula a perspectivação do referente, pois isso se realiza ao longo da cadeia anafórica. Mais a frente, esse referente é recategorizado pela expressão “essa vontade de dar várias vezes”, além de ser predicado como “babaquice”. Destacamos, ainda, o papel dos verbos de percepção/pensamento para a representação do pdv afirmado de L1/E1 imbricado ao pdv de e2 (representação por empilhamento): “*querer se tornar* esse super-homem”, “*querer atingir* esse desempenho”, “*querer ser* esse novo homem”, “*provar* que é um garanhão”, “*se satisfazer* com uminha bem dada”.

Esse procedimento dialógico de “intrusão”, ao revelar a relação de proximidade que o locutor estabelece com o interlocutor, não se anula caso a reportagem seja escrita por um locutor na revista feminina ou por uma locutora na revista masculina. Quer dizer, o diálogo permanece, mesmo que seja uma mulher escrevendo aos homens ou um homem escrevendo para as mulheres, como será vislumbrado na seção seguinte.

4.6 Gerenciamento de pontos de vista

Para encerrar este capítulo, dedicado à analise da construção textual-discursiva do ponto de vista através das formas nominais, faremos a análise integral de duas reportagens, uma de cada revista. A análise das duas reportagens visa mostrar como se dá o gerenciamento das posições no discurso, isto é, como L1/E1 pode gerenciar diferentes pontos de vista ao longo do texto e assim configurar a orientação argumentativa que o particulariza. O pdv do enunciador masculino (e2) e o pdv do enunciador feminino (e3) jamais escapam ao gerenciamento das posições nas reportagens de nosso *corpus*. Ou seja, independentemente de a reportagem ser produzida por um locutor ou locutora, esses dois pdvs estão presentes. O que vai diferenciar as reportagens é o “fazer ver” em relação a esses pdvs, quer dizer, o grau de visibilidade dado

a cada um, assim como a postura enunciativa que ocupam no discurso. Nesse processo de gerenciamento de pontos de vista, a alta incidência de pdv afirmado de L1/E1 é uma característica das reportagens de nosso corpus, assim como o diálogo que L1/E1 estabelece com os leitores ou leitoras.

Nas duas reportagens selecionadas, é possível observar esse diálogo, assim como a incidência de pdv afirmado de L1/E. Na reportagem (1), L1/E1 é uma locutora que assina o texto da MH, enquanto que na reportagem (2), L1/E1 é um locutor que assina a reportagem da WH.

Na reportagem (1), "Como mandá-la embora", ainda que o locutor seja uma mulher, ambas as perspectivas, masculina e feminina, são postas em evidência, mas por procedimentos diferenciados. O pdv feminino se destaca como pdv representado e como pdv afirmado, quando coenunciado com L1/E1, enquanto que o pdv masculino emerge principalmente como pdv narrado ou representado. É com base na percepção dos leitores e seu modo de agir que a locutora-enunciadora simula situações e narra breves episódios que visam orientar os leitores em como agir quando não querem que a mulher fique na sua casa depois de uma transa. Esse procedimento de representação funciona como uma estratégia para captar a adesão masculina, não apenas porque os homens se veem representados, mas também porque eles têm acesso a um desabafo claro e direto sobre o que as mulheres esperam, desejam e pensam. Desse modo, parece mais autêntico saber o que "passa na cabeça das mulheres" quando o texto é escrito por uma mulher.

Na reportagem (1) abaixo, estão marcados em itálico os trechos que assinalam a representação do pdv masculino, narrado ou representado (manifestação de suas percepções/pensamentos e ações). Em negrito, destacam-se as formas nominais. Quando o pdv de L1/E1 é coenunciado com as mulheres, aparecem sublinhados os termos que caracterizam a simetria enunciativa. Neste caso, L1/E1 assume explicitamente o pdv feminino, ou seja, o lugar enunciativo a partir do qual fala como mulher, não se colocando apenas como repórter.

MH10 Reportagem (1): Como mandá-la embora

Tem dias em que você simplesmente não está a fim de mais sexo nem de romance e quer acordar sozinho. Veja como dizer isso a ela. Por Yara Achôa

Sim, é difícil falar para uma mulher que você não está a fim de sair de novo com ela. É delicado dizer para sua namorada que naquele dia não quer dormir junto. Você fica com medo de magoar, de receber uma invertida, de se arrepender. E acaba se enrolando, faz coisas sem vontade, dá desculpas tolas até se tornar **aquele idiota que nós, mulheres, não queremos mais ver pela frente.**

Entenda: às vezes até percebemos que você está incomodado com a nossa companhia. Mas é da natureza feminina "fazer planos" sem consultar o parceiro. Enquanto você está por perto e não fala claramente o que se passa em sua cabeça alimentamos esperanças – já reparou como as mulheres riem (nervosamente) em um filme como Ele Não Está Tão a Fim de Você? "É próprio do universo feminino sonhar acordado", afirma o sexólogo José Jorge Serapião, do Rio de Janeiro, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sbrash).

Ouvir um "não" quando o desejo era um "sim" não é **a coisa mais gostosa do mundo**. Mas sobrevivemos. E podemos guardar **uma imagem mais positiva de você** – o que pode ser útil para o caso de um dia mudar de ideia.

SEM REPETECO

Você conhece uma garota e a convida para sair. Uma, duas vezes... Pode até rolar sexo, mas você logo percebe que a coisa não vai adiante – no máximo ela pode se tornar uma amiga. O problema é que você nota que ela se entusiasmou para valer. Sumir do mapa não é **a melhor alternativa**.

Seja sincero: não a deixe esperando (pode apostar: ela está aguardando seu telefonema no dia seguinte aos encontros). Ligue e, antes que ela suspire por **sua "tão nobre atitude"**, discurse sobre como *você acredita na amizade entre homens e mulheres. E que desde o início sacou que ela seria uma boa amiga*. "É importante mostrar suas intenções de forma gentil. A incapacidade de dizer 'não' também representa incapacidade de fazer escolhas", diz Serapião. É **um balde de gelo em qualquer entusiasmo** e, em um primeiro momento, a mulher pode ficar frustrada. Mas depois a tendência é pensar que você foi **um cara legal**. Se um dia você quiser transformar **essa amizade** em algo mais, são grandes as chances de estarmos dispostas.

Não se enrole: não precisa detonar, mas também não precisa dizer: *"O encontro foi ótimo"; "Claro, qualquer hora nos vemos de novo"; "Puxa, adorei você".* "Dar **falsas esperanças** é o pior que pode acontecer", diz o sexólogo Marcos Ribeiro, autor do livro Sexo sem Mistério (Ed. Saraiva, 229 págs., R$ 24,90). É o clássico: "*Você é ótima, mas eu não estou em um bom momento" – já usado pelo menos uma vez na vida por 62% dos leitores de MH,* em pesquisa realizada em nosso site, no mês de agosto – não cola faz tempo.

Ela também pode não estar tão a fim de você: um belo dia você resolve ligar de novo e ela atende com um "Quem? Bruno? De onde? Ah, sim..." Isso prova que, apesar do entusiasmo inicial, ela também não tinha tanto interesse assim.

VAI FICAR PARA DORMIR

A balada foi boa, vocês estão cheios de tesão e vão fechar à noite em sua casa. *Mas como dizer que você quer apenas transar com ela (seja a garota sua namorada ou não) e não que ela amanheça no seu quarto?*

Seja sincero: se você tem um plano para conduzi-la à sua cama, é bom que tenha outro para fazê-la sair de lá. Avisar – antes d **o rala e rola**, claro – que tem um compromisso logo cedo no dia seguinte e, portanto, ela não poderá dormir lá, é **uma saída**. Se ainda mora com seus pais, a razão pode ser ainda melhor. Dar de cara com

a "sogra" de camisola pela casa de manhã não é **uma ideia que agrada às mulheres**.

Não se enrole: se não quer que ela fique, nem pergunte se vai dormir com você. E não deixe para contar seus planos para depois do sexo. Ou corre o risco de ver **uma mulher em fúria.** "**O desconforto** acontece quando não se tem diálogo", alerta o sexólogo José Serapião. É bom que você planeje também como sua garota vai embora. Se ela estiver de carro, ótimo. Caso contrário, lembre-se de que você terá de se vestir para levá-la, às vezes tendo que atravessar a cidade. Sim, porque colocá-la num táxi e despachá-la como **uma mala** – especialmente se vocês não combinaram isso – não pega bem. Ela também pode não estar tão a fim de você: já passou por sua cabeça que quando uma mulher topa ir para sua casa pode estar a fim apenas de diversão tanto quanto você? "As relações estão cada vez mais igualitárias e a mulher também busca seu prazer, sem culpa", diz o sexólogo Marcos Ribeiro. Acontece. E pode apostar: é um dos grandes prazeres femininos quando, depois do sexo, ela anuncia – diante de uma expressão masculina de surpresa – que está indo embora. Não é nada pessoal. Às vezes também *gostamos* de terminar a noite sozinhas e *achamos que* não há melhor lugar no mundo do que **nossa cama**.

CAFÉ-DA-MANHÃ NÃO INCLUSO

É ótimo quando vocês combinam de passar a noite toda juntos.*A noite – e não o dia inteiro, pensa você. Afinal, onde fica seu direito a ficar de cueca o dia todo, ao futebol com os amigos no sábado de manhã... Então, ao acordar, ela terá que ir embora.*

Seja sincero: não se sinta como ***um leão na jaula*** – seja claro ao convidá-la. Frise: "Vamos passar a noite juntos". E adiante seus planos para o dia seguinte. Durante a semana, alegue trabalho ou outros compromissos e fale que – *embora quisesse muito – não terá tempo para* ***um café-da-manhã romântico***. Quando o despertador tocar, acorde **a Bela Aformecida** com um beijo (ou com sexo, quem sabe?) e siga sua rotina. No fim de semana dá até para relaxar um pouco, mas igualmente defina o tempo que dedicará a seus compromissos e o que terá para ela. "Entender que, embora vocês formem um casal, cada um ter direito à sua liberdade é fundamental para o relacionamento", diz Marcos Ribeiro.

Não se enrole: em hipótese alguma diga que não tem nada para fazer no dia seguinte – ela pode interpretar como **um convite para um *dolce far niente* em tempo integral**. E não prometa um fim de semana inteirinho para ela se você tem de instalar o som no carro, tomar cerveja com os amigos...

Ela também pode não estar tão a fim de você: observe o que ela carrega quando vai dormir na sua casa – uma mochila pequena ou uma mala de viagem? A bolsa discreta revela que **nossa intenção** é ter **uma noite maravilhosa a seu lado**, acordar, escovar os dentes, tomar um banho rápido e zarpar – afinal, também temos muito o que fazer.

Revista *Men's Health*. Número 41, setembro 2009.

Já nas primeiras linhas (1 a 7) desta reportagem, o pdv masculino é representado por meio de percepções que o assinalam como enunciador segundo e interlocutor. A representação das percepções masculinas logo de início problematiza o tema a ser discutido, a partir do qual os argumentos serão levantados. Nesse primeiro momento, L1/E1 coenuncia com o interlocutor masculino, como atestam as afirmações: “Sim, é difícil falar para uma mulher que...”, “É delicado dizer....”, “Você fica com medo de...”. Essas afirmações evidenciam prise en compte no acordo por parte de L1/E1.

Em seguida, o pdv masculino é representado entre as linhas 21 a 25, 27, 28, 35, 36, 38 e 39. Essas passagens simulam situações corriqueiras enfrentadas pelo interlocutor masculino no que diz respeito ao modo de lidar com a parceira. Enunciados que contêm verbos de percepção, tais como: “você logo *percebe* que...” (linha 22), “você *nota* que...” (linha 23) e “você *acredita*... (linha 27) e *sacou* que...” (linha 28) assinalam a imputação de pdv a e2. Nas linhas 30 e 36, as formas nominais “um balde de gelo em qualquer entusiasmo” e “falsas esperanças”, enunciadas respectivamente por L1/E1 e pelo enunciador especialista (e4), evidenciam rotulações acerca da atitude masculina. Em 30, a forma predicativa “um balde de gelo em qualquer entusiasmo” assinala pdv afirmado de L1/E1; e em 36, “falsas esperanças” assinala pdv afirmado de e4, em coenunciação com L1/E1. A expressão “falsas esperanças” é um caso de anáfora indireta que encapsula o conteúdo atribuído ao enunciador masculino por L1/E1: *não precisa detonar, mas também não precisa dizer: “O encontro foi ótimo”; “Claro, qualquer hora nos vemos de novo”; “Puxa, adorei você”.* No discurso de e4, trecho entre aspas nas linhas 36 e 37, essa atitude masculina é rotulada de “o pior que pode acontecer”. Essa avaliação negativa também indica que L1/E1 está em postura de coenunciação com e4. Outra forma nominal que assinala essa postura de coenunciação é “o desconforto”, na linha 57. A referenciação desses objetos de discurso em coenunciação com e4 indica que a construção e perspectivação dos objetos de discurso é dialógica.

Ainda nas linhas 48, 49 e 73 a 75, evidencia-se o diálogo com o interlocutor, enunciador masculino. Embora haja a representação do pdv

maculino nesses trechos, não são as formas nominais que se destacam, mas verbos de percepção como “querer” (linha 48) e “pensar” (linha 74). Há apenas uma forma nominal por comparação que expressa percepção representada: “um leão na jaula” (linha 76), acompanhada do verbo “sentir”. Essa forma heterodialógica também assinala pdv afirmado de L1/E1, sendo um caso de prise en compte no desacordo por parte da locutora, que argumenta para que o leitor possa mudar de atitude, sendo sincero com a parceira.

Como é característico das reportagens analisadas, o tom aconselhador é predominante. Em decorrência disso, destacamos que a representação do pdv afirmado de L1/E1, em muitos casos, manifesta-se através de verbos na forma imperativa que projetam a maneira como o interlocutor deve agir em determinada situação. Algumas passagens justificam essa afirmação, como nos dois trechos abaixo, em que estão sublinhados os verbos no imperativo que incitam o leitor a agir ou a repensar sua posição. Alguns desses verbos são acompanhados de expressões avaliativas destacadas em itálico:

(i) Linhas 58 a 62

> *É bom que* você planeje também como sua garota vai embora. Se ela estiver de carro, *ótimo*. Caso contrário, lembre-se de que você terá de se vestir para levá-la, às vezes tendo que atravessar a cidade. Sim, porque colocá-la num táxi e despachá-la como **uma mala** – especialmente se vocês não combinaram isso – *não pega bem*.

(ii) Linhas 76 a 82

> Frise: “Vamos passar a noite juntos”. E adiante seus planos para o dia seguinte. Durante a semana, alegue trabalho ou outros compromissos e fale que – embora quisesse muito – não terá tempo para **um café-da-manhã romântico**. Quando o despertador tocar, acorde a Bela Aformecida com um beijo (ou com sexo, quem sabe?) e siga sua rotina.

No fim de semana dá até para relaxar um pouco, mas igualmente defina o tempo que dedicará a seus compromissos e o que terá para ela.

Em cada uma dessas passagens, há uma forma nominal. Em (i), a forma nominal comparativa “uma mala”, evidencia pdv afirmado de L1/E1. Em (ii), a forma nominal “um café-da-manhã romântico” assinala pdv representado de e2, como atesta o verbo “querer” no pretérito do subjuntivo. Porém, como uma possibilidade remota, o café romântico revela muito mais o interesse do enunciador feminino do que masculino, que quer se livrar da parceira logo de manhã. Assim, essa expressão também assinala pdv feminino representado, sendo um caso de empilhamento.

É também em relação ao pdv do enunciador feminino que o pdv afirmado de L1/E1 se constrói, alternando entre coenunciação e distanciamento. Essa oscilação entre distanciamento e coenunciação indica procedimentos variáveis de representação do pdv feminino. Diferentemente da representação do pdv masculino, há um maior número de formas nominais que atestam a representação do pdv feminino na voz da locutora-enunciadora.

Entre as linhas 8 e 18, representa-se o pdv afirmado de L1/E1 em postura de coenunciação com o enunciador feminino (e3). Nesse trecho, há um conjunto de verbos na primeira pessoa do plural que evidenciam a coenunciação, tais como: “quereremos”, “percebemos”, “alimentamos” e “sobrevivemos”, que aparecem respectivamente nas linhas 8, 9, 12 e 17. Há nessa passagem três formas nominais que evidenciam pdv afirmado de L1/E1 em coenunciação com e3: (i) “aquele idiota que nós mulheres não queremos mais ver pela frente” , (ii) “a coisa mais gostosa do mundo” e (iii) “uma imagem mais positiva de você”.

Em (i), a coenunciação é marcada na própria forma nominal pelos termos “nós mulheres não queremos” (linha 8), que estão sublinhados na reportagem. Essa forma nominal indica PEC integral de L1/E1 em consonância com e3 e acaba por rotular e2 como objeto de discurso, conferindo-lhe, nessa passagem, uma posição subordinada em dissimetria enunciativa. Por consequência, e2 é, nestas linhas, subenunciador e L1/E1 é sobrenunciador, juntamente com e3. Esse procedimento instala no discurso a tensão

enunciativa que caracteriza o diálogo (embate) entre o enunciador feminino e o masculino. Nas outras duas formas nominais, a coenunciação é assinalada pelas formas verbais “sobrevivemos” e “podemos guardar”. Já a forma nominal (ii) constitui uma predicação por desasserção, enquanto que (iii) é um caso de AI. Na linha 32, há outra forma nominal que marca a coenunciação juntamente com verbo na primeira pessoa do plural: “Se um dia você quiser transformar *essa amizade* em algo mais, são grandes as chances de *estarmos dispostas*.”

Na linha 24, aparece mais uma forma nominal predicativa por desasserção: “a melhor alternativa”. Essa forma assinala PEC integral de L1/E1. Como um caso de desasserção, essa forma nominal também marca e2 em postura de dissimetria enunciativa, assinalando o pdv afirmado de L1E1. A manifestação desse pdv contribui para descredibilizar a atitude de e2, aquela de sumir do mapa. A dissimetria é ainda realçada pelo apelo de L1/E1 para que o homem não deixe a mulher esperando (linha 25). Nessa breve passagem do texto, L1/E1 enuncia mais como repórter, um narrador que aconselha e estabelece uma relação de cumplicidade com e2, do que como “locutora mulher”, aquela que assume o pdv feminino. O pronome “ela” utilizado para se referir às mulheres, nas frases “ela está aguardando...” (linha 25) e “antes que ela suspire por sua ‘tão nobre atitude’ ” (linha 27), marcam o distanciamento entre L1/E1 e e3. Esse distanciamento é marcado pelas aspas que acompanham a forma nominal *sua “tão nobre atitude”*, evidenciando ironia por parte de L1/E1 e o diálogo aberto com e2.

O distanciamento também se revela através dos termos “mulher” e “tendência”: “*a mulher pode ficar frustrada. Mas depois a tendência é pensar que você foi um cara legal*” (linhas 31 e 32). A forma nominal predicativa “um cara legal”, acompanhada do verbo “pensar” evidencia percepção feminina representada. Na linha 86, há outra forma nominal que indica pdv feminino representado por distanciamento: “um convite para um *dolce far* niente em tempo integral”. O verbo “interpretar” auxilia na captação do pdv que se manifesta por essa forma nominal comparativa. As formas nominais “uma mulher em fúria” e “a bela adormecida” são utilizadas respectivamente nas linhas 57 e 80 para se referir à mulher. Enquanto objeto de discurso, o

enunciador feminino é rotulado por L1/E1. Como um caso de PEC integral, a manifestação desse pdv é mais uma evidência do distanciamento entre L1/E1 e e3.

Há outras passagens no texto que indicam a representação do pdv feminino por distanciamento de L1/E1, como nas linhas 53 e 54. Nesse trecho, o pdv feminino é representado através da forma "uma ideia que agrada às mulheres". Sendo um caso de empilhamento, a forma nominal indica pdv afirmado de L1/E1 e pdv representado de e3, como atesta a oração adjetiva que contém o verbo "agradar". A forma nominal predicativa "uma idéia que..." indica pdv afirmado de L1E1 por desasserção, sendo o nome-núcleo uma palavra de sentido genérico. A forma nominal "a 'sogra' " também indica pdv afirmado de L1/E1 por uma espécie de ironia como atesta o termo *sogra* entre aspas. Outra forma nominal predicativa que assinala o pdv de L1/E1 é a expressão "uma saída" (linha 53).

Há ainda duas passagens que evidenciam a oscilação na representação do pdv de L1/E1 em relação ao pdv feminino. Essa oscilação entre distanciamento e coenunciação se dá nas linhas 62 a 68 e 89 a 93. O dois trechos iniciam por distanciamento através da mesma frase "ela também pode não estar tão a fim de você" e terminam em coenunciação. No primeiro trecho (62 a 68), os verbos "gostar" e "achar", que aparecem conjugados na primeira pessoa do plural, assinalam a coenunciação: "*Às vezes também gostamos de terminar a noite sozinhas e achamos que não há melhor lugar no mundo do que nossa cama*". A forma nominal "nossa cama" com o determinante possessivo no plural é mais uma evidência de coenuniação. No segundo trecho (89 a 93), também aparece forma nominal com o determinante *nossa* na expressão "nossa intenção", assim como verbo "ter" na primeira pessoa do plural: "*também temos muito o que fazer*". Por fim, a forma nominal predicativa "uma noite maravilhosa ao seu lado" é mais uma evidência de coenunciação entre L1/E1 e e3.

Mesmo que algumas passagens do texto sejam caracterizadas pela dissimetria enunciativa entre e2 e e3, nos casos em que há prise en compte no desacordo, podemos dizer que a orientação argumentativa nesta reportagem

tende a equilibrar a dissimetria, amainando a tensão entre o enunciador feminino e o masculino. Duas passagens desta reportagem, que manifestam pdv afirmado do sexolólogo Marcos Ribeiro, funcionam como justificativa e fundamento para essa tendência: “as relações estão cada vez mais igualitárias” (linha 65) e “embora vocês formem um casal, cada um ter direito à liberdade é fundamental” (linha 83).

Para resumir o que foi dito quanto ao gerenciamentos dos pdvs nessa reportagem, esquematizamos, através dos quadros abaixo, os procedimentos que particularizam a representação do pdv por meio das formas nominais:

Quadro 1: Pdv afirmado de L1/E1 em coenunciação com e2				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
aquele idiota que nós mulheres não queremos mais ver pela frente		x		8
...a coisa mais gostosa do mundo			x	16
uma imagem mais positiva de você		x		17
...um balde de gelo em qualquer entusiasmo			x	30
essa amizade		x		33
nossa cama		x		70
nossa intenção		x		91
uma noite maravilhosa		x		91

Quadro 2: Pdv afirmado de L1/E1 por distanciamento de e2				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
sua “tão nobre atitude”		x		27
... a melhor alternativa			x	24
o rala e rola	x			51
...uma saída			x	53
...uma ideia			x	54
a “sogra”	x			54
uma mulher em fúria	x			58
a bela adormecida	x			80

Quadro 3: Pdv representado por empilhamento					
Formas nominais heterodialógicas	Empilhamento	AD	AI	Predicativa	Linha
...uma ideia que agrada às mulheres	pdv afirmado de L1/E1 + pdv representado de e3			x	54
uma mala	pdv afirmado de L1/E1 + pdv narrado de e2	x			62
um leão na jaula	pdv afirmado de L1/E1 + pdv representado de e2	x			76
um café da manhã romântico	pdv representado de e2 + pdv representado de e3		x		79

Quadro 4: representação do pdv de outros enunciadores				
Pdv afirmado de e4 (enunciador especialista)				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
falsas esperanças		x		36
o desconforto		x		58
Pdv representado de e3 (enunciador feminino)				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
um cara legal			x	32
Um convite para um *dolce far niente* em tempo integral			x	86

Dando prosseguimento à análise do gerenciamento de pontos de vista, passemos a examinar a reportagem (2), "É dando que se recebe". Escrita pelo locutor masculino na revista WH, essa reportagem aborda o sexo oral e tem como propósito orientar às mulheres para que possam satisfazer o parceiro na prática do sexo oral. Comparando esta reportagem com a reportagem (1), nos indagamos se a tensão enunciativa entre as perspectivas também tende ao equilíbrio das posições.

Na reportagem (2) abaixo, estão destacados em itálico os trechos que assinalam a representação do pdv feminino (narrado ou representado). Em negrito, destacam-se as formas nominais. Quando o pdv de L1/E1 é coenunciado com os homens, aparecem sublinhados os termos que

caracterizam a simetria enunciativa. Neste caso, L1/E1 assume explicitamente o pdv masculino ou o lugar enunciativo a partir do qual fala como homem, não se colocando apenas como repórter.

MH11 Reportagem (2): *É dando que se recebe*

Lições básicas para você enlouquecer o sortudo que está ao seu lado (ou aí em pé diante de você ajoelhada). Por Celso Augusto

Para a maioria dos homens, poucas coisas são melhores do que receber sexo oral de uma mulher. Uma minoria prefere fazer a receber, mas tudo bem. Figurar como segunda coisa mais legal do mundo já é motivo suficiente para um homem escrever um guia como este.

ESCOLHA O MOMENTO CERTO Ao acordar é magistral. Estamos nos espreguiçando, e *você começa de supetão uma sessão de sexo oral*. Mesmo se **nosso amigão** estiver mole, não se acanhe. Com os primeiros beijos ele começará a crescer. Vá em frente. É **o jeito ideal de começar o nosso *dia***. O único problema é que talvez seja necessário interromper por alguns segundos para o xixi. Por favor, não deixe **o clima** se perder só por causa disso nem venha atrás para continuar **o serviço** — com ele duro, o único jeito de urinar é sentar-se na louça, **flagrante constrangedor** para um homem.

Antes de dormir também é sensacional. Não precisa haver clima. Basta que você esteja com vontade. Se *para você receber sexo oral pode ser ruim sem um mínimo de preparação*, para nós nunca será. Na dúvida, faça. Por fim, entre o momento em que abrimos os olhos e aquele em que dizemos boa noite, qualquer hora é hora. Captou?

O LOCAL É TUDO Seguindo o mesmo raciocínio do item anterior, os melhores locais para receber sexo oral são dentro de casa e fora dela. Dentro, a dica é experimentar vários cômodos e posições, até achar o jeito preferido pelo casal. No chuveiro é muito bom, mas, como hoje até o sexo deve ser sustentável, deixe a ducha desligada. A proximidade da água é valiosa caso o sexo oral vá até o fim e *você ainda não esteja familiarizada com o gosto do esperma*. Eu disse AINDA, porque acostumar-se com ele, como veremos a seguir, é importante *para quem quiser de fato se tornar perita na arte*. Do lado de fora de casa, procure nos surpreender. Alguns locais já viraram clássicos: no carro, no elevador, no avião, no ônibus, no Salão Oval da Casa Branca. Mas atenção: é imprescindível que você e **o felizardo** tomem cuidado para não serem vistos por ninguém. Pode render uma ficha por ato obsceno. Se curtirem dar showzinho, procurem uma casa de swing.

DIGA O QUE QUER Se estamos apaixonados, ouvir elogios dela faz um bem danado ao ego. Frases como “Eu te amo” causam um regozijo interior que às vezes vem acompanhado de reações físicas: um frio na barriga, uma palpitação e até, acreditem, uma lágrima de felicidade. Mas é difícil imaginar uma frase que soe melhor aos nossos ouvidos do que **a retumbante “Quero te chupar”**. E o melhor: não precisamos estar apaixonados para essas três palavras terem o mesmo efeito de uma linda sinfonia.

MOSTRE-SE SEM PUDORES Somos simplórios demais para aproveitar as sensações boas sem ver o que as causam. É por isso que, em geral, queremos *transar com mais luz do que você*. Tão sensacional quanto o que sentimos com o sexo oral é a vista que temos dele. Portanto não tape **o espetáculo** com a sua cabeça. Mantenha-se ligeiramente abaixo ou atrás do pênis para a visão ser completa. Deixe-nos ver sua língua se esfregando nele todo. Jogue o cabelo para o outro lado, ou melhor: prenda-o. Lance olhares de desejo ora para o pênis, ora para a gente. E sorria.

TEMPERE A GOSTO Ponha no pênis o que você quiser: sorvete, chocolate, iogurte. Colocar na boca um líquido quente alternado com um gelado (chá e água, por exemplo) é **uma tática brilhante para *nos fazer* delirar**. Não nos ofereça o sorvete. Um uísque com charuto é melhor. Também vale uma taça do espumante que você estiver bebendo.

DÊ A CARA PARA BATER Dizem que certos fetiches do homem, como o de transar com a mulher de quatro, se devem à nossa necessidade de subjugá-la e de mostrar que ainda somos os reis do pedaço. Seja lá como for, os fetiches entre os homens são mesmo muito parecidos. Um campeão é o de esfregar o pênis ou dar umas batidinhas com ele na cara da parceira. Você também pode fazer isso por sua conta. Pegue o pênis e passe-o pelo seu rosto todo.

EXPERIMENTA! Anote aí outro fetiche comum a 11 entre dez homens: ejacular na boca ou no rosto da mulher. Isso é realmente muito bom. Claro que há o risco de transmissão de doenças. *Mas, se for alguém com quem você já trocou o resultado dos exames de DST e se sente segura*, não há problema nenhum. *Talvez demore um pouco até você se acostumar* — a gente espera. *Quando achar que chegou o momento, leia o item seguinte.*

USE BOCA E MÃOS Para nos fazer gozar, ritmo é fundamental. Alterne a sucção com lambidas na glande e no corpo do pênis (lambê-lo da base até a cabeça é demais!). Só tome cuidado com os dentes. Com um anel formado pelo seu dedão e o seu indicador, segure o pênis pela base e inicie o movimento da masturbação. Conforme o tamanho d **o meninão**, você pode usar mais dedos. Não se irrite se nós quisermos assumir a parte manual. Não significa que você foi inábil — é só mais **um fetiche**. Não menospreze o saco. Se não quiser colocá-lo na boca, segure-o com a outra mão, mas com leveza e doçura, por favor. Jamais o aperte muito. Massagear com o dedo o períneo (região atrás do saco, antes do ânus) com certeza nos fará chegar mais rápido **à consagração**. Ir além do períneo é polêmica pura. Uns caras gostam que a mulher enfie um dedo no ânus. Outros, não. Perguntar se o parceiro quer não ofende. Se ofender, troque de parceiro.

CHAME A AMIGA PARA AJUDAR Se uma mulher é excelente, imagine duas. *Agora que você já se tornou **uma expert no assunto***, que tal nos proporcionar **esse upgrade dos sonhos**? O duo não é pré-requisito para o sexo oral ser perfeito, mas ele é mesmo mais **uma daquelas fantasias comuns a todos nós**. *Na dúvida*, não encare. *Se bater aquela curiosidade em incluir outra garota* n **a bagunça**, não hesite

Revista *Women's* Health. Edição 12, outubro 2009.

A manifestação do pdv afirmado de L1/E1 nessa reportagem, assim como acontece na reportagem (1), oscila entre coenunciação e distanciamento em relação a e2. Já no início da reportagem (linhas 4 a 7), L1/E1 assume a posição masculina a partir da qual vai enunciar: “Para *a maioria dos homens*, poucas coisas são melhores do que receber sexo oral de uma mulher. *Uma minoria* prefere fazer a receber, mas tudo bem. Figurar como segunda coisa mais legal do mundo já é motivo suficiente para **um homem** escrever um guia como este”. Essa passagem, ao mesmo tempo em que marca explicitamente a posição a partir da qual L1/E1 vai falar – a de “um homem” – , ela também marca a existência de um outro, o enunciador masculino pelas expressões: “a maioria dos homens” e “uma minoria”. A forma nominal “segunda coisa mais legal do mundo” marca o pdv representado desse enunciador masculino (em minoria).

Isso implica dizer que, embora na maior parte do texto, L1/E1 seja coenunciador com os homens, há momentos em que L1/E1 distancia-se dessa perspectiva, não revelando seu pdv ou o que pensa a respeito do objeto. É o que acontece nessa passagem que acabamos de citar, pois o locutor não revela explicitamente seu pdv em relação ao sexo oral : o que, na verdade, prefere: fazer ou receber? O distanciamento fica ainda mais evidente nesta outra passagem (linhas 82 e 83): “Uns caras gostam que a mulher enfie o dedo no ânus. Outros não. Perguntar se o parceiro quer, não ofende.” Em passagens como essa, o fato é apenas *reportado* (representado na visão dos outros), porque L1/E1, como repórter, não revela sua preferência.

No que diz respeito à representação do pdv afirmado de L1E1 em coenunciação com e2, há uma alta incidência de formas nominais que marcam e2 como coenunciador. Essa incidência é um pouco maior na reportagem (2) do que na reportagem (1). Como consequência, a incidência de formas nominais por distanciamento em (2) é menor do que em (1). Isso pode ser observado nos quadros 5 e 6 abaixo se comparados aos quadros 1 e 2. O quadro 5 assinala a coenunciação e o quadro 6, o distanciamento:

Quadro 5: Pdv afirmado de L1/E1 em coenunciação com e2				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
nosso amigão		x		11
...o jeito ideal de começar o nosso dia			x	12
...flagrante constrangedor			x	16
a retumbante “quero te chupar” [a frase]	x			41
o espetáculo		x		48
...uma tática brilhante para nos fazer delirar			x	56
...um fetiche			x	80
a consagração		x		83
esse upgrade dos sonhos		x		89
...uma daquelas fantasias comuns a todos nós			x	90

Quadro 6: Pdv afirmado de L1/E1 por distanciamento				
Formas nominais	AD	AI	Predicativa	Linha
o clima		x		14
o serviço		x		15
o felizardo [o sortudo]	x			34
o meninão [o pênis]	x			78
a bagunça		x		92

Comparada à reportagem (1), a reportagem (2) não mobiliza formas nominais que atestem o pdv feminino. Mesmo estando presente em menor grau, o pdv feminino é representado através de verbos de ação/percepção ou expressões conformativas nas passagens em itálico (linhas 9, 18, 28, 47, 69-72 e 91). Há apenas uma exceção no final da reportagem (linha 88), a forma nominal predicativa: “agora que você se tornou **uma expert no assunto**”. Essa forma heterodialógica assinala pdv afirmado de L1/E1 e pdv representado de e3 por imputação.

Tal como na reportagem (1), a construção do pdv na reportagem (2) é marcada pelo tom aconselhador com que L1/E1 se dirige às leitoras. Esse tom aconselhador, sendo uma forte característica dos textos analisados, põe em foco um ou mais pdvs que, como um caso de prise en compte no acordo, guia o desenvolvimento do pdv principal do texto. Na reportagem (1), o pdv principal orienta-se, principalmente, pelo pdv afirmado de L1/E1 em consonância com o enunciador feminino. No caso da reportagem (2), é o pdv do enunciador masculino que coenuncia com L1/E1. Há, por isso, formas nominais que

evidenciam a coenunciação. Porém, a coenunciação divide espaço com o distanciamento, quando em algumas passagens L1/E1 atua apenas como repórter, como evidenciam as formas nominais do quadro 6: “o serviço”, “o clima”, “o felizardo”, “o meninão”, “a bagunça”. Na manifestação do pdv de L1/E1 por meio destas formas, não se evidenciam verbos na primeira pessoa do plural ou outras marcas de coenunciação, como a expressão “para um homem” na linha 16, que dá à forma nominal “flagrante constrangedor” um teor coenunciativo.

Nessa oscilação entre coenunciação e distanciamento, o pdv principal se constrói e dá visibilidade a outras perspectivas. Contudo, a parcela de atuação de cada um dos enunciadores na construção do pdv dos dois textos é variável.

Se, por um lado, o enunciador masculino é mais solicitado na reportagem (2), destinada às mulheres, por outro, o enunciador feminino aparece mais na reportagem (1), dirigida aos homens. Isso se justifica em função do público e não pelo fato de o locutor ser homem ou mulher. As revistas têm o papel de representar os pdvs, feminino e masculino, o que pode ser feito independentemente se o locutor for homem ou mulher, porque a matriz ideológica das revistas é muito semelhante. Porém, colocar um homem para escrever às mulheres, e vice-versa, é uma estratégia que dá maior poder de convencimento à reportagem, podendo atrair mais interlocutores. Assim, o enunciador feminino é mais visível em (1) do que em (2), sendo o enunciador masculino ainda mais visível em (2) do que em (1).

Esse maior volume de percepção na representação do pdv masculino na reportagem (2) desperta nossa atenção. Em (1), o pdv feminino tem maior volume do que em (2), quer dizer, tem maior visibilidade, porque é citado mais vezes. Como consequência, o pdv feminino é minimizado em (2), tendo o pdv masculino maior visibilidade, conferindo à reportagem um tom “mais pessoal”. Apesar de ser um guia de como a mulher deve agir na prática do sexo oral, a reportagem (2) quase se assemelha a uma crônica de opinião, porque tem um maior grau de debreagem enunciativa de L1/E1. A ausência do pdv do especialista e a presença do pronome “eu” na linha 29 (“Eu disse AINDA”), são

evidências de um maior grau de manifestação da subjetividade do locutor masculino em (2), assim como desse diálogo direto e " mais subjetivo " de L1/E1 com as leitoras. Contudo, salientamos que essa subjetividade não é a do locutor ser do mundo, mas a do locutor ser do discurso, esse homem-repórter que fala em nome da revista para representar, na reportagem, um pdv masculino (aquele da maioria) com o qual ele concorda.

Assim, essa variação no modo de manifestar a presença alheia também afeta o enunciador especialista. Se, na reportagem (1), ele é solicitado do começo ao fim do texto, em (2), ele não aparece. Esse dado é significativo e justifica a seleção integral desses dois textos num conjunto de 21 reportagens. Ao gerenciar as posições na reportagem (1), L1/E1 mobiliza três enunciadores: o masculino (e2), o feminino (e3) e o especialista (e4), além dele mesmo. Na reportagem (2), esse gerenciamento dá-se pela mobilização de e2, de e3 e de um pdv dóxico na forma nominal: "os reis do pedaço" (linha 62).

Podemos dizer que as duas reportagens reúnem um conjunto significativo de procedimentos de representação do pdv através das formas nominais, sendo marcante a alta incidência de pdv afirmado de L1/E1, o que é uma característica dos gêneros argumentativos. Ademais, a representação do pdv de enunciadores segundos, através das formas nominais, também é recorrente nas reportagens de nosso *corpus*. Como pudemos observar nos diversos trechos analisados neste capítulo, entre as modalidades do pdv, destacam-se : i) o pdv representado/narrado do enunciador feminino ou masculino, ii) o pdv representado e o pdv afirmado do enunciador especialista. O enunciador especialista atua sempre como coenunciador, e seu pdv pode ser representado, caso de prise en compte no acordo, ou afirmado, caso de PEC integral.

No que diz respeito à representação do pdv do enunciador masculino ou feminino, L1/E1 atua de forma variável. Ou seja, pode haver prise en compre no acordo, desacordo e em raros casos uma espécie de neutralização. Também são raras as passagens em que o enunciador masculino atua como subenunciador nas duas revistas. Já o pdv feminino, quando em destaque, tende ao equilíbrio enunciativo em relação ao masculino, mas não a uma

postura de sobrenunicação. Contudo, quando o locutor coenuncia com o enunciador feminino ou masculino, configura-se a PEC integral na representação desse pdv por parte de L1/E1.

A atuação desses enunciadores na reportagem e a relação que L1/E1 estabelece com eles é uma evidência da construção dialógica dos objetos de discurso. As formas nominais são, portanto, um importante recurso na perspectivação desses objetos que atuam na progressão tópica, construção da coerência, assim como na orientação argumentativa do texto. Relevante nesse processo é a constatação de que os objetos de discurso podem assinalar um ou mais enunciadores por diferentes procedimentos de representação do pdv. Tais procedimentos constituem um modo de apresentar o outro, expondo em maior ou menor grau a sua subjetividade, o que se dá não apenas através do dizer, aquilo proferido em um contexto anterior, mas através de ações e percepções representadas.

Conclusão

Ao final deste trabalho, uma conclusão geral se delineia: o que era ponto de partida na dissertação de mestrado – o estudo das formas nominais como estratégia de referenciação – configurou o fechamento desta tese. Como consequência natural da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre aquilo que acabávamos de conhecer, o que era ponto de chegada no mestrado – a construção do pdv – tornou-se, nesta tese, um ponto de partida e um terreno sobre o qual ela se ancorou. Em outras palavras, se os primeiros passos foram dados quanto ao estudo do ponto de vista no mestrado, no doutorado, esse estudo encontrou espaço para desenvolver-se e mesmo sofisticar-se. Se a noção de pdv no mestrado era apenas um "termo parassinônimo da noção de focalização" na narrativa, restrita às modalidades do pdv (representado, afirmado e narrado), no doutorado, esta noção desenvolveu-se ao incorporar os fenômenos de PEC e a hierarquização dos enunciadores.

Considerando que os pressupostos teóricos que envolvem o conceito de referenciação e a noção dos objetos de discurso eram um terreno bem sedimentado no mestrado, no doutorado esta questão cedeu espaço para que pudéssemos ampliar o conhecimento acerca da construção do ponto de vista. Nosso problema maior foi examinar a construção do pdv em contexto argumentativo, desvinculando-o da noção de foco e da estrutura actancial sobre a qual se estabelece a narrativa de ficção. Esse propósito permitiu-nos levar a frente o estudo das formas nominais, como instrumentos de análise do pdv, bem como debruçar-nos sobre a *dimensão dialógica que caracteriza a representação do pdv e, consequentemente, a construção dos objetos de discurso e o processamento das formas nominais*. Para isto, examinamos de forma atenta alguns aspectos que particularizam o estudo do pdv no quadro do dialogismo: os dispositivos de prise en charge, prise en compte e imputação. Na dimensão do dialogismo, esses aspectos particularizam o heterodialogismo, sendo o autodialogismo apenas um caso de PEC integral.

Assim, diagnosticamos um conjunto significativo de formas nominais heterodialógicas, que aparecem nas reportagens por procedimentos diferenciados de representação do pdv. Essas formas, tal como descrito em nossa análise, apontam necessariamente para o pdv de um enunciador, que pode ser o produtor do texto ou um enunciador que tem seu pdv representado, mesmo sem ter sido locutor em contexto anterior. Ao representar o pdv desses enunciadores, o produtor pode distanciar-se ou assumir explicitamente a postura de coenunciação. O distanciamento não implica necessariamente desacordo, mas uma forma de "fazer ver" o conteúdo como apreendido pelo outro. E os efeitos do distanciamento são variados. Estes podem indicar tanto uma crítica explícita, caso de *prise en compte* no desacordo, que põe o outro como subenunciador, como podem funcionar como justificativa para o que o produtor argumenta ou relata sobre o outro, sua forma de agir e pensar.

Em relação à coenunciação, as formas nominais mais regulares em nosso *corpus* são aquelas que apontam para o pdv do enunciador especialista. Como pudemos observar, há uma alta incidência de *pdv representado* e *pdv afirmado* desse enunciador, a quem o produtor recorre para dar credibilidade ao pdv principal e afirmar seu pdv. Em consequência disso, a representação do pdv do enunciador especialista dá-se como um caso de PEC integral por parte de L1/E1. Em muitos casos, esse enunciador é autorizado a falar, o que não acontece com o enunciador feminino e o masculino. Esse enunciadores têm seu pdv manifestado como percepções/pensamentos e ações, daí a incidência de pdv representado e de pdv narrado em relação a esses enunciadores. É recorrente, portanto, o dispositivo de imputação (PEC limitada), quando se representa o pdv do enunciador feminino ou masculino.

Conforme discutido, essa imputação pode configurar uma *prise en compte* no acordo, desacordo ou aparente neutralidade, o que vai depender da relação que L1/E1 estabelece com o pdv desses enunciadores. Ou seja, varia em função do modo como ele interpreta e coloca a perspectiva do outro no discurso, assim como da relação que estabelece com os interlocutores/leitores seja na WH, seja na MH. Quando a reportagem é escrita por um locutor para o público feminino na WH, há uma alta incidência de pdv afirmado do locutor em

coenunciação com o enunciador masculino. Nesse caso, L1/E1 escreve não apenas como repórter, mas como enunciador masculino. Essa relação é explícita e enfatizada, conforme evidenciaram as formas nominais em coenunciação na reportagem (2).

Reportagens desse tipo assemelham-se a uma crônica, sem deixar de funcionar como um guia de como os leitores/leitoras devem proceder na cama ou num relacionamento. Esse tom mais pessoal não se mostra nas demais reportagens, mesmo quando são locutoras que escrevem ao público masculino. A coenunciação, desse modo, não deixa de existir, mas é oscilante, porque há uma incidência equilibrada de formas nominais em distanciamento e em coenunciação, como mostramos na análise da reportagem (1). Desse modo, L1/E1 escreve como repórter, sem deixar de convocar sua identidade feminina. Reportagens desse tipo têm uma estrutura actancial mais regular e são representativas do modo como as posições são gerenciadas nas duas revistas. Por conta disso, as formas nominais sempre indicam a presença dos enunciadores: especialista, masculino, feminino e, em certos casos, do enunciador dóxico. O pdv dóxico também é recorrente, mas, nem sempre se manifesta através das formas nominais. Essa afirmação revela a importante relação que poderia estabelecer entre pdv dóxico e dêxis de memória, quando se analisa o enunciador dóxico, por exemplo. Desse modo, a representação dos pdvs também pode ser analisada em processos dêiticos.

No que diz respeito ao jogo de vozes na construção do pdv, podemos dizer que o pdv principal não indica apenas o pdv do produtor, mas *um pdv que reúne pontos de vista em coenunciação*. Esses pdvs atuam na construção dirigida da interpretação, configurando a orientação argumentativa do texto. Embora a orientação argumentativa seja uma responsabilidade do produtor, que escreve em nome da revista, essa orientação é uma manifestação da alteridade, porque é essencialmente dialógica, mesmo quando o produtor parece assumir “sozinho” um pdv. Esse aparente monologismo se dá quando L1/E1 afirma seu pdv sob a influência dos leitores/interlocutores, tal como discutido na seção 4.5.2.

Assim, os enunciadores segundos são evocados, ocupando um lugar no discurso que pode lhe conferir maior ou menor debreagem enunciativa. A incidência de PEC integral na representação do pdv de enunciadores especialistas e mesmo de L1/E1 evidencia um maior grau de debreagem em relação a esses enunciadores, sempre em postura de sobrenunciação. No que diz respeito à representação do pdv do enunciador feminino e do enunciador masculino, essa debreagem é variável e depende da relação que L1/E1 estabelece com os interlocutores. Em consequência disso, L1/E1 mobiliza enunciadores e pontos de vista em função do fazer ver e do fazer saber, que configura a orientação argumentativa do texto. Nessa mobilização, o pdv principal é configurado numa grande orquestração de "vozes" – percepções, dizeres e ações – que representam a posição de enunciadores segundos, identificados de forma variável no discurso.

Analisando o gerenciamento de posições nas reportagens, constatamos que as revistas não diferem quanto aos procedimentos de representação do pdv. Isso ficou evidente no capítulo de análise, pois não houve necessidade de diferenciar se a forma nominal estava sendo perspectivada em uma ou outra revista. Pelo que observamos, os procedimentos são recorrentes em ambas, não sendo um aspecto diferenciador. Do mesmo modo, a relação de L1/E1 com o enunciador especialista não é um aspecto diferenciador na construção do pdv entre as revistas.

Quanto à manifestação do pdv feminino e masculino, podemos dizer que há uma oscilação na forma de hierarquizar os enunciadores nas duas revistas. Essa hierarquia depende fundamentalmente da maneira como L1/E1 dialoga com os interlocutores e convoca seu pdv, assim como o pdv doxico acerca de um modo de pensar/agir feminino ou masculino. Essa dissimetria não é uma questão que paira sobre o locutor, ou seja, não se deve ao fato de o locutor ser feminino ou masculino, mas depende da relação que este locutor/locutora estabelece com os leitores/leitoras, e ainda de uma memória discursiva que identifica e orienta a interpretação das perspectivas.

Seria tentador dizer que o enunciador feminino normalmente ocupa postura de subenunciação, sendo o enunciador masculino um sobrenunciador

em simetria enunciativa com L1/E1. Ainda que isso possa ocorrer, esse tipo de hierarquização não responde integralmente pela representação do pdv nas reportagens, porque divide a cena enunciativa com outros modos de hierarquização. Como dissemos no capítulo de análise, há reportagens que tendem a equilibrar os enunciadores, mas sem eliminar a tensão enunciativa. Esse equilíbrio contribui, em certas passagens, para dar maior visibilidade ao pdv feminino, conferindo-lhe uma posição mais destacada. Essa posição de sobrenunciador é reflexo da transformação do comportamento sexual feminino e das próprias relações amorosas e/ou sexuais, que despertam nas mulheres o desejo de serem, por exemplo: "as melhores no desempenho sexual", ou aquela que, mesmo se afirmando sexualmente, não deixa de guiar-se pelo outro para também servi-lo: "aquele tipo de garota com a cabeça fresca para o sexo, que pensa nisso várias vezes por dia e alimenta o próprio tesão e o dele".

Essa posição destacada, portanto, não exclui a reprodução de certos estereótipos, no que diz respeito à forma de se referir à instância feminina, e principalmente, à masculina. Formas nominais como "o macho alfa", "o mestre da sedução", "eternos caçadores sexuais", "esse super-homem", "um garanhão" são evidências da sobrenunciação, que alimenta o estereótipo da superioridade masculina. Do mesmo modo, a imagem de "a princesinha", "a bela adormecida", "a neurótica" e a mulher que fica cheia de grilos em relação ao sexo, põe o enunciador feminino em postura de subenunciador**,** alimentando o antagonismo.

Certamente, uma análise da imagem que se constrói do enunciador feminino e/ou masculino na representação do pdv forneceria subsídios para discutir detalhadamente essa questão. Mas paremos por aqui... Como dito na introdução desta tese, nossa pesquisa não se dedica a abordar a representação feminina ou masculina nas revistas, ou o discurso da revista MH e da WH, mas a analisar a "colocação" dessas perspectivas em diálogo com outros enunciadores. Como consequência dos desdobramentos desse trabalho, entendemos que a análise da construção do pdv pode ser útil para estudar a imagem de si e do outro no discurso. Nada impediria que

pesquisadores partissem da descrição da representação do pdv para uma análise mais discursiva, na perspectiva das análises de discurso.

Quanto ao processamento das formas nominais, há uma alta incidência de *anáforas indiretas* e *formas nominais predicativas*. Isso implica dizer que o mais importante ao analisar o pdv através das formas não é identificar o referente na materialidade textual (o que vem sendo largamente discutido no campo da lingüística textual brasilera), mas observar a perspectivação dos referentes e seu modo de apresentação. E essa perspectivação nem sempre solicita que a forma nominal seja determinada por pronomes e artigos, por exemplo. Outra constatação é que os objetos de discurso apontam não apenas para o tema em discussão na reportagem, mas também para os enunciadores: feminino ou masculino. Como enunciadores e objetos de discurso, esses enunciadores têm seu pdv representado pelas formas nominais juntamente com verbos de percepção/pensamento (sentir, achar, querer, gostar etc). Esses verbos contribuem para introduzir a perspectiva do outro acerca dele mesmo na voz de L1/E1. Esse caráter heterodialógico, na relação sujeito-objeto-sujeito, também pode ser identificado pelo empilhamento de pontos de vista.

No que diz respeito ao processamento das formas nominais autodialógicas, estas não foram expressivas em nosso *corpus*, sendo manifestadas por um procedimento regular de representação: a recategorização do referente feita por L1/E1 em função de um ajuste conceitual acerca do referente. Essa recategorização é facilmente interpretada em função das pistas contextuais que a orientação argumentativa do texto fornece. A nosso ver, essas formas merecem um exame mais atento em outro gênero textual. Como se trata do dialogismo na direção do eu, aventuramos a hipótese de que talvez sejam mais representativas em gêneros do domínio pessoal (e-mails, cartas, diários), ou naqueles em que o “eu” e a “posição do eu” sejam postas em evidência, como em um memorial, um artigo de opinião, um relato etc.

Considerando ainda os desdobramentos desse trabalho, bem como o fato de nossa pesquisa dedicar-se ao estudo de uma enunciação específica, que se presta perfeitamente a um estudo da argumentação, interrogamo-nos

sobre a representação do pdv em gêneros argumentativos movidos pela polêmica ou embate entre as posições, muitas vezes inconciliáveis, assim como em contextos nos quais haja mais de um locutor/enunciador, como em situações orais, por exemplo. Haveria um pdv principal, construído dialogicamente, ou enunciadores que alternam em postura de sobrenunciação? Em suma, como se apresentariam os procedimentos de representação do pdv no caso de haver mais de um locutor?

Essas indagações são sinalizadoras de que a análise do pdv pode se estender a outros gêneros e contextos, contribuindo para problematizar o processamento textual do sentido e a construção dos objetos de discurso. Entretanto, a construção do pdv não se limita à referenciação dos objetos de discurso, porque também pode ser observada em processos de introdução referencial. Além disso, a análise do pdv, como não se limita às formas nominais, pode ser realizada através de outros recursos coesivos, como os operadores argumentativos, por exemplo. E mesmo vislumbrada pela referenciação pronominal e elementos dêiticos. Afora isso, embora o foco desta tese tenha sido as formas nominais, nossa pesquisa mostrou que os verbos de dizer, percepção/ pensamento, ação, assim como as aspas de modalização autonímica e mesmo as formas convencionais e mistas do discurso reportado auxiliam na captação do pdv. Desse modo, a análise do pdv pode ir além das formas nominais, dedicando-se aos recursos metalinguísticos e metadiscursivos que atuam na representação do discurso outro. Essa ampliação da análise do pdv poderá fornecer subsídios para um exame mais atento da articulação entre pdv e discurso reportado.

Por último, podemos dizer que embora a referenciação não tenha sido um problema em nossa tese, essa teoria forneceu subsídios importantes para a compreensão das formas nominais, especialmente como anáforas indiretas. As anáforas indiretas foram bastante recorrentes no modo de apresentação dos objetos de discurso em nosso *corpus* e certamente muitas das formas nominais analisadas teriam sido desconsideradas por uma visão estreita de anáfora. Assim, como estratégias de referenciação, as formas nominais atuam de tal modo na construção textual-discursiva do pdv que nenhum objeto de discurso

escapa à perspectivação. Dito de outro modo, não importa se o referente esteja sendo retomado no discurso como resultado de uma recategorização, predicação, correferência ou encapsulamento anafórico. A questão em destaque é que ele é sempre perspectivado, ainda que sob o rótulo de uma neutralização ou certa objetividade. Isso implica considerar que a referenciação dos objetos de discurso revela enunciadores e pontos de vista, e que cada referente é cunhado no horizonte perceptual de ao menos um enunciador. Dessa maneira, as formas nominais são também *estratégias de representação do pdv* que, ao perspectivar um referente, podem atuar em conjunto com os verbos de dizer, percepção/pensamento e ação.

Assim, o aprofundamento da noção de pdv permitiu não apenas detalhar e reconhecer diferentes procedimentos que atuam na construção textual-discursiva do pdv, mas também destacar o aspecto dialógico que caracteriza a referenciação dos objetos de discurso, o que permite reconhecer as formas nominais como formas heterodialógicas.

Referências Bibliográficas

APOTHÉLOZ, Dénis & REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (1995). Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel : Université de Neuchâtel, p. 227-271.

AUTHIER, Jacqueline (1982). La mise em scène de la communication dans le discours de vulgarisation scientifique. *Langue Française* 53, p. 34-47.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1984). Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages* 73, p.98 -111.

_____. (2004). La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNÕZ, J. M.; Marnette, S. & ROSIER, L. (éds). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, p. 35-53.

BAKHTIN, Mikhail & VOLOCHINOV, V. N. [1929] (2002). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec.

BAKHTIN, Mikhail [1929](1997). *Problemas da poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ed.

BELL, Allan (2001). Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John (eds.) *Style and sociolinguistic variation.* Cambridge: Cambridge University Press, p. 139-169.

BENAÏSSA, Amina Aït-Sahlia (2004). La parole de l'autre comme lieu de construction identitaire. In : LOPEZ-MUNÕZ, Juan Manoel; Marnette, Sophie & ROSIER, Laurence. (éds) *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, p. 265-274.

BRES, Jacques & VERINE, Bertrand (2002). Le bruissement de voix dans le discours: dialogisme et discours rapporté. *Faits de langues* n.19. Le discours rapporté. Paris: Ophrys, p.159-170.

CASTRO, Gilberto de (2009). Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin e o círculo.* São Paulo: Contexto, p. 117-135.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU (2008). Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2ed. São Paulo: Contexto.

CUNHA, Dóris. (2008). Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga* 22, Rio de Janeiro: Casa Doze, p. 129-144.

_____ (2009). Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 23-39.

COLTIER, Daniele; DENDALE, Patrick & DE BRABANTER, Philippe (2009). La prise en charge mise en perspective. *Langue Française*, 162, p. 3-27.

CONTE, Elizabeth (1996). Anaphoric encapsulation. *Belgian journal of linguistic: coherence and anaphora*, v.10, p.1-10

DESCLÉS, Jean-Pierre (2009). Prise en charge, engagement et désengagement. *Langue Française*, 162, p. 29-53

DOURY, Marianne (2004). La fonction argumentative des échanges rapportés. LOPEZ-MUNÕZ, J. M.; Marnette, S. & ROSIER, L. (éds). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, p. 255-264.

DUCROT, Oswald. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit. cap.8, Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation , p.171-233.

FRANCIS, Gill (1994). Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcom (ed.). *Advances in written text analysis*. London, Routledge

GOLLUT, Jean Daniel & ZUFFEREY, Jöel (2000). *Construire un monde: les phrases initiales de La Comédie Humaine*. Lausanne, Paris: Delachaux et Niestlé.

GRIZE, Jean-Blaise (1996). *Logique naturelle et communications*. Paris: PUF.

_____ (1997). *Logique et langage*. Paris: Ophrys.

HAILLET, Pierre Patrick (2004). Nature et fonction des représentations discursives: le cas de la stratégie de la version bemolisée. *Langue Française* 142, p. 7-16.

_____ (2007). *Pour une linguistique des représentations discursives*. Bruxelles: De Boeck.

KOCH, Ingedore (1999). Expressões referenciais definidas e sua função textual. In: DUARTE, L. P. (org.). *Para sempre em mim*: homenagem à Ângela Vaz Leão. Belo Horizonte: CESPUC, p.138-150.

_____ (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

_____ (2004a). *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2004b). Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In : NEGRI, L. ;FOLTRAN, M.J. ; PIRES de OLIVEIRA, R. (orgs). *Sentido e significação : em torno da obra de Rodolfo Ilaril*. São Paulo : Contexto, p. 244 - 262.

_____ (2005). Referenciação e orientação argumentativa. In KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, p. 33-52.

_____ & MARCUSCHI, L. A. (1998). Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, 14, n. especial, p.169 -190.

LAURENDEAU, Patrick (2009). Préassertion, réassertion, désassertion: construction et déconstruction de l'opération de prise en charge. *Langue Française*, 162, p. 55-69.

LOPEZ-MUNÕZ, Juan Manoel; Marnette, Sophie & ROSIER, Laurence (2004) (éds). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1991). A ação dos verbos introdutores de opinião. In: _____ *Fenômenos de linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 146-168.

_____ (1997). Citação de fala na interação verbal como fala idealizada. In: I Colóquio Latinoamericano de Analistas do Discurso, Caracas. *Actas del I Colóquio Latinoamericano de Analistas del Discurso*. Caracas : Editora de la Universidad de Venezuela, 1995, v. 1, p. 107-201.

_____ (2002). Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 61-81.

_____ (2004). O léxico : lista, rede ou cognição social ? In : NEGRI, L. ;FOLTRAN, M.J. ; PIRES de OLIVEIRA, R. (orgs). *Sentido e significação : em torno da obra de Rodolfo Ilaril*. São Paulo : Contexto, p. 263 - 283.

_____ (2005a). O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, p. 52-101

_____ (2005b). A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 124-145.

_____ & KOCH, I. G. V. (1998). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M.B. (org.). *Gramática do Português falado*. Campinas: Edunicamp/Fapesp. vol. VIII.

MOIRAND, Sophie (2001). Du traitement different de l'intertexte selon les genres convoqués dans les événements scientifiques à caractère politique. *Semen*, 13. 14p. http://semen.revues.org/2646. Consulta em 15/11/2010.

_____ (2006). Responsabilité et énonciation dans la presse quotidienne : questionnements sur les observables et les catégories d'analyse. *Semen*, 22. 13p http://semen.revues.org/2798. Consulta em 02/08/2010.

_____ (2007). *Les discours de la presse quotidienne: observer, analyser, comprendre*. Paris: Presses Universitaires de France.

MONDADA, Lorenza (2001). Gestion du topique et organisation de la conversation. In: *Cadernos de estudos linguísticos*: Campinas, n.41, IEL/UNICAMP, p.7-36.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Daniele (1995). Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In BERRENDONNER, A . & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, p. 273-302.

PORTINE, Henry (1981). Un récit dans l`argumentation. *Langue Française,* 50, p. 75 – 90.

RABATEL, Alain (1997). *Une histoire du point de vue*. Metz: Université de Metz.

_____ (2003). Le dialogisme du point de vue dans les comptes rendus de perception. *Cahiers de Praxématique* 41, 2003, p.131-156.

_____ (2004a). La déliaison des énonciateurs et les locuteurs dans la presse satirique. *Langage et Société*, 110, p.7 – 23.

_____ (2004b). *Argumenter en racontant*: *(re)lire et (re)écrire textes littéraires*. Bruxelles : Éditions De Boeck Université.

_____ (2005a). La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. *Marges linguistiques* 9, p.115-136.

_____ (2005b). Les postures énonciatives dans la co-construction dialogique des points de vue : coénonciation, surénonciation, sousénonciation. In : Bres, J., Haillet, P.-P., Mellet, S., Nolke, H. & Rosier, L., (éds.). *Dialogisme, polyphonie : approches linguistiques*. Bruxelles : Duculot. p. 95-110

_____ (2006). Du rôle des postures énonciatives de surénonciation et de sousénonciation dans les analyses de corpus. L'exemple des reformulations, des connecteurs et particules discursives. In: Guernier, M.-C., Durand-Guerrier, V. & Sautot, J.-P. (éds). *Interactions verbales, didactiques et apprentissages. Recueil, traitement et interprétation didactiques des données langagières en contextes scolaires.* Besançon : Presses universitaires de Franche-Comté. p. 221-248.

_____ (2008a). *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*. *Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration.* Limoges : Editions Lambert-Lucas.

_____ (2008b). *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*. *Tome 2. Dialogisme et polyphonie dans le récit.* Limoges : Editions Lambert-Lucas.

_____ (2009a). Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... *Langue Française*, 162. p. 71-87.

_____ (2009b). Retours sur les relations entre locuteurs et énonciateurs : des voix et des points de vue. Colloque polyphonie, Blaise-Colas, M. Kara, M. et Perrin, L. (éds). *Recherches linguistiques, Metz* : Celted/université de Metz.

RABATEL, Alain & CHAUVIN-VILENO, Andrée (2006). La question de la responsabilité dans l'écriture de presse. *Semen*, 22, Énonciation et responsabilité dans le médias. http://semen.revues.org/document2792.html. Consulta em 02/08/2010.

ROSIER, Laurence (2005). Méandres de la circulation du terme polyphonie. BRES, J., HAILLET, P.-P., MELLET, S., NOLKE, H., et ROSIER, L. (éds), *Dialogisme et polyphonie. Approches linguistiques*. Bruxelles : De Boeck-Duculot.

_____ (2008). *Le discours rapporté en français*. Paris: Ophrys.

SIBLOT, Paul (1997). Nomination et production du sens: le praxème. *Langages* 127, p. 38-55.

TORCKY, Daniele (2004). Ancrage interactionnel du DR en conversation et double contraite. In: LOPEZ-MUNÕZ, J. M.; Marnette, S. & ROSIER, L. (éds) *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, p. 245-253.

VINCENT, Diane (2004). Discours rapporté, représentations sociales et présentation de soi. In: LOPEZ-MUNÕZ, Juan Manoel; Marnette, Sophie & ROSIER, Laurence (éds). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan, p. 235-244.

VION, Robert. (1998). Du sujet en linguistique. In VION, R. (éd.) *Les sujets et leurs discours. Enonciation et interaction.* Aix en Provence : Publications de l'Université de Provence, p. 189-202.

VOLOCHINOV, V. N. s/d. O discurso na vida e o discurso na arte. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, tendo como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (Discourse in life and discourse in art – concerningsociological poetics), publicada em Valentin Nicolaévitch Voloshinov, Freudism. New York: Academic Press, 1976. (1. ed., 1926).

Anexos

A chama apagou?

A sua vontade de transar sumiu e você não sabe nem onde começar a procurar. Aprenda a lidar com os fatores que congelam a sua libido e volte a ter tesão. Agora

Por Yara Achôa

Responda rápido: quando foi a última vez que você transou? Ontem? Na semana passada? No mês passado? No Carnaval? Você não lembra? Ninguém está aqui para fazer nenhuma cobrança, afinal sabemos que você já tem tarefas suficientes para dar conta no seu dia, que tem "apenas" 24 horas. Mas colocar o sexo no final da imensa lista de prioridades é uma medida que aos poucos vai se transformando em uma bola de neve e quando você se dá conta nem pensa mais n o assunto.

Uma semana vira um mês, que vira seis, que se transformam em um ano. Soa familiar? Então é melhor ficar alerta — a situação pode ser mais preocupante do que você imagina. "Dar vazão à libido e consequentemente fazer sexo é tão básico quanto comer, matar a sede e dormir. O desejo está diretamente ligado ao equilíbrio emocional", diz a psicóloga e terapeuta sexual Ana Claudia Alvim Simão, de São Paulo. Mas calma, vamos ajudá-la a entender esse complexo mecanismo da libido e a reavivar a brasa que ainda existe em você.

CADA UM COM SEUS PROBLEMAS O sexo ocupa o oitavo lugar nos itens que medem a qualidade de vida para as mulheres, atrás de questões como alimentação, tempo para a família e sono — está em terceiro para os homens. Os dados são da pesquisa Mosaico Brasil, o maior levantamento feito no país (8 237 mulheres e homens de dez capitais) sobre os hábitos sexuais dos brasileiros, conduzido pela professora Carmita Abdo, coordenadora do Projeto de Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, com apoio do laboratório Pfizer. Outro estudo recente, publicado no periódico Archives of Internal Medicine, aponta que uma em cada três mulheres ouvidas admitiu ter experimentado baixo desejo sexual no mês anterior. Isso significa mais de 40 milhões de mulheres — que não têm exatamente dificuldade em "funcionar" ou "chegar lá", mas não sentem ânimo nem de pensar n o assunto. "Na maioria das vezes, as causas são emocionais. Mas os níveis hormonais também influenciam", diz o ginecologista Ivaldo Silva, professor do departamento de ginecologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Entre os mecanismos psicológicos que afetam a libido estão baixa autoestima, insatisfação com a vida ou a profissão, medo de desempenho, preocupações diversas do cotidiano. Bem, quem nunca foi para a cama querendo ser engolida pelo edredom, e não pelo parceiro?

SEXO NA CABEÇA Mesmo quem nunca passou por algum trauma n esse terreno — abuso sexual ou parceiros egoístas, preocupados apenas com seu próprio prazer, por exemplo — pode ter dificuldade em sentir vontade de fazer sexo pura e simplesmente por não ter sido estimulado para isso. "O mundo evoluiu, as mulheres estão mais abertas, mas ainda trazem ranços de uma educação conservadora", diz Ivaldo Silva. Diferentemente dos homens, as mulheres recebem informações que têm muito mais a ver com proteção contra as consequências indesejadas do sexo — leia-se gravidez, DSTs e, mesmo que subliminarmente, a ideia de que boas meninas não transam — do que com o usufruto dele. Do lado prazeroso e saudável d a coisa, quase não se fala. Para completar, quando iniciam seus relacionamentos, as mulheres acabam se deparando ainda com a falta de tato e o desconhecimento que seus parceiros têm sobre o funcionamento do corpo feminino — sim, acredite, isso acontece aos montes.

A consequência é que o prazer durante o ato pode se minimizar. E, pior, virar um grande trauma: há até quem se culpe por não sentir desejo. "Por mais simplista que pareça, o primeiro passo é ter a intenção de se abrir e buscar uma solução. Você tem que perceber que algo vai mal e se dispor a mudar. Comece revendo tabus e preconceitos — talvez você precise de ajuda profissional. Mas a ideia é deixar florescer o desejo com liberdade", diz a psicóloga Ana Claudia.

VOCÊ, O CENTRO DO PRAZERO cenário atual também contribui para que a libido saia dos eixos: o mundo anda em alta velocidade, a sociedade prega a perfeição — corpos milimetricamente esculpidos, profissionais completos, proeficiência, proatividade...

Não é de estranhar que você se sinta sem brilho e cansada. "O stress cotidiano, o stress conjugal, a ansiedade, a obsessão pelo corpo perfeito provocam baixa na libido e podem levar a situações mais problemáticas, como abuso de álcool, depressão e uma série de doenças", alerta Ana Claudia.

Não consegue enxergar uma maneira de puxar o fio da tomada? Experimente reservar mais tempo para você e investir em qualidade de vida — sempre! Uma vez por semana, por exemplo, troque a planilha escorchante da academia, que visa definir todos os seus músculos, por uma caminhada ao ar livre. Organizar sua agenda também é um caminho: defina suas prioridades e contenha-se para não marcar mais tarefas do que pode suportar. Não é porque o dia tem 24 horas que você deve ocupar todas elas com trabalho.

Você merece dormir (sem sonhar com relatórios), ir ao cabeleireiro (sem ficar pendurada ao celular ligando para clientes), assistir à novela (sem sentir-se uma alienada), programar um final de semana romântico com seu marido, longe das crianças (sem deixar de ser uma boa mãe).

Mas nada disso adianta se não fizer o básico: você precisa pensar mais em sexo, buscando sua própria maneira de lidar com o assunto. “Com tanta coisa que a mídia prega, muita mulher se sente pressionada a ser malabarista sexual. Acha que só vai agradar se usar uma lingerie sexy ou fizer striptease para o parceiro. Mas, se isso não estiver em sua personalidade, se você não se sentir à vontade, em vez de turbinar a libido, a situação pode apagá-la ainda mais”, diz a psicóloga Ana Claudia.

Pode acontecer ainda de você estar com tudo em dia, seu parceiro ser um fofo e a vidinha caminhar perfeitamente nos trilhos. Mesmo assim, não está livre de outro inimigo da libido: a rotina. Sabe aquela coisa do “todo dia, tudo sempre igual”? Sem que possamos nos dar conta, aquele fogo do início do relacionamento vai arrefecendo com a falta de novidade, a chegada dos filhos, o envelhecimento.

O que fazer? Ora, enlouqueça — no bom sentido. “Programe uma saída no meio da semana, troque sua cama pela do motel de vez em quando, conversem para saber o que cada um espera do outro. É um esforço contínuo, mas vale a pena”, sugere o médico da Unifesp.

VIAGRA FEMININO? É o que parece. Depois de décadas de pesquisas, os cientistas estão prestes a dar sua contribuição. A novidade atende pelo nome de flibanserin, droga desenvolvida pelo laboratório alemão Boehringer Ingelhein, a primeira pílula que seria capaz de estimular o desejo da mulher. Nos últimos meses, quase 5 mil voluntárias, em 220 cidades americanas, se candidataram para testar o medicamento. Segundo os pesquisadores, os relatos até agora foram bastante satisfatórios.

O laboratório espera concluir os testes em breve e, até o fim do ano, obter a aprovação da Food and Drug Administration (FDA), a agência reguladora americana do setor de medicamentos e alimentos. Mas já se sabe que a principal molécula da pílula modula a disponibilidade de serotonina, neurotransmissor que age no cérebro, promovendo o bem-estar e levando a um aumento de dopamina, substância fundamental para instigar o interesse sexual. Só que, diferentemente das pílulas masculinas, que agem quase instantaneamente, o medicamento levaria de seis a oito semanas para produzir efeitos. Paciência não é mesmo uma das virtudes femininas?!

SEXO EM TRÊS TEMPOS Você prefere sexo a sobremesa? As calorias têm que valer a pena — aquelas que você ganha comendo e aquelas que perde transando, certo? Tanto uma bela torta quanto o desejo carnal dependem dos ingredientes certos. No caso da libido, são três, de acordo com o pesquisador Stephen B. Levine, do Centro de Relacionamento e Saúde Sexual de Beachwood, em Ohio, EUA.

O primeiro é o impulso, uma força instintiva que nasce com o funcionamento orgânico e é tão natural para nós quanto dormir. O segundo é a motivação, evocada, por exemplo, por uma imagem sensual ou uma fantasia.

Por fim, entra o “querer”, quando o cérebro abre passagem para que impulso e motivação se realizem. Se a dificuldade está no impulso, o problema pode estar nos níveis de testosterona — o hormônio que rege o desejo sexual. Então, se você já tentou de lingerie nova a motel e continua se esforçando mais do que se divertindo, o jeito é procurar um especialista.

A partir de alguns exames, ele poderá avaliar se o problema é hormonal. Outros fatores têm que ser considerados, como o uso de medicamentos. Você pode estar tratando um problema e ter arranjado outro. Alguns antidepressivos, ansiolíticos, bloqueadores da adrenalina etc. podem deixar você de bem com a vida mas sem vontade nenhuma de transar. E coloque mais estes em sua lista: drogas ilícitas e abuso de álcool também ajudam a colocar uma pá de cal em suas aventuras sexuais.

BROCHOU? ENTOE ESTES MANTRAS
Quando a gente ama não pensa em dinheiro... A crise econômica poderia ser ainda pior se todo mundo deixasse de fazer sexo – imagine o humor dos operadores da bolsa de valores! É claro que é difícil ir para a cama pensando na prestação vencida, mas nessa hora não há nada de concreto que você possa fazer.

Quando chegar em casa, primeiro fique longe da televisão. Encare um banho morno para relaxar e proponha uma noite de namoro com seu parceiro, mas sem a pressão de que tenha que terminar em sexo. “É importante redirecionar o cérebro para longe dos problemas. Se não for capaz de acalmar sua mente, o desejo ficará prejudicado, que dirá o orgasmo”, diz a terapeuta Laura Berman, diretora do Berman Center, em Chicago, nos EUA, autora de Real Sex for Real Women, inédito no Brasil.

QUE TAL NÓS DOIS NUMA BANHEIRA DE ESPUMA... Falta de higiene é, sem dúvida, um corta-tesão. Não dá para encarar. De maneira delicada, você deve falar isso para seu parceiro. “A brincadeira pode começar com você propondo um banho a dois”, diz o ginecologista Ivaldo Silva.

EU SEI QUE EU SOU BONITA E GOSTOSA... Tem gente que perde o tesão só de pensar nos quilinhos a mais. Mas é preciso saber se esse excesso existe mesmo ou é pura encanação e faz parte da obsessão pelo corpo perfeito. “Todo mundo tem defeitos e é preciso aceitá-los. O que não pode é ficar pensando na celulite”, diz Ivaldo Silva. Invista também na autoestima. Se você se sentir gostosa, ele também vai achar.

EU QUERO SEMPRE MAIS, EU ESPERO SEMPRE MAIS... Alguns remédios para o tratamento da depressão podem comprometer a libido. Mas um estudo publicado no periódico Journal of Sex & Marital Therapy apontou que o antidepressivo bupropiona, ao contrário, duplicaria o interesse das mulheres em sexo e até melhoraria a resposta ao orgasmo. A substância atua sobre dois ativadores do prazer: a dopamina, associada ao impulso sexual, e a noradrenalina, ligada à motivação. Vale conversar com o especialista responsável pela prescrição. “Temos que estabelecer um foco no tratamento, como estabilizar o quadro da depressão. E, conforme os resultados, o médico pode rever o medicamento”, diz Ivaldo Silva.

NESSE ENCONTRO PERFEITO ENTRE O SEU E O MEU PEITO... É complicado manter o tesão por aquele cara que acha que é só apertar um botão para você entrar no clima. De outra parte, tem aquele que vai mover céus e terras para fazê-la gozar. Ok, orgasmo é bom e a gente gosta – e gosta quando o parceiro se preocupa com ele. Mas o clímax deveria acontecer naturalmente, e não como uma espécie de perseguição ou obsessão. A transa pode ser absolutamente fantástica mesmo sem você chegar lá.

ALIMENTE A SUA LIBIDO
Os especialistas dizem que não há como comprovar que determinados alimentos ajam sobre o desejo. Mas a cada dia surgem novas pesquisas na área. Confira as mais recentes:

MELANCIA
A fruta pode ter efeito semelhante ao Viagra, diz um cientista da Universidade A&M do Texas, nos EUA. Bhimu Patil, diretor do Centro de Aprimoramento de Frutas e Vegetais da entidade, afirma que o responsável pela proeza seria o fitonutriente citrulina, que tem a habilidade de relaxar os vasos sanguíneos e podem também aumentar a libido.

CAFÉ
Pesquisadores da Universidade de Scranton, nos EUA, constataram que o interesse da mulher pelo sexo é proporcional à quantidade de café que ela ingere. Segundo eles, houve um aumento de até 45% no interesse sexual nas mulheres que passaram a ingerir quatro xícaras de café diariamente.

ALIMENTOS CRUS E ORGÂNICOS
O clínico Alberto Peribanez Gonzalez, autor do livro Lugar de Médico É na Cozinha — Cura e Saúde pela Alimentação Viva (Ed. Alaúde, 300 págs., R$ 45), defende que uma dieta saudável, de preferência com alimentos in natura e com pouca carne, é capaz de melhorar a qualidade da vida sexual de homens e mulheres. O segredo estaria na harmonia entre o emocional e o físico, o que ele chama de “alinhamento do sistema neuroendócrino”.

Edição n.10, agosto 2009. www.womenshealth.com Consulta em 08/02/2010

WH2

Caia de boca

Cinema sem pipoca? Goiabada sem queijo? Praia sem sol? Transa sem sexo oral? Já deu para entender a tese que, ferrenhamente, defendemos. Ainda mais depois de descobrir, numa pesquisa com leitores da revista MEN’S HEALTH, que:

- 51% das mulheres alguma vez se negaram a receber sexo oral
- 38% dos homens acham que o sexo oral feito pela namorada é arroz com feijão
- 9% deles confessaram que o que ela fazia “não dava nem para o gasto”

Fizemos um dossiê para que você se livre d as neuras e receba e usufrua ao máximo esse prazer. Bônus: um representante da ala masculina conta tim-tim por tim-tim onde, quando e de que jeito a brincadeira fica mais divertida para eles

Por Rosana Faria de Freitas

RELAXA E... BEM, A IDEIA É ESSA MESMO Hora de perder a vergonha na cara e deixar que ele explore seu corpo sem medo de ser feliz

Medos, vergonhas, inseguranças... Não são poucas as mulheres que, mesmo tendo a cabeça feitíssima para vários temas relacionados à vida a dois, não ficam completamente à vontade para receber sexo oral. O problema é que, ao deixar que grilos vençam nessa hora, acabam abrindo mão de uma prática para lá de deliciosa, em que você tem que se preocupar apenas e tão somente com o seu prazer. Afinal, trata-se de um dos pratos mais saborosos do cardápio — preliminares — e uma boa maneira de apimentar o arroz com feijão diário. Tanto é verdade que o lesco-lesco em questão é bem-visto pela maioria da população brasileira: de acordo com pesquisa coordenada em 2008 por Carmita Abdo, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e diretora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, 76,6% dos homens e 64,3% das mulheres admitem praticar sexo oral. Ainda bem! Se, no entanto, você acumula neuras a respeito e não consegue aproveitar esse presente que seu parceiro insiste — bom menino! — em lhe dar, é hora de mudar. “Algumas mulheres não se soltam. Isso acontece por questões morais, de higiene e de inseguranças com o próprio corpo”, ressalta Alexandre Saadeh, psiquiatra e psicoterapeuta especialista em sexualidade humana, professor da PUC de São Paulo. “O tabu tem origem cultural. Ao longo da história, a mulher não podia sentir prazer — sexo era destinado para reprodução”, afirma Laura Müller, psicóloga especializada em sexualidade. Segundo ela, a penetração não tinha outro objetivo que não fosse gerar filhos. Práticas orais e anais não faziam parte d o repertório. “Embora os tempos sejam outros, em muitos indivíduos ainda permanecem resquícios d essa mentalidade.”

ABAIXO O PRECONCEITO Educação repressora, desinformação, preconceito: junte tudo isso e está formado o bloqueio. Mas você sabe onde devem ficar esses grilos, não? Isso, lá longe, no passado. Em pleno século 21, não existe mais essa bobagem de práticas não permitidas a moças de família. “As variações orais e anais são bem-vindas, desde que a segurança e o prazer estejam garantidos”, diz Carmita Abdo. Se sua encanação é com a higiene, saiba que a maioria dos homens curte, e muito, o “cheiro de mulher”. Então a dica é cuidar da assepsia local sem exageros. Afinal, como diz Laura, “vagina tem cheiro de vagina”. Vale lavar com um sabonetinho cheiroso e só. De resto, deixe a natureza falar por si e verá que seu elixir funciona como um afrodisíaco para ele. “Cheirinho de desinfetante ou perfume forte pode ser bom para o corpo, mas para a região genital é broxante”, afirma Saadeh. Muitos homens mergulham o rosto na área de tão excitados. “Se ele está se divertindo, você vai se preocupar com o quê?”, pergunta Jussania Oliveira, sexóloga e autora de livros sobre o tema. O que não vale: descuido com a higiene ou a presença de algum corrimento forte.

QUÍMICA, CLIMA: ISSO É O QUE VALE Homens maduros não se importam com a anatomia da vagina, mas não são poucas as mulheres que acumulam caraminholas por acreditar que a dita-cuja é feia, roxinha ou tem lábios grandes, por exemplo. “Da mesma maneira que existem pênis maiores e menores, com curvatura para esquerda ou direita, há as particularidades de cada vagina. A preocupação é feminina, eles não se ligam nisso”, diz Jussania. Se o grilo com a anatomia for difícil de vencer, Saadeh aconselha conversar primeiro com um ginecologista de confiança e depois com seu parceiro. “Homens experientes reconhecem as diferenças femininas.” Quer dizer, os inseguros é que exigem formato-padrão. Acredite: quanto mais segura e à vontade com seu corpo, mais sexy e atraente você parecerá aos olhos dele. Então, considere a sua vagina como um elemento a mais que deve e merece ser explorado. “Quando você se sente atraído por alguém, deseja o outro por inteiro — e não parte dele”, diz Jussania. Logo, é provável que seu parceiro queira devorá-la por inteiro, inclusive se esbaldando no sexo oral. Se você se convenceu a incluir a modalidade na sua lista de variáveis sob os lençóis, reflita se não vale submeter-se a uma depilação especial. Embora as opiniões masculinas variem de A a Z no quesito pelos, as depiladas ganharam das peludas com franca vantagem na pesquisa realizada no site da MEN’S HEALTH: 91% contra 9% (509 contra 50 votos). Claro que, se você tem parceiro fixo, pesa a preferência do moço. Saiba também que o fato de manter a região desmatada facilita a prática.

NINGUÉM NASCE SABENDO Há outra coisa que você deve considerar: nenhum homem nasce com uma medalha no peito louvando suas habilidades n o assunto. Você até pode dar sorte e esbarrar com verdadeiros peritos, mas também corre o risco de encontrar alguns desajeitados pelo caminho. A saída é procurar se conhecer — com masturbação — e aceitar que ensinar faz parte do jogo sexual. Trocando em miúdos, deixar claro para o garotão que não é para morder o clitóris — pois, da mesma forma que ele detesta que você passe os dentes no pênis, o descuido machuca sua vagina. Ela é cheia de terminações nervosas e não é má ideia chupá-la como se fosse um sorvete de casquinha, suavemente. Puxando o prepúcio para cima, uma área ainda mais sensível ficará exposta — caso não provoque algum tipo de nervosismo ou irritação, o resultado fará você subir pelas paredes. “Se as carícias forem acompanhadas de toques na região vaginal, as sensações aumentam e é mais fácil para a mulher chegar ao clímax”, diz Laura Müller. Usar a língua, fazer movimentos circulares, variar o sentido e as manobras, sugar, mamar, acelerar, desacelerar, colocar o dedo na vagina e no ânus, abocanhar todo o genital de uma vez (prepúcio, clitóris e lábios) — tudo isso pode e deve entrar no repertório do cidadão. E, se ele estiver fazendo direitinho o dever de casa, sinalize! A pesquisa apontou que 86% dos homens (482 votos) amam quando as garotas mostram claramente que eles estão acertando no alvo — gemendo, puxando o cabelo deles ou gritando. Portanto, dirija o moço para os caminhos do seu prazer.

AS TRÊS MELHORES POSIÇÕES PARA RELAXAR GERAL Pronto, chegamos ao que mais interessa: qual a melhor posição para receber o sexo oral? Bem, exatamente como duas peças de uma engrenagem, cada casal deve buscar seu encaixe. “As mais indicadas são aquelas em que ambos se estimulem, se excitem e tenham prazer. Depende da sincronia, e o divertido é descobrir junto”, sugere Jussania. Para quem é chegado num manual, no entanto, descrevemos abaixo três que parecem campeãs. “Algumas posturas realmente facilitam a atividade e, além disso, disponibilizam o acesso a determinadas áreas enquanto a língua faz seu trabalho”, diz Saadeh. E não se preocupe com o tempo que ele vai passar se dedicando apenas ao seu prazer. Na pesquisa com os leitores da MEN’S HEALTH, 73% disseram que é trabalhoso fazer uma garota atingir o orgasmo, mas que adoram vê-la se contorcendo; 20% juraram que é muito fácil; apenas 7% reclamaram que é difícil — quase tanto como acertar na Mega-Sena. Bem, se eles não têm pressa, por que você teria? Então, chega de conversa e mãos à obra

1. Ele deitado e você sentada, de joelhos - Nessa posição, ele fica deitado, bem confortável, e você de joelhos quase sentada sobre o rosto dele, oferecendo toda a região genital. O bacana aqui é que deixa livre acesso para manipulação vaginal e anal – o que multiplica seu prazer! Para ficar à vontade e não se desequilibrar, você pode apoiar as mãos no espaldar da cama ou na parede.

2. Você deitada na beirada da cama, ele sentado ou ajoelhado em uma almofada no chão - Aqui você permanece deitada de pernas abertas, permitindo ao gato desfrutar da paisagem e, claro, trabalhar com a língua no clitóris e adjacências. Tomara que as mãos dele, livres como estão, alcancem bumbum, coxas, barriga, seios...

3. Ele deitado e você de quatro sobre ele (quase 69) - O grande tesão é que você fica livre para direcionar as partes do corpo em que deseja ser tocada — ele está parado, mas você movimenta seu corpo para a frente e para trás. Num momento, por exemplo, encaminha a parte genital para o nariz e a boca do mocinho, depois traz os seios... E tudo isso enquanto as mãos dele estão livres para acariciá-la à vontade. O quase 69 é porque você também pode querer abocanhá-lo em agradecimento — e duvidamos que ele reclame...

Edição 12, outubro 2009. www.womenshealth.com Consulta em 08/02/2010

WH3

P.S. Eu te Amo

Um estudo mostra os principais entraves nos primeiros dez anos de vida a dois. O que fazer para nunca transformar seu príncipe encantado num sapo

Nicole Blades, Leslie Goldman e Mariana Sgarioni

No começo, até debaixo d’água o amor era mais gostoso. Mas de repente... Mais de 25 anos depois de a Blitz gravar o hit Você Não Soube Me Amar, a queixa de que o romance muda – para pior – continua. Na vida real, porém, as transformações não surgem da noite para o dia.

Quais as mudanças mais freqüentes após dez anos de vida a dois? O que pode ser feito para evitá-las? Buscamos as respostas numa pesquisa online com mil mulheres que há pelo menos uma década experimentam os altos e baixos ao lado do mesmo homem. Você talvez diga que o coração dispara cada vez que ouve a voz do Fofucho – Mô, Neném, tanto faz o apelidinho constrangedor que você dá a ele – e que os problemas revelados não se aplicam no seu caso. Pode até ser – por enquanto. “No começo do namoro, o casal está empolgado com a novidade”, diz o psicólogo Roberto Banaco, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “Com o tempo, acaba a surpresa.” De olho na longevidade do seu relacionamento, Women’s Health colheu truques para você nunca transformar seu príncipe encantando num sapo.

1. ACABOU O PAPO NA CAMA

O que diz a pesquisa Durante seus primeiros anos juntos, 68% dos casais conversam e se tocam depois do sexo. Depois de cinco anos, cerca de metade ainda cultiva o hábito. Mas, depois da marca dos dez anos, apenas um terço faz algo além de virar para o lado e dormir.

Por que isso acontece?No início, temos necessidade de abraçar e de sentir o corpo do outro depois do sexo. “Isso acontece porque não conhecemos direito o parceiro”, diz o psicanalista Scott H altzman, co-autor do livro The Secrets of Happily Married Women (Os segredos das mulheres casadas felizes), ainda inédito no Brasil. Mais: é depois do sexo que você se sente mais próxima do seu parceiro e encontra as condições para se confessar. Só que, conforme os casais se conhecem melhor, deixam de se preocupar com o outro para se voltar a si mesmos. Com mil compromissos, acaba a vontade de passar a noite conversando. Além disso, segundo Banaco, há uma diferença comportamental: “O homem acha que a companhia física é suficiente, enquanto a mulher sente necessidade de falar”. Moral da história: nos primórdios do namoro, quando ele batia altos papos na cama, só estava se esforçando para agradar.

Estratégia pró-amor Antes que ele durma, saque da cartola perguntas que você fazia no começo do namoro, como “Você alguma vez já...?” (A gente aposta que as respostas mudaram.) “Ele voltará a ser fascinante para você”, diz a terapeuta Bethany Marshall, autora do livro Deal Breakers: When to Work On a Relationship and When to Walk Away (Quando batalhar por uma relação e quando cair fora), sem tradução para o português.

2. SÓ NO PAPAI-E-MAMÃE

O que diz a pesquisa Até o primeiro aniversário de namoro, 25% das entrevistadas testam novas posições algumas vezes em um mês. E sse número despenca para 15% depois de cinco anos. Depois dos dez anos, apenas 11% experimentam novidades.

Por que isso acontece? No início, os casais se contorcem na cama para descobrir o que enlouquece o parceiro. “Conforme o tempo passa, um já sabe do que o outro gosta e a busca por novidades deixa de ser prioritária”, diz H altzman.

Estratégia pró-amor Mesmo quem não tem problema nessa área precisa buscar novos caminhos. “Caso contrário, você liga o piloto automático e a paixão se apaga”, diz Haltzman. Ordens do doutor: invente idéias para o ano todo. Pense em como gostaria de expandir o repertório e programe-se para testar as novidades uma vez por mês. De transa na escada de incêndio a uma maratona sexual, vale tudo para se sentir excitada – mas não ansiosa.

3. O DINHEIRO VIROU COLETIVO

O que diz a pesquisa Do primeiro ao terceiro ano de relacionamento, 75% das mulheres mantêm conta bancária separada de seu companheiro. Entre o quinto e o oitavo ano, 25% têm três contas (a dele, a dela e a conjunta). Depois dos dez anos, 64% contam apenas com uma conta conjunta.

Por que isso acontece? Dayana Yochim, autora do livro Couples and Cash: How do Handle Money with Your Honey (Casais e dinheiro: como conciliar suas finanças e seu amor), inédito no Brasil, atribui razões biológicas. “Os homens se voltam para novas oportunidades. Já as mulheres preferem segurança financeira”, diz. Como os desejos são diferentes – você quer aplicar em fundos conservadores e ele, apostar em bolsas estrangeiras –, deixe o dinheiro separado. Mas, como vocês têm contas em comum (escola das crianças, financiamento do imóvel, supermercado...), é conveniente manter uma conta conjunta.

Estratégia pró-amor “Mesmo que sua relação esteja indo bem, mantenha sua própria conta corrente”, afirma Candace Bahr, co-fundadora do Women’s I nstitute for Financial E ducation. Juntos, vocês continuarão tomando decisões financeiras de longo prazo. Ao mesmo tempo, você não deixará de ser senhora do seu cartão de crédito. Quanto cada um deposita na conta conjunta? Dayana sugere que a contribuição seja proporcional ao salário.

4. O CÍRCULO SOCIAL ENCOLHEU

O que diz a pesquisa Nos primeiros dez anos juntos, cerca de metade dos casais passa o tempo livre com amigos que têm gostos e condições financeiras equivalentes aos seus.

Por que isso acontece? Não é por arrogância. Simplesmente, os semelhantes se atraem, diz o consultor financeiro Jan Dahlin Geiger, autor do livro Get Your Assets in Gear! Smart Money Strategies (Tenha controle sobre seus investimentos! Estratégias inteligentes para seu dinheiro), sem tradução para o português. Pessoas de nível social equivalente circulam nos mesmos restaurantes, clubes, academias e praias. Por isso, naturalmente se encontram com freqüência. As amizades acontecem (e se mantêm) com mais facilidade.

Estratégia pró-amor Planeje atividades que não dependam de dinheiro, como uma volta de bicicleta ou um chope. Convide desde colegas ricos da faculdade até amigos atores desempregados. Geiger recomenda que você pare de dispensar convites para programas onde circule gente que você considera extravagantes ou simplórias demais. “Passar mais tempo com pessoas de diferentes áreas e situações econômicas ajuda a expandir idéias e experiências”, diz.

5. CADÊ O TEMPO PARA SI MESMA?

O que diz a pesquisa Conforme os laços de vocês aumentam, você vai querer ter mais tempo sozinha: 10% das mulheres gostam de ficar sós no primeiro ano. Dez anos depois, esse número sobe para 23%.

Por que isso acontece?“As mulheres tendem a dedicar o tempo às crianças, ao marido e ao trabalho, especialmente nos primeiros anos da relação”, diz Nancy O’Reilly, da Associação Americana de Psicologia. “Depois de cinco anos, elas sentem que merecem mais tempo para si.” Isso não significa crise conjugal. “Uma vez que vocês mapearam seus interesses mútuos, é hora de se reconectar com suas próprias paixões”, diz Laurie B. Mintz, professora de psicologia na Universidade de Columbia. “Caso contrário, você pode perder sua essência.”

Estratégia pró-amor Dê espaço aos seus desejos de aventura solo e diga para ele fazer o mesmo (não achou que seria a única a botar as manguinhas de fora, né?). “É importante para refrescar o relacionamento”, diz Nancy. Uma vida 100% em comum esgota as possibilidades de você se surpreender com ele.

Você talvez diga que os problemas revelados não se aplicam no seu caso. Pode até ser – por enquanto.

6. ELE NUNCA LAVA A LOUÇA

O que diz a pesquisaDo primeiro ao décimo ano de relacionamento, 75% das mulheres afirmam que os homens não dividem as tarefas domésticas da maneira como deveriam.

Por que isso acontece?De acordo com Michelle Janning, professora de sociologia da Faculdade Whitman, em Washington, as mulheres são educadas para se encarregar de todas as tarefas domésticas. Além disso, elas têm critérios mais rigorosos no que diz respeito à limpeza da casa e ao cuidado com as crianças. “Nossas expectativas sobre o que é suficientemente bom são diferentes das deles.”

Estratégia pró-amor Estabeleça os papéis. “Uma mulher que centralize todos os afazeres vai puxar as responsabilidades apenas para si”, diz Michelle. Em vez disso, faça uma lista de tarefas e distribua as atividades. Enquanto ele faz supermercado, você leva o Totó para dar uma volta no quarteirão. Tudo bem se ele comprar leite integral em vez de desnatado. Admita que ele não precisa fazer tudo igualzinho a você.

Edição n.1, novembro 2008. http://www.womenshealth.com.br/ Consulta em 08/02/2010

WH4

O que os homens querem

Um checklist do que você não deve fazer na primeira noite de sexo – e o top 10 do que eles adoram

Por Rosana F. Freitas

É difícil compreender o que faz a chama se apagar de repente, mas, se você se esforçar, pode acabar se lembrando. O cara está lá, superaceso, e de uma hora para outra parece que houve um blackout geral no recinto, dá um curto-circuito na caixa de força e tudo vai para o beleléu. Quem já passou por uma dessas sabe: é fogo (mesmo que esse já tenha se apagado)! Nossa reportagem saiu às ruas e descobriu o que faz os homens darem o jogo por encerrado. Leia com calma e, antes de sair de casa com o próximo namorico agendado, faça seu checklist. Se, como se diz por aí, todos os homens são iguais, os riscos de você errar caem por terra... E você aumenta as chances de o telefone tocar. Ufa!

1 SER CHEIA DE NÃO ME TOQUES Tudo bem que você, às vezes, não entra na piscina para não desmanchar a escova. Mas, quando o assunto for sexo, deixe essa princesinha que existe dentro de você em casa. Na cama, os homens não toleram a chatinha cheia de frescurites mil. A maioria não tem a menor paciência para inibições exacerbadas. “Entendo que a confiança vem aos poucos. Mas há um limite do que é ou não razoável. Existem mulheres travadas e, já na primeira vez, você percebe que não vai conseguir uma evolução. Isso é broxante”, diz Carlos Faria, 46 anos, administrador de empresas. “A timidez e o recato femininos podem ser estimulantes”, diz Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. “Mas, quando a situação chega ao extremo e impede a mulher de ficar à vontade, ele se desinteressa, o que acaba comprometendo a sedução, o contato, a aproximação. Esse exagero é desconcertante e pode até ser interpretado como rejeição.”

2 EXAGERAR NO VISUAL Você ficou em dúvida se colocava a minissaia ou o decotão. E acabou optando pelos dois. Assim, só para garantir o interesse total e irrestrito do bonitão. E agora corre o risco de ser confundida com as garotas da casa da luz vermelha. Missão difícil essa de atingir o ponto ideal, ainda mais no primeiro encontro, quando tudo que se quer é agradar. E, no afã de acertar o alvo, é fácil errar a mão na maquiagem, na roupa, nos acessórios. Para não entrar nessa, lembre-se de que, para a maioria dos homens, menos é mais. E não estamos falando só do tamanho da saia. “Se a peruagem for de mau gosto, é broxada na certa”, diz Flávio D’Ana, 44 anos, compositor. “O make, a roupa... tudo deve deixá-la o mais próxima possível do que você realmente é. Quanto menos ‘artificialismos’, melhor. Homens são binários, para eles tudo é bem simples; quem em geral complica são as mulheres”, diz Alexandre Saadeh, professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP e consultor de Women’s Health.

3 FALAR DO EX Se é “ex”, passou, ficou para trás, já era, página virada. Quer momento mais inadequado para tocar no nome do falecido? “Aconteceu comigo e foi péssimo. Acabamos de transar e a garota começou a falar do ex-namorado. Em que aquilo poderia me interessar?”, diz Rogério Brandão, 41 anos, empresário. “Assim como toda mulher gosta de se sentir única, o homem também curte a sensação de exclusividade, de saber que está satisfazendo a parceira. Se ela fala do ex no primeiro encontro, mostra que está comparando. Isso irrita qualquer um”, diz Marina Vasconcellos, professora colaboradora de psicologia médica do curso de medicina da USP.

4 SEGUIR UM SCRIPT Você é do tipo que, antes do encontro, repassa tintim por tintim tudo que planejou? “Primeiro ele me beija, depois me segura pela cintura e rasga minha blusa com fúria...” Relax! Seu roteiro é novelesco e emocionante, mas o perigo é não sair como o arquitetado e você não conseguir improvisar. “Conheci uma guria na noite e fomos para o motel. Comecei a despi-la pela camisa e ela me barrou: ‘Primeiro os sapatos’. Desabotoei o sutiã e, de novo, ‘Primeiro a calça’. Respirei fundo. A garota, de calcinha e sutiã, de repente diz ‘Desculpe, mas sou meio certinha, tem que seguir uma sequência, o sutiã, por favor’. Eu aguentei porque, afinal, já tinha chegado até ali. Quando fui para cima, ela disse ‘Calma, antes tem que dar beijo na boca’. Com aquela ali, nunca mais”, diz André Monteiro, 28 anos, publicitário. Dá para entender a revolta do moço. O que ele viu foi o contrário da liberdade de expressões.

“Às vezes a mulher age assim imaginando que se sentirá segura se seguir uma receita”, diz Carmita Abdo. “Porém, todo roteiro esconde a verdade. Impede que ele conheça seus defeitos e suas qualidades. O que encanta é a autenticidade.”

5 TENTAR PARECER MODERNINHA E FICAR VULGAR É maravilhoso que entre as suas amigas você seja das mais avançadas em termos de sexo, do tipo aberta para novas e inovadoras experiências. O que precisa entender é que nem todos os homens da face da Terra estão preparados para essa modernidade toda. Não dá para mostrar que você conhece todas as variações sobre o tema logo na primeira vez. Muitos podem confundir sua falta de barreiras com vulgaridade. Chato, não? “Além disso, é preciso tomar cuidado para não forçar a barra e tentar aparentar algo que não é autêntico”, diz Alexandre Saadeh. “As chances de sucesso são mínimas.”

6 SER METIDA A GOSTOSA... E ACREDITAR QUE ISSO BASTA Talvez você seja do tipo que, quando alguém pergunta “E aí, está boa?”, quase responde “Boa eu sempre fui, estou passando bem”. Ótimo, afinal sentir-se bonita e gostosa dá aquele poder na cama porque a mulher não tem vergonha do próprio corpo. E nessa pode fazer caras e bocas, vestir roupinhas sexy, bolar poses provocadoras... Mas um corpo bem-feito não garante uma transa nota 10. “Tem mulher que acredita que sua beleza é suficiente para enlouquecer o homem e faz muito pouco. Decepcionante”, diz Ricardo Fonseca, 33 anos, biólogo. Claro que vale caprichar na estreia. “É interessante ser uma presença marcante. Porém, só isso não sustenta um relacionamento. Se você não for agradável, simpática, instigante e não apreciar de verdade o contato físico, a chance de o entusiasmo inicial dele esfriar é grande”, garante Carmita Abdo.

8 EXAGERAR NA BEBIDA A regrinha básica do “Se beber, não dirija” poderia ser adaptada aqui. Se for o primeiro encontro, não passe do primeiro copo. O perigo é exagerar na dose e deixar de lado a elegância, a feminilidade... “Dessa forma, a mulher mostra que é insegura, que precisa de um artifício para se soltar. A impressão é sempre negativa, assusta os homens, que gostam de estar no controle da situação — e nesse caso perdem a referência”, analisa Marina Vasconcellos. Então, o conselho é: se não sabe beber, não insista. Espere formar um vínculo de confiança. Antes disso, nem um gole a mais, combinado?

Edição n.6, abril 2009. http://www.womenshealth.com.br Consulta em 08/02/2010

WH5

Pênis: manual da usuária

As mulheres sempre disseram que os homens são todos iguais. Nem todos. Mostramos que há mais surpresas dentro de uma cueca do que você poderia imaginar. Abra a embalagem e divirta-se

Por Fabrício Brasiliense

Antes de entrar em ação, você precisa aprender os mecanismos d o equipamento que vai operar: bem-vinda ao manual de uso d o pênis! Escalamos para essa missão quem mais entende do assunto: um homem. Ele mapeou o dito-cujo tintim por tintim e, de quebra, ensinou técnicas para você enlouquecer seu parceiro na cama (no chuveiro, no sofá, no carro...) hoje mesmo

Eu pensei que escrever sobre o meu amigão aqui embaixo seria uma tarefa simples. Afinal, convivo com ele — com alguns poucos sobressaltos — há exatos 33 anos. Mas bastou uma conversa com um urologista para eu descobrir: “Há diferença entre orgasmo e ejaculação”, me disse Fernando Korkes, titular da Sociedade Brasileira de Urologia e professor da Faculdade de Medicina do ABC (Grande São Paulo). E mais coisas de que eu já desconfiava, como a falácia de que a prova de que a transa foi boa é o homem ter gozado. A seguir, um guia com fatos e curiosidades sobre o nosso bem mais valioso, o pênis, junto com algumas dicas as quais a gente torce, torce, mas torce muito para que vocês ponham em prática.

O GRANDE COMPANHEIRO Antes de entrar em ação, você precisa conhecer o equipamento que vai operar. O pênis é um órgão bem mais complexo que o simples salsichão de churrasco que ele parece. No topo de tudo fica a parte mais cheia de nervos e sensível do conjunto, a glande. A borda que contorna toda a glande é chamada de coroa. Agora imagine-o ereto, você olhando de frente e, logo abaixo, ligado à coroa, vem um pedaço de pele chamado de frênulo. Quando o pênis está flácido, toda essa pele que antes estava esticada passa a encobrir a glande e recebe o nome de prepúcio (circuncidados não têm).

Um pouco mais abaixo, fica a parte maior e mais volumosa, formada pelo corpo cavernoso, que são duas colunas de tecido esponjoso que se enchem de sangue na ereção. Um tecido semelhante, o corpo esponjoso, envolve a uretra, um fino canal que transporta a urina e o esperma de seus respectivos compartimentos para fora do pênis. E de onde sai o esperma?

A FANTÁSTICA FÁBRICA Os testículos funcionam como uma verdadeira fábrica de testosterona e esperma. Em se tratando de tamanho e performance, existe uma única evidência científica digna de nota: "Quanto maiores os testículos, maiores são os níveis de testosterona e maior é a quantidade de esperma produzido", explica Harry Fisch, diretor do centro de reprodução masculina do Hospital Presbiteriano/Centro Médico da Universidade Columbia, em Nova York, e autor do livro The Male Biological Clock (O relógio biológico masculino). Mas tanto faz se são grandes ou pequenos, o trabalho que eles executam é exatamente o mesmo. Um alerta que você pode dar ao seu parceiro para garantir o futuro da progênie é que ele evite cuecas muito apertadas e banhos de banheira muito quentes e demorados. Se você sentir vontade de dar um trato todo especial a o conjunto, saiba que isso é muito bem-vindo. Comece acariciando de leve, como se fosse um gato. Se ele abrir um sorriso bobo, passe livre. A próxima etapa é você deitar de barriga pra cima e pedir que ele se ajoelhe sobre você, na altura da sua boca. Aí é só ele abaixar para você controlar a intensidade da sucção.

A FANTÁSTICA FÁBRICA Dos testículos para trás o caminho é mais polêmico. O períneo, região que vai dali até a entrada do ânus, popularmente conhecido como terra de ninguém, é uma parte do corpo repleta de terminações nervosas. Experimente estender o cafuné que você vinha fazendo no item acima e veja se o sorriso bobo continua. Continua? Adiante, mas com uma ressalva. Há mulheres que nem cogitam seguir porque não têm vontade e muitos homens agradecem. Entretanto, algumas, mais curiosas, fazem questão de cruzar a fronteira e há homens que não se opõem. Vejamos por quê.

PONTO G A manipulação anal que leva até a próstata, o popular fio terra, pode causar sensações que dependem muito mais de aspectos emocionais do que físicos do homem. Alguns sentem prazer, outros dor, e há os que não sentem absolutamente nada. Alguns especialistas defendem que próstata é o ponto G do homem. A regra é uma só: a vontade de chegar até ali tem que ser do casal. E sem essa de que experimentar tudo deve ser uma obrigação. Algumas mulheres nutrem uma estranha obsessão de querer dar uma... perdão por ser tão direto... dar uma dedada no parceiro; já outras nem querem ouvir falar, com medo de que o cara goste e vire gay. Bobagem. A orientação sexual é o que direciona o desejo de uma pessoa por outra, que pode ser por uma mulher, um homem ou ambos. Gostar de fio terra não é indício algum de que o homem seja gay. Desde que ele goste que seja feito por uma mulher.

HOMEM FINGE? Para entender bem o que se passa nessa cabeça, que ora pode funcionar, ora não — como você bem sabe —, é preciso literalmente se debruçar sobre ele. Mas, antes, um pouco sobre os fatos que envolvem o ser acoplado ao pênis: o homem. Ao contrário do que a maioria pensa, o orgasmo masculino nem sempre é igual. Se por muito tempo acreditou-se que a ejaculação era uma prova incontestável de êxtase, hoje se sabe que uma transa pode ser avaliada de ótima a ruim — exatamente como no caso das mulheres. E mais, com o advento da camisinha, nós já podemos ter nosso momento mulher: fingir para acabar com aquele rala-e-rola se não estivermos curtindo. É isso, olho por olho. Não, não estamos querendo nos vingar pelas décadas de insegurança, mas agora você sabe que precisa rebolar — no bom sentido — para saber que está realmente agradando.

Guia do sexo manual Mapeamos tintim por tintim o nosso bom e velho pênis. Use sem moderação.

1. A MASTURBAÇÃO Pegue bem firme no pênis como se estivesse segurando o guidão de uma bicicleta (nem muito em cima, nem muito embaixo: na metade) e vá fazendo o vai-e-vem. Os segredos são dois: pressão (segure com vontade) e velocidade (ritmada e bem rápida). E não hesite em perguntar se ele prefere mais forte ou mais fraco, vai sempre do gosto d o freguês. Ou então seja intuitiva: conforme você faz a pegada, fique atenta para a cara que ele faz e controle o ritmo.

2. O SEXO ORAL"Enquanto a parte de baixo do pênis responde à pressão, o topo, que é onde fica a glande, responde à fricção", esclarece o terapeuta sexual Ian Kerner, autor de He Comes Next (algo como Ele goza depois). Portanto, o alerta mais importante a ser tomado é: evite os dentes. Receber uma mordida só não é pior do que um chute no saco. Com uma das mãos você pode formar um anel com o indicador e o dedão e segurar firme na base — eu disse bem firme! —, fazendo com que a ereção fique mais consistente, o que também ajuda a retardar o orgasmo. A receita é combinar a língua e os lábios, controlando a pressão para cima e para baixo, tirando o pênis da boca e lambendo nas laterais. O upgrade n a modalidade acontece quando você usa o anel que formou com os dedos para subir até a glande e descer junto com a boca.

3. O ARREMATE Aproveitando que o pênis já está bem molhado pela prática 2 (dar uns goles num copo d'água facilita), prepare o gran finale que deixa qualquer cara doido. Com uma das mãos segure na base enquanto com a outra, levemente espalmada, escorregue de baixo para cima, chegue à glande, dê uma polida, desça até embaixo e depois suba tudo outra vez. De novo, tanto a pressão quanto o tempo despendido em cada etapa d o processo vão depender de quanto seu parceiro faz aquela cara de "não para, não paaara..." Agora, basta unir as três técnicas e partir para o abraço. Calma lá, não precisa ser as três ao mesmo tempo. Faça um pouco de cada uma; cansou da 1, parta para a 2, depois a 3, a 1 de novo, 2, 3...

OUTROS FATOS ACERCA DO PÊNIS > "Existem três tipos de ereção", explica Karen Boyle, diretora de medicina reprodutiva do Brady Urological Institute do hospital Johns Hopkins, em Baltimore (EUA). A do tipo reflexiva é aquela que acontece em resposta à estimulação direta do pênis. A psicogênica surge de fantasias, quando o cara pensa que está transando, assiste a um filme pornô ou ouve safadezas ao pé do ouvido. A do tipo noturna acontece durante o sono. Essa última, segundo Fernando Korkes, tem uma função fisiológica. Sabe quando piscamos porque o olho está seco? Mesma coisa, é involuntário. No caso do pênis, é para manter o equipamento bem oxigenado e garantir o bom funcionamento d o sistema. Significa que pode acontecer ao lado da maior gostosa do mundo ou da minha avó.

>O pênis dos brasileiros tem em média 14 centímetros quando ereto. A sexóloga americana Amy Levine indica duas posições para aquelas que algum dia precisarem lidar com tamanhos extremos: se for um pênis menos avantajado, vá de papai-e-mamãe e mantenha as pernas fechadas, elevando-as até encostar no peito dele. Isso faz com que estreite um pouco o canal vaginal. Se for um salsichão, o melhor é você por cima para controlar melhor a profundidade e o ritmo da penetração.

Prazeres da carne Imagino que antes de chegar aqui já tenha rolado muito amasso, muita mão naquilo e aquilo na mão. Aqui vai um cardápio para você colocar a prática ao gosto d o freguês. Mãos à obra. Ah... vale a boca também.

ERA DO GEL O barato Chupe uma pedra de gelo e caia de boca. O frio do gelo e o calor da boca dão uma sensação legal. Só a língua gelada e acrobática já faz um efeito e tanto. Junte os mamilos nessa. O cuidado Não exagere. O problema aqui é ficar duro... de frio e se recusar a entrar em ação.

ALÍVIO REFRESCANTE O barato: A bala Halls tem outra função além de garantir um hálito fresco. Ela também proporciona um prazer inusitado se consumida antes do sexo oral.O cuidado Pode grudar e deixar tudo meio melecado. Tome um gole de água depois da bala.

MICHAEL JORDAN O baratoVocê abocanha o pênis inteiro de uma só vez, consecutivamente. Êxtase visual.O cuidado Se o cara for bem-dotado e bater fundo na garganta, pode dar vontade de chamar o Hugo.

REVEZAMENTO O barato Você reveza o pênis e os testículos no sexo oral e manual. Não há limites para a língua. O cuidado Nunca, jamais use os dentes em nenhum dos dois.

VELOCIDADE MÁXIMA O barato Sexo oral enquanto ele dirige é tiro e queda para sair da mesmice. Prazer, adrenalina e emoção de ter que prestar atenção na estrada.O cuidado Se a estrada for esburacada, você pode bater com a cabeça na direção.

CHUÁ, CHUÁ O barato Você de joelhos no chuveiro, fazendo sexo oral. Água, os vidros embaçados. Tesão! O cuidado Não cair de testa no azulejo nem engasgar.

SOBREMESA O barato Um plus em tempos de sexo politicamente correto. A ideia é colocar a camisinha aromatizada desenrolando com ajuda da boca. O aroma adocicado no ar dá um clima de perversão. O cuidado Use em doses homeopáticas para não enjoar.

COMBO O barato Para iniciadas. Tudo entra na brincadeira: virilha, períneo, pênis, saco. É como fazer barba, cabelo e bigode ao mesmo tempo. Prazer multiplicado O cuidado O cara não se controlar e você acabar com a (sua) festa aqui mesmo.

USTRA—MÓVEIS O barato Para atiçar antes da hora D, roçar a língua suavemente na glande. Quanto mais devagar, melhor. O cuidado Não se alongue demais, o excitamento vira relaxamento e, aí, beijinho, beijinho, tchau, tchau.

O QUE EU FAÇO COM ISSO AGORA? Se alguma vez você se viu sem saber o que fazer depois que ele gozou na sua boca, não se desespere. Não existem regras. É uma questão, literalmente, de gosto. Acima de tudo, você tem que curtir. Há mulheres que são craques e somem com tudo rapidinho nos deixando com a maior pulga: para onde foi!? Só não vale engolir para agradar e depois fazer cara de nojo. E se engolir e quiser beijar na boca depois, please, tome uns goles de água. Sair para cuspir no banheiro pode, mas faça discretamente, com olhar de malícia, sem sair correndo como se estivesse fugindo de um incêndio.

Edição n.4, Fevereiro 2009. www.womenshealth.com Consulta em 08/02/2010

WH6

Bom dia! Mesmo!

Fazer sexo logo cedo faz mais do que pôr um sorriso no seu rosto — melhora sua saúde, seu visual e seu relacionamento

Por Yara Achôa e Elise Nersesian

Cama quentinha, companhia agradável... e toca o despertador avisando que você tem que começar o dia. Não é a melhor forma de acordar. Mas é possível trocar o estridente ruído por sussurros e gemidos capazes de ligar até mesmo a Bela Adormecida. Então, por que não aproveitar para rolar entre os lençóis nessa hora e dar um gás extra à sua rotina?

Cientistas dizem que as pessoas que começam o dia fazendo sexo são mais saudáveis e mais felizes em todos os aspectos, comparadas àquelas que não se entregam à luxúria. “Fazer sexo pela manhã nos remete a uma sensação química de bem-estar, provocada pela oxitocina, hormônio liberado no cérebro que faz os casais se sentirem amorosos e unidos o dia todo”, diz Debby Herbenick, educadora sexual do Instituto Kinsey para Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução da Universidade de Indiana, nos EUA. Segundo um estudo da Universidade Queen’s, no Reino Unido, o prazer matutino é capaz de melhorar o funcionamento de diferentes órgãos, reforçar suas defesas, melhorar a circulação e diminuir a pressão. Além disso, reduz o risco de diabetes, fortalece ossos e músculos e ajuda a aliviar dores de cabeça. O trabalho, publicado na revista britânica *New Scientist*, destaca ainda que se trata de uma atividade que detona até 300 calorias por hora. Quer mais? Casais que começam o dia transando têm melhor aparência, já que o orgasmo aumenta os níveis de estrogênio e outros hormônios relacionados ao brilho e à textura da pele e à saúde do cabelo. O que vai ajudá-la a economizar tempo com o make e a chapinha.

“Além disso, ao acordar, a cabeça está livre de preocupações. Fica mais fácil curtir o momento”, diz Celso Marzano, urologista e terapeuta sexual, de São Paulo. Então, garota, acorde e aproveite!

ACORDE-O COM UM BOM-DIA SEXY Esqueça o despertador do celular com aqueles sons metálicos e programe seu telefone para tocar uma música suave. Assim que você acordar, tire o pijama — se já não estiver sem ele. Se seu parceiro estiver deitado de costas, com uma de suas mãos vá abrindo espaço entre as coxas masculinas, com seu polegar apontando para os genitais dele, sugere Alexis Arvidson, mestre em ciência da acupuntura pela Faculdade de Acupuntura Tri-State, de Nova York, nos EUA. Devagar, faça movimentos circulares com o dedo. De acordo com antigas técnicas, ao estimular essa área sensível do corpo do homem, o sangue flui mais rapidamente, o que o levará a começar o dia com uma explosão nas regiões íntimas.

TIRE PROVEITO DA NATUREZA O corpo do seu namorado é programado para querer sexo logo de manhã (bom dia, flor do dia!). “Enquanto ele dorme, produz e acumula uma quantidade grande de testosterona, que será usada durante todo o dia”, diz Gabrielle Lichterman, autora do livro *28 Days — What Your Cycle Reveals About Your Love Life, Moods, And Potential* (inédito no Brasil). Quando ele acorda, leva cerca de 3 horas para estabilizar seus hormônios, com níveis de pico, quando ele tem mais

vontade de fazer sexo. Não perca tempo: pule para cima dele e ponha em ação o estilo *girl on top*, uma das posições sexuais preferidas dos homens.

DESPERTE O AMIGÃO A cama está tão quentinha que você não tem vontade nem mesmo de ir escovar os dentes? Tudo bem. Não precisa beijar seu querido na boca. Comece os carinhos pelo pênis. "É interessante criar situações que fujam do convencional para despertar o desejo no parceiro. Muitas vezes a relação nesse horário não dá para ser elaborada; sexo oral pode ser uma boa", diz a psicóloga e sexóloga Carla Cecarello, coordenadora do Projeto AmbSex (Ambulatório de Sexualidade), de São Paulo. Escorregue entre os lençóis até atingir seu alvo e então dê beijinhos e lambidas para acordá-lo. Se ele já não estiver alerta, em poucos segundos estará batendo continência. Aí você decide entre continuar explorando a região com a boca e pular para cima dele.

FIQUE FRESQUINHA Entrar no banheiro para escovar os dentes pode significar mais do que espantar o bafo de dragão. "O mentol da sua pasta de dente pode dar uma sensação mais latejante durante o sexo oral", diz a sexóloga Debby Herbenick. Foque o pênis e a pele do escroto, duas regiões ricas em nervos. Mas observe: pode levar alguns minutos para que os efeitos do mentol funcionem, então seja paciente — ele talvez não sinta isso na primeira vez.

CONDUZA-O AO PARAÍSO O corpo do seu namorado é programado para querer sexo logo de manhã (bom dia, flor do dia!).Se você acordou pensando em sexo, divida seus mais excitantes desejos com seu parceiro. Não exatamente com palavras. Aconchegue-se em seus braços e faça com que ele a abrace. Então, segure a mão dele e conduza-a, deslizando por seu corpo, parando entre suas pernas. "O homem normalmente se excita ao perceber que sua garota está com vontade. Então, nada melhor do que mostrar isso a ele", sugere o terapeuta sexual Celso Marzano. Faça-o sentir que você está no ponto e que vai ser fácil para ele completar o serviço.

DISPENSE OS RODEIOS As transas noturnas costumam ser mais cheias de rituais e fantasias. De manhã, uma boa aposta pode ser o sexo mais carnal, do tipo "Vem cá, meu nego!" "Isso não significa ausência de emoção", pondera a coordenadora do Projeto AmbSex. Ao contrário, se vocês estiverem na vibe, será de intensidade e paixão incríveis. Mais sonolentos e menos falantes, aposte nos olhos nos olhos, nos beijos quentes, nos abraços apertados e se entreguem sem limites. Quando você está relaxada e faz sexo de qualidade, produz mais endorfina, hormônio relacionado ao prazer — ou seja, fica em êxtase por muito mais tempo.

DÊ UMA RAPIDINHA A movimentação intensa gera descarga de adrenalina, o que vai intensificar a experiência. E o mais divertido pode ser a cara de surpresa dele. Portanto, programe o "ataque" quando ele menos esperar: na hora em que ele estiver no banho, se vestindo ou preparando o café da manhã. Tenha em mente que você também vai ter que abrir mão das preliminares. Mas não se preocupe: estudos publicados no periódico *The Journal of Sexual Medicine* provaram que quando as mulheres ignoram as distrações podem se excitar em 30 segundos. Ou seja, foco "nele". Uma sessão quente e intensa, ainda que de curta duração, vai deixá-lo alucinado antes de ir para o escritório e louco para voltar para casa depois do trabalho. É um ótimo jeito para manter a paixão acesa.

CURTA A VISTA Parte do que faz o sexo matinal ser tão gostoso é a luz do dia. Ok, na claridade é mais difícil esconder seus defeitinhos. Mas deixe suas inseguranças de lado e se entregue ao prazer sem culpa. Em vez de ficar se cobrindo com lençóis, jogue tudo fora e desfrute o visual. Ele vai deleitar-se com seu corpo — e você com o dele! Estudos conduzidos pela Universidade Emory, em Atlanta, nos EUA, mostraram que durante o sexo as mulheres são tão estimuladas pela visão quanto os homens. "Sexo é uma atividade sensorial. Portanto, explore todos os seus sentidos", diz Celso Marzano.

SOLTE SEU INSTINTO ANIMAL Assim que acordar, chegue próximo ao seu namorado e dê uma fungadinha nele. Como ele ainda não tomou banho, você sentirá mais intensamente seu cheiro natural. De acordo com cientistas da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, nos EUA, o odor almiscarado da axila masculina é comprovadamente um estimulante da libido. Na boa, você não pode perder essa!

TENTE UMA POSIÇÃO ACONCHEGANTE Como vocês dois estarão meio grogues de sono, experimente uma posição que requeira o mínimo de esforço possível. "Enquanto você está se aconchegando em direção ao peito do seu namorado, entrelace suas pernas com as dele e guie-o para dentro de você", sugere a terapeuta sexual Jane Greer, membro da Associação Americana de Educadores, Conselheiros e

Terapeutas Sexuais, de Nova York. “As mãos dele estarão livres para tocar seus pontos mais sensíveis”, diz Carla Cecarello.

INSTALE UM CHUVEIRO DUPLO Tomar banho juntos é romântico e tudo o mais, mas vamos ser realistas: só tem espaço para uma pessoa por vez embaixo do jato de água. Conserte isso comprando um chuveiro duplo. Depois, regule a temperatura: o calor traz o sangue para a superfície da pele, fazendo-a mais sensível ao toque. Tenha em mãos um sabonete com essências como pimenta ou menta, que fazem seus sentidos despertarem, afirmam pesquisadores da Universidade Jesuíta Wheeling, na Virgínia, nos EUA.

SOZINHA TAMBÉM VALE Vai que você tenha dormido sozinha ou que ele tenha saído mais cedo — e bem nesse dia você acorde derretendo de vontade. Pelo bem da sua saúde e da sua beleza, se dê prazer — sim, a masturbação também pode trazer alguns dos efeitos positivos de uma boa noite de sexo. “Para estimular uma transa a dois mais tarde, você pode enviar uma mensagem contando ao seu parceiro o que fez”, diz Carla Cecarello. E aproveite para sugerir que tem muito mais esperando por ele...

Edição 21, julho 2010. www.revistawomenshealth.abril.com.br Consulta em 15/10/2010.

WH7

No topo do mundo

Os segredos das recordistas em orgasmo do planeta (nós estamos entre elas!) para você sempre ir às alturas

Por Carrie Sloan e Roberta Viganó

A gente nem sempre pode se orgulhar do nosso país quando o assunto são os índices econômicos e, principalmente, sociais. Mas em se tratando de autoestima sexual não tem para ninguém. Depois de entrevistar 26 mil pessoas em 26 países, a pesquisa de sexualidade e bem-estar 2007-2008 da Durex, multinacional de preservativos, comprovou: 80% dos brasileiros estão felizes na cama. O resultado nos garante o posto de campeões mundiais no quesito satisfação. Se é para falar sobre quantidade de relações — yes! —, somos vice-líderes. Além de nós, outros três povos disputaram as primeiras posições: israelenses, gregos e suecos. Esquente as turbinas e confira ensinamentos de tirar o fôlego nestas quatro escalas — e escolas — de prazer ao redor do mundo.

PRIMEIRA PARADA
Brasil, onde a vida é encarada pelo prisma sexual

De acordo com a pesquisa da Durex, ocupamos a vice-liderança mundial no quesito frequência: 85% de nós transamos pelo menos uma vez por semana. Aproximadamente ½ está aberto a experiências afrodisíacas e 77% fazem sexo oral regularmente. Para a professora e coordenadora do Projeto de Sexualidade da Universidade de São Paulo, Carmita Abdo, que concluiu em novembro o estudo Mosaico Brasil, sobre o comportamento afetivo-sexual do brasileiro, em parceria com a Pfizer, somos um povo ativo na cama, com uma fantástica capacidade de fantasiar. “Comunicabilidade, espontaneidade e busca pelo prazer são fatores muito importantes e estimulantes”, diz Carmita. “Esses aspectos, aliados ao clima quente, à facilidade de contato físico e à exposição do corpo, criam o conjunto que nos faz jus à fama de fazer e gostar de sexo.”

Nossa maneira de enxergar a vida pelo viés da sacanagem, de fazer piada e de falar abertamente sobre o assunto — a sério ou de brincadeira — também nos leva a estar sempre plugados. De acordo com o levantamento, que ouviu 8 mil pessoas em dez capitais, 70% dos brasileiros conversam sobre o tema com a família. “Faz parte do nosso cotidiano”, afirma Carmita. “Somos evoluídos n essa questão.”

O Mosaico Brasil constatou que transamos de duas a três vezes por semana. É preciso ressaltar, no entanto, que quantidade não se traduz em qualidade. Apesar de 70% das brasileiras afirmarem alcançar o orgasmo frequentemente, elas ainda se colocam na posição de dar prazer ao homem e de imaginar que ele é o mestre da sedução. Para Carmita,é fundamental, antes de tudo, estarmos saudáveis — física e

emocionalmente. Assim, podemos aproveitar o clímax, a intimidade e a sintonia com nosso parceiro, mostrando como gostamos de ser estimuladas. Com essa receita, ninguém vai segurar você!

SEGUNDA PARADA
Suécia, onde a educação sexual é pauta para a vida toda

As suecas são apresentadas à idéia de prazer bem cedo: a educação sexual começa aos 7 anos. Talvez por isso, 61% delas afirmaram ter chegado ao orgasmo na última vez em que transaram, segundo a pesquisa da Durex. “Na Suécia, os ensinamentos começam nas aulas de biologia”, afirma a sueca Ylva Franzén, autora do livro Orgasma Mera (Mais orgasmos). Durante o ensino médio, os jovens aprendem a ter uma atitude positiva em relação à prática. O currículo abrange matérias desde como desenvolver uma identidade sexual até a arte de beijar. Já na faculdade, os alunos podem optar por disciplinas como desejo, paixão, disfunção sexual e ética do aborto. O aprendizado não para. Muitos escandinavos continuam a elevar seu QI erótico depois da graduação. Nos workshops de Ylva Franzén, ministrados aos finais de semana, mulheres de 20 a 65 anos dividem suas experiências, aprendem a encontrar o ponto G e desenvolvem seus lados mais selvagens. Para ela, bom desempenho resume-se a criatividade e diversão.

LIÇÃO DE CASA
Não, assistir a uma maratona de Sex and the City não basta. Para o psiquiatra Alexandre Saadeh, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), se no Brasil nosso comportamento vem da cultura de exposição dos corpos, na Suécia essa vivência é erudita. “Nota-se, de qualquer forma, que o segredo está em pensar em sexo no dia-a-dia”, diz. Como não temos a formação acadêmica nórdica, vale buscarmos inspiração em bons livros.

> Saia do comum: a educadora americana Sari Locker, consultora da pesquisa da Durex, mostra em Manual do Sexo Alucinante (Ed. Record, 272 págs., R$ 39) como é possível desfrutar prazeres diferentes e fantasiar em meio à realidade.

> Explore seu apetite Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos (Ed. Bertrand Brasil, 326 págs., R$ 89), de Isabel Allende, mistura sexualidade e gastronomia com humor, estimulando os sentidos.

> Suba nas paredes: o escritor João Ubaldo Ribeiro levanta até defunto com seu erótico e intrigante Luxúria: A Casa dos Budas Ditosos (Ed. Objetiva, 164 págs., R$ 31,90). Inspiração e vontade não faltarão para espantar a preguiça na cama.

> Bíblia da volúpia: Os Prazeres do Sexo (Ed. Martins Fontes, 252 págs., R$ 67,90), de Alex Comfort, é um clássico dos anos 80 e excelente referência. Aborda de forma ampla as questões para uma vida saudável, responsável e plena sem ser bobo ou pornográfico.

TERCEIRA PARADA
Grécia, onde sexo é o passatempo nacional

Quando o tópico é frequência, os gregos ocupam o topo do olimpo. Apenas eles batem o Brasil com — por Zeus! — 164 vezes anuais, ante nossa honrosa média de 145, segundo a pesquisa da Durex. “Em outro estudo sobre hábitos europeus, os homens gregos alcançaram o primeiro lugar, empatando com os destronados franceses”, diz Elizabeth Ioannidi-Kapolou, socióloga e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública, em Atenas. Segundo ela, é normal n a pátria mediterrânea as pessoas estabelecerem o sexo como prioridade. “Nós vamos atrás do prazer. É assim que nos divertimos por aqui.”

Geralmente, o maior obstáculo entre você e a espontaneidade é o excesso de reflexões. Portanto, a regra é simples: apenas faça. Pensamentos noturnos sobre quanto você está acima do peso ou sobre o dia estressante do trabalho afastam qualquer vontade de relaxar. Mulheres que se colocam como espectadoras, e não participantes, não aproveitam os benefícios saudáveis da relação. Sem surpresas, estudos têm demonstrado que, quanto mais alheia a pessoa for ao sexo, menos satisfeita ela é. Esse posto coadjuvante é o grande responsável pelos orgasmos bissextos — assim como por seus fingimentos — e até mesmo dores. A ginecologista Carolina Ambrogina, coordenadora do Projeto Afrodite de Sexualidade Feminina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), orienta suas pacientes a se esforçar para combater a mesmice na cama. A estratégia é vestir lingeries sensuais, programar viagens e visitar sex shops. “Inspire-se em cenas picantes de filmes e mande mensagens excitantes ao seu parceiro”, diz. Comece a atender aos seus desejos sem nenhuma censura.

Outros estudos comprovam que manter o foco no corpo e nas sensações desencadeadas nas preliminares aumenta o estímulo feminino e — bingo! — a frequência das relações. “Se já souber o que deixa você pegando fogo, o desafio é entrar em ação”, afirma Ioannidi-Kapolou.

QUARTA PARADA
Israel, onde as mulheres pedem o que querem

Uma salva de palmas para as israelenses: uma enquete feita com 14 840 delas mostrou que 72% tiveram orgasmo na última vez que transaram e 71% disseram pedir o que querem na cama. “Nos últimos 20 anos, o número de mulheres satisfeitas sexualmente cresceu, em grande parte, graças ao aumento de informação disponível”, afirma a jornalista israelense Maayana Shenar. Para suprir seus desejos, elas aprenderam direitinho a barganha do “peça e, provavelmente, você será atendida”. O emprego da palavra dugri (direto ao ponto, em hebraico) costuma funcionar por ali.

TOME AS RÉDEAS Quando a fogueira se acende embaixo dos lençóis, os homens normalmente precisam de uma direção. “Apesar do machismo, quem conduz o jogo entre quatro paredes é a mulher”, diz Alexandre Saadeh. Segundo ele, porém, não somos tão diretas quanto as israelenses. “A brasileira precisa aprender a usar seu charme para se insinuar e sugerir o que deseja, sem demonstrar ser ela quem manda.” Veja como comandar o jogo e, assim, dar e receber mais prazer:

> Conheça seu corpo
“As mulheres têm mais orgasmos quando sabem o que querem e conquistam espaço aos poucos”, diz Alexandre Saadeh.

> Dê apoio
“Abuse da intimidade, da disponibilidade mútua e da comunicabilidade”, afirma Carmita. Experimente sussurrar no ouvido dele: “Adoro sentir você dentro de mim. Melhor ainda quando você fricciona meu clitóris ao mesmo tempo”.

> Mostre, não peça
Às vezes, durante o sexo, é melhor deixar o corpo falar. “Pegue a mão dele e leve até onde você sente prazer”, diz Carolina Ambrogina. “Ele vai entender o recado. Se ele relutar, basta dizer.” Seus suspiros serão as melhores recompensas.

MODELOS DE SEX APPEAL Quatro (belos) representantes dos países vencedores.

BRASIL
Rodrigo Santoro
De acordo com o último ranking da revista americana People, o ator — que estreia o filme Che — é o 12º homem mais bonito do mundo. Ô, lá em casa...

SUÉCIA
Jens Lekman
O sensível roqueiro indie, recém-eleito o artista número 1 da Suécia, é conhecido por suas letras cheias de sentimentos.

GRÉCIA
Pyrros Dimas
O halterofilista é três vezes medalhista de ouro olímpico em levantamento de peso e um bom exemplo de deus grego da atualidade.

ISRAEL
Asi Cohen
“Ele é boa-pinta, extremamente charmoso e superengraçado ator de TV e cinema”, diz Karin Meytahl, editora da revista Time Out de Israel.

Edição n.2, Jan. 2009. http://www.womenshealth.com.br/. Consulta em 08/02/2010

WH8

Spice girls (and boys)

Vá às nuvens nas posições sexuais que você já conhece e adora — sem desconforto, sem mesmice e sem vergonha.

Por Celeste Perron

É fácil engatar o piloto automático na cama. Por que mesmo temos de nos contorcer feito acrobatas do Cirque du Soleil se, primeiro, fazemos sexo de um jeito mais satisfatório do que a maioria das pessoas? Segundo, se a clássica posição mulher por cima dá conta do recado tão bem? Eis um bom motivo: com o tempo, a gente deixa de apreciar o feijão-com-arroz devidamente e corre o risco de cair na monotonia. Para esquentar a transa, você não precisa comprar uma edição ilustrada do Kama Sutra e se sentir constrangida copiando posições esquisitas — basta melhorar o que já é bom. De vez em quando (sério, nem que seja uma vez por mês), coloque uma pitadinha de pimenta no pê-efe. Recorremos a especialistas para saber quais são as estratégias comprovadamente bem-sucedidas que adicionam uma malagueta à receita caseira que toda mulher conhece e adora.

Posição De pé

QUEIXA 1 *"Como sou mais baixa, ele precisa me levantar. Mas ele se cansa e sinto que vai me derrubar."*
SOLUÇÃO Primeiro, confie no cara. Se ele não agüentar, vai mudar de posição para evitar o mico de derrubá-la no chão — pelo menos a gente espera que ele faça isso. "Se não quiser correr riscos, escore-se em algum lugar seguro: pia, balcão, mesa, sofá...", diz a ginecologista Francieli Minotto, especialista em sexualidade pela USP. Para aumentar o prazer, sente-se na beirada, de forma que o clitóris tenha mais contato com o pênis.

QUEIXA 2 *"Nós temos quase a mesma estatura e o sexo só funciona se fico na ponta dos pés. Minha batata da perna dói muito."*
SOLUÇÃO Orgasmos já são suficientemente elusivos sem que você precise se equilibrar na ponta dos pés. Conquiste os centímetros necessários para o encaixe perfeito da pélvis subindo nas tamancas – literalmente. Vale escarpim, plataforma, bota, tanto faz. Não tem um sapato alto o suficiente? Compre um par barato (mas estável) só para esse fim. Você nunca precisará calçá-los fora de casa e seu namorado ou marido ficará excitado ao vê-la nua com uma sandália de salto alto. Afinal, por algum motivo indecifrável, eles parecem achar esse figurino sexy.

Posição Papai-e-mamãe

QUEIXA 1
"Não chego ao orgasmo porque não consigo me mexer como preciso."
SOLUÇÃO Para ganhar mais espaço — e movimentar os quadris ou alcançar o clitóris com seus dedos –, peça para ele se sentar sobre os calcanhares. Então, deite-se de costas em cima de uma pilha de travesseiros e deixe que ele se encaixe no meio de suas pernas, segurando seus quadris e puxando sua pélvis na direção do pênis. Você pode apoiar os pés na cama para ajudar no balanço ou envolver os quadris dele com suas pernas. Use travesseiros para apoiar sua cabeça e evitar que o sangue desça todo para lá.

QUEIXA 2 *"Fica difícil respirar quando ele está por cima e solta o corpo."*
SOLUÇÃO É impossível curtir o rala-e-rola quando falta oxigênio. "Peça para ele segurar o próprio peso com os antebraços e não esmagar você lá embaixo", sugere a psicóloga e sexóloga Carla Cecarello, coordenadora do Ambulatório de Sexualidade (Ambsex). "Não tem problema nenhum dar um toque com delicadeza." Coloque suas mãos no peito dele para que ele não solte o corpo e mantenha distância – os homens ficam ainda mais preguiçosos do que nós. O pênis vai se mover mais para baixo, em direção ao cóccix, o que facilita a fricção do clitóris.

Ele ficará excitado ao vê-la vestindo uma sandália de salto alto — e nada mais

Posição De costas para ele

QUEIXA 1 *"É excitante, mas meu clitóris não recebe tanto estímulo."*
SOLUÇÃO Nada que você fizer nessa posição vai mudar a localização do seu clitóris — mas você pode tentar uma variação mais excitante. Se ele estiver de joelhos, apoiado nos calcanhares, sente-se no colo

dele, como se fosse uma cadeira. Apóie os pés fora da cama para controlar o movimento e manter o equilíbrio – você conseguirá, então, subir e descer. Se você achar que essa posição requer tanto esforço quanto uma série de musculação na academia, bem, é isso mesmo. Mas é tão gostoso que você nem vai perceber estar trabalhando as coxas e as panturrilhas.

QUEIXA 2 *"Sinto falta de ver o rosto dele e tocar seu corpo. Me parece impessoal demais."*
SOLUÇÃO O mais bacana de ele estar atrás é que suas costas ficam expostas a um monte de sensações eróticas que normalmente só se sente pela frente. Mais: a posição desperta um sentimento safado excitante. Para não sacrificar a intimidade, fique de bruços e deixe que ele se deite sobre você – sem amassá-la, é claro. "É bem íntimo porque proporciona muito contato de pele", diz David Taylor, professor de sexualidade do Miraval Life in Balance Resort, nos EUA. Mesmo que você não veja o rosto dele, poderá ouvir sua respiração ofegante e sentir seu corpo quente e suado.
Posição Você por cima

QUEIXA 1 *"Não consigo estimular o ponto G."*
SOLUÇÃO Essa é a melhor forma de você controlar o ritmo e o nível de penetração, além de ser ideal para manter o contato do pênis com o clitóris. Mas, se você não abre mão do orgasmo do ponto G, não há o que fazer. O ponto G é um emaranhado de nervos localizado de 2,5 a 5 centímetros acima do canal da vagina. Ele fica fora do alvo do pênis se você estiver inclinada para a frente ou sentada com as costas eretas, o que a maioria de nós faz. "Tente curvar-se para trás, apoiando as mãos na cama ou nas coxas dele", afirma Carla. "Ou peça para ele flexionar os joelhos e suspendê-la, de forma que você possa se encostar nas pernas dele."

QUEIXA 2*"Meu corpo inteiro chacoalha e não me sinto nada sexy."*
SOLUÇÃO Esqueça tudo que você já ouviu falar sobre a espontaneidade de transar com as luzes acesas e desligue o maldito interruptor – mesmo o do abajur. "Se você não consegue se soltar na cama, fazer sexo no escuro vai ajudá-la a esquecer os defeitos que acha ter", diz Ian Kerner, terapeuta sexual de Nova York e autor de She Comes First (Ela chega primeiro), sem tradução em português. "Não há sentido em forçar essa autoconfiança se você não fica feliz." Quando estiver pronta, acenda uma vela. Então, uma luz, depois outra, até sentir-se confortável o suficiente para chacoalhar à vontade à luz do dia – quem sabe na praia?

Posição De ladinho

QUEIXA 1 *"Escolhemos essa posição quando estamos exaustos. Não é lá muito empolgante."*
SOLUÇÃO Transar com sono não faz muito sucesso, principalmente ao acordar, logo de manhãzinha. A versão "de ladinho separado" é mais excitante – e não requer nenhum esforço extra. Você se deita de costas e ele de lado, perpendicular a você, de maneira que os corpos formem um T, como se seu tronco fosse a haste mais comprida da letra. Coloque uma perna sobre o ombro dele e a outra sobre a batata da perna dele. Você pode controlar a estimulação deixando as pernas mais abertas ou fechadas.

QUEIXA 2 *"Não sei o que fazer com tantos braços e pernas entre nós."*
SOLUÇÃO Aquele monte de membros intrusos atrapalha o encaixe entre os corpos. "Para se livrar deles, experimente ficar de conchinha", afirma a americana Patti Britton, terapeuta sexual e autora do livro The Art of Sex Coaching (As lições da arte do sexo), sem tradução para o português. Vocês dois se deitam de lado, com você de costas, sendo penetrada por trás. Já que você não está olhando para ele, seus braços não atrapalham. "N essa variação, será mais fácil ele tocar seus seios e seu clitóris. É uma posição bastante intimista."

Edição n.2, Dez.2008. http://www.womenshealth.com.br Consulta em 08/02/2010

WH9

Que garota confiada!

Se é isso que os moços andam dizendo de você por aí, ótimo sinal: significa que acredita em si mesma, tem autoestima e, dessa forma, está a um passo do paraíso no quesito sexo. Mas quem não emplacou essa bola toda pode virar o jogo para se sentir sexualmente confiante...

Por Rosana Faria de Freitas

Não interessa se é a primeira, a segunda ou a terceira vez que você está com aquele cara. O que você pensa no exato momento em que a sua cabeça dá o sinal verde para seu corpinho se divertir? Lembra-se de que faz um mês que não aparece na academia, da depilação dois dias vencida, de que não está usando nenhuma de todas as suas melhores calcinhas. Fica pensando que ele está só se aproveitando e vai desaparecer assim que as luzes se acenderem. Resultado? Trava. Ou está tão à vontade e relaxada que suas dúvidas são: será que o sexo vai ser tão bom quanto o beijo? Levo para o quarto ou deixo rolar aqui na cozinha?

Você pode pensar que no final qualquer uma das atitudes dá no mesmo: vai transar e depois só Deus sabe o que vai acontecer, certo? Errado. A diferença entre a garota que fica cheia de encanações na hora de partir para o corpo a corpo e a que está mais interessada em ir para o abraço é que a segunda tem de sobra uma coisa chamada confiança sexual. É aquela velha história de confiar no próprio taco. E, se você tem isso, nunca terá do que reclamar quando o assunto for cama. Quem não tem esse borogodó todo — ainda — pode chegar lá. Nós ensinamos os segredos!

ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE MULHER MAIS LINDA E GOSTOSA DO QUE EU? Bonitonas de narizinho em pé, que cuidam das formas sem neuras, se acham gostosas, não fogem do espelho, correm atrás quando estão insatisfeitas não pelos outros, mas por si mesmas. “Não acalentar encanações em relação às formas ajuda bastante”, diz Alexandre Saadeh, psiquiatra e psicoterapeuta, professor da PUC-SP. Então, já sabe: mãos à obra para se sentir bonita, desejável e poderosa. Nada de deixar a ginástica de lado ou manter uma alimentação sem critério. Afinal, você quer é sentir aquela segurança não só na hora de colocar uma roupa mas, principalmente, no momento de tirar...

SOU MELHOR QUE QUALQUER GAROTA DE PROGRAMA Quanto mais autenticidade e liberdade em relação ao seu desejo, melhor. Quer dizer, vale se deixar guiar pelo que está sentindo, desenvolver seu apetite sem preconceitos e buscar a satisfação plena e a do parceiro. Se fizer isso, não tem como não ser boa de cama. Acredite: o que mais conta na hora do vamos ver é não criar caraminholas em relação ao próprio tesão e vivenciá-lo de forma integral. “Tome iniciativas e perceba as aspirações do homem. Mostre vontades, curiosidades e fantasias e as vivencie”, diz Saadeh. Se você fica como uma princesinha deitada na cama esperando o moço terminar o serviço, comece já a colocar a mão na massa. Tudo isso, claro, considerando suas vontades e seus limites, conforme defende Dorli Kamkhagi, psicanalista e pesquisadora do Laboratório de Neurociências do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. “Se a mulher se respeitar, a integração entre o desejo e o prazer será total”, diz.

ESTÁ AQUI UMA MOÇA DE ATITUDE... Para garantir a tão desejada confiança sexual, o que já citamos ajuda, “mas o que faz diferença mesmo é a atitude”, sustenta Jussania Oliveira, sexóloga membro da World Association Sexology. Ser adulta e se ver dessa maneira é tudo! “Compreender que sexo é uma necessidade, uma questão de saúde e qualidade de vida. Realizar-se não porque todos dizem que tem que ser assim ou assado, mas porque sabe que faz parte da vida ter prazer.” Nesse caminho, você será aquele tipo de garota com a cabeça fresca para o sexo, que pensa nisso várias vezes por dia e alimenta o próprio tesão e o dele. Que manda fotos estimulantes, torpedinhos lascivos e, entre um bom filme na TV e um motel, é muito mais a segunda opção!

NÃO FUJO DA GUERRA Você vai bancar a guerreira e usar todas as armas de que dispõe para “se achar” — não é? Por exemplo, fazer um enxoval de lingeries lindas e sexy de matar de inveja a top da Victoria’s Secret; estar com a depilação em dia; comer direitinho, como manda a cartilha de qualquer nutricionista de plantão; mandar ver na ginástica para ficar saudável e com o corpinho em dia... Atitudes, claro, que abrem as portas para ter mais afeto no cotidiano e, consequentemente, mais benefícios tanto para a saúde física quanto para a mental.

Edição 20, junho 2010. www.revistawomenshealth.abril.com.br Consulta em 15/10/2010.

WH10

Se eu fosse você...

Sua vida sexual seria mais prazerosa e feliz se você pensasse a agisse como um homem, certo? Mas, olha o ato falho, isso era uma pegadinha e você já está matutando como mulher, associando sexo a cama e conforto! Assuma que nossa vida é mais fácil e veja como virar esse jogo.

Por Mauro Ferreira

De todos os privilégios atribuídos aos homens, os de natureza sexual são os mais injustos. O tom geral d as acusações é que, quando se trata de sexo, nós podemos tudo e as mulheres não podem nada. Elas reclamam que correm o risco de ser apedrejadas em praça pública se sua cama receber gente demais, enquanto o único risco para um homem na mesma situação é o de ganhar uma estátua na praça da cidade. Também dizem que depois de uma noite de sexo casual os homens nem se lembram do significado da palavra "culpa" — que jamais deixará de assombrar as mulheres que cederem à tentação. Tudo isso pode ser verdade. Mas é também uma espécie de maldição. Imagine não conseguir deixar de pensar em sexo o dia inteiro — a ponto de nem mais se dar conta de que está pensando em sexo!

O comportamento sexual masculino pode ser sufocante como uma prisão, mesmo que seja uma prisão da qual nenhum homem parece querer escapar. Mas, para as mulheres, imitar esse comportamento pode ser útil. Ele não está no seu DNA — o que significa que você pode acioná-lo e desativá-lo quando for mais conveniente. Também dá para aderir ao sexo sem compromisso sem esperar que o moço ligue na manhã seguinte. A vantagem feminina é que vocês podem adotar essa atitude apenas como experiência, e depois voltar a achar tudo isso um absurdo e reclamar que não entende a cabeça dos homens. Animada com a perspectiva? Então veja a seguir como a cabeça de um homem funciona em relação a o assunto... E o que você ganha se começar a pensar só um pouquinho como nós...

MÃO NO SEXO

A obsessão dos homens é a origem de certas histórias que chegam a os escandalizados ouvidos femininos, como a de que seus companheiros de trabalho se masturbam até no banheiro do escritório. Fazendo a ressalva de que esse comportamento não é a regra, além de ser bastante raro, precisamos admitir, no entanto, que é perfeitamente possível. Mas isso é mais sinal de zelo profissional do que de perversão. O sujeito que chegou a esse ponto provavelmente apenas procurava, em desespero, uma maneira de direcionar sua mente de volta ao trabalho. Além de escândalo, esse tipo de relato desperta incredulidade na maioria das mulheres. *"Ah, pelo amor de Deus, não dava para se segurar um pouco? Pelo menos até chegar em casa?"* Vocês não parecem capazes de entender que a masturbação serve menos para dar prazer do que para colocar a cabeça do homem no lugar. Vocês não podem sequer conceber o esforço que é ter uma conversa normal e amigável com alguém do sexo oposto quando seu cérebro automaticamente começa a criar imagens dessa pessoa nua e nas mais improváveis posições — mesmo que o rapaz esteja gritando "Chega! Chega!" mentalmente. Os homens recorrem a suas próprias mãos não em busca de um orgasmo, mas de sanidade.

O que você ganha com isso? A masturbação funciona para as mulheres do mesmo jeito que para os homens. Os benefícios são incontestáveis. Qualquer homem com meia dúzia de experiências sexuais já aprendeu que a maioria dos erros cometidos nessa área seria evitada se ele estivesse com a cabeça menos perturbada — ou seja, se tivesse se masturbado antes de dar uma carona para a mulher de seu melhor amigo. Para as mulheres, mais dadas a arrependimentos do que os homens, o recurso pode ser, além de prazeroso, bastante proveitoso. Nos períodos de penúria de parceiros, em que estão free, o recurso dá uma boa ajuda para manter a pele bonita e fresca.

SEXO COMPLETO

E o que explica que aquele indivíduo que já conseguiu o que queria de você (sexo) e claramente não tem a menor intenção de levar o relacionamento adiante (nem você, aliás) continue telefonando e insistindo para que se vejam de novo? Talvez ele apenas deseje mais uma rodada de sexo fortuito sem a necessidade da provação que é conseguir outra mulher, ou pode ser que pretenda esgotar as possibilidades com você — ou seja, só vai deixá-la em paz quando tiverem transado em todas as posições e de todas as formas possíveis. Esse tipo de fissura está difundido demais entre os homens para ser chamado de fetiche. A maioria de nós não sossega enquanto houver alguma região ainda a explorar no corpo da parceira. O homem gosta de estar onde ninguém mais esteve. Normalmente, as mulheres costumam resistir a essas investidas, e tudo o que vão cedendo (aos poucos) é recebido como uma vitória. Mas será que o interesse ainda existiria se elas passassem a agir com menos parcimônia? Se elas fizessem questão de, como os homens, experimentar de tudo com cada uma de suas vítimas? Isso já acontece, como vocês sabem, e é claro que o interesse continua vivo. Afinal, a tal atitude sexual masculina não é nada além de saber que sexo é bom, que mais sexo é melhor ainda e que, por isso, o ideal é praticá-lo sem culpas e tentar aproveitar o máximo de cada experiência. E nada impede que seja feito com jeito feminino.

O que você ganha com isso?Basicamente, mais diversão. A visão de que o corpo da mulher é um parque de diversões não deixa de ser verdadeira só porque é machista. Ele vai se divertir fazendo sexo oral, masturbando-a, depois recebendo sexo oral dela e sendo masturbado por ela e, finalmente, penetrando-a

de todas as formas descritas no Kama Sutra. Ele pode se divertir mais em alguma etapa, mas não abriria mão de outra. O homem sente prazer sempre. Para as mulheres, isso parece não ser frequente — às vezes vocês praticam sexo oral apenas para agradar o parceiro ou só encaram algumas posições se estiverem um pouco bêbadas. Fazer isso significa trocar o pudor por mais diversão. Os principais motivos são: 1) você vai gostar e 2) ele vai fazer o mesmo com você. Se não conseguir explorar todas as possibilidades na primeira vez, tente uma segunda. Se na segunda ainda não funcionar, repita quantas vezes quiser. O homem pode até se sentir usado, mas não vai reclamar. Por fim, parece haver um motivo para Deus ter feito os homens tão diferentes das mulheres, e o motivo deve ser que se as mulheres passarem a se comportar como homens — quer dizer, se não houver ninguém para dizer "não" — a humanidade vai se extinguir após alguns poucos anos de orgia total. Será? A opinião dos homens... Eles acham que vale correr o risco.

SEXO NA CABEÇA

O lado mais perverso do folclore de que homem pensa em sexo o tempo todo é que ele não é folclore. Na idade adulta, a maioria de nós já desenvolveu traquejo social para, ao se aproximar de uma mulher, conseguir manter uma expressão facial neutra e o ritmo da respiração estável. Somos capazes até de conversar sobre assuntos amenos e de sustentar nossos olhares acima do pescoço da nossa interlocutora. Mas a verdade sobre a condição masculina está estampada no rosto de qualquer fedelho. A diferença entre adultos e adolescentes é que o adolescente parece estar pensando em sexo 60 minutos por hora, enquanto o adulto apenas está pensando em sexo, mesmo que não pareça. Os adolescentes entregam inadvertidamente tudo o que sua versão adulta tenta esconder. Gaguejam quando uma mulher lhes pergunta as horas, cochicham entre si — rindo pelo nariz — sempre que veem uma menina de vestido mais curto, passam metade de sua vida trancados no banheiro. Dão a impressão de que não há um centímetro do cérebro dedicado a outro assunto que não sexo. Com o tempo vão aprender a disfarçar, e por volta dos 40 anos talvez sejam até capazes de aparentar indiferença diante de uma mulher bonita — mas o dia em que pararem de pensar obsessivamente em sexo será o mesmo dia em que seu coração parar de bater.

O que você ganha com isso?Se conseguir sintonizar sua cabeça n esse estado mental, qualquer acontecimento que envolva presença masculina se torna uma aventura imprevisível. Tocou a campainha? Pode ser só a sua pizza margherita, mas também pode ser um entregador que lhe desperte mais o apetite. Reunião de condomínio para discutir o plano de TV por assinatura? Na sua cabeça, a chatice se transforma num concurso para eleger o cara mais atraente do prédio. É por isso que os homens ficam animados em qualquer evento que conte com a presença de uma mulher. Outra vantagem é que, quanto mais você pensa em sexo, mais disposta ao sexo você está. As chances de uma aventura imaginária se transformar em algo real são muito maiores. Normalmente, você mal olha para a cara do entregador de pizza ou do seu vizinho — mas, se sua mente estiver sintonizada em sexo, você vai olhar, e não só para a cara.

SEXO SEM PRECONCEITO (OU CRITÉRIO)

A tática masculina preferida para resolver a obsessão por sexo é, obviamente, praticar sexo. Por isso os homens têm um preconceito menor do que as mulheres a respeito de sexo sem compromisso — menor a ponto de praticamente não existir — e por isso são muito menos exigentes em relação a quem frequenta a cama deles. Enquanto as mulheres submetem qualquer coitado que queira dar um beijinho nelas a um escrutínio pormenorizado, os homens só vão fazer o mesmo quando estiverem elegendo a mãe de seus filhos. Nas demais ocasiões, basta que a moça seja bonitinha — ou tenha ao menos uma parte do corpo bonitinha — ou que ninguém esteja olhando. Vocês podem dispensar um pretendente pelos motivos mais supérfluos, como o fato de ele falar "seje", votar no Maluf ou ter atropelado o seu pai, mas nós conseguimos transar até com uma mulher de quem sentimos raiva — pensando bem, pode ser até mais gostoso. A possibilidade de um homem dizer "não" a uma mulher é pequena, porém acontece. Os motivos podem ser desde a falta de atrativos físicos da dama (mais comum) até a incorruptível fidelidade do cavalheiro (bastante raro). Um fato a considerar é que mesmo a mulher sem encantos começa a ficar atraente a partir do momento em que se mostra interessada. Ela não chamava a atenção há cinco minutos — mas agora que deu um sorrisinho várias qualidades passaram a ter uma nitidez assombrosa.

O que você ganha com isso?Depois de um tempo de treinamento, é possível adotar a típica atitude do homem — buscar sexo pelo sexo, tomar a iniciativa, não telefonar no dia seguinte. Uma mulher pode levar para casa um sujeito que acabou de conhecer e cujo único mérito aparente é não ser o cara mais repugnante da festa. Atracar-se com ele sabendo que assim que a cama parar de ranger não existe compromisso. Olhar para o desconhecido ao seu lado e suportar com bravura as toneladas de arrependimento que tentam esmagar seu crânio. Então, não duvide: sexo sem compromisso não faz mal nenhum e, na pior das hipóteses, ao menos ajuda você a descobrir do que não gosta! Na cama com alguém com quem não quer nada sério, qual é o problema em experimentar uma posição inusitada? Ver se falar baixaria realmente aumenta a excitação? Talvez você não fizesse isso se estivesse com seu

príncipe encantado — mas por que não com um sujeito que usa pochete? Ele pode gostar ou não gostar. Não importa: vocês nunca mais vão se ver de novo. E pode começar a perder o medo de sair com o cara errado e se arrepender. Mesmo a mulher mais exigente tem páginas de arrependimentos no currículo. Ou seja, alguém sem uma mancha em seu histórico sexual não é apenas uma alienígena, é uma alienígena sem boas histórias para contar às amigas.

Edição 14, dezembro 2009. www.womenshealth.com Consulta em 07/02/2010

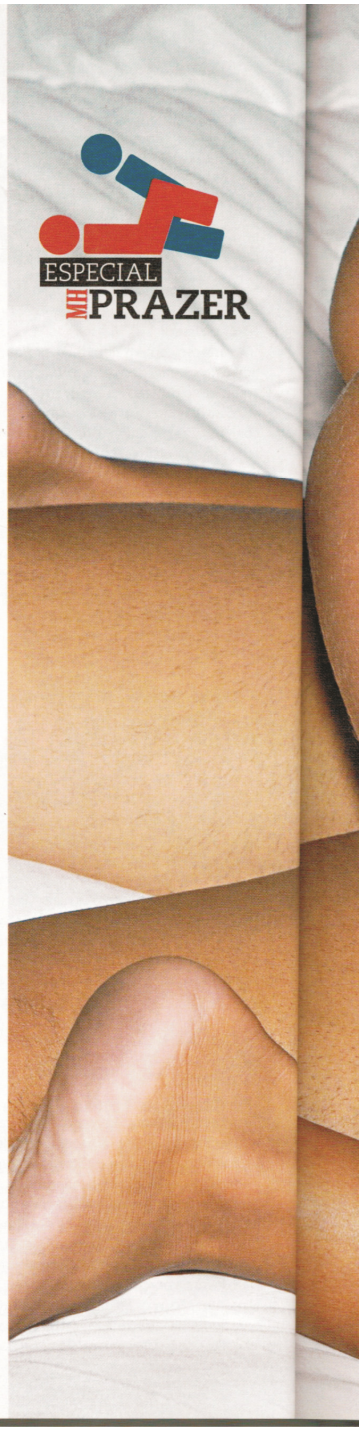
2010 o seu ano NA CAMA!

na cozinha, no carro, no chão...

O que as mulheres desejam – num encontro, na cama, num relacionamento – passou por uma transformação profunda, dizem os sociólogos. Dominar essa nova linguagem pode tornar sua vida sexual espetacular

Por **Grant Stoddard**
Colaborou **Ricardo Arcon**

Pensei que fosse imaginação minha. Mas descobri que meus amigos também pensavam que fosse imaginação deles. Aí, tomando umas cervejas, concordamos todos: as mulheres que conhecíamos – que só pensavam em acrescentar o doutorado a seus mestrados – agora pareciam mais interessadas em adicionar a novidade sexual a suas vidas. Fui checar com sexólogos se nós estávamos equivocados. Não estávamos. Nos últimos anos, seminários científicos confirmaram que elas estão ficando bem mais atiradas na cama. E no chão da cozinha. E no banco do parque, se não tiver muita gente por perto – ou mesmo se houver, oras! Pesquisas recentes têm dado nova perspectiva às velhas regras de atração, de relação sexual, de satisfação. Tire proveito dessas mudanças para incrementar sua vida em 2010. Vai ser um ano daqueles! >>



SEXO PLENO: EXPERIMENTE!

O periódico *Canadian Journal of Human Sexuality* publicou um estudo definindo os oito principais componentes da "sexualidade plena". Com base em entrevistas com 44 indivíduos que declararam ter uma ótima vida sexual, uma equipe de sete pesquisadores e 20 sexólogos identificou estes fatores-chave. São eles: estar presente, conexão, intimidade erótica profunda, comunicação extraordinária, exploração e exposição a riscos interpessoais, autenticidade, vulnerabilidade e transcendência. A sensação física intensa, o orgasmo, o tesão, o desejo, a química e a atração receberam apenas menções honrosas. "O sexo pleno é fundamentalmente diferente dos atos mecânicos do sexo", afirma a autora do estudo, Peggy J. Kleinplatz. "O ciclo de resposta sexual era totalmente organicista, envolvia apenas o desejo, a excitação, o orgasmo e a resolução. Mas, agora, fatores ligados à familiaridade entre os parceiros têm roubado a cena", diz Carla Cecarello, coordenadora do Projeto Ambsex, em São Paulo.

Acuado com a postura dela? Sua melhor defesa é o ataque

ORGASMO JÁ – E CRIANÇAS JÁ, JÁ!

No passado, para aumentar as chances de fertilização, os aspirantes a pai eram aconselhados a se abster de sexo alguns dias antes do período fértil da parceira. Mas, num novo estudo com 100 indivíduos, pesquisadores da clínica de fertilização Sydney IVF, na Austrália, descobriram que um homem pode melhorar a qualidade de seu sêmen ejaculando diariamente por sete dias antes da fase fecunda da mulher. Isso fez com que a quantidade de esperma "danificado" do grupo caísse de 32% (porcentagem aferida no início do teste) para 24% (resultado no final). Portanto, mãos à obra!

INTELIGÊNCIA BOA DE CAMA!

O King's College de Londres (Inglaterra) questionou mais de 2 mil mulheres sobre detalhes de seu desempenho sexual e testou sua inteligência emocional. (I. E. é uma medida de empatia, intuição e autoconhecimento). "As mulheres com I.E. alta têm 2,5 vezes mais orgasmos", afirma a autora do estudo, Dra. Andrea Burri. "Elas têm menos dificuldades em expressar seus desejos e se entregam mais facilmente durante as relações sexuais." As mulheres podem incrementar sua I.E. meditando e se concentrando em seus sentimentos, dizem os especialistas. E isso também pode funcionar para você.

Hienas atrás de muito Sexo!

Segundo pesquisa da Universidade de Guelph (Canadá), hoje os homens estão sendo mais assediados do que no passado. Num estudo com 500 estudantes, 39% deles disseram que já foram pressionados a realizar alguma atividade sexual, desde um beijo até a relação propriamente dita (ainda é menos do que os 48% na conta das mulheres). Autora do estudo, a psicóloga Cailey Hartwick diz que, enquanto a concepção sobre as mulheres mudou – tornou-se mais aceitável elas serem assertivas sexualmente –, as ideias que os homens têm de si próprios permanecem as mesmas. Eles ainda se consideram eternos caçadores sexuais. "Essa combinação pode criar mulheres assertivas mas com expectativas, e homens que se sentem pouco à vontade em recusar os avanços delas. É uma receita para encontros sexuais coercivos", diz Cailey. Isso nos leva à psicóloga americana Jennifer Leigh, que observou um aumento significativo de "ataques de hiena" sobre os homens americanos. A razão da metáfora: as hienas fêmeas são mais agressivas que sua contraparte masculina. Empenham-se em provocações sexuais explícitas e forçam seus subordinados machos a fazer sexo oral. Jennifer entrevistou adolescentes que colecionam cartões registrando o número de rapazes dos quais elas tiraram a virgindade. "Agora parece que o lance é ser o mais sexual possível", diz. "As garotas sentem orgulho de suas ações e acham que elas as tornam poderosas", finaliza.

Elas querem dar vida a desejos secretos

ELA QUER EXPERIMENTAR – NA CAMA E FORA DELA

Os homens e as mulheres têm padrões diferentes no que se refere ao comportamento sexual. Por exemplo, eles enaltecem um ao outro pela quantidade de conquistas, enquanto que, para elas, a promiscuidade carrega um eterno estigma social. Mas um estudo da Universidade de Saskatchewan, no Canadá, revelou que as moças agora estão ousando mais na cama, enquanto os rapazes estão sujeitos a maiores limitações. Na análise, 104 pessoas de ambos os sexos receberam uma lista de 33 práticas sexuais. A metade dos participantes deveria classificar o quanto era normal os homens adotarem-nas, enquanto o restante faria o mesmo em relação às mulheres. O resultado? Elas desfrutam de um grau maior de liberdade quando o assunto é o rala-e-rola. Os pesquisados, por exemplo, disseram não ver problema no fato de uma mulher escolher entre o papel dominante e o passivo numa transa. Porém, afirmaram que isso seria anormal para um homem – esse tipo de resposta pairou sobre uma variedade de possibilidades, incluindo o uso de brinquedos sexuais e transar com mais de um parceiro ao mesmo tempo. Segundo Debby Herbenick, diretora do Centro de Promoção da Saúde Sexual da Universidade de Indiana (EUA), muitos homens gostariam de experimentar uma variedade maior de práticas sexuais, mas acabam hesitando diante do medo de se sentirem menos "machos". Ninguém quer que você se arrisque em aventuras das quais possa se arrepender, mas o momento é de inovar. "A ideia de ser tradicional no sexo já não é vista com bons olhos, porque grande parte das mulheres quer experimentar novas sensações", diz a sexóloga Carla Cecarello.

+ MÚSCULOS - PESO = SEXO MELHOR

Num estudo com 400 estudantes, pesquisadores da Universidade Atlântica da Flórida (EUA) descobriram forte ligação entre os níveis de contentamento sexual dos alunos, sua autoconsciência corporal e a satisfação deles com o próprio corpo. Os caras musculosos eram os mais satisfeitos sexualmente. Segundo os especialistas, o peso dos homens é algo essencial para as mulheres. Pois é: seu pneu pode acabar com o desejo dela.

A psicologia do "*telefonema sexual*"

Segundo os autores de um estudo da Universidade do Estado do Novo México e da Universidade do Texas (EUA), fazer uma ligação com intuito sexual é estratégia ideal de acasalamento tanto para homens quanto para mulheres. Para eles, significa arranjar diversas parceiras sexuais com o mínimo de investimento; para elas, procurar relacionamentos mais duradouros. O estudo contou os pontos dos alunos das duas escolas para avaliar uma variedade de tópicos: identificar o sexo das pessoas que geralmente fazem e recebem essas ligações (homens e mulheres, respectivamente), o meio preferido para fazer o contato (geralmente a velha ligação telefônica) e os fatores típicos que levam ao sucesso ou ao fracasso nessa empreitada. Dentre 24 variáveis, a atração física ficou em primeiro lugar como motivo para concordar com um encontro; a noção de hora da pessoa que liga, em segundo. Portanto, suas chances de arranjar uma parceira receptiva dependem do seu físico e da agenda dela. "A personalidade não é citada como causa para aceitar os convites, só para rejeitá-los", diz o principal autor do estudo, Dr. Peter Jonason. "Portanto, se você está interessado em sexo sem compromisso, o melhor é ficar quieto." Outra: procure saber o dia em que ela tem curso às 8h da manhã. >>

É HORA DE ADERIR AO PACOTE DE ESTÍMULOS SEXUAIS!

Uma pesquisa da empresa de preservativos Trojan (EUA) revelou que 71% dos americanos querem que o sexo seja mais que satisfatório. Só que 53% dos entrevistados definem sua vida sexual como deprimente, sem sal e previsível. Os autores do levantamento chamam isso de "recessão do prazer". "Não é algo necessariamente ligado à economia", brinca James Daniels, vice-presidente de marketing da Trojan. "Mas é algo que nós percebemos claramente. Não espere o governo agir. Resolva sozinho", aconselha. As provas mostram que sua parceira está preparada. E você está?

A chave de pernas delas é hoje ainda mais poderosa

Transe em Transe!

Um estudo da Universidade de Kentucky (EUA) revela que as mulheres que se definem como espiritualizadas estão transando mais. Segundo 353 estudantes (61% do sexo feminino), a espiritualidade tem uma associação maior com a vida sexual das jovens do que a religião, a impulsividade e o álcool. Além de transar mais frequentemente, as mulheres que declararam ter "uma conexão espiritual" tinham mais parceiros. Mas, antes de você correr para se matricular na ioga, considere o seguinte: os homens espiritualizados tendem a transar menos que seus irmãos não zens. (Fica a pergunta: com quem essas moças espiritualizadas estão transando? Umas com as outras?) Outro estudo da Universidade da Columbia Britânica (Canadá) divulgou que os praticantes de ioga, sejam homens, sejam mulheres, têm uma vida sexual melhor. "Por causa da combinação dos exercícios físicos – e seu impacto positivo nos músculos pélvicos – com a concentração mental", diz a coautora da pesquisa Lori Brotto. "As pessoas no mundo de hoje trabalham demais, fazem várias tarefas ao mesmo tempo e são distraídas. Elas levam isso para a cama e acham difícil se concentrar apenas nas sensações sexuais. A ioga pode mudar isso", avalia Lori.

SUA LISTA DE TAREFAS EM 2010

Levantar peso três vezes por semana
Você não só ganhará músculos: a satisfação sexual virá em seguida.

Abrir a cabeça
As mulheres estão mais liberais em relação a práticas sexuais. Não fique para trás.

Expandir suas redes sociais
Porque os amigos não deixam os amigos dormirem sozinhos. Quanto mais amigos, mais sexo a seu alcance.

Ter uma conversa franca com sua amiga colorida
A ligação emocional – mesmo com parceiras casuais – melhora o sexo. MH

Revista *Men's Health.* Número 45, janeiro 2010

MH | SEXO
ELA ATÉ QUER, MAS VEJA BEM...
Que tipo de DNA ele carrega?...
Por Louann Brizendine e Charles Hirshberg
Fotos Russel James
Pra que TANTA PRESSA?...
SERÁ QUE ELE ME RESPEITA?...
Ele vai ser um bom pai para MEUS FILHOS?...
Qual o tamanho da sua CONTA BANCÁRIA?...
E SE EU FICAR GRÁVIDA?...
Mesmo que os olhos (e todo o corpo) dela digam "pode vir", quem libera a passagem é o cérebro. Aprenda como não ser barrado logo na entrada
52 MEN'S HEALTH / JUNHO 2007 / menshealth.com.br

ESSA INFORMAÇÃO PODE CHOCÁ-LO: VOCÊ JÁ TEVE UM CÉREBRO DE MULHER

Quando ainda era um feto, mas já teve. Só no terceiro mês de gestação é que as coisas começaram a mudar, quando seus pequenos testículos passaram a injetar testosterona (o hormônio masculino) no corpo em formação. Assim que a testosterona entrou na corrente sangüínea, seu cérebro começou a desenvolver algumas áreas (como o hipotálamo), ligadas ao apetite sexual, mais do que outras.

Com o tempo, os compartimentos sexuais de sua mente continuaram se expandindo. Mais do que isso, a porção que comanda o impulso sexual foi ficando cada vez maior e mais forte até você atingir a idade adulta. Os cientistas ainda não conseguiram definir seu tamanho exato nos seres humanos, mas em outros mamíferos essa área nos machos chega a ser sete vezes maior do que nas fêmeas.

Afinal, o que diferencia tanto a cabeça masculina da feminina? "Provavelmente você já ouviu falar que o órgão sexual da mulher mais importante é o cérebro: é um fato biológico. E hoje, depois de duas décadas aconselhando milhares de casais sobre questões da vida íntima, sei que o homem não sabe nada sobre o funcionamento dessa importantíssima parte do corpo da parceira", afirma o psiquiatra David M. Buss, professor da Universidade da Califórnia (EUA). Recorremos aos conhecimentos desse superespecialista para ajudar você a penetrar nos misteriosos (e praticamente impenetráveis) domínios da mente feminina. Aqui ele ensina quatro lições para que você consiga se dar bem.

Lição 1 DÊ O START E AVANCE

O cérebro da mulher é 10% menor do que o do homem – mas aqui tamanho também não é documento. O feminino contém a mesma quantidade de neurônios que o masculino, só que, digamos, estão compactados. Mas em algumas áreas – principalmente as que envolvem amor, sexo e filhos – as diferenças são tão significativas quanto aquelas que distinguem nosso corpo do delas.

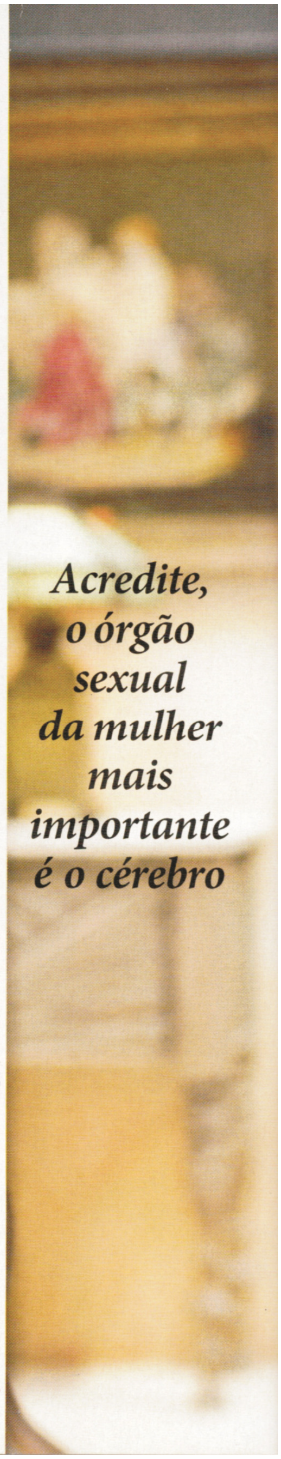
Para entender como a coisa funciona, imagine que a garota dos seus sonhos finalmente aceitou seu convite para sair. Você a leva para jantar em um lugar romântico, escolhe um cantinho discreto para terem privacidade e, conseqüentemente, compartilharem momentos de pura intimidade. Beijos suaves evoluem para carinhos mais excitantes atrás da orelha – inclusive acompanhados de risinhos de aprovação. Depois seu braço escorrega pelos ombros dela, massageando aquela pele magnífica – e ela geme baixinho. Sem qualquer resistência, suas mãos avançam.

Parece até que você está ouvindo o grito da torcida incentivando-o a fazer o passe derradeiro para o gol. Aí você vê os dois "centroavantes" livres e avança. Mas eis que a juíza marca impedimento: "Pare aí mesmo".

Tão antigos quanto o acasalamento entre as espécies, tais desastres são, na verdade, bem comuns. "O motivo são os diferentes circuitos da mente", revela o professor Buss. Uma das principais diferenças é a rede formada por células que começam na base de seu cérebro e correm através da espinha até alcançar seus genitais, estimulando a reação sexual. No homem, são três microscópicas estruturas. No sistema nervoso da mulher, a mesmíssima tarefa é executada por apenas um neurônio. Ou seja: seu circuito sexual é três vezes mais gordo do que o dela.

Na realidade, quase todas as diferenças entre o cérebro masculino e o feminino afetam, de uma maneira ou de outra, questões como amor e sexo. A região cerebral que ela aciona enquanto analisa o convite para subir ou não a seu apartamento – chamada córtex cingulado anterior, ou CCA –, por exemplo, é bem mais larga do que a sua. Espécie de babá do cérebro, o córtex pré-frontal feminino, que tem a função de prevenir que ela seja enganada e passe vergonha, também é mais avantajado do que o seu. O mesmo acontece com o hipocampo, que faz com que a mulher guarde na memória todos os mínimos detalhes daquele encontro romântico que você não lembra nem faz questão de lembrar.

Acontece que, como resultado de necessidades relacionadas às funções de gestação e criação dos filhos, **as mulheres evoluíram com a tendência a escolher pretendentes sexuais que tenham características que os qualificam não somente como amantes mas principalmente como pais**. Os homens, por outro lado, cresceram encarando o sexo de uma maneira indiferente quanto às qualidades de uma mulher como futura mãe. Ou seja, desde a hora em que aceita sua corte, a mente feminina "visualiza" um futuro bom pai para seus filhos. Você, por sua vez, acaba reparando apenas nos seios, nas pernas e em outras partes espetaculares dela. >>



Lição 2
ATENÇÃO AOS RADARES

Vamos voltar ao caso da garota que você convidou para sair. Quando o encontro começou, ainda estudando seus passos, você não imaginava qual seria a receptividade dela. Eis que, de repente, encarou-a bem nos olhos, que brilharam como dois faróis.

Veja o que aconteceu: os olhos dela mandaram sua imagem por meio de uma complexa via de cabos – com um nome digno de um projeto de engenharia, o núcleo geniculado lateral, ou NGL – até o córtex visual primário. Imediatamente, esse setor (que ocupa todo o andar de cima do cérebro e é responsável pelos cálculos lógicos) começou a fazer uma análise completa da situação.

Registro feito – homem alto, forte e atraente –, a amígdala lobo temporal se acendeu como fogos de artifício. O hipotálamo, dela, é óbvio, ordenou a abertura das válvulas de testosterona (no corpo da mulher, o hormônio masculino funciona como uma gasolina aditivada, acelerando as reações orgânicas), que, por sua vez, provocou a excitação sexual, aquele frio na barriga. Seu medo é que o cérebro feminino o rejeite como possível parceiro? Tranqüilize-se: a testosterona e a dopamina (neurotransmissor que proporciona energia e disposição) que inundaram o cérebro dela quando você foi reconhecido como aquele cara forte e atraente vão, pelo menos por um breve período de tempo, inibir aquelas partes mais sábias da cabeça feminina que têm a função de pesar e avaliar os riscos. Daqui para a frente tudo o que você precisa fazer é tentar não dar nenhuma mancada.

Se for preciso, treine com um cronômetro: o abraço que a deixará em ponto de bala deve durar 20 segundos

Lição 3

MANOBRE COM CUIDADO

Corre a lenda que o pai da psicanálise, o austríaco Sigmund Freud, em seu leito de morte, murmurou uma pergunta que, em algum momento da vida, todo homem deveria fazer a si mesmo (de preferência bem antes de estar prestes a bater as botas): "Mulheres, o que elas querem?". **Pelo menos em termos de sexo, a resposta é simples: elas querem que você vá mais devagar!**

Pense em sua mão boba movendo-se por baixo da blusa dela. Meu apressado amigo, admita: você pisou na bola. E não chegará a lugar algum caso não diminua a voltagem na amígdala lobo temporal. Aprenda, isso se faz cochichando no ouvido dela até que o CCA chegue à conclusão de que você é realmente um cara confiável. E isso leva algum tempo.

Como a maioria de nossos instintos básicos comportamentais, o sexo é controlado pelo sistema nervoso autônomo (SNA). Essa intrincada rede de neurônios está dividida em duas regiões: os sistemas nervosos simpático e parassimpático. Embora eles trabalhem interconectados, podem produzir reações completamente opostas em alguns casos.

Se você abre uma gaveta e de dentro dela salta uma cobra, por exemplo, o sistema simpático faz seu coração disparar. Nessa hora, muito provavelmente você não vai pensar em comida – e menos ainda em sexo. A razão é que a excitação sexual está sob o exclusivo domínio do sistema nervoso parassimpático, que também controla tudo o que está relacionado aos prazeres da mesa. Agora pense na situação: depois de um delicioso jantar, você está sentado em frente à lareira bebericando um vinho com uma linda mulher ao seu lado. Quem manda agora é o sistema nervoso parassimpático. Seu coração bate em um ritmo lento e compassado, você se sente seguro, confiante... Pronto para transar com ela.

Dá para entender por que um movimento equivocado de sua parte pode acabar com todo o clima? Faça carinhos, elogie sua beleza e boa forma, deixa-a completamente tranqüila e à vontade, e estará acionando com sutileza o sistema nervoso parassimpático feminino. Ela responde sorrindo, sussurrando, murmurando e... até mesmo gemendo. O cérebro dela envia um verdadeiro coquetel de hormônios (e outras substâncias químicas que carregam mensagens através de todo o corpo) diretamente aos órgãos sexuais. Esse néctar provoca dilatação dos vasos sangüíneos vaginais, causando a intumescência da área, e estimula a lubrificação.

Mas daí você faz uma estupidez qualquer, vai com muita sede ao pote, força além da conta... Pronto, acabou de dar partida na amígdala lobo temporal, que, por sua vez, agitou o CCA. E este acordou o sistema nervoso simpático – o que significa que seu aliado, o parassimpático, foi expulso de campo.

A essa altura, é biologicamente impossível que ela tenha algum estímulo sexual. **E, uma vez quebrado o clima, você terá que trabalhar dobrado para trazê-lo de volta.** É possível, mas para isso você vai ter que aprender a administrar, com muita habilidade e persuasão, uma substância com características bem particulares. O nome dela: oxitocina.

Junto com o estrogênio, a oxitocina exerce nas mulheres uma função muito semelhante à da vasopressina nos homens: criar laços com pessoas do sexo oposto. Mas os sentimentos que ambas alimentam são bem diferentes. Enquanto a vasopressina produz sensações de desejo, a oxitocina leva ao sentimento de bem-estar, de aconchego e de confiança.

Uma boa forma de reduzir a fúria dela é elevar os níveis de oxitocina. E como se faz isso? Tente começar com um longo e forte abraço. Estudos científicos comprovam que um abraço do parceiro produz no cérebro das mulheres uma injeção de oxitocina – mas isso apenas se o abraço durar 20 segundos ou mais. E tudo aquilo que as mulheres adoram e que nós podemos classificar como as chamadas preliminares tem efeito semelhante. Procure envolvê-la no abraço e faça com que ele seja de longa duração – sem olhar no relógio, por favor!

A oxitocina tem a incrível capacidade de desarmar uma mulher. Para ter uma idéia, em experiências com animais em laboratórios, as fêmeas injetadas com a substância pareciam abandonar qualquer tipo de precaução e se tornavam disponíveis para copular com o primeiro macho que aparecesse em seu caminho. Bela lição da natureza, não? >>

SEIS PASSOS ATÉ A CAMA

1 Os olhos dela enviam sua imagem por meio de uma infovia, chamada núcleo lateral geniculado, ou NLG, até o **córtex visual primário.**

2 O **córtex cerebral** dela – parte do cérebro responsável pelas decisões lógicas – avalia seu potencial como parceiro. Se gostar do que vê, o processo segue.

3 Um aviso é enviado para a **amígdala lobo temporal** que...

4 ... grita para o **hipotálamo** dela. Esse controlador de tráfego aéreo hormonal dispara uma carga de testosterona.

5 O hormônio inunda o centro de preocupações e receios, o **córtex cingulado anterior**, ou CCA, que baixa a guarda e a libera para, enfim, se divertir.

6 Bingo: atração sexual! O cérebro dela comemora as boas notícias e o **hipotálamo** começa os preparativos para o sexo: fluxo de sangue para o abdome e daí para a vagina. Se você fizer um movimento precipitado, a **amígdala lobo temporal** dela grita e coloca todo o CCA em alerta. Esqueça, perdeu a chance.

Revista *Men's Health.* Número 14, junho 2007

CHEGA DE COLEIRA!

Ela controla seus passos? Interfere nas amizades? Atrapalha a carreira? Saiba escapar dessa tortura com vida (útil) sem destruir o relacionamento

Por **Maria Luisa Oliveira**

John amava Paul, que amava Ringo, que amava George, que amava John. Todos se davam tão bem que montaram a maior banda do planeta. Até que apareceu Yoko e a coisa desandou. John não fazia mais nada sem dizer amém a Yoko. O amor dos dois afetou as relações de amizade e profissionais de John. O resto é história.

Esse tipo de relação é tão comum que poderia ser batizado de síndrome de Yoko Ono – quando a dependência de um dos lados do casal o afasta dos amigos, da família e interfere até no trabalho. No primeiro momento, você não percebe o movimento, mas quando se dá conta não se lembra da última vez que saiu para tomar um chope com os amigos. "A mulher que faz isso faz conscientemente. Por insegurança, baixa autoestima ou para conseguir afeto de forma exclusiva. Daí o boicote acontece", afirma a psicóloga Valeria Meirelles, terapeuta do Núcleo de Família e Comunidade da PUC de São Paulo. Mas ela ressalta que isso não quer dizer que as mulheres sejam mais manipuladoras que os homens ou que o homem que cai nessa não seja também responsável por aceitar essa dinâmica. É aí que reside o desafio: identificar onde a coleira aperta e se libertar do aperto. »

Fugir da coleira nem sempre é fácil. Aliás, primeiro é preciso aceitar que a parceira está passando da conta e que você se encontra no limite. Muitas vezes, os sinais são óbvios mas a ficha demora a cair. "Ela só cai quando as perdas em nome dessa conjugalidade começam a ficar grandes. O homem pode acordar e perceber que se anulou em função da mulher e se revoltar", diz Lana Harari, terapeuta de casal e família, de São Paulo. Sabe como é: o telefone não toca mais, você começa a ver fotos dos amigos no Facebook e nunca está nelas, sua mãe reclama que a última vez que você deu as caras foi no Natal do ano passado – e que ficou só 15 minutos –, e a sua barriga está encobrindo as partes lá embaixo porque você abandonou de vez o futebol e a academia. Para piorar a situação, os encontros com a parceira são sempre desgastantes.

Como não deixar que isso aconteça sem perder a mulher? Estabelecendo limites! A seguir, mostramos como você pode criar essas barreiras e manter um relacionamento saudável sem destruir tudo mais na sua vida.

Fure a bolha antes que o ar acabe

SUA FAMÍLIA FICA EM ÚLTIMO PLANO

COMO ELA AGE

Ela sabota os almoços de domingo na casa da sua mãe sugerindo de vocês dois irem ao restaurante tailandês que acabou de abrir e está muito badalado ou simplesmente se recusando a passar o fim de semana com a sogra. Aos poucos, você nem se lembra do sabor do pudim de leite da sua mãe. Mas, quando o evento é na casa da mãe dela, ai de você se não comparecer.

COMO SE LIBERTAR

Essa é uma negociação difícil. "Ela se sente ameaçada pela relação que você tem com a família e fica insegura", diz Valeria Meirelles. Às vezes, não há situação intermediária e o jeito é visitar seus pais sozinho. Mas, se você percebe que é falta de entrosamento deles com sua namorada, vale pedir uma força. "Ao se sentir acolhida, ela pode enxergar a situação de outra maneira."

VOCÊ SÓ VÊ SEUS AMIGOS POR FOTOGRAFIAS

COMO ELA AGE

No começo, ela não proíbe nada – afinal, não é boba. Com habilidade de mestre, ela dá um jeito de estar sempre presente e de ser convidada para seus programas. Depois de um tempo as manguinhas começam a ficar de fora. Ela passa a implicar com aquele seu amigo, "que é um cafajeste", com o outro, "que é um bêbado". E fica controlando o horário que você chega no bar e volta para casa. Para não ter dor de cabeça, você evita os programas ou encerra a noite antes do que gostaria. Foi o que aconteceu com o empresário Rafael F., 26 anos. "Sempre que marcava de sair com os amigos, ela aparecia milagrosamente na minha casa e eu a levava junto. No começo não me importava, mas depois de um tempo percebi que ela estava em todos os meus programas", diz.

COMO SE LIBERTAR

As regras do jogo e a importância que seus amigos têm em sua vida devem ser estabelecidas no começo no namoro. "Ela tem que saber que há coisas para se fazer a dois e outras individualmente", afirma a terapeuta Valeria Meirelles. Mas é fundamental que ela conheça sua galera para não passar a noite fiscalizando seus passos via celular. Ao saber quem é quem na sua roda, ela não perde tempo fantasiando que você está numa mesa cheia de mulheres solteiras à procura. Mais: o ideal é que ela tenha o próprio grupo de amigas para tomar uma cerveja enquanto você toma as suas.

(1) MENNK SORENSEN/GETTY IMAGES (2) PETER DAZELEY/GETTY IMAGES

BALADA VIROU COISA DO PASSADO

COMO ELA AGE

Você era o rei da noite. Manobristas, garçons e hostesses o conheciam pelo primeiro nome. Mas agora os amigos o chamam de "camisolão". E você nem sabe a diferença entre house e psy. Certamente essa desatualização não ocorre do dia para a noite. Gradualmente você ficou fora do contexto. É compreensível: como a principal razão de ir para a balada é pegar mulher e você já tem a sua, você acaba fazendo outros programas. Se ela não faz o estilo festeira, você juntou a preguiça com a vontade de ficar em casa. Bem, nesse cenário você contribuiu para seu apelido. Mas quem vai levar a fama de má é ela.

COMO SE LIBERTAR

Você gostaria que ela saísse com as amigas e ficasse dançando, com aquela microssaia, na frente de um monte de marmanjos? Bem, ela também não fica feliz com a imagem de um bando de microssaias rebolando na sua frente enquanto você bebe vodca com energético. "Mas tudo é negociável. O ideal é o casal fazer concessões", diz a terapeuta Lana Harari. Se ela gosta de sair para dançar, leve a moça, e pronto. Já se ela prefere ficar em casa, tente entrar em um acordo. Vale ressaltar: esses acordos são aceitos com mais facilidade no começo da relação. "É nesse momento que o relacionamento se molda e as pessoas ficam mais confortáveis com o que têm", completa.

No começo você não percebe. Mas aos poucos não se lembra da última vez que almoçou na casa da sua mãe ou com seus amigos

FUTEBOL SÓ NA TELEVISÃO

COMO ELA AGE

Além da cara feia, ela inventa desculpas baratas para tirar você do campo. A pelada de quarta, por exemplo, virou artigo de luxo. Ela gosta de ir ao cinema e se antecipa comprando os ingressos. O futebol de sábado de manhã também ficou comprometido, pois a fofa praticamente o obriga a arrumar o vazamento da pia. Enfim, aos poucos a turma deixa você de escanteio e não há lugar para você nem no banco de reservas.

COMO SE LIBERTAR

Mostre a ela que seu jogo de futebol é sagrado e não está em negociação. Sim, você pode ir ao cinema na terça, na quinta, na sexta... mas não na quarta. Se você deixa de ir por imposição ou chantagem dela, você perde, pois ela entende que o esporte nem era tão importante para você. "Saiba que quanto mais você cede, mais ela se acha no direito de interferir", afirma o psiquiatra Carlos Eduardo Carrion de Oliveira, consultor da MH. Portanto, deixe claro que você só falta ao futebol se alguém estiver em coma. "Ela não vai gostar, mas é a forma de você se apropriar de sua vida novamente", conclui. >>

Quem já passou por isto prefere virar sabão...

ELA VÊ SUAS AMIGAS COMO INIMIGAS

COMO ELA AGE

Aquela amiga superdescolada, moderna e independente começa a receber adjetivos menos lisonjeiros. No começo, você a defende, mas, quando percebe que é uma briga inútil, você sai de cena. Ou seja, para evitar conflitos com a namorada, você se afasta da amiga, não vai à festa de aniversário de outra colega e, aos poucos, não convive mais com a turma. O resto da história tende a seguir o mesmo roteiro: você opta pela namorada, o namoro eventualmente termina e a amizade nunca mais é a mesma.

COMO SE LIBERTAR

Comece civilizadamente explicando que essa amizade não tem benefícios, ou seja, você não transa com a amiga. Embora o mundo não acredite que homens e mulheres possam ser amigos, você precisa convencê-la de que isso é possível, sim. Num segundo momento, inclua a namorada nos programas com a amiga e peça que ela dê uma paparicada na neurótica para que a fera pare de mostrar os dentes. Se não adiantar, use outra tática: não fale da amiga, mas também não se afaste dela. "É um jogo sujo da sua namorada, então jogue com a mesma moeda", sugere Valeria Meirelles.

A coleira só está no seu pescoço porque você deixou alguém colocá-la. Então assuma sua parcela de culpa e afrouxe a guia

Uma hora, é isso que você tem de fazer

ELA ADMINISTRA SUA CARREIRA

COMO ELA AGE

Controla seu horário como se fosse um cartão de ponto. Quer saber todos os seus passos durante o dia. Não admite que você, às vezes, realmente precise trabalhar o fim de semana. Levar trabalho para casa também é inaceitável. E faz chantagens quando você chega tarde: não o espera para jantar ou encampa uma greve de sexo. Você fica tão tenso que não consegue mais se concentrar e trabalha como um funcionário público de olho no relógio. Consequentemente o rendimento cai e com ele as promoções, os aumentos, a ascensão profissional.

COMO SE LIBERTAR

A alforria aqui é lenta. "Se as coisas chegaram a esse ponto, cada item tem que ser trabalhado gradativamente", diz o psiquiatra Carlos Eduardo Carrion de Oliveira. Por exemplo, se vocês dividem o mesmo carro, ela consegue controlar seus horários com mais facilidade. Compre outro ou ande de ônibus. Proíba a secretária ou os colegas de trabalho de dar informações sobre sua agenda. Se ela ligar durante o dia no seu celular, não atenda de imediato. Deixe para retornar a ligação algumas horas depois e diga que estava em reunião. Coloque limites para se livrar da fiscalização e conseguir trabalhar. MH

VEER/GETTY IMAGES

Revista *Men' Health*. Número 46, fevereiro 2010.

Deixe-a doida de tesão

Por Yara Achôa

Que as mulheres estão dando mais importância ao sexo, se permitindo ter mais prazer e buscando uma vida sexual mais ativa e satisfatória, você já sabe

Sim, você já deve ter sacado, estamos cada vez mais parecendo com vocês, homens, no quesito sexo. "As mulheres hoje estão mais dispostas a serem abordadas e estão correspondendo mais à iniciativa masculina", diz Carmita Abdo, psiquiatra, coordenadora do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas, de São Paulo, e consultora da MH. O legal é que vocês estão sacando o significado de nossas palavras, que, por vezes, tá legal, mais parecem dialeto de tribo perdida da África.

Vocês estão mais sensíveis e afetuosos. Mas isso não quer dizer que sempre estamos disponíveis para ir para a cama com vocês. "A maioria ainda relaciona sexo com afeto, com envolvimento emocional", diz a psicóloga Cláudia Faria, especializada em terapia sexual e sexualidade humana. "Mesmo no momento do sexo casual, as mulheres querem se sentir importantes, especiais." Então, se você souber como chegar e o que fazer, certamente essa resistência vai diminuir.

A maneira mais eficiente é levantar a autoestima feminina. "Desde cedo a garota aprende a ser vaidosa, a seduzir e a gostar de ser desejada, mais do que a expressar seu próprio desejo – dessa forma, o desejo sexual feminino muitas vezes acaba surgindo a partir da percepção do tesão do homem", diz a terapeuta sexual. Para você fazê-la se sentir tão desejada – e, claro, transar com você –, realizamos pesquisa com quase mil mulheres e 1 500 homens nos sites WOMEN'S HEALTH e MEN'S HEALTH (*) e montamos este guia infalível. O que a gente quer é que você tenha ainda mais "pegada", esse algo a mais no comportamento que deixa as mulheres a seus pés. Ao trabalho...

"O estímulo à autoestima deve ser bilateral. Quando os dois se prestigiam, o resultado é uma relação de mais cumplicidade. O sexo fica mais interessante."

Carmita Abdo, psiquiatra e coordenadora do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas, de São Paulo

FAÇA SUA GAROTA LER ISTO

QUERO ME SENTIR A MAIS GOSTOSA DO MUNDO

VERDADE Havendo um clima sexual no ar, 36% das mulheres dizem que se entregam quando o cara fala que transar com ela é (ou deve ser, no caso de uma primeira vez) a melhor coisa do mundo. Ou seja, elas querem se sentir "a gostosa". Mas isso não significa apenas elogios ao corpo – elas querem ser as melhores no desempenho, na atitude sexual. Sabendo que são boas, sentem-se poderosas. "Quando uma mulher se sente poderosa, o sexo também costuma ser de melhor qualidade, já que ela se solta e acaba ousando mais", diz a psicóloga Cláudia.

AVANCE Valorizando sua garota, você terá mais sexo! Você sabe disso, mas não tem feito isso. Pesquisa no site da MH mostra que a atitude de enaltecer os dotes de uma garota é só a quarta mais aplicada (17% dos votos) na lista de coisas que os homens costumam fazer para convencer uma mulher a ir para a cama. No topo (36%) está falar sacanagens ao pé do ouvido. "Como os homens gostam de ouvir palavrões, acreditam que isso também será apreciado por elas. É natural fazer com o outro o que gostamos que façam com a gente", explica a especialista. Bem, os homens não estão de todo errados: garotas gostam de ouvir obscenidades. Essa é a segunda coisa que as mulheres mais curtem na hora de se entregar (30% das mulheres responderam que é o que basta para a coisa esquentar). Na visão dos leitores da MH, a segunda atitude masculina mais eficiente é desabotoar a blusa dela (23%). Em terceiro lugar, elogiar sua beleza. (22%). Elogios só à beleza não funciona muito quando o negócio é dar o start para a transa – apenas 8% das mulheres disseram que ser chamada de bonitas as convence a ir para a cama com você. >>

* PESQUISA REALIZADA NOS SITES MEN'S HEALTH E WOMEN'S HEALTH ENTRE OS DIAS 14/12/2009 E 12/1/2010

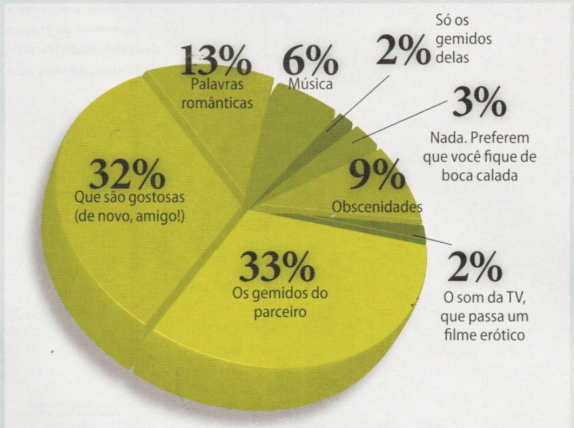
UM BOM BEIJO NA BOCA ME LEVA PARA A CAMA

EM TERMOS Até leva: 20% das garotas que participaram de nossa pesquisa afirmaram que o boca a boca as deixa sedentas por sexo. Mas a área campeã de arrepios é o pescoço: 72% não resistem ao ser beijadas na nuca. Ombros receberam 6% dos votos.

RECUE Beijar as mãos femininas pode até ser romântico, mas não leva quase ninguém para a cama: menos de 1% disse que o gesto as leva ao sexo.

ENFIM VOCÊS ESTÃO TRANSANDO E...

O que elas gostam de ouvir durante o sexo



* PESQUISA REALIZADA NO SITE DA WOMEN'S HEALTH ENTRE OS DIAS 14/12/2009 E 12/1/2010

QUERO QUE VOCÊ ME PERGUNTE O QUE GOSTO NA CAMA

FALSO Isso é o que a maioria das mulheres (33%) menos suporta quando vocês estão se conhecendo na cama. Um quarto delas também odeia quando você parece que decorou um manual de instruções e está ali tentando fazer o "aparelho" funcionar. Tatear atrás das zonas erógenas dela é o recurso menos rejeitado (10%) pelas mulheres. "Existem várias formas de avaliar o que ela gosta e o que quer", diz Carmita. "A mulher quer que o cara se esforce para entender o que ela gosta. E ela responde de forma indireta, usando mais o gestual, se insinuando. Quando ele vai buscando o que ela quer, sem palavras, ela entende que o cara está mais interessado em descobri-la e não apenas em ter uma resposta imediata."

ALERTA A dica é prestar atenção aos sinais que ela dá. Diante de gemidos, arrepios, sorrisos sutis, avance uma casa! "Não é tão difícil diferenciar se ela está fugindo ou se entregando a uma carícia", diz Cláudia Faria. O barato é justamente ir descobrindo cada segredo, experimentando cada sensação, com toques, por tentativa e erro. Felizmente essa é a técnica usada pela maioria dos homens: praticamente a metade dos que responderam à nossa pesquisa. Muitos homens (quase um terço) gostariam de ser conduzidos por elas a suas minas de prazer. As mulheres estão divididas quanto a guiar ou não o parceiro, mas apenas um quinto rejeita totalmente a ideia. Resumo da ópera: a questão, de novo, é ter atitude, iniciativa e demonstrar desejo por elas.

FOTO: GLOW IMAGES/GLOW IMAGES RM/LATINSTOCK

15 COISAS QUE ELA GOSTARIA QUE VOCÊ SOUBESSE

Nunca mais diga que as mulheres são indecifráveis...

Por Laura Milne

1 Por favor, me escute. Não é porque o que tenho a dizer vai abalar seu mundo, mas porque ouvir é um sinal de respeito que sacode o meu mundo.

2 Mulheres falam um dialeto diferente do dos homens. Por exemplo, "estou bem" significa "não estou tão bem", assim como "não quero sobremesa" significa "vou beliscar a sua".

3 Manicure e pedicure são presentes de uma mulher para seu homem. Eu amo ficar bonita para você. Preocupe-se se eu parar de me cuidar.

4 Nunca me diga quando não estou gostosa. Lembre-se: preciso de 20 elogios para compensar uma patada.

5 Lembro-me da camisa que você estava vestindo quando disse "eu te amo" pela primeira vez. O fato de você não se lembrar (da camisa) me faz questionar se você realmente quis dizer isso.

6 É claro que você é o melhor amante que eu já tive. Todos os outros deixaram de existir quando me apaixonei por você.

7 Eu nunca vou dizer quantos namorados eu já tive. Nunca, nunca, nunca! Além disso, veja o item 6.

8 Faça-me rir e eu serei feliz. Ria de você mesmo e eu serei toda sua.

9 Beije espontaneamente meu pescoço por trás e eu provavelmente vou deixar você ficar aí por mais tempo.

10 Um pouco de ciúme é bom se: a) nenhum osso do corpo for quebrado; b) você não me questionar até a exaustão. Na dose certa, demonstra que você se importa comigo e isso pode ser lisonjeiro.

11 Não nego sexo para puni-lo. Às vezes, só preciso ficar sozinha, mas, ao mesmo tempo, não totalmente sozinha. E não, eu não posso explicar isso.

12 Amo sexo. Com ou sem você. Minha mente é mais suja do que você imagina.

13 Provavelmente me atrasarei – porque estou me arrumando para você. Pelo menos é assim que eu raciocino. Minhas habilidades de raciocínio são fenomenais!

14 Se você me enganar, posso não terminar com você, mas você vai preferir que eu tivesse terminado.

15 Veja como consertar o que você está fazendo errado na cama: quando você for devagar, vá mais devagar. Quando for rápido, vá mais rápido.

QUERO QUE VOCÊ OUSE MAIS

VERDADE Para quase dois terços das mulheres (63%), a atitude masculina que mais as faz pensar em sexo é quando o homem põe a mão debaixo da saia (ou dentro da calça) dela. É claro que a hora certa de avançar depende de ela estar no ponto. "Normalmente as carícias mais diretas são apreciadas e desejadas quando a mulher já está excitada", diz Cláudia Faria.

AVANCE Caso sua garota ainda não demonstre sinais de tesão, vale iniciar com carícias indiretas, como beijos na nuca e no pescoço, carinhos pelo corpo ou um belo beijo. Quer saber se ela está excitada? "Fique atento às mudanças no tom de voz e na respiração, e na movimentação corporal dela", completa a especialista. Ainda que a maioria dos leitores da MH (43%) invistam nessa tática como infalível para fazê-la pensar em sexo, é bom notar que, para cada dois homens que apostam nisso, há três mulheres querendo ser tocadas! Preparar um jantar especial é a segunda tática para provocar nela o desejo sexual (29%). Presenteá-la com uma lingerie sexy vem logo a seguir (20%) na lista de truques dos nossos leitores para acabar a noite na cama com ela. Só que elas valorizam ligeiramente mais a lingerie (17%) do que o jantar (16%). Moral da história: entre ser ousado e revelar seus dotes culinários ou o poder de seu cartão de crédito, prefira a ousadia. Só tome cuidado para que essa "pegada" que elas tanto valorizam não se transforme em uma desagradável insistência se a garota não estiver gostando. Fique atento aos sinais dela. MH

Revista *Men's Health.* Número 46, fevereiro 2010.

Macho alfa, ativar!

Por Nicky Williams e Marcela Souza

Esqueça o bolso cheio de dinheiro, o charme matador e o carro do ano. Para encontrar a mulher da sua vida, nada disso adianta muito – por mais que possa ajudá-lo no começo... Um estudo da Universidade Cornell (EUA) descobriu que existem três sinais básicos que um homem deve emitir para atrair as mulheres: a) o de que você será dedicado; b) o de que você será fiel; e c) o de que tem tudo para ser um bom pai.

A partir de agora, esses são os pontos nos quais você deve focar se quiser encontrar alguém para passar mais de uma noite a seu lado. Mas sempre é hora de aparar outras arestas e corrigir o que impede seu avanço. Por mais que você seja um Super-Homem da conquista, sempre pode haver uma criptonita no meio do caminho. Sua missão é identificá-la e colocar seu herói interior em ação. Resultado: ela será sua Lois Lane rapidinho – e você nem vai precisar se preocupar com o Lex Luthor.

1 SUA CRIPTONITA:

a ousadia

Um estudo da Universidade da Flórida (EUA) descobriu que táticas muito usadas para impressionar mulheres envolvem comportamentos de risco. Faça isso e as chances serão as de ganhar uma visita no hospital.

SEU SUPERPODER:

o coração aberto

Elas preferem caras sensíveis. Um estudo publicado no *British Journal of Psychology* (Inglaterra) descobriu que as garotas julgam o altruísmo tão atraente quanto a beleza, a riqueza ou a fidelidade. "É algo que permanece; ao contrário da beleza, que passa com o tempo", atesta a sexóloga Jussania Oliveira, consultora da MH. "E encontrar um altruísta é como achar agulha no palheiro." Seja essa espécie em extinção: diga que sempre quis fazer um trabalho voluntário e dê a ideia de se engajarem. Solteiro também vale. Segundo o site Portal do Voluntário, 53% dos voluntários são mulheres.

2 SUA CRIPTONITA:

(a falta de) dinheiro

Pesquisa publicada no periódico *Proceedings of the National Academy of Sciences* (EUA) mostrou que as garotas sentem mais atração por ricos. Como se uma pesquisa fosse necessária para comprovar isso...

SEU SUPERPODER:

a confiança

Precisa de aumento? Não tema. A máxima "Dinheiro não é tudo" procede: a mulher tem tesão mesmo nos dignos de confiança – e um estudo inglês constatou que quem recebe um salário modesto é mais confiável para elas. A chave, a despeito da conta bancária, é equilibrar o tempo. Um levantamento do especialista em gerenciamento de tempo Christian Barbosa detectou que, na visão das mulheres, não adianta morar com alguém bem-sucedido se isso significar falta de atenção. "Faça um esforço para estar com ela e faça esse tempo valer", diz. "Nem precisa falar muito: só mostre interesse." >>

ATIVAR!

Identifique os obstáculos que travam suas conquistas, anule-os e desvende seus superpoderes sexuais!

Por **Nicky Williams** e **Marcela Souza**

3 SUA CRIPTONITA:
a cafajestagem

Uma pesquisa da Universidade Bradley (EUA) mostrou que, por mais que sonhem com "cafajestes domados", elas casam mesmo com os confiáveis bons moços.

SEU SUPERPODER:
o lado metido

Nenhuma mulher curte um machão, mas isso não significa que um príncipe tenha mais chances. "O bonzinho é passivo, sem personalidade", define Jussania. Você precisa de um pouco de charme: seja gentil, mas solte ironias que mostrem seu lado metido. É que elas preferem os convencidos à la James Bond, segundo estudo da Universidade de Peoria (EUA). É uma questão de atitude. Esse tipo de cara não só tem mais parceiras como transa mais.

4 SUA CRIPTONITA:
a mente brilhante

Ser inteligente é bom, mas um estudo da Universidade de Cambridge (Inglaterra) revelou que intelectuais são campeões em perder sinais sexuais. De acordo com o americano Timothy Perper, autor de *Sex Signals: The Biology of Love* (Sinais Sexuais: A Biologia do Amor), mulheres emitem 31 sinais quando estão a fim, mas homens perdem uns 30.

SEU SUPERPODER:
a mente esperta

Transforme a fraqueza em força e mostre o gênio que mora em você. Estudo da Universidade da Califórnia (EUA) mostrou que elas preferem os espertos, porque os veem, no subconsciente, como portadores de bons genes. Só não seja arrogante. Garotas preferem quem ri de si – até da própria ignorância. Pesquisa da Universidade do Novo México (EUA) constatou que o humor autodepreciativo atrai, porque é tido como inteligente e honesto. Só atente à linha tênue entre depreciação e comiseração: piadas sobre seu décimo fora não têm graça nenhuma.

5 SUA CRIPTONITA:
a beleza

Por mais que você funcione como um míssil teleguiado pela beleza feminina na balada, sua aparência não ocupa um lugar tão importante para as mulheres. "A beleza não é importante, pelo menos para quem busca uma relação duradoura", diz o psicólogo Ailton Amélio da Silva, autor de *Relacionamento Amoroso* (Ed. Publifolha, 304 págs.). "Outros atributos são mais importantes, porque podem colocar as pessoas em universos diferentes." No fim, elas dão mais relevância ao conjunto da obra.

SEU SUPERPODER:
a retórica

"As mulheres bonitas podem ser inseguras, pois sabem que sua qualidade é passageira", garante o americano Ian Kerner, autor de *Fala Sério! Você Também não Está a fim Dele* (Ed. Best Seller, 176 págs.). "Se quiser seduzir uma bonitona, valorize as qualidades que levam a um compromisso duradouro." A melhor maneira: discorde dela. Um estudo da Universidade Estadual do Arizona (EUA) revelou que caras que sabem discutir ideias despertam mais atenção. Ela vai achar que o conquistou com a personalidade.

6 SUA CRIPTONITA:
os amigos

Muitas mulheres não querem saber de um cara que passa muito tempo na farra com os amigos. "Ele indica que não quer estar amarrado – e isso a mulher percebe de longe", explica Jussania. "Se ele só sai com amigos, por que iria querer um relacionamento sério?" Cientistas da Universidade do Texas (EUA) descobriram que isso afasta até as garotas que procuram casos passageiros.

SEU SUPERPODER:
as medalhas

Não precisa ficar atrás dela o tempo todo. Aliás, procure passar um tempo com os brothers na quadra em vez de no bar. Um levantamento da Universidade Laurentian (Canadá) descobriu que as mulheres se sentem atraídas por homens que praticam esportes coletivos. A teoria diz que eles são comunicativos, atléticos e capazes de sacrificar necessidades individuais em benefício do grupo. E que os interessados em esportes como corrida e natação são egoístas.

7 SUA CRIPTONITA:
a metralhadora

Você faz o estilo que paquera todas na balada (e tem sucesso com a maioria)? Pode ser uma reação sem pensar, porque elas ficam hipnotizadas com a sua fama. Mas se você bancar o Don Juan o tempo todo, deve ficar na mão mais tarde. Um estudo da Universidade Northwestern (EUA) analisou encontros no estilo "speed date" e concluiu que quem quer todas tem menos chances de ser correspondido.

SEU SUPERPODER:
o foco

Estratégia número 1: dedique toda a sua atenção à mulher que realmente interessa. Quando ela perceber que você a quer (e não a primeira outra que aparecer), suas chances de reciprocidade aumentam, segundo a pesquisa americana. "O galinha quando se aproxima de alguém já indica que não quer algo profundo e perde pontos", completa Ailton. Estratégia 2: lance olhares, mas deixe que ela tome a iniciativa. Você vai ser recompensado mais tarde por ter deixado a garota assumir o poder.

MH

A B C D

DETALHES TÃO PEQUENOS DE VOCÊ

Mulheres são caprichosas: se não é pelo comportamento, algum ponto da sua aparência é a explicação para ela não sair com você

A Você tem olhos grandes ☑
As mulheres sentem desejo por caras com olhos grandes, porque isso (acredite!) lembra rosto de bebê. Tem olhos apertados? Tire o excesso de pelos entre as sobrancelhas.

B Você tem uma visão perfeita ☒
Segundo um estudo da Universidade de Estocolmo (Suécia), os caras que usam óculos se destacam mais, porque parecem mais inteligentes. Só prefira uma armação estilosa – os que usam óculos de nerd parecem... bem, nerds.

C Você tem uma cicatriz no rosto ☑
Uma pesquisa da Universidade de Liverpool (Inglaterra) descobriu que cicatrizes, para os genes das irmãs das cavernas, são sinal de que você sobreviveu a alguma batalha e, logo, pode proteger a garota. Só não tente ganhar uma a qualquer custo: ela certamente prefere o cara que fica longe das brigas no bar.

D Você tem um sorriso mixuruca ☒
Só um corpo sensual vale mais do que um belo sorriso para as mulheres em busca de sexo casual, segundo um estudo da Universidade do Texas (EUA). Dê o real valor à higiene bucal: a prática de sexo casual no Brasil cresceu 132% nos últimos quatro anos, de acordo com o Ministério da Saúde.

Revista *Men's Health*. Número 43, novembro 2009.

Sedutores Lendários

Por David Morton

tores lendários

Mick Jagger, Johnny Deep, Kennedy... Esses caras têm muito a contribuir para você aumentar seu potencial de conquista. Investigamos o poder de atração dos maiores pegadores dos últimos 50 anos e separamos os melhores truques para você...

POR **DAVID MORTON** FOTOS **SIMON DUNSTAN**

Determinação

ARMAS DO DISCIPLINADO

MANTER A CABEÇA NO LUGAR É A CHAVE PARA FAZER MAIS SEXO COM MAIS GAROTAS.

DEDIQUE ABSOLUTA ATENÇÃO À PARCEIRA ENQUANTO ESTIVEREM CONVERSANDO.

SEJA DIRETO SOBRE SEU DESEJO JÁ NO INÍCIO DO PAPO COM ELA.

GENE SIMMONS

Os números também fazem valer a pena ouvir Gene Simmons, um dos roqueiros diabolicamente maquiados da banda americana Kiss. Famoso ainda pelo tamanho de sua língua, transou com 4 600, 4 800, 4 897 ou 5 mil mulheres, dependendo de onde você checar, e guarda uma foto polaroide de cada uma, segundo outra fonte. "Se uma garota quiser me receber de braços abertos, temo que terá que me receber também com as pernas abertas", falou ele numa entrevista de rádio em 2002, ao comentar sobre sua inacreditável marca.

Todas essas pernas, por sua vez, se abriram a Simmons sem ele engatilhar armas de sedução hardcore. O baixista do Kiss dispensa álcool e drogas: já falou publicamente que nunca se embriagou com isso. A determinação sóbria é a estratégia que ele toca para ganhar uma, ou melhor, milhares de mulheres. Diz que para fazer mais sexo com mais garotas e com mais frequência você simplesmente precisa tentar fazer mais sexo com mais garotas e com mais frequência. Uma ação reta e direta, como deve ser, segundo ele, um approach promissor. "Nunca chegue numa mulher com uma bebida na mão", avisa Simmons. Sua total atenção deve ser a garota. "Vá até ela, diga sua intenção e leia os sinais." Você tem de saber se a luz está verde para avançar sem represálias...

Como os números do primeiro parágrafo, a ciência atesta a teoria de Gene Simmons. Uma pesquisa da Universidade do Estado do Novo México (EUA) mostra que o homem que aborda a mulher de um jeito mais, digamos, predatório, no estilão "Vou caçar você", consegue um número significativamente maior de parceiras. Além disso, expandir o seu álbum de polaroides *calientes* requer que você firme um forte compromisso com a sua causa. "Eu era uma prostituta 24 horas por dia. Só pensava em sexo", revelou Simmons no documentário *When Kiss Ruled the World* (Quando o Kiss Mandava no Mundo). Ouça esses acordes, repita e entre no embalo. →

Fotos Simon Dunstan

Paixão

WARREN BEATTY

Lembrou-se do detetive Dick Tracy no cinema? Boa: considere as evidências. Famoso por ter os olhos mais lascivos de Los Angeles (EUA), o ator, produtor, diretor e roteirista Warren Beatty foi um dos maiores conquistadores de Hollywood. Conferir a lista de ex dele é tipo caminhar por uma Calçada da Fama feminina. Lá figuram Faye Dunaway, Joan Collins, Elizabeth Taylor, Brigitte Bardot, Jane Fonda, Julie Christie, Catherine Deneuve, Diane Keaton. Warren ainda acrescentou Madonna, Britt Ekland, Goldie Hawn e Elle MacPherson a esse elenco, antes de sossegar o facho para se casar com Annette Bening em 1992.

Mais: cada uma delas pensa maravilhas dele – e das proezas que fazia sob os lençóis. A ex e atriz Elizabeth Taylor avaliou o talento de Warren como amante com nota "15 sobre 10". Mas o ator virou um astro da sedução também por outros motivos. "Não era só pela sexualidade", disse a atriz Goldie Hawn. "Era pela ternura. Warren, por natureza, é um homem zeloso", afirmou. Não à toa. Ele sabia que... "Ser aberto, compreensivo e íntimo com a parceira provoca uma ligação bem forte com ela", pontua Ingrid Collins, psicóloga e consultora do Centro Médico de Londres (Inglaterra). Ou seja, provoca paixão.

ARMAS DO ROMÂNTICO

GESTOS SINGELOS, BEM-EDUCADOS, FAZEM A MULHER SE SENTIR UMA ESTRELA DE CINEMA.

MOSTRE INTERESSE POR TUDO QUE SUA GAROTA DIZ. ISSO INTENSIFICA OS SENTIMENTOS DELA.

PLANEJE SURPRESAS ORIGINAIS PARA GANHAR TRATAMENTO CINCO ESTRELAS EM RETORNO.

A mulher quer cuidado, variedade e, claro, se sentir a protagonista de seu mundo

A psicóloga recomenda que você se esforce para perceber os interesses de sua garota, para agir de acordo com isso e para lembrar de cada data importante para ela. Conquistar uma mulher no estilo Warren é fazê-la se achar o centro de seu universo emocional, intelectual e, claro, físico, agindo com romantismo à moda antiga – outra arma de conquista do americano. "Boas maneiras, como abrir portas e ajudá-la a vestir o casaco, fazem muitas garotas se sentirem estimadas e desejadas", explica Ingrid Collins.

Lance seus galanteios mais explícitos, picantes, numa hora imprevisível. Ela ficará vidrada na sua... "A mulher quer surpresa e variedade, ama o homem que demonstra imaginação", diz Marchant-Haycox. O roteiro à la Warren está dado. Faça sua parceira se apaixonar. →

Fotos Simon Dunstan

Revista *Men's Health.* Número 50, junho 2010.

PRONTO PRA OUTRA?

Você também pode dar duas, três a cada noite. Todo homem pode. Nós ensinamos a manha

Por **Wilson Weigl** Colaboraram **Marília Torres** e **Dietmar Bittrich**

Vamos partir do princípio de que você está feliz com sua vida sexual. Seu amigão responde 100% a seu comando (tudo bem, ele às vezes é que comanda você) e seus orgasmos são espetaculares. Mas confesse: você – como quase todo homem – já sentiu uma ponta de vontade de encarnar um ator pornô e dar duas, três ou mais numa só noite. "Dar duas sem tirar" é uma das maiores fantasias masculinas em relação a desempenho, segundo os especialistas em sexualidade. E o melhor é que você pode conseguir.

"Qualquer homem tem potencial para transar quantas vezes quiser na sequência. Não há nenhuma limitação orgânica para o número de ereções. Se existe, geralmente é psicológica", explica Sidney Glina, urologista do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Querer se tornar esse super-homem para ter prazer e satisfazer ainda mais a sua parceira é lícito e bem-vindo. Faz bem à autoestima se sentir viril, ardente e ouvir as palavras mágicas: "Você acabou comigo!" Entretanto, querer atingir esse desempenho só por autoafirmação para contar vantagem para os amigos na mesa do bar é babaquice.

Quantas você é capaz de dar numa noite? Segundo o médico, essa pergunta equivale a "quantos pratos de feijoada você é capaz de comer numa refeição?" A resposta é simples: quantos forem precisos até se sentir satisfeito (ou estufado, vá lá). Tudo se resume ao tamanho da sua fome (e do seu estômago, é verdade). Quer dizer, do seu desejo. O famoso tesão. Básico: quanto mais fome tiver, mais feijoada vai querer comer até se sentir completamente saciado.

O xis da questão é que a fome varia de homem para homem. "Alguns indivíduos são mais sexuais, sentem necessidade de relações mais frequentes e numerosas, e outros se satisfazem com menos. Nenhum desses perfis é 'melhor' do que o outro", frisa a psicóloga e terapeuta sexual Jussania Oliveira, autora do livro *Relacionamento, Sexo e Ejaculação* (Ed. Iglu, 144 págs.) e consultora da *MH*.

"Todos podem ter uma vida sexual satisfatória independentemente do tamanho da libido."

O ritmo do corpo se estabelece por meio do período refratário, o "meio-tempo" para se ter uma nova ereção depois de ejacular. Apesar de variar muito de homem para homem, ele aumenta com o envelhecimento: para um rapaz de 20 anos, o tempo é mais curto do que para um homem nos 40 e este demora menos do que um senhor de 60.

Esse "meio-tempo" é influenciado pela ação de uma enzima que corta o efeito de outra substância que ajuda o afluxo de sangue para o pênis e a ereção. Depois de gozar, você fica resistente ao estímulo sexual e não adianta querer encurtar esse tempo na marra. Remédios contra a disfunção erétil ajudam (*veja nas páginas seguintes*), mas não é por isso que você vai tomá-los indiscriminadamente sem precisar.

"O remédio contra a disfunção erétil só interfere no ciclo da ereção. É comum o homem endurecer mais rapidamente e penetrar, mas não chegar ao ponto de ejacular", explica o urologista Sidney Glina. >>

Vamos encarar os fatos: em termos de sexo, as mulheres são maratonistas, enquanto nós mandamos bem só nos 100 metros rasos. Muitas sabem que os homens vão jogar a toalha bem antes delas. Mesmo os mais viris ficam sem óleo no motor depois de dois, três orgasmos. A maioria está na lona depois de um.

Ao contrário do que você pode pensar, orgasmo e ejaculação não são a mesma coisa – nós apenas associamos as sensações. "Há ejaculações sem orgasmo, sem o êxtase. E vice-versa: grandes orgasmos sem ejacular", diz Paulo Egydio, urologista e andrologista do Hospital das Clínicas e do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo.

Ejaculação tem a ver com os genitais, orgasmo com a cabeça – a de cima, não a de baixo. A contração muscular que causa a saída de sêmen e o impulso nervoso que provoca seu gemido quase sempre ocorrem simultaneamente – ou separados por uma fração de segundo. Então, parecem ser a mesma coisa. Abrindo parêntese: para você ter uma ideia de que é possível separá-los, "homens que tiveram câncer de próstata e passaram por uma cirurgia de remoção do órgão deixam de ejacular, mas mantêm a capacidade de ter orgasmos", diz Paulo Egydio. "Por outro lado, há paraplégicos que conseguem ejacular sem orgasmo", conta Sidney Glina, que também é diretor do Instituto H. Ellis, especializado em medicina sexual, e autor do livro *(Im) Potência Sexual* (Ed. Contexto, 66 págs.). Fecha parêntese.

Quanto mais intenso o orgasmo, maior o tempo para recompor o estímulo sexual. Do adolescente que se masturba várias vezes ao dia ao idoso que dá graças a Deus por fazer sexo uma vez por mês, com o tempo o corpo começa a não corresponder às exigências. Diminui a libido, a rigidez peniana e o volume de esperma. "Por isso, dependendo da sua faixa etária, não adianta querer superar seus limites, porque o saldo vai ser apenas frustração", avisa a terapeuta sexual Jussania Oliveira.

Faça um escâner na sua cabeça e avalie também o motivo que está por trás dessa vontade de dar várias. Porque existem várias nuances do estado psicológico que levam você a buscar querer ser esse novo homem, sem que você se dê conta. Você quer desfrutar mais a relação sexual e curtir o corpo da sua parceira? Provar para ela que é um garanhão? Quer mostrar que é bom de cama para você mesmo? Você pode estar se cobrando por se satisfazer com uminha

O segredo de dar várias é ter "a" parceira. Aquela que acende seu desejo, que dá a você muito tesão. Com ela, o sexo é tão bom que você quer repetir

bem dada. "Então ótimo. Para que mais?", pergunta Jussania Oliveira. "As mentiras de bar estimulam a comparação, a disputa. Mas isso não é privilégio masculino, porque as mulheres também sentem a cobrança", diz a psicóloga. Muitas não se consideram boas amantes por não ter orgasmos múltiplos, como leem nas revistas. Ninguém diz a elas que um só orgasmo pode ser altamente satisfatório.

Chegamos ao ponto: tudo o que você precisa para ter várias relações seguidas é... a parceira. Sim, "a" e não simplesmente "uma". "Aquela que desperta realmente seu desejo", afirma Sidney Glina. Ela nem precisa ter os atributos de uma Scarlett, Angelina, Gisele, Luana... Basta que você sinta por ela muito, muito tesão. Atributos físicos nem sempre são os principais ingredientes para a combustão: o que conta é a famosa química que se estabelece entre você e a mulher. "O maior estímulo para uma segunda transa é a primeira ter sido tão boa que dá vontade de repetir em seguida", explica Jussania.

Outras medidas que melhoram a performance na cama e a qualidade das suas ereções são praticar exercícios regularmente, adotar uma alimentação equilibrada, evitar álcool, drogas e cigarro (nós não cansamos de repetir que hábitos saudáveis se refletem em todas as áreas da vida). "O esforço físico de uma relação sexual é o mesmo de subir dois lances de escada. Você já viu um sujeito obeso, fumante, fora de forma, subindo escada?", diz Sidney Glina. O urologista Celso Gromatzky, da Faculdade de Medicina do ABC e do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, e consultor da *MH*, lembra que os exercícios cardiovasculares ajudam a oxigenação dos vasos e melhoram a ereção e o vigor sexual.

Da mesma forma que você procura sempre melhorar sua marca na corrida ou na academia, pode começar a treinar ter mais de uma relação a cada vez. "É também questão de treino. Alguns caras fazem isso tão naturalmente que vira costume e eles nem se questionam a respeito", continua o médico Sidney Glina.

Se você chegou ao nirvana com sua parceira e, depois de um tempo, sentiu que a brasa pode se acender de novo, vá nessa. Isso é treino. Mas não se estresse começando ao contrário e ao dar a primeira já ficar pensando na segunda. "Numa relação sexual, tudo que é programado demais dá chances de dar errado", avisa Glina. "O segredo é manter a espontaneidade e deixar a coisa rolar."

Para alguns especialistas, um método válido para turbinar seu prazer é exercitar o músculo do períneo. William Hartman, chefe da Sociedade Científica de Estudos sobre a Sexualidade, >>

EXISTE REMÉDIO PARA O MEIO-TEMPO

MEDICAMENTOS PARA DISFUNÇÃO ERÉTIL ENCURTAM O TEMPO ENTRE DUAS EREÇÕES

Os remédios contra a disfunção erétil diminuem o período refratário entre duas relações sexuais. Funciona assim:

1. Durante a estimulação, o corpo produz óxido nítrico, que ajuda numa reação que resulta na substância GMP cíclico.
2. O GMP, por sua vez, ajuda a relaxar a musculatura peniana, mantendo o sangue nos corpos cavernosos do pênis na ereção.
3. A reação produz a enzima fosfodiestarase tipo 5, que destrói o GMP cíclico.
4. Os medicamentos à base de sildenafil diminuem a ação dessa enzima. Assim, após a ejaculação, um estímulo menor é capaz de provocar nova ereção, porque o GMP circula em níveis maiores do que normalmente. "A ação do remédio faz a ereção aparecer em menos tempo, mas não garante nova ejaculação", avisa o urologista Sidney Glina. Dois avisos: primeiro, o remédio só funciona se você tiver tesão pela mulher. Segundo: só tome se tiver problemas de ereção.

Escale o monte Everest quantas vezes quiser

DEZ MANDAMENTOS PARA DAR DUAS, TRÊS...

UMA PERFORMANCE DE GARANHÃO É UMA QUESTÃO DE ATITUDE

1. Vá para a cama com o objetivo de dar e proporcionar o máximo de prazer.
2. Busque a sua melhor performance respeitando o seu potencial.
3. Valorize seus pontos fortes, o que você faz de melhor na cama.
4. Sinta-se um ótimo amante independentemente da concorrência, sem se comparar com outros homens.
5. Aprenda a reconhecer e respeitar seus limites, sem querer forçá-los.
6. Não faça do sexo uma egotrip, não fique focado apenas em si mesmo e no próprio desempenho. Perceba as necessidades da mulher e o que dá prazer a ela.
7. Não acredite no papo de boteco dos caras que dão várias sem sair de cima.
8. Capriche na primeira. Se ela for boa, é bem provável que dê vontade de dar outra e talvez ainda outra.
9. Conheça a quantidade e a frequência de sexo que satisfaz você.
10. Pratique exercícios físicos, capriche na alimentação, evite fumo e drogas: uma vida saudável se reflete em mais potência sexual.

FONTE: JUSSANIA OLIVEIRA, PSICÓLOGA E TERAPEUTA SEXUAL

Fortalecer o músculo genital pode aumentar seu nível de excitação e tornar seu orgasmo ainda mais explosivo

dos Estados Unidos, estudou as respostas fisiológicas de 300 homens durante a atividade sexual mantendo-os conectados a uma máquina chamada Beckman-Rau Dynograph. Imperceptíveis contrações pélvicas, impulsos nervosos, espasmos e contrações dos músculos genitais, atividades na próstata, nada escapou do escrutínio desse equipamento.

Os dados foram então transformados em centenas de gráficos, com resultados reveladores. "Noventa e cinco por cento do grupo estudado escala o monte Everest até o topo e então despenca do pico", conta Hartman. Se eles fazem mais uma tentativa de chegar até o topo, acabam chegando só no meio do caminho. E, se tentam uma terceira escalada, a altura máxima que vão alcançar pode ser do tamanho de um formigueiro. Nada muito impressionante.

Para os outros 5% dos participantes, entretanto, a história foi diferente. Eles permaneceram no topo e aproveitaram a vista. Os pesquisadores observaram que os músculos na base do aparelho genital assumiram um papel importante nessa performance. Músculos genitais mais fortes parecem ter um papel importante não só na força do orgasmo mas também na intensidade do prazer durante a relação. "Exercitar essa musculatura contribui para aumentar o nível de excitação", diz a terapeuta Jussania.

O segredo é turbinar seu PC (essa é a sigla para pubococcígeo, esse músculo pélvico). Geralmente negligenciado, esse feixe de fibras musculares fica entre a base do pênis e o ânus. Junto com os corpos cavernosos que se enchem de sangue, é responsável por deixá-lo com o pênis duro. Durante o orgasmo, o músculo se contrai várias vezes, e então murcha, deixando você com um amigão que se recusa a ressuscitar. Para ter mais prazer, você terá que exercitar esse músculo até que ele se torne um "power-PC".

Você pode sentir o músculo ao interromper o fluxo da urina por um momento. Então mãos à obra: contraia o músculo, conte até três e relaxe. Essa é uma repetição. Uma vez que você aprenda, poderá fazer o treino "power-PC" onde quer que esteja, quando quiser. Na reunião, seu chefe não vai perceber. "Faça duas séries de 20 repetições, a qualquer hora do dia", ensina a terapeuta sexual. Esse exercício vai ajudar você a dar mais de uma daqui pra frente? Não se sabe. Mas pode ser bem divertido! MH

Revista *Men's Health*. Número 39, julho 2009

Faça o brinquedinho dela trabalhar para o seu!

Por Maria Clara Martinelli

U

Um levantamento feito pela Abeme (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico) constata: em 1997, só 5% dos consumidores de sex shops eram garotas; hoje, são 70%! Não à toa, esse prazeroso segmento da economia movimentou cerca de 1 bilhão de reais no ano passado. Pasme, ok. Mas acima disso, e mesmo que sua namorada esteja nessa, comemore muito o despudor feminino que já diferencia o século 21 na história "socioconjugal" do país. Você tem três grandes – e excitantes – motivos para isso.

De acordo com sexólogos, as garotas que entrevistamos em grandes sex shops e as 363 leitoras da revista NOVA que responderam à pesquisa da MH sobre os brinquedos eróticos que elas usam sozinhas, a grande maioria das mulheres compra esses artigos para poder satisfazer seu desejo por sexo de forma imediata quando seu homem não está por perto para atendê-la – e não porque está insatisfeita com ele! "Uso meu vibrador quando estou sozinha em casa, com tesão, e não posso encontrar meu namorado", atesta Camila Dourado, jornalista, 30 anos. "Depois, quando nos vemos, o sexo é muito mais íntimo e espontâneo", confessa.

Está aí parte do segundo motivo de sua comemoração: os brinquedos eróticos ajudam a mulher a ficar, na cama com você, mais segura de si e relaxada, aberta a novas experiências, mais criativa e ousada – yes! E o terceiro... esses objetos revelam intimidades de sua parceira que você pode ter perdido de vista entre os lençóis: detalhes da personalidade dela, de nuances do prazer que busca, do incentivo que a faz gozar mais gostoso. Já sacou, né? Entendendo tudo isso, você pode agir ali com mais propriedade e precisão. O mapa dessa mina está aqui, entre os brinquedinhos que ela mais gosta de usar consigo mesma... →

Ela Veste Lingerie Jogê Rel (11) 0800 118555

Fotos Paulo Vitale

O campeão dos campeões

O BRINQUEDO: VIBRADOR

Há vários modelitos: tradicional (formato peniano); disfarçado (aquele que imita um batom, por exemplo); rotativo (o que gira dentro dela); especial para o ponto G (que tem a ponta ligeiramente voltada para cima)... Cerca de 68% das leitoras da revista NOVA que responderam à pesquisa MH têm algum desses!

O QUE ELE REVELA: manter um contato ritmado e constante é um bom caminho para que ela se excite. E para que prolongue o próprio o prazer. "Por serem mecânicos, os vibradores resistem à brincadeira sem perder o ritmo. Assim, a mulher consegue ter prazer pelo tempo que quiser", fala Jussania Oliveira, terapeuta sexual e consultora da MH.

SUA AÇÃO: a masturbação é um bom treino de resistência para o seu amigão. Tente se segurar mais até ejacular. Outra boa, só que mais ousada: "Pergunte se sua parceira deixa você assisti-la usar o vibrador para você ver que tipos de estímulo ela gosta e como prefere ser penetrada", aconselha Celso Marzano, sexólogo de São Paulo, membro da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. E assuma o papel principal.

Produção: MARIA ESPIAUT. Maquiagem: LÉO ZANIBONI. c. Camarim

Os mais vendidos

CHECAMOS NO MERCADO COMO ANDAM SE DIVERTINDO 2/3* DAS LEITORAS DE NOVA

- **Tradicional:** 58% têm um desses. Boa notícia: elas curtem um formato parecido com o do seu amigão!
- **Disfarçado:** 18%. Pode ser em formato de batom, pincel de blush...
- **Especial para o ponto G:** 17%. Mas esse local merece, sim, a sua mira.
- **Rotativo:** 7%. É, você não precisa se esforçar para fazer malabarismos giratórios.

* Enquete respondida por 363 leitoras da revista NOVA, entre 6 e 15 de abril

Fotos Paulo Vitale

Cuidado, alguns brinquedos podem deixá-la molhada!

Elo Veste. Lingerie Hope. tel.(11) 21892200

O três em um

O BRINQUEDO: BUTTERFLY

É uma espécie de calcinha elástica que garante três estímulos ao mesmo tempo: clitoriano, penetração vaginal e anal. "É a garantia do prazer máximo, pois a mulher é estimulada de todas as formas possíveis", diz Carolina Tomaz, vendedora de sex shop, 30 anos. Com cerca de 21% dos votos, esse é o brinquedo que as garotas que responderam à enquete MH/NOVA mais querem comprar também. Há modelos com e sem controle remoto!

O QUE ELE REVELA: se sua parceira tem um desses, é bem provável que tope toda experiência nova que você sugerir. "Em geral, quem usa esse tipo de brinquedo são mulheres seguras e que encaram o sexo sem preconceitos", afirma Jussania.

SUA AÇÃO: ouse. "Durante o sexo, tire proveito de cada artifício disponível. Use dedos, língua, nariz para estimulá-la ao mesmo tempo em várias partes do corpo", indica Marzano. O lance de mestre: convide sua garota a usar o butterfly na sua frente, deixando o controle remoto nas suas mãos para comandar a velocidade das vibrações. Ela irá à loucura – e você também.

O imprescindível

O BRINQUEDO: ESTIMULADOR DO CLITÓRIS

Joaninha, borboleta, cápsula... o formato é diverso, como a velocidade de vibração que ele pode alcançar. Cerca de 19% das mulheres que responderam à nossa pesquisa guardam um desses na gaveta ou na bolsa...

O QUE ELE REVELA: jamais esqueça de dar atenção especial ao clitóris antes e durante o sexo. "O prazer gerado por um brinquedo nunca substituirá o prazer que o homem dá à mulher, ainda mais se ele capricha no estímulo ao clitóris. Isso é o plus!", defende Paula Figueiredo, publicitária, 34 anos. Uma exigência justa: é mais difícil a mulher gozar sem a estimulação ao clitóris.

SUA AÇÃO: "Variar a velocidade e a intensidade do toque no clitóris é boa saída para levá-la ao orgasmo mais rápido", garante Jussania. Enquanto você faz isso, também pode ir perguntando à sua garota se é assim que ela gosta mais. Seja um mestre nessa arte! Se quiser apimentar, lance mão das fantasias. "Provocar a imaginação dela enquanto a estimula, criando cenários e histórias picantes, é essencial para deixá-la com mais tesão ainda", diz Celso Marzano.

O treinador físico

O BRINQUEDO: BOLINHAS TAILANDESAS

Usadas no pompoarismo, exercícios orientais que garantem à mulher maior controle sobre a musculatura pélvica. As bolinhas são ligadas por um fio e a garota introduz uma a uma na vagina. Aí, intercala movimentos de contração e relaxamento para tentar jogá-las para fora. "As bolinhas tailandesas, os estimuladores clitorianos e as calcinhas três em um são os itens mais procurados por elas nas sex shops, depois dos vibradores", diz Evaldo Shiroma, presidente da Abeme.

O QUE ELE REVELA: o tesão da mulher que curte esse brinquedo é multiplicar a excitação do parceiro. "Ela deseja ser a garota mais capaz de dar prazer a seu homem", explica Marzano.

SUA AÇÃO: use toda a sua criatividade para bombar o ego de sua parceira. Enaltecer o desempenho sexual dela a deixa ainda mais confiante e segura de si – portanto, ainda mais compenetrada em enlouquecer você na cama. Então lançar a ideia de curtir esse brinquedinho com ela também vale a pena... "Ir puxando o fio das bolinhas ou estimular o clitóris enquanto ela faz os exercícios pode ser extremamente estimulante para o casal", sugere Jussania. Agora divirta-se com sua parceira, com ainda mais poder de fogo... ■

Revista *Men's Health. Número* 49, maio 2010.

SEXO

Perigo: cerca eletrica

Você não procurou, mas foi achado por uma beldade. Estude o cenário antes de cair em tentação

Você estava na sua. Até que a bonitona da academia quis você, mesmo vendo a argola no seu dedo. Antes que você se ache o Brad Pitt do pedaço, saiba que as razões que fazem uma mulher procurar um homem comprometido nem sempre levam você totalmente em conta. Antes de sucumbir ou resistir, conheça os tipos que existem por aí e avalie os riscos dessa aventura.

>> Perfil: a competitiva.
>> Como identificar: ela gosta de ouvir suas frustrações domésticas e se sente poderosa por ser a outra.
>> Nível de risco: ●●●○○
Enquanto você passar as tardes de sábado com ela, tudo bem. Mas, no primeiro sinal de desencanto seu, ela colocará as garras de fora. Esse tipo não sabe perder.

>> Perfil: a iludida.
>> Como identificar: ingênua, ela acredita em tudo que você diz – desde a falta de grana para se divorciar até sua falta de sexo com a mulher.
>> Nível de risco: ●●○○○
Aqui você encontra uma pessoa sempre disponível e disposta. Quem comanda o espetáculo é você. No começo pode parecer bom. Mas em pouco tempo você estará mais entediado que porteiro noturno. (PS.: a iludida pode se transformar em sonhadora. Se você tentar escapar, saiba que será perseguido e amaldiçoado.)

>> Perfil: a insegura.
>> Como identificar: ela não teve muitos namorados, já foi a outra várias vezes e anda com um bando de solteiras. Ela sabe que você não é para casar, mas é o que tem para hoje.
>> Nível de risco: ●●●●●
Dona de uma autoestima lamentável, ela é do tipo que se apega. E é aí que você se dá mal. O que parecia uma transa rápida vira uma obsessão fatal – por parte dela.

>> Perfil: a predadora.
>> Como identificar: ela não quer compromisso. Livre, leve e solta, é boa de cama, gosta de sexo e sabe o que quer.
>> Nível de risco: ●●●●○
Embora ela seja um sonho de consumo para os homens, você corre o risco de se entusiasmar com tanta libido e achar que ela é o que você sempre quis na vida. É nesse momento que ela vai fazer a fila (você) andar.

Revista *Men's Health.* Número 41, setembro 2009